

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS**

**O FALAR DO “CABOCO” PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O LÉXICO NOS  
MUNICÍPIOS DE SANTARÉM, ORIXIMINÁ E JURUTI (BAIXO-AMAZONAS- PA)**

**CAROLINA PINHEIRO BARROS**

**MANAUS  
2017**

CAROLINA PINHEIRO BARROS

**O FALAR DO “CABOCO” PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O LÉXICO NOS  
MUNICÍPIOS DE SANTARÉM, ORIXIMINÁ E JURUTI (BAIXO-AMAZONAS- PA)**

Dissertação apresentada como requisito exigido para obtenção do grau de mestre ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM – Estudos da Linguagem, sob a orientação do Professor Doutor Orlando da Silva Azevedo (UFAM).

**MANAUS  
2017**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P654 Pinheiro Barros, Carolina  
O falar do "caboco" paraense: Um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas- Pa) / Carolina Pinheiro Barros. 2017  
213 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Orlando da Silva Azevedo  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Dialetoлогия. 2. Léxico. 3. caboco. 4. Baixo Amazonas (Pa). I. Azevedo, Orlando da Silva II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Universidade Federal do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação em Letras

**Carolina Pinheiro Barros**

**“O falar do "caboco" paraense: Um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas - PA)”**

Banca Examinadora:

*Orlando da Silva Azevedo*

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo - **Orientador**  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

*Flávia Santos Martins*

Profª. Dra. Flávia Santos Martins - **Membro**  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

*Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Correia*

Profª. Dra. Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Correia - **Membro**  
Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM

Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha - **Suplente**  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profª. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva - **Suplente**  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial na minha vida, autor do meu destino, meu guia nas tempestades, meu acalento em todos os momentos. Aos meus pais Elias e Telzeth, reservo toda a minha gratidão. À minha irmã Camila e a sobrinha Rebeca, mesmo estando longe fisicamente, se fazem presente na minha vida, todo

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de uma longa jornada acadêmica, que se iniciou há tempos, quando resolvi seguir o meu sonho de ser professora. Retomei os estudos, me formei em Letras, mudei de cidade e pleiteei o mestrado em Manaus na área dos Estudos da Linguagem em 2015.

Hoje, escrevendo os agradecimentos da minha dissertação de mestrado, penso no resultado de um trabalho solitário e solidário ao mesmo tempo. Solitário, quando percebi que vim sozinha para uma metrópole carregando na bagagem apenas sonhos e livros, e que todos os impasses sanaram quando consegui o tão esperado resultado de ter sido aprovada na UFAM. Solitário também porque fiz minhas viagens “in loco” sozinha, em busca do desconhecido. Passei muitas noites e dias em claro, muitos momentos de auto aprendizado, e solidário, porque em todos esses momentos encontrei pessoas que foram essenciais para que este projeto tenha chegado ao fim e, sem a ajuda, participação e apoio de inúmeros colegas e amigos não teria o mesmo gostinho de trabalho alcançado com sucesso. Por isso meus agradecimentos são muitos.

Dizem que por trás de toda vitória há persistência, suor, esforços e lágrimas. Há também um Deus todo poderoso, sempre presente nas minhas escolhas de vida; me abençoando e Maria passando na frente;

Há uma família querida e amada, dessa e de todas as outras vidas, a quem Deus na sua maneira linda de agir, me presenteou: O Sr. Elias, Sra. Telzeth, meus pais. Embora eu saiba que muitas vezes vocês abriram mão dos seus próprios sonhos, para que eu pudesse realizar os meus e sofreram junto comigo por esses anos, enxugaram muitas lágrimas. Eu certamente não estaria aqui hoje se não os tivesse por perto. Minha gratidão eterna.

Há uma linda irmã e a sobrinha mais doce, a Rebeca. A vocês, eu deposito minhas melhores lembranças e saudade, por estarem longe em presença física, mas perto no amor.

Aos parentes que oraram por mim e emanaram energias positivas.

Ao meu orientador o professor Dr. Orlando da Silva Azevedo, que muitas vezes me mostrando pontos de vistas desconhecidos por mim, suas opiniões e sempre apontando aos caminhos mais férteis, muita gratidão pela sua orientação;

Aos professores que me fizeram conhecer a linguística “hard”, minha eterna gratidão a todos, sem exceção.

À secretária Angélica que sempre esteve à disposição na secretaria de Letras e é uma amiga querida.

À Capes, pelo incentivo financeiro, por ter concedido a bolsa de estudo e permitido que esse trabalho ganhasse vida.

Durante meus dois anos de Mestrado, ganhei muitos amigos e alguns irmãos de coração. Não me esquecerei dos anjos da minha vida acadêmica e da vida pessoal que fiz em Manaus. A vocês minha gratidão e amor: Roberta Moura, Sideny Paula, Thays Araújo, Tia Du Carmo, Gabriel Ianuzzi e família, Família Misturini, Sílvia Barros, Deco Ferreira, ao Fábio, ao Tassio;

A todos os informantes das três localidades visitadas, que se dispuseram a colaborar com o meu trabalho.

Por fim, agradeço aos colegas que eu tive a sorte de ter encontrado e conhecido no mestrado. Desejo que sigam com fé a vida acadêmica de vocês, que sejam muito felizes, saibam que vivi momentos ímpares ao lado de cada um: Josibel, Lygia, Regina, Socorro, Kellen, Solano, Dani Gonzaga, Dani Branquinho, Dorotea, Francisco, Marcondes, Annemeire e Ricardo.

*“Eu digo égua, mas olha já;  
Mas quando que eu nego, eu sou cabocla do Pará “.*

(Jana Figarella)

## RESUMO

A presente pesquisa é de cunho dialetal e foi realizada na Região do Baixo Amazonas (PA). Seguiu-se os princípios e parâmetros da Dialectologia Pluridimensional aportados em autores como: Cardoso (2005), Correa (1980) e Azevedo (2013). Aborda, principalmente, o nível de variantes lexicais específicas em três municípios, que abrangem a mesorregião do Estado do Pará, a saber: Santarém, Oriximiná e Juruti. Objetivou-se também: mapear áreas linguísticas do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, onde ocorrem variações lexicais nos domínios semânticos roça, pesca, pecuária, fauna, flora, mundo biótipo, homem etc.; caracterizar a fala dos moradores de Santarém, Oriximiná e Juruti pela apropriação de léxicos específicos em cada município; comparar os resultados da pesquisa segundo os parâmetros da pesquisa dialetológica na vertente diatópica, diastrática, diageracional, diassexual se apresentarem dados, respectivamente, produtivos; identificar a Norma de Uso nos municípios alvos da pesquisa pela distribuição regular e maior frequência no espaço cartográfico. Os entrevistados foram oito em cada ponto de inquérito, obedecendo às dimensões gênero, escolaridade e faixa etária. Os informantes se dividiram em duas faixas etárias, de 18 a 30 anos, e de 50 a 65 anos de idade, sendo quatro homens e quatro mulheres. Com a obtenção das respostas coletadas in loco por meio de um Questionário Semântico-Lexical, (QSL), contendo 164 questões, elaborado de acordo com os aspectos linguísticos das regiões, elaborei 50 cartas semântico-lexicais sobre as variantes lexicais mais produtivas na região do Baixo Amazonas, PA, caracterizando as normas de uso pela distribuição regular e alta frequência (CRISTIANINI, 2006), Pottier (1978) e Preti (1982). Os resultados mostram que existe para cada domínio semântico uma norma de uso padrão específica.

**Palavras-chave:** Dialectologia; Geolinguística pluridimensional; Variação lexical.

## ABSTRACT

The present research has a dialectal nature and was carried out in the Lower Amazon Region (PA). It followed the principles and parameters of Pluridimensional Dialectology supported by authors such as: Cardoso (2005), Correa (1980) e Azevedo (2013). It mainly addresses the level of specific lexical variants in three municipalities, which covers the mesoregion of the state of Pará, named Santarém, Oriximiná and Juruti. The objective of this study was: a) to map linguistic areas of the Lower Amazon, in this state, where there are possibly lexical variations in the semantic domains of farm, fishery, livestock, fauna, flora, world, biotype, man, etc. b) to characterize the residents of Santarém, Oriximiná and Juruti for the appropriation of specific lexicons in each municipality; c) to compare the results of the research according to the parameters of the dialectical research in the diatopic, diastratic, diagenetical, and diasexual aspects, if they present data, respectively, productive; d) Identify the standard usage in the municipalities targeted by the survey for the regular distribution and higher frequency in the cartographic space. Respondents were eight in point of inquiry, obeying all the necessary dimensions for gender, education and age. Informants were divided into two age groups - 18 to 30 years and 50 to 65 years, and were also divided into male and female. With the acquisition of the answers collected in loco, carried out by means of a lexical questionnaire (QSL), containing 164 questions, elaborated according to the linguistic aspects of the regions, they were transformed into lexical letters, in order to collect the quantitative data of the lexical variants of the region, the norms of use and frequency, as contributed in their thesis Cristianini (2006), Pottier (1978) and Preti (1982). The results showed that there exists for each semantic domain a specific standard usage, which is represented in 50 semantic-lexical letters.

Keywords: Dialectology; Multidimensional Geolinguistics; lexical variation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

<b>Figura 1:</b> Nomeação/designativo das variáveis para a sociolinguística e dialetologia.....	39
<b>Figura 2:</b> Atlas realizados no Brasil – situação .....	58
<b>Figura 3:</b> Exemplo de cartograma baseado no QSL.....	62
<b>Figura 4:</b> Carta semântico-lexical do atlas linguístico do Amazonas.....	63
<b>Figura 5:</b> Isoglossas no Brasil segundo nascentes (1953, p.18).....	65
<b>Figura 6 :</b> Exemplo de uma carta semântico-lexical da dimensão bidimensional. Atlas linguístico do Paraná (1994). .....	67
<b>Figura 7 :</b> Exemplo de uma carta semântico-lexical da dimensão tridimensional. Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC (2007).....	68
<b>Figura 8:</b> Exemplo de domínios semântico linguísticos-culturais do caboco amazonense.....	85
<b>Figura 9:</b> Exemplo significado x significante.....	86

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 01:</b> Divisão da mesorregião do Baixo Amazonas (PA).....	91
--	----

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Dimensões e parâmetros utilizados na pesquisa de Margotti (2004) .....	70
<b>QUADRO 2:</b> Grau das variações pela tricotomia de Coseriu (língua x fala x norma).....	78
<b>QUADRO 3:</b> Perfil dos informantes dos municípios visitados in loco.....	104

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAC	Atlas Etnolinguístico do Acre
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALAP	Atlas Linguístico do Amapá
ALCE	Atlas Linguístico do Ceará
ALES	Atlas Linguístico do Espírito Santo
ALESP	Atlas Linguístico do Estado de São Paulo
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiMAT	Atlas Linguístico do Mato Grosso
ALiPA	Atlas Geo-sociolinguístico do Pará
ALiSPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALiPE	Atlas Linguístico de Pernambuco
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPRII	Atlas Linguístico do Paraná II
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
QSL	Questionário Semântico-Lexical
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>33</b>
1.1 A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA – DEFINIÇÕES DO TERMO.....	33
1.1.2 <i>Língua, Dialeto e Falares- conceitos</i> .....	35
1.2 O INÍCIO DOS TRABALHOS DIALETOLÓGICOS.....	40
1.2.1 <i>Trabalhos dialetológicos realizados no Estado do Pará</i> .....	42
1.2.2 <i>Atlas linguístico Sonoro do Pará-ALISPA</i> .....	43
1.3 TRABALHOS DIALETOLÓGICOS REALIZADOS NO ESTADO DO AMAZONAS.....	44
1.3.1 <i>O Falar do caboclo Amazonense: (aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves)</i> .....	44
1.3.2 <i>Atlas Linguístico do Amazonas (2004)</i> .....	45
1.3.3 <i>AFBAM-- Atlas dos Falares do Baixo Amazonas</i> .....	46
1.3.4 <i>ALFARiN- Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro</i> .....	46
1.3.5 <i>Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)</i> .....	47
1.3.6 <i>Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística</i> .....	48
1.4 TRABALHOS DIALETOLÓGICOS REALIZADOS NOS DEMAIS ESTADOS DO BRASIL.....	48
1.4.1 <i>Atlas Linguístico do Brasil – AliB</i> .....	55
1.4.1.2 <i>Atlas Linguísticos</i> .....	59
1.4.2 <i>Conceituando os cartogramas e mapas</i> .....	61
1.4.3 <i>A Dialetoologia Monodimensional ou Tradicional</i> .....	64
1.4.4 A DIALETOLOGIA BIDIMENSIONAL.....	66
1.4.5 <i>A Dialetoologia Tridimensional</i> .....	67
1.4.6 <i>A Dialetoologia Pluridimensional ou Multidimensional</i> .....	68
1.5 DIMENSÕES E PARÂMETROS DA PESQUISA DIALETOLÓGICA.....	71
1.5.1 <i>Variação Diatópica</i> .....	71
1.5.2 <i>Variação Diagenérica</i> .....	72
1.5.3 <i>Variação Diageracional</i> .....	73
1.5.4 <i>Variação Diastrática</i> .....	74
1.6 NORMA DE USO DAS COMUNIDADES DE FALA.....	76
1.7 NORMA SEMÂNTICO- LEXICAL DA LÍNGUA.....	80
1.7.1 <i>O léxico e a cultura</i> .....	81
1.7.2 <i>Uma breve análise do campo lexical</i> .....	84
1.7.3 <i>Classificação das Lexias</i> .....	85
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>87</b>
2.1 PONTOS DE INQUÉRITO.....	87
2.1.2 <i>O Estado do Pará: Geografia</i> .....	89
2.1.3 <i>Mesorregião do Baixo Amazonas</i> .....	90
2.1.4 <i>Município de Juruti</i> .....	91
2.1.5 <i>Município de Oriximiná</i> .....	93
2.1.6 <i>Município de Santarém</i> .....	99
2.2 OS INFORMANTES.....	103
2.2.1 <i>O Caboco e seu perfil: Uma questão identitária</i> .....	104
2.2.2 <i>O falar do caboco: língua, memória e cultura</i> .....	110
2.3 QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL).....	112
2.3.1 <i>As cartas semântico-lexicais</i> .....	114
2.4 ENTREVISTAS E COLETAS DE DADOS.....	115
2.5 A TRANSCRIÇÃO DE DADOS.....	116
<b>3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>117</b>
3.5.1 <i>Margem</i> .....	118

3.5.2	<i>Igarapé</i> .....	120
3.5.3	<i>Onda do rio/Onda ou banzeiro</i> .....	121
3.5.4	<i>Tipitinga</i> .....	122
3.5.5	<i>Igarapé- Assú</i> .....	123
3.5.6	<i>Igarapé- Mirim</i> .....	124
3.5.7	<i>Tapagem</i> .....	126
3.5.8	<i>Temporal</i> .....	127
3.5.9	<i>Nomes específicos para Temporal/vento</i> .....	128
3.5.10	<i>Chuva forte e pesada?</i> .....	129
3.5.11	<i>Chuva miúda e demorada</i> .....	131
3.5.12	<i>Piaçoca</i> .....	132
3.5.13	<i>Galinha da Angola</i> .....	133
3.5.14	<i>Rasga Mortalha</i> .....	135
3.5.15	<i>Teia de Aranha</i> .....	136
3.5.16	<i>Arapuca</i> .....	136
3.5.17	<i>Louva-Deus</i> .....	138
3.5.18	<i>Carapanã</i> .....	139
3.5.19	<i>Rabicó</i> .....	141
3.5.20	<i>Mucura</i> .....	142
3.5.21	<i>Sanguessuga</i> .....	143
3.5.22	<i>Libélula</i> .....	144
3.5.23	<i>Guelras</i> .....	145
3.5.24	<i>Boto Inimigo</i> .....	147
3.5.25	<i>Boto amigo</i> .....	148
3.5.26	<i>Candiru</i> .....	150
3.5.27	<i>Ticar</i> .....	152
3.5.28	<i>Cerca</i> .....	154
3.5.29	<i>Vitória-régia</i> .....	155
3.5.30	<i>Leleta</i> .....	157
3.5.31	<i>Pomo-de-adão / gogó</i> .....	159
3.5.32	<i>Clavícula</i> .....	159
3.5.33	<i>Desdentado</i> .....	161
3.5.34	<i>Fanhoso / Fom-fom</i> .....	162
3.5.35	<i>Catarata</i> .....	163
3.5.36	<i>Meleca / Tatu / Bustela / Bostela</i> .....	165
3.5.37	<i>Pessoa de pernas arqueadas / cambota ou zambota</i> .....	167
3.5.38	<i>Axila / Suvaco</i> .....	168
3.5.39	<i>Cheiro nas axilas</i> .....	169
3.5.40	<i>Vomitar</i> .....	170
3.5.41	<i>Quebranto</i> .....	171
3.5.42	<i>Pessoa tagarela</i> .....	172
3.5.43	<i>Mau pagador / Caloteiro</i> .....	173
3.5.44	<i>Cunhantã</i> .....	175
3.5.45	<i>Curumim</i> .....	176
3.5.46	<i>Chá de casca-de-laranja</i> .....	178
3.5.47	<i>Chá-de-limão</i> .....	179
3.5.48	<i>Coruba</i> .....	180
3.5.49	<i>Pirão</i> .....	182
3.5.50	<i>Mujica</i> .....	178
<b>CONCLUSÃO</b> .....		<b>180</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....		<b>184</b>
<b>APÊNDICE A</b> .....		<b>195</b>
<b>APÊNDICE B</b> .....		<b>196</b>
<b>APÊNDICE C</b> .....		<b>199</b>



## INTRODUÇÃO

A pesquisa com o título O falar do “caboco” paraense: Um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti- Baixo-Amazonas (PA) ”, está inserida em uma das subáreas da macrolinguística que é a dialetologia, esta por sua vez, é um dos ramos dos estudos linguísticos que consiste em conhecer as variações linguístico-culturais de uma localidade, bem como suas tendências registradas dentro desse mosaico cultural ao longo do tempo. Sobre a variação dialetal, Alencar (2011, p. 27) afirma que “a língua apresenta suas particularidades regionais, sociais, estilísticas, além das diferenças individuais, mostrando, assim, toda a sua complexidade variacional”. Aliás, é imprescindível salientar que a língua, dentro de uma comunidade de fala, é o maior transmissor de toda a carga histórica, de toda identidade e cultura usadas por um grupo de indivíduos que se definem por isso. E as variações linguísticas ocorrem em diversos níveis: sociais, geográficos, estilísticos, dentre outros. Entretanto, a língua está para todos, assim como todos estão para a língua; é a questão da variação linguística, fenômeno que acontece com todas as línguas naturais.

Opto pela Dialetologia Pluridimensional ao estudar o fenômeno da variante semântico-lexical, uma vez que o léxico de uma língua evidencia traços da cultura e da história de um povo. Contribuindo dessa forma para a ampliação dos estudos dialetais do português brasileiro (doravante PB). Estudar o léxico da região do Baixo Amazonas (PA) e suas peculiaridades é uma tarefa significativa, pois, é notória que ainda se percebe na Região Amazônica, uma segregação socioeconômica e cultural em relação às demais regiões. E isso não menos com relação aos fatores linguísticos, mas por todo o processo histórico vivido pelos índios desde meados do século XIII, influenciando até na denominação do designativo caboco. No Pará, essa categorização dos indivíduos tidos como cabocos tem se perdido em face dos constantes choques culturais, ideológicos e políticos perpetuados ao longo do tempo, perdendo até o seu referencial identitário.

Minha pesquisa contou com a contribuição de outros estudos com *corpus* voltado para trabalhos dialetológicos de cunho semântico-lexical, dentre os quais cito as considerações sobre o aspecto do léxico em Cristianini (2006), Biderman (2001), Pottier (1978) e Corrêa (1980). Busco conceituações da dialetologia em Cardoso (2006), Romano (2014), Azevedo (2013), Margotti (2008), e sobre as normas de uso, baseio minhas considerações em Cristianini (2006) e Preti (1982).

Entretanto, ancorada na abordagem preconizada por Pottier (1978), nessa pesquisa buscou-se a imbricação entre língua e cultura, associado ao estruturalismo saussuriano e seus signos. Sabe-se que, desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos circundam e suas diversas possibilidades comunicativas começam a se tornar reais a partir da interação com a sociedade e com o grupo ao qual pertencemos. Dito de outra forma, “por meio da língua, a realidade extralinguística se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processam a comunicação” (PRETI, 1982, p.36).

Segundo o censo 2010 do IBGE, a região, objeto desta pesquisa comporta o Baixo Amazonas-PA,<sup>1</sup> abrange uma área de 317.273,50km<sup>2</sup> e é composta por 12 municípios: Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha Santarém e Terra Santa. Dentre esses municípios listados, a minha pesquisa está focada em três deles, a saber: Santarém, Juruti e Oriximiná.

A Geolinguística atua como um aparato técnico, alcançando também outras funções neste trabalho, que vão além da elaboração de cartas lexicais. Depois de aplicar o questionário semântico-lexical onomasiológico, as respostas foram registradas, mapeadas e transformadas em cartas lexicais.

O questionário onomasiológico semântico-lexical foi retirado de Azevedo (2013) e do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004), e os dados coletados durante a pesquisa de campo foram transcritos grafematicamente.

Os dados foram coletados mediante a utilização de um gravador de voz, com um microfone acoplado para reduzir o ruído no momento da gravação. Utilizei um instrumento idêntico aos aplicados em levantamentos de dados feitos em alguns atlas linguísticos brasileiros como o ALAM (CRUZ, 2004) e os mapas lexicais contidos na tese de Azevedo (2013).

A dissertação está configurada da seguinte forma: na primeira fase, procedi a um estudo teórico abrangendo estudos voltados ao panorama sócio-histórico-cultural da Região Norte: as influências linguísticas, a variação lexical, os estudos dialetológicos no Brasil, a base para a formação do Atlas Linguístico Brasileiro – AliB, bem como trabalhos dialetológicos já realizados na região Norte.

Na segunda parte da pesquisa, as entrevistas *in loco* realizada com os informantes dos três municípios supracitados, seguindo um cronograma. Houve a análise das variações semântico-lexicais divididas por campos semânticos, que abrangem a fauna, a flora, as frutas

---

<sup>1</sup> Retirado do site: [http://www.territoriosdacidadania.gov.br/Sistema de Informações Territoriais \(http://sit.mda.gov.br\)](http://www.territoriosdacidadania.gov.br/Sistema_de_Informações_Territoriais(http://sit.mda.gov.br)). Data de acesso: 28/agosto de 2016.

regionais, o corpo humano, o homem, a pesca, os fenômenos naturais, as doenças, as comidas, e as crenças, por representar o estilo de vida do caboco. Correa (1980, p. 4) afirma, nesse sentido, que “estabelecemos os campos semânticos tentando abranger os aspectos culturais e sociológicos, distribuindo-os de acordo com o universo e experiências do caboco”.

Para conhecer a variedade linguística do Baixo Amazonas, e para que pudesse ter diferentes possibilidades de análise ao âmbito pluridimensional (diatópicos-espacial, diagenérico-sexo, diastráticos-social, diageracional-faixa etária), pauta principal desta pesquisa.

Para uma maior compreensão dos falares da Região do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, a partir da aplicação do questionário nos três pontos de inquérito selecionados, foi proposto a serem atingidos os seguintes objetivos geral e específicos:

- Mapear áreas linguísticas do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, onde ocorrem, possivelmente, variações lexicais nos domínios semânticos roça, pesca, pecuária, fauna, flora, mundo biótipo, homem etc.;

#### Específicos

- Caracterizar a fala dos moradores de Santarém, Oriximiná e Juruti pela apropriação de léxicos específicos em cada município;
- Correlacionar os dados mais produtivos em forma de cartas lexicais de acordo com os parâmetros da pesquisa dialetológica na vertente diatópica (espacial), diastrática, diageracional (faixa etária), diassexual;
- Analisar os resultados obtidos e compará-los a Norma de Uso nos municípios alvos da pesquisa por meio da sua distribuição regular e também pela maior frequência no espaço cartográfico.

A importância deste estudo se verifica na possibilidade de registro das normas de uso, que estão sendo usadas nas comunidades de fala, registrando, ao mesmo tempo, a identidade, a ideologia, a memória e a cultura da região do Baixo Amazonas (PA).

Neste trabalho, restrinjo-me à análise de cunho semântico-lexical e apresento os resultados em cartas lexicais.

Na terceira parte, eu exponho, em linhas gerais, a metodologia empregada para a elaboração desta pesquisa.

Na quarta parte, analiso os dados coletados nos três pontos de inquérito. E por último, apresento as considerações finais.

## **1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesta seção, discorrerei, primeiramente, os conceitos e as terminologias usados na Dialetoлогия, tais como a origem do termo dialeto, as variações dialetais nas perspectivas monodimensional, bidimensional, tridimensional e pluridimensional, as dimensões e parâmetros de uma pesquisa dialetológica, alguns trabalhos considerados importantes para esta pesquisa, realizados no Estado do Amazonas e Pará, a conceituação de léxico e as normas de uso das comunidades de fala no qual se fundamenta esta pesquisa.

### **1.1 A Dialetoлогия e a Geolinguística – definições do termo**

Neste tópico abordarei historicamente e conceituarei sobre o início dos trabalhos dialetológicos tanto no Brasil, quanto mundialmente. Desse modo, também darei ênfase às diferenciações entre dialeto e falares, por entender que esses conceitos são importantes para o entendimento do que é a Dialetoлогия e da Geolinguística.

De acordo com o pensamento de Coseriu (1982), o século XIX marcou o estudo sistemático das variações de natureza geográfica. Naquele momento, as fronteiras geográficas eram evidentes, grande parte em virtude da falta de comunicação entre falantes de localidades mais distantes e de difícil acesso. E é precisamente nesse período, a saber, de individualidades geográficas resguardadas, “seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas”. (CARDOSO, 2001, p. 26), que se iniciam os estudos dialetológicos propriamente ditos.

Em meados século XIX, a perspectiva da Dialetoлогия era voltada para os estudos da língua falada, em sua grande maioria, voltavam-se para os indivíduos sem escolaridade, os quais eram predominantemente moradores de zonas rurais. Desse modo, a dialetoлогия se interessava somente nos estudos das zonas rurais, pela preocupação em conservar os aspectos linguísticos mais genuínos.

Já na atualidade, com a expansão da tecnologia, mesmo em áreas mais interioranas, percebe-se o fácil acesso à TV. Dessa forma, o contato com as tecnologias atuais acaba por influenciar a maneira de falar dos povos ribeirinhos, fazendo com que a identidade — principalmente a linguística — se perca, criando, assim, mudanças das normas de uso de uma localidade ou mesmo barreiras linguísticas. Todavia, com os avanços da tecnologia, a globalização fez com que o estudo dialetológico não ficasse somente em zonas periféricas e/ou

rurais, mas também em zonas urbanas, aonde também estão ocorrendo novas mudanças linguísticas. Tanto a zona rural quanto zona urbana são critérios essenciais, pois estão relacionados aos pontos de inquérito da pesquisa dialetológica.

No espaço geográfico esse fator se encontra mais perceptível, uma vez que está relacionado às variações que a língua fornece em cada região. Nas palavras de Cristianini (2006) “à Dialetoлогия cabe o estudo dessas variações, principalmente pelo método da Dialetoлогия conhecido como Geolinguística” (CRISTIANINI, 2006, p. 49).

Uma vez diante da citação desses conceitos, é importante conhecer cada um deles, tanto da Geolinguística quanto da Dialetoлогия.

Método da Dialetoлогия, a Geolinguística ou Geografia Linguística é, segundo Dubois (1978, p. 307), “o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes”. A Geolinguística é, portanto, um método e não uma ciência, conquanto se trate de um novo recorte de estudo da Dialetoлогия, a sua análise de dados, se perpetua por meio de mapas. Que na visão de Carreter (1974) um atlas linguístico se constitui pela junção desses mapas.

Enquanto a Dialetoлогия, pode ser definida como a investigação científica dos dialetos, já existindo antes do surgimento da Geolinguística, ainda que se utilizasse de outros meios. Conforme Cardoso (2010, p. 15), a “Dialetoлогия é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Já para Cristianini (2006), “a Dialetoлогия é a disciplina que assumiu a tarefa de descrever os diferentes dialetos em que a língua se diversifica no espaço e de lhes estabelecer limites”.

Por outro lado, para Labov<sup>2</sup> (2008) “a dialetoлогия é a disciplina mais geral que se ocupa da variação, fundamentalmente diastrática e diafásica”.

Nessa reflexão, ainda tratando dessa relação entre dialetoлогия e Geolinguística, para deixar claro seus conceitos e seus propósitos, a dialetoлогия é a ciência que estuda os dialetos, já a geolinguística é o método para qual se registram em forma de mapas, as formas linguísticas de um determinado lugar.

A moderna Dialetoлогия, não se restringe em estudar apenas as variações regionais ou diatópicas, como também, as causas sociais e estilísticas determinantes dessa variação geográfica. O oposto de antigamente, que por sua vez só gravavam mapas monodimensionais por restringir seus estudos somente às variações regionais, ou seja, na fala.

---

<sup>2</sup> La dialectologia es la disciplina más general que se ocupa de la variación pero si diastrática y diafásica.

Para compreender o objetivo da Dialectologia, conceitos como língua, dialeto e falar são de extrema importância. Malberg (1979) afirma que estruturalmente não existe a inferioridade de dialetos em relação à língua, cuja distinção se dá por meio de processos histórico-sociais.

Respeitante a isso, Castilho aborda o seguinte:

No primeiro caso temos os falares, e no segundo, os dialetos. Quando as pessoas que se servem de falares distintos entram em contacto percebem apenas que procedem de regiões geográficas diferentes. No caso dos dialetos os embaraços à compreensão deixam escassamente entrever um fundo linguístico comum, e isso é tudo. Naturalmente a distinção entre falar e dialeto representa um esforço de classificação dos graus da variabilidade linguística espacial, não podendo ser entendida em sentido absoluto (CASTILHO, 1974, p. 116).

Mantendo-nos ainda nessa reflexão, segundo Moura:

A opção pela referência às diferenças linguísticas encontradas no território brasileiro como dialetos se deve, além da dificuldade da distinção entre dialeto e falar, ao fato do português falado no Brasil ser uma língua nacional e por isso, encontra-se sujeito a variações regionais que são os dialetos.[...] Além da diferenciação lexical e fonológica entre as línguas portuguesas europeia e brasileira, ocorre uma divisão das mesmas em sub-normas, as quais também apresentam diferenças fonológicas e lexicais entre si, determinando dialetos variados (MOURA, 2002, p. 08).

Essa diferença será melhor conceituada no tópico seguinte, por achar de extrema importância a conceituação de falares e dialetos.

### **1.1.2 Língua, Dialetos e Falares- conceitos**

Sob o ponto de vista cultural, o termo dialeto era tido, desde a Roma antiga, como a fala dos “não cultos”. O fato é que essa terminologia se referia antes ao discurso literário. Como assevera Elia (1962, p. 12), “houve, a princípio, o latim escrito da Antiguidade tardia (sécs. III, IV e V) que foi um prolongamento do discurso literário dos escritores do império”. Dessa maneira, a língua pode ser falada e usada de maneiras distintas por membros de diversificados grupos sociais e das mais diversas maneiras. É importante entender que cada pessoa fala de acordo com as situações de convívio, sendo quase impossível compartilhar experiências sem usar algum dialeto ou sem usar códigos linguísticos.

Os primeiros textos literários provieram de uma variedade de dialetos (TORE, 2015). O termo dialeto (do grego *diálektos*) era utilizado na Grécia antiga para se referir aos dialetos literários e significava maneira de falar, própria de uma determinada região. A Grécia, na verdade, sempre foi um mosaico em dialetos e estes não eram apenas usados nas variedades

orais, mas, sim, nas mais diversas variedades literárias, principalmente na escrita. O jônico, por exemplo, foi utilizado para descrição de eventos históricos, o dórico (um terço do Peloponeso, ilhas de Creta e Rodes) para poesia coral e o ático (Ática, ilha de Eubeia) dominava a tragédia e a comédia. A partir de Alexandre, o Grande, da Macedônia (séc. IV a.C), o dialeto ático constituiu o *Koiné diálektos*, a base linguística de toda a Grécia, tanto medieval quanto moderna.

Como alguns autores mencionam, os dialetos correspondem às características regionais de uma língua, dentre alguns conceitos. Coseriu afirma que:

O termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior (COSERIU, 1982, p. 11-12).

Baseado nas definições encontradas para dialeto, Nascentes subdivide os falares do Brasil, fazendo referência ao português falado da região Norte, inclusive caracterizando-o como subfalares amazônicos. O autor prefere, por exemplo, usar o termo “falar” ou “subfalar” de uma localidade, região ou grupo ao invés de utilizar o termo dialeto. Como ele bem explica, “quando as diferenças linguísticas não são tão acentuadas, o termo dialeto pode ser substituído por falar” (NASCENTES, 1953). Preti, igualmente, afirma que “prefere o termo falares para as variedades horizontais da linguagem; por exemplo, haveria os falares amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro, segundo a divisão de Nascentes” (PRETI, 1982).

Nessa reflexão, a língua é um instrumento comunicador, desempenhando esse papel de enunciar, de forma que, quando concebida por um grupo que compartilha seus próprios códigos, materializa-se dentro daquela comunidade. Ainda em consonância com o autor, as diferenças no uso da língua e a sua variação acontecem devido aos diversos fatores ligados à história, à cultura, à geografia, à etnia e à sociedade.

As línguas são contingências históricas, pois em algum momento da história elas nascem, enquanto que em outro elas morrem. É através da linguagem, pois, que há a identificação e a diferenciação de uma comunidade da outra. A língua recebe influências da cultura e das vivências do povo que a utiliza, sendo por essa razão que ela se torna um sistema complexo:

Em algum momento na história, as línguas oficializadas atualmente foram dialetos de outras línguas até adquirirem a própria autonomia linguística em um espaço territorial.

Um exemplo hipotético seria o contato entre as línguas indígenas da região Amazônica com o português europeu para a formação de vários dialetos com traços linguísticos comuns, que convergiriam em novas modalidades linguísticas. No entanto, o que temos como resultado do contato linguístico entre o português europeu e as línguas nativas no Brasil, é a existência de muitas línguas indígenas autônomas (substratos da língua portuguesa) e a morte de várias delas por falta de falantes (AZEVEDO, 2013, p.59).

A maneira de escrever e falar diz muito sobre o indivíduo, sobre a cultura na qual ele está inserido, bem como sobre os grupos sociais com o qual ele compartilha informações, dentre várias outras características. Essas são as variantes geográficas, as quais, por sua vez, são chamadas de dialetos. Conforme nos assevera Coseriu:

A língua tem uma vivência histórica muito maior do que uma variante dialetal, que se diferencia daquela por apresentar traços linguísticos divergentes como na fonética, no léxico e na sintaxe. Os dialetos se apresentam como subconjuntos da língua, possuem menos prestígio social e não causam ininteligibilidade entre os usuários da mesma língua. (COSERIU, 1982, p. 11-12).

O termo variação dialetal se encontra mais na terminologia, em sentido genérico, uma vez que existem diversas variações das línguas. Contudo, é necessário saber que não existem dialetos superiores ou inferiores a outros; o que há, na verdade, é o preconceito em escala social e geográfica, atribuído às diferentes maneiras de se expressar linguisticamente.

Nas palavras de Calvet (2002), “temos variação linguística quando duas ou mais alternantes têm o mesmo significado e quando as diferenças entre elas têm uma função estilística ou social”. É possível, pois, que ocorra a variação dialetal quando todos os limites político-administrativos de um Estado — ou até mesmo de um país — se fundem e as pessoas incorporam e apropriam-se de novas lexias, conforme se integram em diferentes grupos sociais, surgindo, daí a variação dialetal de cada língua.

De acordo com Elia (1989, p. 64), “os falares resultam de uma expansão da língua comum, que vai tomando colorações locais de acordo com as condições geo-humanas de cada região”. Seguindo esse mesmo pensamento, a adoção do termo *falar* se baseia no sentido de “línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado, que se distinguem um das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum” (CÂMARA JR., 1964, p. 151).

Ainda nessa reflexão, ou, ainda, aos parâmetros em relação ao nível diafásico geográfico ou ao grupo social, tais como grau de instrução, faixa etária, nível socioeconômico e atividade profissional ao qual o indivíduo pertence, e bem assim a formalidade à qual ele está inserido.

Falares, por exemplo, são definidos pela Geolinguística ou pela Dialetoлогия quando se trata de estudar pequenos grupos, como grupos rurais.

Por conseguinte, já que a diferenciação entre línguas e dialetos é somente uma distinção dentro de processos históricos, uma vez que situaram a variedade do português brasileiro como dialetos, deve-se dizer que falar “corresponde a um conjunto de formas de expressão utilizadas por um grupo no interior de um domínio linguístico” (NASCENTES, 1953, p. 16).

Portanto, o dialeto é concebido como a variedade linguística existente num espaço geográfico, dentro de cada região, onde é considerado muito mais um *status* histórico, uma questão de prestígio de uma língua em detrimento da outra. Os primeiros estudos dialetológicos constituíram-se, assim, em nível espacial, a saber, na variação regional de uma língua. E falares, são as escolhas, quando se limita a uma determinada região, que associam algumas características a uma determinada escolha de um componente lexical, ou ritmo de fala, ou pronúncia.

Com o advento da Sociolinguística Laboviana em 1966, a Geolinguística expandiu seu campo de observação, que até então, era somente concentrada na variação geográfica, como já foi explicado no tópico anterior. Porém, ela passa a estudar as variáveis sociais bem mais complexas como: o fator idade (diageracional), gênero (diagenérica), escolaridade (diafásica), a classe social (diastrática), que para alguns autores já se denomina uma nova vertente da Geolinguística, surge então a Geossociolinguística. (RAZKY, 1998)

A Sociolinguística Variacionista postula que a variação é uma característica essencial das línguas e sua principal preocupação é com a variação linguística, a qual ocorre segundo a estratificação social em que o indivíduo está inserido, bem como segundo as mudanças subjacentes à variação. Para Mollica, por exemplo, a Sociolinguística é uma das vertentes da linguística e se propõe a estudar a língua em uso nas comunidades de fala. De acordo com as suas palavras, ela considera, em especial, “como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais” (MOLLICA; BRAGA, 2004, p.10).

A Dialetoлогия, por sua vez, assemelha-se à Sociolinguística por meio da busca das definições de conceitos como dialetos, língua e fala, conceitos essenciais para a primeira. Essa questão também se aplica à língua, uma vez que ambas estudam os fenômenos de diferenciação dialetal pertencentes à fala de uma comunidade.

Segundo Borges (2006), “apesar da sociolinguística quantitativa e da geolinguística monodimensional conceber a língua como parte integrante do contexto social, tais disciplinas

implicitamente se fundamentam na distinção do objeto de estudo de seu meio social da qual se circunscreve”. Em outras palavras, essas disciplinas elegem focos diferentes para objeto de estudo. A sociolinguística, por exemplo, baseada nos trabalhos pioneiros de Labov, escolheu trabalhar o fato social da fala, isto é, a idade, o sexo e a escolaridade para designar a variação linguística de uma localidade. Já a Dialetoлогия, por outro lado, possui outra apropriação/nomeação, dada às mudanças linguísticas. Como pode ser percebido na figura abaixo:

<b>Sociolingüística quantitativa</b>	<b>Geolingüística monodimensional</b>
<i>Variáveis extralingüísticas ou sociais</i>	<i>Dimensões extralingüísticas ou sociais</i>
idade	diageracional
sexo	diagenérica
escolaridade	diastrática
	diafásica: variação de estilo de fala
	diatópica: variação de espaço

Figura 1: Nomeação/designativo das variáveis para a Sociolinguística e Dialetoлогия.  
Fonte: (BORGES, 2006, p. 168)

É possível verificar, portanto, que o objeto de ambas as disciplinas está constituído na fala, porém os usos das nomenclaturas são diferentes, uma vez que se fundamenta conforme o contexto social ao qual o informante se circunscreve:

Para a sociolinguística quantitativa, os fatores extralingüísticos são representações da idade, sexo e escolaridade, conforme a construção de uma regularidade das mudanças da língua no interior do sistema. Ou seja: tal construção é uma forma de representar a variação, a partir da interação entre o que é visto como interior e o que é visto como exterior à língua. Já para a geolingüística monodimensional, os fatores sociais seguem uma construção condicionada às dimensões espaciais, isto é, a política de representação fundamenta-se primeiramente no fator espacial, para em seguida, levar-se em conta a idade, o sexo e a escolaridade do falante. (BORGES, 2006, p. 171)

Desse modo, entende-se que a Dialetoлогия e a Sociolinguística, devido à questão social, são vistas e estudadas de maneiras diferentes, mas elas não se opõem, se divergem nas questões de nomenclatura, onde a variação da língua, para uma, é questão de status social, para a outra, os fatores no espaço geográfico constituem seu foco.

Concernente à coleta de dados, a quantificação as difere, pois, na Geolingüística cartografa em dados e os transforma em mapas, enquanto que em relação ao perfil dos informantes, a diferenciação se dá do seguinte modo: a sociolinguística se preocupa em manter

o foco na zona urbana, enquanto que a Geolinguística se preocupa em se focar as áreas rurais. Porém, na fase atual os estudos são focados tanto em zonas rurais quanto em zonas urbanas. Com isso em tela, podemos afirmar que o uso do termo língua, dentro de um ponto de vista linguístico, se distingue de dialetos por fatores históricos, políticos e culturais, dentre outros.

## 1.2 O início dos trabalhos dialetológicos

No ano de 1881, a Dialectologia já fazia parte do currículo da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris, visando, principalmente, aos estudos voltados para a evolução histórica das formas linguísticas. A França teve a maior proporção, em nível mundial, de estudos voltados para essa área, Gaston Paris, numa conferência intitulada *Os falares da França*, citava a importância de se estudarem os *patois* franceses, pois esses estudos dialetológicos voltavam-se para a valorização das manifestações populares nos seus usos, crenças, costumes e falares e pela evolução da língua no decorrer do tempo.

Os tempos passaram e o final do século XVIII ficou conhecido como o momento em que os dialetos se tornaram objeto de estudos, os quais se tornaram numerosos.

Ainda nesse século, Pop (1950, p. XXVII-XXIX *apud* CARDOSO, 2010, p. 33) destaca trabalhos que se referem direta ou indiretamente à área dialetológica.

1. Na Suécia, o arcebispo Erick Benzelius (1726) leva os padres sob sua jurisdição, a anotar os provincianismos, inaugurando, nesse país, um questionário por correspondência;
2. Em 1749, o pastor Erik Pontopidan publica a primeira obra de cunho lexicológico, registrando palavras dialetais norueguesas que os dinamarqueses não compreendiam;
3. O *Glossarium Suiogothicum*, de J. Ihre considerado por Pop (1950, p. XVIII) como “a obra mais relevante desse período” aparece em 1769;
4. O *abade* Grégoire empreende, na França (1790), uma “enquete” com a finalidade de conhecer os “patois”.

Os estudos dialetológicos propriamente ditos ganharam impulso, portanto, no fim do século XIX, quando George Wenker recolheu dados dialetológicos para a elaboração de cartas linguísticas da Alemanha, fazendo isso durante dez anos.

George Wenker, na Alemanha, e Jules Gilliéron, na França, foram os precursores na história dos atlas linguísticos. A publicação do *Atlas Linguistique de la France (ALF)* teve seus primeiros fascículos publicados entre 1902 e 1910, os quais se deram na totalidade de 1.920 mapas, 1.421 cartas completas e 499 parciais, agrupadas nas três séries alfabéticas. Daí em diante surgiu uma série de pesquisas de cunho científico, pois essas pesquisas obedeciam a critérios minuciosos — principalmente na metodologia, a ser bem definida — que culminaram

na elaboração de vários outros atlas linguísticos da Europa, desde o início do século XX até aos dias atuais.

Segundo Câmara Jr.:

Jules Gilliéron criou o método de pesquisa conhecido pelo nome de Geografia Linguística, levando mapas de distribuição de cada forma vocabular num território dado, mediante um inquérito linguístico em que o pesquisador interroga um ou mais informante em cada localidade, e o cotejo das diferenças da forma colhida entre cada uma localidade e as demais veio evidenciar entre os falantes locais séries de empréstimos a respeito de casos em que se acreditava, ingenuamente, na persistência de um mesmo vocabulário durante um curso de séculos (CÂMARA JR., 1964, p. 194).

Gilliéron, na verdade, teve ajuda de Edmond Edmont, para obter êxito na sua pesquisa. Edmont, que não possuía formação em linguística, percorreu 639<sup>3</sup> pontos num prazo de cinco anos. O seu meio de transporte, usado entre um percurso e outro, foi uma bicicleta. A pesquisa de campo foi concluída em quatro anos de catalogação dos dialetos provençais e franco-provençais franceses.

Já a primeira fase da Dialectologia portuguesa, em Portugal e no Brasil, se deu como resultado das descrições incompletas de variantes regionais estudadas por Visconde de Pedra Branca, direcionadas para a língua literária e para o estudo comparativo lexical do português do Brasil com o português de Portugal.

O projeto e elaboração de um Atlas português foi iniciado na década de 30, por Lindley Cintra e Herculano de Carvalho, mas, devido a situações financeiras, não foi executado. Já em 1970, ainda comandado por Lindley Cintra e sua equipe do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa-CLUL, foi estruturado o *Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*. Atualmente, a equipe CLUL é composta por Luísa Segura da Cruz, Gabriela Vitorino e Manuela Barros Ferreira, coordenada por João Saramago. Além de integrarem também a equipe de Projetos europeus, como o *ALIR (Atlas Linguistique Roman)* e o *ALE (Atlas Linguarum Europae)*, esses projetos estão em andamento.

No Brasil, os precursores de trabalhos de cunho dialetológico são, sobretudo, Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha. O *Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB)*, com sede em Salvador no estado da Bahia, e já concluído, teve início em 1996, com a criação de um comitê nacional.

Com o passar do tempo, o método dialetológico foi se aperfeiçoando e, juntamente com os atlas, passaram a retratar peculiaridades etnográficas também, em indicadores diastráticos,

---

<sup>3</sup> Brandão (1991, p.10)

sobretudo porque os interesses da Dialectologia voltaram-se também para a fala dos centros urbanos. Nas palavras de Cardoso:

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialectologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerente aos falantes, nem relegar o conhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal (CARDOSO, 2010, p. 25).

A Geolinguística já se constitui em um dos mais significativos métodos para o registro de análise da diversidade linguística, dentro de uma perspectiva sincrônica. Ela já conta com inúmeros atlas linguísticos regionais e nacionais, já publicados, tanto na Europa como nas Américas, e também possui diferentes e inovadores projetos em curso que abrangem vários domínios linguísticos, como o *Atlas Linguistique Roman (ALIR)* ou *Atlas Linguarum Europae (ALE<sup>4</sup>)*, atlas que reúne os países da Europa.

### 1.2.1 Trabalhos dialetológicos realizados no Estado do Pará

Nesse tópico abordarei alguns trabalhos realizados nos Estados do Pará e Amazonas, ao qual nessa pesquisa é dada extrema importância, uns por serem os precursores na Região Norte, outros por serem de natureza lexical, ao qual se baseia esta pesquisa. Deixo claro, que existem outros trabalhos de cunho dialetológico nessa região, porém o foco desse trabalho é somente para mostrar como já existem trabalhos pioneiros, que são essenciais para surgirem outros trabalhos de caráter dialetológico.

No estado do Pará, foram realizados alguns trabalhos de cunho dialetal, tais como: Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará -ALIPA e o Atlas linguístico Sonoro do Pará-ALISPA. Nas

---

4 O projeto ALE engloba todas as línguas da Europa e a maioria dos respectivos dialetos, nele participando 51 equipes de investigação. Instituído oficialmente na Holanda, em 1970, a sua fase de publicação foi iniciada em 1975. Cada "fascículo" deste atlas é constituído por dois volumes, um de mapas, outro de comentários. Os fascículos até agora publicados (cinco) foram consagrados ao léxico, apresentando os dados referentes às seguintes 43 noções: sol, lua, nuvem, nevoeiro, arco-íris, vento, relâmpago, raio, trovão, chuva, granizo, pingo de gelo, neve, charco, represa, lago, ribeiro, mar, serra, cobre, estanho, chumbo, carvalho, videoeiro, choupo, pinheiro, zimbro, ramo, flor, Centaurea Cyanus, pepino, amora, pera, milho, cevada, girassol, gafanhoto, joaninha, borboleta, pirilampo, doninha, cão, Natal. A abordagem das denominações obtidas para estes conceitos em 2631 localidades europeias foi de carácter etimológico e motivacional. Este tipo de tratamento permitiu abrir um novo caminho para a compreensão da relação língua -cultura e estabelecer padrões de criação lexical estreitamente ligados à vivência histórica dos povos europeus. Disponível em: <http://194.117.6.240/pt/component/content/article/85/209-atlas-of-the-european-languages-ale>. Acesso 08 abril 2017.

subseções seguintes tratarei de alguns trabalhos importantes e de cunho lexical, que serviram como referência bibliográfica desta pesquisa.

*Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará (ALIPA<sup>5</sup>)* é um projeto de pesquisa da Universidade Federal do Pará, sob a coordenação de Abdelhak Razky. Traz como objetivo o desenvolvimento de um estudo profundo a fim de identificar e mapear a diversidade lexical do português falado no Estado, principalmente na zona rural. Dividido em 60 pontos de inquérito agrupados em 6 mesorregiões.

O questionário divide-se em duas partes: a primeira abrange as áreas semânticas terra e homem, lendas, superstições, e a outra parte trata de aspectos genuínos da terra. Os informantes se dividem em zona rural e urbana. Na zona rural, os informantes foram pesquisados em 50 pontos de inquérito. Nesses pontos foram entrevistados 4 informantes seguindo certos parâmetros, segundo o *ALIPA* (1996):

Sexo: 2 homens e 2 mulheres

Idade: dois informantes entre 18-30 anos

Dois informantes entre 40-70 anos;

Escolaridade: todos escolarizados até a 4<sup>o</sup> série.

Já na Zona urbana, limitou-se a 10 pontos de inquérito nos quais abrange as cidades de: Altamira, Abaetetuba, Bragança, Belém, Breves, Conceição do Araguaia, Cametá, Itaituba, Santarém e Marabá. Para os informantes foi escolhida as idades de: 15-25 anos; 26-49 anos e mais de 50 anos.

Foram realizados dois questionários, um abrangendo um aspecto geral, valendo para todas as localidades e o outro abordava aspectos específicos de cada uma delas.

### **1.2.2 Atlas linguístico Sonoro do Pará-ALISPA**

O *Atlas Linguístico Sonoro do Pará<sup>6</sup>*, foi publicado no ano de 2004 e a pesquisa se ateve ao estudo da variação fonética, tendo como coordenador o professor Abdelhak Razky da Universidade Federal do Pará. Foram selecionadas dez localidades paraenses, de acordo com critérios históricos e socioeconômicos, dividido em seis mesorregiões do Pará, que são: Santarém, na mesorregião do Baixo Amazonas; Breves, na Mesorregião do Marajó; Belém, na mesorregião Metropolitana de Belém; Bragança, Cametá e Abaetetuba, na mesorregião do

<sup>5</sup> Informações retiradas do site: <http://www.ufpa.br/alipa/>. Acesso em 07 Agosto.2017.

<sup>6</sup> Informações retiradas do site: <http://www.ufpa.br/alipa/>. Acesso em 07 Agosto 2017.

Nordeste Paraense; Itaituba e Altamira, na mesorregião Sudoeste Paraense e Marabá e Conceição do Araguaia, na mesorregião Sudeste Paraense.

“Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes segundo os parâmetros sexo, faixa etária e escolaridade. O Atlas permite a visualização de 636 cartas fonéticas.” (RAZKY, 2005, p. 212-218).

### **1.2.3 Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará.**

Em 2012, coordenado pelo professor Dr. Abdelhak Razky, na forma de dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Pará- UFPA do orientando Regis José da Cunha Guedes, que teve como corpus principal, mapear doze municípios, sendo dois de cada mesorregião do Baixo Amazonas Paraense. A saber: Santarém e Oriximiná (Mesorregião do Baixo Amazonas); Anajás e Breves (Mesorregião do Marajó); Castanhal e Santo Antônio do Tauá (Mesorregião Metropolitana de Belém); Abaetetuba e Bragança (Mesorregião Nordeste); Altamira e Itaituba (Mesorregião Sudeste); e Conceição do Araguaia e Redenção (Mesorregião Sudoeste). Com o propósito de mapear variação lexical das zonas rurais desses municípios.

## **1.3 Trabalhos dialetológicos realizados no Estado do Amazonas**

No Amazonas já foram realizados alguns trabalhos de cunho dialetal, tais como: os Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM e o Atlas dos falares do Baixo Amazonas- AFBAM. Nas subseções seguintes tratarei de alguns trabalhos importantes e de cunho lexical, que serviram como referência bibliográfica desta pesquisa.

### **1.3.1 O Falar do caboclo Amazonense: (aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves).**

Em 1980, foi realizado o trabalho de Hydelyvia Cavalcante de Oliveira Corrêa, na forma de dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC/RJ.

Esta pesquisa de “cunho dialetológico, teve como objetivo conhecer os aspectos fonéticos-fonológicos e léxicos-semânticos que caracterizam de maneira peculiar a fala do caboclo amazonense” (CORRÊA,1980). Teve como pontos de inquérito os municípios de Itacoatiara e Silves, localizados na região do médio Amazonas.

### 1.3.2 Atlas Linguístico do Amazonas (2004)

Em 2004, coordenado por Maria Luíza de Carvalho Cruz, na forma de tese de doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi produzido o *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*.

O referido trabalho foi desenvolvido num período de três anos e meio. Possui 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. O objetivo desse Atlas linguístico foi estudar a formação histórica do povo ribeirinho nos municípios que comportam o Estado do Amazonas, aliando seus costumes, seus falares.

Para esta pesquisa, Cruz (2004) investigou nove pontos de inquéritos correspondentes às microrregiões do Estado do Amazonas, a saber: Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Jutaí-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas), Parintins (Baixo Amazonas).

Foram entrevistados seis informantes para cada ponto de inquérito, num total de 54, obedecendo aos seguintes critérios:

Em três faixas de idade (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante).

Ser analfabeto ou ter escolaridade até, no máximo, a 4ª série do fundamental;

Ser natural da localidade pesquisada;

Ter pais e cônjuges também naturais da região; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação;

Um homem e uma mulher.

Para a coleta de dados, Cruz (2004) utilizou um questionário fonético-fonológico (QFF) com 156 perguntas e um questionário semântico-lexical (QSL) contendo 327 questões. O QSL seguiu os seguintes campos semânticos:

#### (I) Meio físico

A terra e os rios

Fenômenos atmosféricos (astros, clima etc.)

#### (II) Meio Biótico

Fauna (aves, peixes, répteis, quelônios e mamíferos)

Flora aquática

#### (III) Meio antrópico

O Homem (características físicas, relações familiares, alimentação e saúde, habitação, vestuário e calçados, crenças, superstições e lendas, relações sociais- ciclo de vida, vida social, expressões populares).

- (a) Atividades de Produção
- (b) Caça e Pesca
- (c) Meios de transporte fluvial

Foram, também, realizadas elocuições livres, semidirigidas, com o objetivo de constituir um banco de dados, para posteriormente a realização de estudo morfossintático e de prosódia, dentre outros.

As entrevistas foram realizadas *in loco*, com gravadores acoplados e um microfone unidirecional, sem fio. Usados em torno de 2 a 3 mini-discs, com 74 minutos de duração. A transcrição utilizou o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Foi criado um programa computacional específico para o *Atlas Linguístico do Amazonas*, que permite serem inseridos os dados dos informantes, com todas as respostas fornecidas, na ordem lexical e fonética.

### **1.3.3 AFBAM-- Atlas dos Falares do Baixo Amazonas**

Em 2011, foi elaborado o AFBAM, coordenado por Roseanny Melo de Brito, sob orientação da professora Dra. Maria Luíza de Carvalho Cruz Cardoso sob forma de dissertação do Mestrado em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Esse Atlas tem como pauta principal estudar os falares típicos do Baixo Amazonas. Foram apresentadas 132 Cartas Fonéticas com 159 questões do Questionário Fonético-Fonológico – QFF.

Na pesquisa de campo, os dados foram transcritos de acordo com o Internacional Phonetic Alphabet – IPA e postos em uma nova versão de Mapeamento da Variação Linguística – MVL. Cruz (2004) utilizou esse software no Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM. A nova versão, chamada de MVL-ALAM\_ Baixo Amazonas-2008, e por meio dele foi confeccionada as cartas fonéticas.

Os pontos de inquérito foram: Nhamundá, Urucará, São Sebastião do Uatumã, Boa vista do Ramos e Barreirinha.

### **1.3.4 ALFARiN- Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro**

Em 2012, coordenado por Jeiviane dos Santos Justiniano, sob a orientação da professora Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso sob forma de dissertação do Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

Esse Atlas teve como pauta principal “contribuir com a delimitação de fronteiras linguísticas no Brasil e propiciar um avanço dos estudos linguísticos na região amazônica”. (JUSTINIANO, 2012, p. 16).

Os pontos de inquérito foram os municípios amazônicos de: Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, localidades que, junto a Barcelos, compõem a microrregião do Alto Rio Negro.

A dissertação organizou-se em dois capítulos, no primeiro destacou-se dados provenientes dos estudos geossociolinguísticos da Região Amazônica e de estudos já executados no Brasil, também aos aspectos sócio-histórico e geográficos do Alto Rio Negro. No segundo volume encontram-se os dados referentes à pesquisa *in loco*. Os pontos de inquérito, Questionário Fonético- Fonológico (QFF), dentre outros pontos referentes a metodologia do Atlas.

### **1.3.5 Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**

Em 2013, foi elaborado o trabalho com o título: Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no baixo Amazonas (PA) e no médio Solimões (AM), coordenado por Orlando da Silva Azevedo, sob a orientação do professor Dr. Felício Wesling Margotti sob forma de tese de Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

“Essa pesquisa se propõe a contribuir para o conhecimento de algumas peculiaridades linguísticas ao abordar a variação dialetal em duas sub-regiões, a saber: a do Médio Solimões, onde estão localizados os sete pontos de inquérito no Estado do Amazonas, e a do Baixo Amazonas, da qual fazem parte duas localidades no Estado do Pará. ” (AZEVEDO, 2013, p. 18). A pesquisa organizou-se em estudos fonético-fonológico e semântico-lexical, em nove pontos de inquérito selecionados, onde foram realizados os estudos dialetológicos sobre o português amazônico no que diz respeito às realizações fonético-fonológicas das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica e também sobre as variantes lexicais em dois pontos na

microrregião de Óbidos, no Estado do Pará, e em sete pontos da região do Médio Solimões, no Estado do Amazonas. (AZEVEDO, 2013).

### **1.3.6 Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística.**

Em 2015, foi elaborado o trabalho com o título: Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística. Coordenado por Sandra Maria Godinho Gonçalves, sob a orientação da professora Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso sob forma de dissertação do Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

Essa pesquisa teve como pauta principal:

Buscar examinar o léxico realizado por migrantes provenientes do interior do estado do Amazonas, mais precisamente, de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, que vivem em Manaus há pelo menos cinco anos; comparar os campos semântico-lexicais dos registros obtidos com o Atlas Linguístico do Amazonas, ALAM, de Cruz (2004) e com o livro *Amazonês*, de Souza (2011); identificar se houve uma mudança da identidade linguística dos migrantes interioranos do estado do Amazonas” (GONÇALVES, 2015, p.8).

A dissertação ampara-se nos princípios da dialetologia, por meio de uma análise de cunho etimológico e ideológico do léxico, além das mudanças da identidade linguística dos imigrantes interioranos dos municípios supracitados acima.

## **1.4 Trabalhos Dialetológicos realizados nos demais estados do Brasil**

Nesta seção, será realizado um breve histórico sobre os estudos dialetológicos no Brasil, desde o início do século XIX até a atualidade. Apresentou-se também os atlas linguísticos realizados no Brasil.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.37), “os estudos dialetológicos, no Brasil, tiveram início no princípio do século XIX”. Nos anos de 1826 e 1920, foram publicados os estudos de Visconde de Pedra Branca e Amadeu Amaral. Na obra de Amaral intitulada *O dialeto caipira*, ocorrem as primeiras tentativas de descrição dos falares regionais, nos níveis morfológico, fonético, sintático e lexical. De acordo com Amaral (1955, p.42), o objetivo do Dialeto Caipira “[...] era caracterizar esse dialeto ‘caipira’, ou, se assim acham melhor, esse aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo”.

Nessa mesma linha, mencionam-se outros colaboradores de igual importância, que contribuíram para esses trabalhos dialetológicos no Brasil, tais como: Renato Mendonça

(1936), Câmara Jr. (1953), Luís da Câmara Cascudo (1939), Antenor Nascentes (1953), Leon Clerot (1959), Sílvio Edmundo Elia (1961), Nelson Rossi (1963), Serafim da Silva Neto (1955), Tomé Cabral (1973), dentre outros.

Os estudos dialetais no Brasil sistematizam e dividem-se em fases. Como informam estudiosos como Nascentes (1953), Ferreira e Cardoso (1994), Mota e Cardoso (2006). São quatro fases do processo, incluindo trabalhos anteriores, que são:

- 1ª fase – compreende o período de 1826 a 1920;
- 2ª fase – compreende o período de 1921 a 1952;
- 3ª fase – compreende o período de 1953 a 1996
- 4ª fase – compreende o período de 1996 aos dias atuais

Na primeira fase a característica predominante da produção de obras obedece ao aspecto lexicográfico. A segunda fase, caracteriza-se pela produção de obras de cunho monográfico e da produção de obras gerais contextualizando o português brasileiro. A terceira fase, traz o surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas tanto regionais como estaduais. E a quarta fase foca em trabalhos dialetais desenvolvidos desde o início do Projeto AliB.

Na história da Dialetologia Brasileira, Antenor Nascentes (1953), um dos eminentes dialetólogos brasileiro, percebeu que os falares do Brasil se diferenciavam de acordo com cada região. Logo, os dividiu em dois grupos, o do Norte e o do Sul, cada qual com seus subfalares.

O falar do Norte compreende dois subfalares: o amazônico e o nordestino. O falar do Sul compreende quatro subfalares: o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista. Nascentes (1953) se baseou nas observações durante suas viagens desde o Oiapoque ao Chuí (de norte a sul), de Recife a Cuiabá (leste a oeste). Numa divisão diatópica, levando em conta determinadas variáveis em sua pesquisa como, por exemplo, verificar as médias pretônicas /a/ e /e/ do Norte e as do Sul.

Em 1928, ocorreu na cidade de Haia o Congresso Internacional de Linguística que consensualmente, perceberam a necessidade de se estudar o desenvolvimento de estudos dialetológicos no Brasil.

Em 20 de março de 1952, por meio do Decreto nº 30.643, marca-se o início da terceira fase dos estudos dialetais e também marca a primeira manifestação a favor de um atlas linguístico no Brasil.

Em 1957, iniciou o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*<sup>7</sup>. A ideia ganha mais impulso no II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, quando Silva Neto e Cunha propunham a urgência de estudos pelo método geolinguístico, pois o Brasil é um país vasto e as variações linguísticas deveriam ser acompanhadas detalhadamente.

O ano de 1963, por sua vez, marca o primeiro momento da produção de atlas linguísticos estaduais e regionais, a fim de enveredar para estudos mais criteriosos e sugerir caminhos para o Atlas Linguístico. Encontram-se, neste período, atlas linguísticos que podem ser divididos em três categorias: publicados (oito atlas), não publicados (um atlas) e interrompidos (dois atlas). Um traço marcante desse primeiro momento é a divergência quanto à metodologia empregada em cada trabalho (ROMANO, 2013).

Neste mesmo ano, publica-se o primeiro atlas linguístico brasileiro, o **Atlas prévio dos falares Baianos (APFB)**, coordenado por Nelson Rossi, Dinah Callou e Carlota Ferreira e colaboradores. Esse atlas obteve financiamento total da UFBA. O objetivo desse atlas é o mapeamento do falar baiano da década de 1960. Segundo Rossi (1965), “a história do APFB a rigor remonta a 1955- ano de nossa chegada à Bahia, já com a pretensão e esperança de fazer Dialectologia”.

Contemplando 16 zonas fisiográfica da Bahia numa rede de 50 pontos linguísticos. O Extrato de Questionário do APFB constou de 182 questões de caráter semântico-lexical que resultaram em 154 cartas linguísticas com transcrição fonética, outras poucas com sinais convencionais e mais 44 cartas-resumo, além de 11 cartas introdutórias. (...) foram inquiridos seis informantes e, nos pontos mais afastados, apenas um indivíduo (6 pontos). A transcrição dos dados foi realizada in loco devido à carência de recursos de gravação da época. Também como procedimento metodológico foi utilizado o teste de identificação quando necessário (ROMANO, 2013, p. 208).

O segundo atlas desenvolvido, após quatorze anos do **APFB**, foi no ano de 1977, coordenado por José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari<sup>8</sup>, José Passini e Antônio Pereira Gaio, desenvolveram o primeiro esboço de uma série de quatro volumes, do *Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)*. O volume II trazia estudos dos campos semânticos não inseridos no volume anterior (a água, o homem, as aves, os animais, a religião) e todo universo linguístico e mítico dos pescadores locais usando como exemplo o pescador do Rio São Francisco e a sua maneira genuína de tratar de uma doença dermatológica comum da região, localizada na perna, uma doença dolorosa e quente chamada erisipela, além dos seus respectivos mundos como: suas

<sup>7</sup> ALiB. Disponível em: <http://i49.tinypic.com/fmtksz.png>. Acessado em: 11 abril 2016

<sup>8</sup> In memoriam, falecimento em 2010. É possível que depois do falecimento de Zágari, não se tenham mais publicações do EALMG.

crenças, costumes, benzeções. “O inquérito do EALMG foi constituído por correspondência, em 184 localidades, por meio de questionários específicos e utilizada a conversação semi-dirigida” (ZÁGARI, 2005, p.47).

No volume III, apresentaria a forma de estudar os vestígios da língua do grupo Bantu, chamada de Quimbundo que, nas cidades de Serro e Diamantina, ainda possui poucos remanescentes, reduzidos num grupo de vinte pessoas, praticantes das identidade e expressões dessa língua considerada incipiente. Já, no último volume (IV), não se tem previsão para sua publicação.

E considerando alguns percalços referentes aos estudos dos falares regionais no Brasil, em especial no Nordeste, em se tratando do ensino da língua culta do português e o seu conseqüente reflexo negativo nessas regiões no ano de 1984, surge o *Atlas linguístico da Paraíba (ALPB)*, fazendo parte de um projeto de pesquisa mais abrangente, que compreende uma análise da língua falada e escrita, analisando por meio das crônicas, literatura de cordel, análise de jornais, contos populares e romances regionais nordestinos.

Esse atlas está constituído em três volumes, já foram publicados dois volumes, o terceiro já está andamento, sob a responsabilidade de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes. No primeiro volume está composto por 149 cartas lexicais e fonéticas, o segundo apresenta a análise de fenômenos fonéticos e morfossintáticos, além de um glossário. Já o terceiro volume está aguardando condições financeiras para sua elaboração (ROMANO,2013)

Fazem parte do *ALPB* vinte e cinco pontos de inquérito e mais três considerados municípios satélites, abrangendo todos os 100 municípios. O perfil do informante obedecia a certos critérios como: A idade entre 30 e 75 anos, nível de instrução variante entre analfabeto e primário completo, boas condições de fonação. O questionário foi realizado em duas partes: a primeira composta por 289 perguntas abordando todos os campos semânticos e a segunda parte mais específica composta por 588 questões, estudando os campos de cinco produtos agrícolas paraibanos como: mandioca, algodão, algave, cana-de-açúcar e abacaxi.

O menor estado brasileiro, Sergipe, conta com dois Atlas que abrangem todo o seu território: trata-se do *Atlas linguístico de Sergipe (ALS)* realizado em 1987 e o *Atlas linguístico de Sergipe (ALS II)*, iniciado em 2002. O primeiro volume do *Atlas linguístico de Sergipe (ALS I)* teve como coordenador o professor Nelson Rossi. O *ALS* foi a continuação do *APFB* é composto por 700 questões, das quais 182 cartas, 171 cartas linguísticas retiradas do questionário do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* e 505 selecionadas dos questionários preliminares. Compreende as áreas semânticas: terra, que começa na pergunta 1

até a 62; vegetais, iniciando na pergunta 63 até a 143; homem, envolvendo a pergunta 144 até a 381, e animais, que começa na pergunta 382 e termina na de 674 (CARDOSO, 2005, p. 112).

Apresentou uma metodologia inovadora em relação ao *APFB*, com entrevistas gravadas, exposição, a variável de gênero. Por causa disso que o *ALS I* é considerado o primeiro atlas bidimensional do Brasil, envolvendo variáveis sociais. O segundo volume, *ALS II*, foi a base do resultado de pesquisa de doutorado de Suzana Alice Marcelino Cardoso, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2005.

O *ALS II* envolveu quinze localidades e é constituído de 108 cartas, das quais são três introdutórias e 105 questões abrangendo os campos semântico-lexicais. E ele enfatiza mais a exploração do campo semântico homem e a dimensão diagenérica. Compõe-se ainda de trechos de inquéritos gravados em CD.

Já o *Atlas Linguístico do Paraná* é o quinto publicado, seguindo uma ordem cronológica de publicações e de critérios científicos rigorosos, metodologia e apresentação de cartas. Foi o resultado da pesquisa de doutoramento de Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina em 1990. Para a concretização do projeto do *ALPR*, Aguilera (2005) baseou-se no questionário do *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo*. O primeiro objetivo definido pela autora foi o registro cartográfico da variação lexical no dialeto rural paranaense, por meio da distribuição diatópica dos registros, das cartas, as variantes lexicais se baseiam em: idade, local de nascimento, sexo e grau de escolaridade. Foram selecionados 65 entrevistados respeitando todos critérios da Dialetologia tradicional, incluindo ser ou ter sido agricultor e homens, não ter entrado para o serviço militar. Em 1996, foi publicado pela editora UEL o segundo volume da apresentação e é composto por um esboço da história da colonização paranaense.

**O ALPR II-** Em 2007, como tese de doutoramento em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina da doutoranda Fabiane Cristina Altino, apresentou o Atlas Linguístico do Paraná II. Na sua tese, Altino (2009) cartografou os dados coletados ainda inéditos do ALPR (1994). Esse atlas ainda não foi publicado. Segundo Altino (2009, p. 59): “A tarefa de seleção dos conteúdos e a adequação textual pertinentes à editoração estão se iniciando e, em breve o Paraná, assim como Sergipe, terá dois atlas linguísticos publicados”. Nesse atlas foram estudadas as variantes lexical, fonética e dialectométrica.

O método dialectométrico empregado foi o aspecto inovador e pioneiro desse atlas, o que gerou as cartas 367 e 368, indicando respectivamente, os valores do Índice Relativo de Distância (IRD) e do Índice Relativo de Identidade (IRI) entre os falares paranaenses no que se refere ao léxico. (ROMANO, 2013, p.13)

Portanto, esse atlas ainda não foi publicado. O ano de 1980 marca o início do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*, no comando do Grupo Interdepartamental para o Estudo da Variação Linguística do Rio Grande do Sul, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRS. Em 1987, formou-se a equipe interinstitucional que comandaria a implementação do projeto sob a coordenação de Walter Koch, Mário Silfredo Klassman e Cléo Vilson Altenhofen. Somente em 2002 esse atlas foi publicado.

Dividido em dois volumes, o *ALERS* compõe-se da seguinte forma: no primeiro volume, por Cartas fonéticas e morfossintáticas e no segundo por cartas semântico-lexicais. É o único Atlas que envolve toda uma região com vários pontos de inquérito. A seleção dos pontos da zona rural baseou-se nas de Antenor Nascentes e também de acordo com a relevância histórica de cada município, resultando na escolha de 100 pontos do Paraná, 95 do Rio Grande do Sul e 80 em Santa Catarina. Os dezenove pontos urbanos foram distribuídos em três estados com seis pontos no Paraná, seis em Santa Catarina e sete no Rio Grande do Sul, buscando entrevistas com informantes luso-brasileiros e de três níveis de escolaridade: alfabetizados ou não, nível fundamentais e médio completo.

Com base na investigação da diversidade heterogênea da língua, valorizando suas especificidades num espaço sociogeográfico, através de critérios bem definidos, que cultura e sua identidade é o objetivo do *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)*, no ano de 2008. Teve como organizador Dercir Pedro de Oliveira. O *ALMS* conta com trinta e três pontos, a fim de estudar as formas de como se encontra a língua, suas variedades e suas mudanças. “A identidade sul-mato-grossense expressa-se por meio da heterogeneidade étnica que marca seu processo de formação, como a cultura indígena, o regionalismo e o bilinguismo da região de fronteira” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2003, p. 52-53).

Foram pesquisadas trinta e três localidades, obedeceu aos critérios de quatro informantes de ambos os sexos, com escolaridade máxima até a 4ª série do primário. Para a confecção desse atlas foram realizadas 207 cartas linguísticas, das quais 47 são cartas fonéticas, 153 são cartas semântico-lexicais e sete são cartas morfossintáticas. Os inquéritos são gravados em fitas cassetes e copiados em CD, para o armazenamento dos dados.

No ano de 2010, coordenado por José Rogério Fontenele Bessa, é publicado o *Atlas Linguístico o Estado do Ceará (ALECE)*, composto por três volumes. O primeiro volume do *ALECE* dividi-se em introdução, antecedentes históricos, orientação teórica, bibliografia dialetal cearense e metodologia da pesquisa. Já o segundo volume contém as 132 cartas fonéticas e 108 léxicas, bibliografia geral e as fontes lexicográficas pesquisadas. E no terceiro

volume será apresentado um glossário, contendo 908 itens. A rede de pontos do *ALECE* foi composta por setenta localidades, em que foram entrevistados quatro informantes com o seguinte perfil: analfabetos ou alfabetizados, ambos os gêneros com idade entre 30 e 60 anos.

No ano de 1980 foi iniciado o *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP)* coordenado por Pedro Caruso (in memoriam). Esse atlas encontra-se interrompido. “Por questões diversas, relacionadas, sobretudo, a vicissitudes ligadas à equipe” (ISQUERDO, 2007, p. 82-83). Abrangeu 100 localidades e foram entrevistados 200 informantes, compõe-se de 317 questões divididas em duas áreas semânticas: homem, com 149 e Terra, com 161. Incluindo ao final do questionário seis questões sobre lendas e superstições e uma de relato pessoal. Obedeceu aos critérios de informantes com faixa etária mais de 21 anos, nível de instrução (analfabeto ou com escolaridade até a 4ª. série do fundamental), ambos os gêneros. No questionário do *ALESP*, publicado em 1983, se organiza nos campos semânticos: terra e homem. Com 310 questões, foi aplicado de forma direta in loco e por correspondência. Esse Atlas ainda não foi concluído (AZEVEDO, 2013).

O *Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT)* é coordenado por Dercir Oliveira. O projeto abrange vinte e dois pontos, onde foram entrevistados 92 informantes obedecendo aos critérios de faixa etária com: 18 a 30, 50 a 65 anos, nível de instrução alfabetizado até a 4ª. série e nível superior de ambos os gêneros (AZEVEDO, 2013).

O *Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)*, foi iniciado em 2000, mas ganhou impulso em 2002, apresentando vocábulos e expressões referentes à cachaça e à chuva, num primeiro momento, num segundo estudou-se os percursos históricos dos falares maranhenses através das análises fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais e prosódicos que caracterizam a fala do povo maranhense. Coordenado por Conceição de Maria de Araújo Ramos, esse projeto abrange dezenove pontos distribuídos por cinco mesorregiões do Estado do Maranhão, onde são aplicados os mesmos requisitos feitos pelo *ALiB* em 2001. Fazem parte desse projeto 76 informantes, que foram escolhidos por: sexo; masculino e feminino, duas faixas etárias: 18 e 30 e de 50 a 65 anos; nível de instrução: alfabetizados até a 4ª. série do ensino fundamental e também de nível superior. Além disso, foram inseridas 50 novas questões sobre os produtos agrícolas e manifestações artístico-culturais maranhense.

Em 1985, surgiu o Projeto do *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*, coordenado, na época, por Celso Cunha e atualmente coordenado por Sílvia Figueiredo Brandão. Tem como objetivo fixar a linguagem e a cultura do pescador fluminense. Uma vez que a pesca é o ponto principal da pesquisa, já que é a maior atividade econômica do Estado. Os informantes foram selecionados de acordo com a faixa etária (18 a 35, 36 a 55 e 56 a 70

anos), com o nível de instrução analfabetos ou semianalfabetos e somente o gênero masculino participaram da pesquisa. E o questionário do *APERJ* compõe-se 422 questões sobre os campos semânticos meio físico, atividade e o homem (AZEVEDO, 2013).

O *Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC)* encontra-se interrompido. Não se tem muitas informações sobre o motivo deste projeto até hoje não ter sido concluído. Foi coordenado por Luísa Galvão Lessa, da Universidade Federal do Acre. Teve seu início em 1988, sob orientação de professor da UFRJ, Celso Cunha.

Existem informações de que a professora Maria do Socorro Aragão, da Universidade Federal Paraiba, por ocasião da 59ª Reunião do SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), realizada em Belém, em julho de 2007, apresentou uma nova proposta para a concretização do Atlas Linguístico do Acre (ALiAC), formando uma equipe que elaborará uma nova coleta de dados por regiões, sob metodologia única nos moldes do projeto ALiB (ROMANO, 2013, p. 218).

Esse projeto tinha como objeto de estudo principal as unidades lexicais. O *ALAC* tem uma rede de dezoito pontos divididos por três áreas: Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus. Com 32 inquéritos, na forma documentador e informante e totaliza 188 cartas. Os informantes subdividem-se em três faixas etárias (16-25 anos, 26-35 e 36-80 anos), eleitas para aplicação dos questionários Fonético/Fonológico e Semântico/Lexical de caráter geral e específico.

O *Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES)* é coordenado por Catarina Vaz Rodrigues. Foi dividido em três fases. Na primeira fase, foram as seleções do ponto de inquérito e elaboração dos questionários. Na segunda fase, pretende-se transcrever e efetuar os inquéritos e a terceira fase foca na análise e transcrição dos dados.

O *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALIRN)*, coordenado por Maria das Neves Pereira, encontra-se na fase de elaboração e segue a mesma metodologia do *Atlas Linguístico do Brasil*, com pequenas alterações, como o número de localidades, informantes e questionários sobre culturas agrícolas e manifestações culturais do Estado. Abrangerá dez localidades e os informantes foram selecionados segundo o parâmetro da *ALiB*, faixa etária 18 a 30, 45 a 60 anos, nível de instrução alfabetizados até a 4ª. série do fundamental e nível superior e de ambos os gêneros, ao todo serão 44 informantes. O questionário também será o mesmo do *ALiB*: Semântico-lexical, fonético e fonológico e morfossintático.

#### 1.4.1 Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

O interesse pela confecção do *ALiB* surgiu em 1952, estabelecido por meio do Decreto 30.643, de 20 de março, a cargo da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Porém, na década de 60, os estudos geolinguísticos alcançaram inúmeros avanços, principalmente, a partir de 1996.

Nessa perspectiva, o Atlas Linguístico do Brasil (*ALiB*), projeto em andamento, nacional e interinstitucional, agrega preceitos da Sociolinguística Variacionista à sua proposta de descrever a língua portuguesa falada no Brasil a partir de uma visão diatópica. Dessa forma, em se tratando de um atlas dessa envergadura, isto é, que se propõe mapear a diversidade do português falado em um país cujo território abrange mais de 8.500.000 km<sup>2</sup>. O *ALiB* não poderia ser um projeto nem individual nem de curta duração. Na realidade, acredita-se que o material já coletado e aquele que está para ser coletado servirão de objeto de estudo para várias gerações de pesquisadores. (AGUILERA; ALTINO, 2012, p. 872).

O Atlas Linguístico do Brasil, *AliB*, é um projeto de grande amplitude nacional, abrangendo em sua maioria os estados brasileiros, e suas respectivas capitais, exceto Brasília e Palmas, devido a data de suas criações, essas duas cidades não se enquadram na faixa etária exigida para a metodologia do *AliB*.

Esse projeto interinstitucional está sendo norteado por um Comitê Nacional, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, englobando pesquisadores de 15 universidades públicas brasileiras e tem como objetivo:

Realizar um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. Desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, durante todo o desenvolvimento dos estudos linguísticos e filológicos, ganha corpo nesse final/começo de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras. Constituiu-se em uma rede de pontos de 250 localidades dos 26 Estados e 25 das capitais deles. Adota os métodos contemporâneos para as diretrizes de estudos dialetológicos e geolinguístico, inserindo a pluridimensionalidade e possibilitando análises que vão além da diatópica<sup>9</sup>.

Surgiu devido a necessidade de se descrever a língua portuguesa brasileira em seus amplos aspectos para verificar as diferenças léxico-semânticas, investigar os aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e prosódicos no português brasileiro, na tentativa de delimitar os contornos, ainda que tênues, dos dialetos ou falares nas diferentes áreas do Brasil. (AGUILERA; ALTINO, 2012)

Em 1997, aconteceu a primeira reunião do Comitê Nacional para pôr em prática as diretrizes do projeto e as próximas etapas a serem definidas. Esse projeto ainda está em curso.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>. Acesso em: 16 abril 2017.

Porém, algumas influências externas, dificultam a realização do AliB, como por exemplo, as barreiras impostas pela dimensão territorial, a incipiência em pesquisas desta natureza e a falta de financiamento para pesquisas dialetológicas inviabilizam a realização do projeto. Por isso, os pesquisadores resolveram dividi-lo em atlas regionais e posteriormente, os transformar no AliB.

É um Atlas que adotou como método moderno a Geolinguística pluridimensional, que possibilita a análise em várias dimensões tanto no eixo horizontal, quanto no eixo vertical, e fornece, ainda, estudos interpretativos sobre alguns dos aspectos cartografados. A coleta de dados desse projeto está em fase final de execução com 227 localidades concluídas (90,8%), 1008 informantes entrevistados (91,6%) e 18 Estados concluídos (72%) (AZEVEDO, 2013, p. 71).

No período entre 2001 a 2013, para a escolha dos informantes, a equipe do Projeto aplicou questionários a duas faixas etárias (18-30 e 50-65 anos), de ambos os sexos, em todo o território nacional (interior e capital). Em cada localidade do interior entrevistaram-se quatro informantes de nível fundamental e nas capitais somam-se a estes quatro informantes de nível superior (ROMANO, 2013).

Atualmente, o AliB encontra-se concluído na fase de coleta de dados dos 250 pontos linguísticos selecionados pelo projeto, e entra em uma nova fase da sua elaboração, a transcrição e revisão, para posteriormente armazenar os dados. As transcrições fonéticas e grafemática de dados precisaram ser analisadas minuciosamente, nessa etapa precisou-se de profissionais capacitados para uma que houvesse mais eficácia nos resultados dos questionários obtidos para esse projeto.

A publicação dos questionários do projeto é de suma importância para a Dialetologia nacional. Dos encontros promovidos pelo Comitê Nacional surgiram contribuições para o aperfeiçoamento dos questionários utilizados no trabalho de campo por meio dos três instrumentos de coleta de dados: o Questionário Fonético Fonológico (QFF), composto de 159 questões; o Questionário Semântico-Lexical (QLS), com 202 questões, e o Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas. Duas versões preliminares (publicadas em 1998 e 2000) foram testadas em diversos inquéritos experimentais e analisadas nos encontros nacionais, chegando à versão definitiva publicada em 2001 (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001).

Para a terceira fase, foram estabelecidas as metas para o término das transcrições e os dados. Já na quarta fase, foi a editoração dos dados. No que se refere à coleta de dados, o atual balanço do ALiB, são 25 capitais e 108 localidades, abrangendo um total de 632 inquéritos dos 1100 ainda previstos.

Porém, uma consulta à literatura da área revela que o último levantamento detalhado sobre a Geolinguística data o ano de 2006 e se refere ao trabalho de Aguilera, no qual a autora



do Rio de Janeiro, que até o momento tem apenas seu atlas fonético (ALMEIDA, 2008). Assim, aos 10 estados representados pela cor azul somam-se mais dois atlas estaduais: **ALS II** e o **ALPR II**. Portanto, a Geolinguística brasileira conta, hoje, com 13 atlas estaduais concluídos (**APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, ALiSPA, ALS II, ALAM, ALMS, ALPR II, Micro-AFERJ, ALCE** e o Atlas Semântico-Lexical do estado de Goiás) quatro destes, até o presente momento, não publicados, o **ALAM**, o **ALPR II**, o **Micro-AFERJ**, o Atlas Semântico-lexical do estado de Goiás. Tem-se ainda um atlas regional concluído, o **ALERS**, e sete atlas estaduais em andamento (**ALES, ALiMAT, ALiRO, ALiPA, ALiMA, ALiRN, ALAP**). Somam-se ao panorama da Geolinguística brasileira quatro atlas estaduais projetados (**ALiSon-Rio, ALiPE, ALiPI** e **ALiAC**) e dois atlas interrompidos (**ALESP** e **ALAC**). (ROMANO, 2013, p. 230).

Portanto, são treze os trabalhos concluídos em níveis estaduais, sete atlas em andamento, sendo que quatro destes atlas em andamento, ainda não foram publicados e um atlas regional já concluído.

Altino (2007) propõe uma classificação de oito atlas linguísticos brasileiros em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais. Na subseção seguinte, verificaremos o conceito deles.

Atualmente, é grande o avanço dos estudos geolinguísticos que visam à elaboração de atlas linguísticos pluridimensionais, o que posteriormente a Geolinguística era apenas monodimensional, pois estudava apenas a diatopia. Foi apresentado nesta pesquisa os trabalhos denominados como atlas linguísticos, por apresentarem conjuntos de cartas linguísticas e revelarem os aspectos linguísticos na fala. No entanto, são inúmeros os trabalhos de cunho geolinguístico no Brasil, que, nesta oportunidade, não será possível enumerar, porém foi feito um breve comentário sob cada um dos atlas linguísticos realizados no Brasil.

#### **1.4.1.2 Atlas Linguísticos**

Em consonância com Nascentes (1953), os atlas linguísticos servem para distribuir as palavras no espaço geográfico, pois são o ponto de partida para o registro das particularidades linguísticas de qualquer comunidade de fala, destacando, principalmente, o seu ponto histórico e o material colhido se transformam em cartas. Estas se dividem topograficamente.

Brandão (1991) define Atlas linguístico como “o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico”.

Os atlas linguísticos marcaram, consideravelmente, os estudos lexicológicos a partir de dois pontos de partida:

1-Tomada uma coisa, um objeto, indagam-lhe os nomes em toda uma região geográfica, as origens, a história, as variações, os limites, as causas de variabilidade, os choques, etc.

2-Tomada uma palavra, investigam-se todas as suas formas e acepções numa zona previamente escolhida (SILVA NETO, 1955.p. 33).

Para o autor supracitado, por meio dos atlas podem-se obter respostas para muitas indagações que a língua perpassa ao longo do tempo. Em um determinado momento, algumas questões surgiram: como surgem e surgiram novas designações? Quando a puseram na língua? Por que as mudanças? Essas perguntas só são possíveis de serem respondidas por meio dos atlas, pois o esclarecimento parte deles. Fora isso as respostas ficam ilegítimas, lacunosas.

Ademais, Nascentes (1953) aponta que os atlas linguísticos seguem processos metodológicos específicos a fim de descrever e conhecer as especificidades de cada região e também a realidade linguística de uma localidade, para então desenvolver a pesquisa *in loco*. Atualmente, se inclui variáveis como: idade, sexo, nível de instrução, fator socioeconômico.

Ainda conforme o autor com o intuito de conhecer as peculiaridades dialetais, aliando-as aos fatores socioculturais que se encontram no espaço geográfico de cada região, todos os processos são compostos por etapas.

Na primeira etapa, centra-se para um levantamento preliminar dos dados. Logo após, é feito um estudo de inquérito e dos interlocutores e, depois de escolhida a área, é elaborado o questionário. Em seguida, trata-se da etapa que se escolhem os informantes, e os critérios que norteiam essa escolha são essenciais, como: a escolha por nativos da localidade (pais e cônjuge); não apresentar problemas de dentição e fonação; a faixa etária, o gênero, o nível de escolaridade e a situação socioeconômica.

Comumente, os questionários se dividem por campos semânticos (corpo humano, alimentação, vestuário, flora, fauna, dentre outros).

O outro momento relevante para outra etapa da pesquisa, é a escolha do número de pontos de inquérito, para a escolha dos pontos de inquérito *in loco*, o pesquisador depara-se com uma série de acontecimentos como: a receptividade das comunidades que se pretendem estudar; postura a ser assumida durante a entrevista; não induzir o informante à resposta que fuja do propósito da pesquisa. Assim, o pesquisador poderá ter uma dimensão real das dificuldades materiais que enfrentará no decorrer do trabalho. E também pode ser mudado o número de pontos, conforme as análises de dados do pesquisador.

Quanto a parte do arquivamento e transcrição dos dados, a gravação em áudio, possibilita a investigação eficaz para os dados e é realizada por meio de gravadores, celulares de última geração que contenham aplicativos de gravações em áudio. Opta-se pela transcrição

grafemática, pois as respostas que norteiam as cartas fonéticas, separam-se por localidades, e são transcritas pelo pesquisador através de fichamentos. Nessas cartas todas as variantes são registradas, numeradas. O arquivamento do material recolhido poderá ser utilizado por outros estudiosos de outras áreas, além de facilitar a compreensão do pesquisador.

#### 1.4.2 Conceituando os cartogramas e mapas

A Geografia se liga aos aspectos voltados para a localização e organização espacial. Sua busca está inteiramente ligada aos padrões de distribuição de elementos exógenos e todos os processos que dão origem para a distribuição desses elementos tais como: humano ou físico. Nessa reflexão, pensar geograficamente significa, pois, pesquisar tudo que abrange qualquer fenômeno existente no espaço.

Cristianini (2007) utilizou o termo *cartograma* em sua tese de doutorado, explicando as definições usadas para cada terminologia, devido serem muito utilizadas, tanto mapa quanto *carta*, após pesquisas em dicionários e especialistas da área, chega-se à conclusão de que o termo não remete as divisas geográficas (espaciais), e sim ao conteúdo exposto no interior do mapa.

Essas definições variam de acordo como os termos e conceitos que retratam um certo período. Como poderá ser observado, um cartograma é um conjunto de operações e observações diretas da ocorrência de vários fenômenos e os prepara em forma de dados. Como afirma Sanchez (1973), “o cartograma é um tipo de representação que se preocupa mais com informações que serão objetos da distribuição espacial no interior do mapa, que com os limites exatos e precisos ou com coordenadas geográficas. Verifica-se, então, que o termo cartograma remete ao conteúdo, ou seja, às informações que vão ser colocadas no interior do mapa.”

Em outra definição dada para cartograma “é a arte de levantamento, construção e edição de mapas e cartas de qualquer natureza (Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

Toma-se como exemplo o *Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC*. Nele, foram trabalhados 202 cartogramas lexicais correspondentes a cada uma das perguntas feitas no *QSL* (Questionário Semântico Lexical). Além desse, mais 4 cartogramas foram feitos para localizar a cidade, os seus municípios e os respectivos pontos. Foram escolhidos numerais cardinais para numerar os cartogramas do Atlas citado abaixo, apresentando o número de maiores lexias feitas nas entrevistas. No caso das objeções, sempre são apresentadas ao final, e para representá-las optaram pelo símbolo nulo. Conforme a figura abaixo:

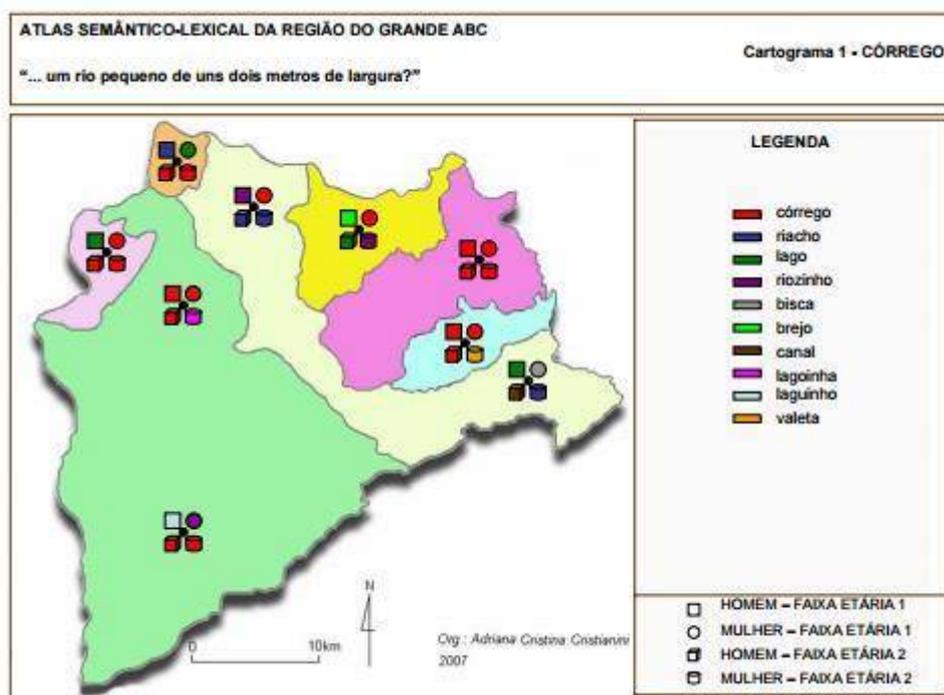


Figura 3: Exemplo de Cartograma baseado no QSL  
Fonte: (Cristianini 2007, p.363)<sup>13</sup>

No exemplo acima citado, retirado do mapa semântico-lexical da Região do Grande ABC, a seguinte pergunta: “...um rio pequeno de dois metros de largura? A resposta constituída em forma cartográfica, aponta que a lexia *córrego* foi a mais utilizada nas regiões pesquisadas, seguindo de *riacho*, *lago* dentre outros. Cabe observar também, que as variáveis de gênero e faixa etária também utilizam na sua grande parte o uso da lexia *córrego*.

Apesar do termo mapa ser muito utilizado em vários trabalhos dialetológicos, a maioria dos estudiosos preferem conceituar o termo carta, já alguns preferem utilizar o termo cartograma (Cristianini,2007). Ainda nessa linha de pensamento, pelo fato dos mapas serem um meio de armazenar e de catalogar um grande número de informações quantitativas e qualitativas a respeito de todas as variações linguísticas.

Joly (1990, p.7) conceitua mapa como “uma representação geométrica plana, simplificada e convencional, do todo ou de parte da superfície terrestre, numa relação de similitude conveniente denominada escala”. Além de permitem ter uma visão mais abrangente de todos os fenômenos humanos e geográficos, numa visão mais detalhada dentro dos contextos regionais.

Os elementos feitos no mapa podem ser desenvolvidos por meio de programas de computador, softwares próprios ou de forma artesanal. Além desses elementos já citados,

<sup>13</sup> Disponível em: [file:///TESE\\_ADRIANA\\_CRISTINA\\_CRISTIANINI.pdf](file:///TESE_ADRIANA_CRISTINA_CRISTIANINI.pdf). Acessado em 02 julho 2016

também se compõe de: uma legenda, números, títulos, símbolos, as informações adicionais, autoria, data e também das cores que tem extrema importância na confecção dos cartogramas linguísticos. Coseriu (1954) definiu alguns tipos de mapas, dentre eles citam-se:

- Mapas fonéticos, nos quais se registram as variantes de fonéticas comprovadas em diferentes pontos;
- Mapas lexicais, em que são registradas as palavras empregadas para expressar o mesmo conceito, independente das variações fonéticas, ou seja, da pronúncia particular comprovada em cada ponto;
- Mapas propriamente linguísticos, em que se registram na sua integridade fônica e morfológica as expressões comprovadas concretamente em cada ponto abordado;
- Mapas sintéticos, que implicam maior elaboração, pois estabelecem os limites das áreas correspondentes às variações comprovadas em todos e em cada um dos pontos abordados;
- Mapas pontuais, que não estabelecem tais limites, mas registram fielmente as variações comprovadas em todos e em cada um dos pontos abordados.
- Mapas análogos, um tipo especial de cartogramas.

Cruz (2004) apresenta em sua tese, cartas fonéticas pontuais-também conhecidas por analíticas, conforme o Mapa 03 do vocábulo *beiju-cica* nas cartas semântico-lexicais mistas, e as marca com um símbolo próprio, cada variante do vocábulo, abaixo citado:

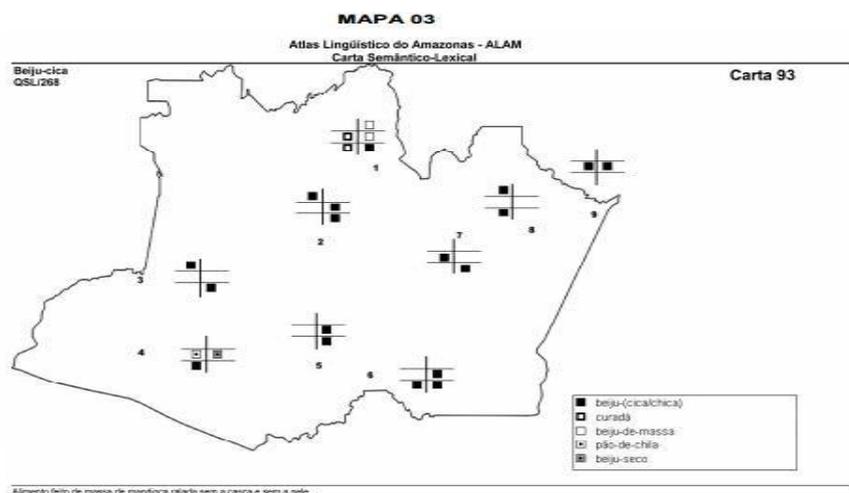


Figura 4: Carta Semântico-Lexical do Atlas Lingüístico do Amazonas  
Fonte: (CRUZ, 2004, p.14).<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Disponível em: [http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07\\_6.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07_6.pdf). Acessado em 02 de julho 2016.

Percebe-se nesse exemplo dado, que a variação lexical nessa carta ocorreu de forma fiel comprovadas em todos e em cada um dos pontos pesquisados. Na próxima subseção dividirei os atlas em monodimensional, tridimensional e pluridimensional.

### 1.4.3 A Dialetoologia Monodimensional ou Tradicional

Thun (1998 *apud* ALTINO, 2007, p. 31) “propõe uma classificação dos atlas linguísticos em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais. Os atlas monodimensionais estão focados na dimensão espacial, por isso permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica”. Eles consistem, portanto, em estudar as particularidades de uma língua de uma determinada área, em seu espaço geográfico. O espaço geográfico, por sua vez, “evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área” (CARDOSO, 2010, p. 15). Por esta razão, a importância desse tipo de atlas se assenta sobre o fato de analisarem, estudarem e trazerem em sua metodologia também os dados linguísticos mais antigos e não influenciados da língua na localidade, tendo como seu intuito primordial descrever os dialetos.

Com o advento da Geolinguística fica exequível a elaboração dos atlas dialetais, fato que fez destes a característica mais significativa para os registros linguísticos de uma localidade. “A dialetoologia tradicional estava ocupada da distribuição geográfica dos dialetos: uma das atividades mais clássicas era a proposição de isoglossas (linhas imaginárias) que delimitam dialetos ou falares próprios de uma determinada região” (RAZKY ; GUEDES, 2013, p.54).

O termo isoglossa foi utilizado inicialmente por Bielenstein, em 1892, e significa “língua (glossa) igual (iso)”. Significa um limite virtual de variantes linguísticas ajustando-se ao espaço geopolítico, servindo como um aporte das delimitações dialetais. Aliás, as isoglossas são as linhas que marcam as fronteiras de uma região para a outra, dessa forma essas regiões se diferenciam pelos seus aspectos linguísticos.

Ainda nessa reflexão sobre o conceito de isoglossas, Margotti (2004, p.83) informa que “a definição de isoglossas permite definir o dialeto como um *feixe de isoglossas*, ou seja, um conjunto de isoglossas que, somadas, formam uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”. Porém, como toda língua passa por

processos históricos e se constitui de dialetos, a homogeneidade faz com que não se tenham limites dialetais de um lugar para outro, uma vez que uma pessoa pode ser de um lugar (espaço geográfico) e migrar para outro lugar. Desse modo, o indivíduo precisará não somente conviver com outros tipos de dialetos, mas também aprender e compartilhar o seu modo de falar.

A figura abaixo refere-se à discussão da divisão dialetal do português brasileiro proposta por Nascentes, em 1953, mostrando os traços de isoglossas que dividem o país em dois grupos de falares: o do Norte e o do Sul. Neste último estão inseridos os falares Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista; enquanto naquele, os falares Amazônico e Nordestino (AGUILERA; ALTINO, 2012, p. 877).



Figura 1: Isoglossas no Brasil segundo Nascentes (1953, p.18)

Fonte: AZEVEDO, 2013, p.65<sup>15</sup>

Num mapa linguístico, além de demarcarem os limites dialetais, as isoglossas podem diagnosticar as diferenças, bem como suas possíveis semelhanças, as quais vão além das variações diatópicas:

Diferenças linguísticas de natureza sociocultural (isoglossas diastráticas) e de diferenças de estilo (isoglossas diafásicas). As isoglossas recebem ainda outra classificação quanto à natureza dos fatos linguísticos, podendo ser de caráter lexical (*isoléxica*) como as variantes lexicais empregadas na definição de “mandioca” entre a região norte e nordeste do Brasil, fônica (*isófono*) (MARGOTI, 2004, p. 84).

É possível encontrarmos, pois, diferenças dialetais entre os diferentes segmentos da sociedade, antes esquecidos na Dialectologia tradicional ou diatópica. Além da

<sup>15</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107115>. Acessado em: 17 de junho 2016.

representatividade de atitudes linguísticas, variantes fonéticas, variantes morfossintáticas, variantes semântico-lexicais em um mapa dialetal, existe também a possibilidade de traçarmos isoglossas para demarcar os limites das variantes linguísticas.

Para Altino (2007), “um Atlas linguístico fornece uma imagem multidimensional, ele mostra onde e como se dão as variações no espaço físico e social”. Daí o fato de um atlas ser considerado como monodimensional: porque possui o interesse de cartografar apenas na dimensão diatópica, uma vez que os indivíduos se estabelecem nos espaços geográficos, constituindo, dessa forma, vínculos linguísticos conforme suas práticas culturais.

A Dialectologia tradicional priorizava apenas um único tipo de informante, primordialmente: um homem adulto, com uma certa idade, de baixa escolaridade, residente principalmente da área rural, nascido e criado no lugar.

O pressuposto básico é que esse informante conhece melhor a cultura da comunidade e, conseqüentemente, pode ser o legítimo representante da variação do lugar. A baixa escolaridade é um critério que se justifica por conta de o informante ter menos capacidade de monitorar sua própria fala. Justamente por tomar o espaço areal como contexto para a investigação da fala, a dialectologia apresenta quadros multiformes da realidade linguística, em que a descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiros documentos do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas. À Geolinguística ou geografia linguística cabe a tarefa de ser um método utilizado pela dialectologia (CORREA, 2012, p. 3).

Mediante esses aspectos relativos à dimensão tradicional, a escolha para alguns tipos específicos de informantes, tais como uma certa preferência pelos núcleos com redes de pontos para área rural, localidades em que se encontra a mais antiga das formas de tratamento linguístico — pois possuem pouca escolaridade e são pouco viajados —, pode ser explicada pela possibilidade de eles poderem exprimir a forma lexical mais verdadeira, posto conhecerem melhor a cultura daquela localidade. Como exemplos de atlas monodimensionais podemos citar o APFB (Atlas Prévio dos Falares Baianos) e o EALMG (Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais), listados por Romano (2013, p. 217), pois “não apresentam na cartografia variáveis sociais, privilegiando a dimensão diatópica”.

#### **1.4.4 A Dialectologia Bidimensional**

Os atlas bidimensionais, além de adentrarem em estudos da dimensão geográfica, contemplam outras dimensões: a diagenérica ou diageracional.

Thun (1998) postula que “apenas dois dos cinco atlas linguísticos brasileiros até então publicados se configuravam como bidimensionais, com a inclusão da variação diagenérica – o Atlas Linguístico de Sergipe e o Atlas Linguístico do Paraná – os atlas que se iniciam a partir dessa época buscam a pluridimensionalidade”. Margotti (2004, p. 1), por exemplo, afirma que nos “mapas bidimensionais ocorre uma arealização dos dados e quantificação, utilizam a dimensão diatópica e a diastrática”. Nessa variação, entretanto, entram fatores como o gênero, tornando possível perceber as falas do sexo masculino e feminino.

Vejamos, a seguir, um exemplo de atlas bidimensional.

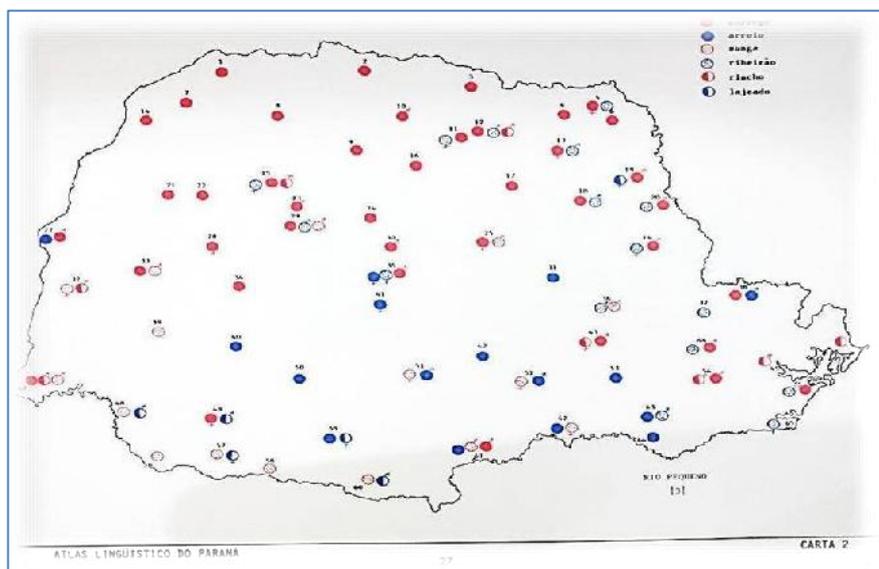


Figura 2. Exemplo de uma Carta Semântico-Lexical da dimensão bidimensional. Atlas Linguístico do Paraná (1994).

Fonte: Batista, Bryanna 2015, p. 24

Este atlas é considerado bidimensional, uma vez que apresentou, em suas cartas lexicais, as variações de gênero como fatores sociais de informantes.

#### 1.4.5 A Dialectologia Tridimensional

Já os atlas tridimensionais abrangem três dimensões de variáveis linguísticas, tal como Cristianini (2007) exemplifica, no mapa logo abaixo:

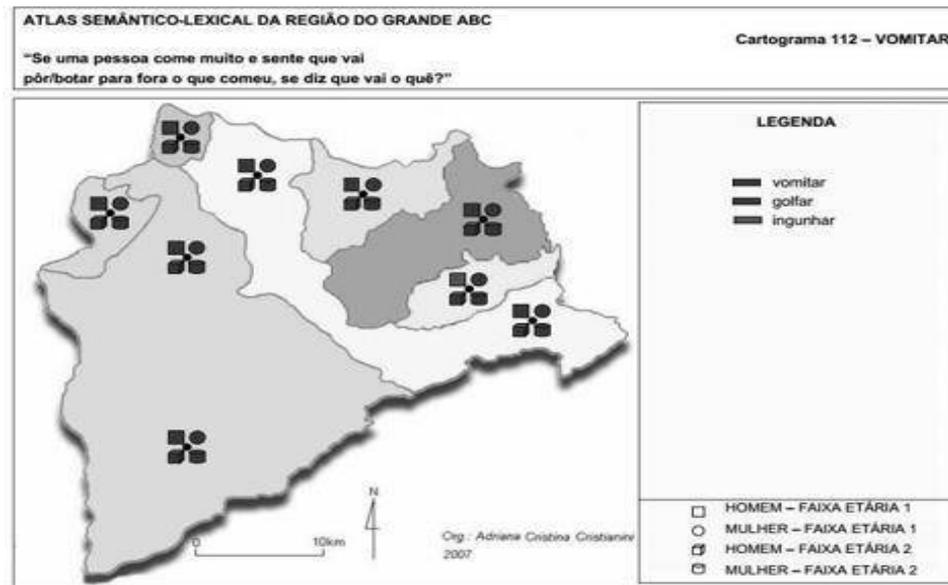


Figura 3: Exemplo de uma Carta Semântico-Lexical da dimensão Tridimensional. Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC (2007)

Fonte: (Batista, Bryanna 2015, p. 24)

Para a dimensão tridimensional tem-se como exemplo o Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, onde foram usadas duas variáveis linguísticas, além da diatópica: a diagenérica (gênero) e a diageracional (idade). Nessa carta lexical, Cristianini (2007), por exemplo, pergunta — por meio do Questionário semântico-lexical (QSL) — o que acontece quando uma pessoa põe para fora tudo o que comeu. Podemos perceber que foram encontradas três lexias para a pergunta em questão.

Em resumo, são considerados mapas tridimensionais aqueles que abordam três variáveis independentes, possibilitando, assim, a comparação sistemática dos dados nessas variações.

#### 1.4.6 A Dialetolegia Pluridimensional ou Multidimensional

Atualmente, a Dialetolegia se reveste de ramificações mais modernas, denominadas de pluridimensional ou multidimensional. Nas palavras de Thun (1998), citado por Razky (2013), “algumas pesquisas adotam a nomenclatura multidimensional para se referir à classificação pluridimensional”.

De acordo com essa concepção, os atlas linguísticos multidimensionais, “inspirados nos avançados estudos sociolinguísticos, mapeiam outras variáveis além da diatópica (geográfica), como diagenérica ou diassexual (sexo), diageracional (idade), diastrática (classe social), diafásica (escolaridade), somente para citar as mais comuns” (RAZKY; GUEDES, 2013, p. 54).

Nesse sentido, Margotti (2004) salienta que “a geografia pluridimensional contempla a variação linguística em diversas dimensões”, não se restringindo ao eixo horizontal (geográfico), tal como era prezada antigamente pelos estudos monodimensionais, os quais restringiam as análises ao recorte horizontal da variação diatópica.

Outro aspecto da Dialectologia Pluridimensional é que ela concebe não somente os estudos ligados aos estudos das variedades linguísticas, como também, busca novos métodos por meio dos levantamentos dos dados e de todos os processos que a língua vem passando ao longo do tempo.

Desse modo, o âmbito pluridimensional aceita que há variedades diatópicas, diastráticas e diafásicas, e que todos esses âmbitos podem bem concluir que os dialetos não se restringem apenas às variações regionais, havendo também dialetos sociais, tendências hoje da Geolinguística moderna. Nas palavras de Thun:

Nada põe em dúvida que a variação linguística se manifesta, por pelo menos, em três dimensões. Estas podem ser determinadas como Coseriu<sup>16</sup> define as variações em diatópicas, diastráticas e diafásicas. E outros subtipos de variações. Assim as variações se devem as diferentes gerações, diferença de sexo e podem agregar as três variações básicas com as variações diastráticas e diafásicas. Como se sabe, a importância dos tipos de variações pode trocar de acordo com cada país. Estamos convencidos de que atlas linguísticos tem a obrigação e também são capazes de dar uma imagem multidimensional e de interrelacionar os fenômenos (THUN, 1989, p.28, grifo do autor)<sup>17</sup>

Dessa forma, um mapa pluridimensional consiste em estudar as diferentes variações, seja a diatópica, a diagenérica, a diageracional e a diafásica. A título de exemplo, uso, no quadro abaixo, modalidade pluridimensional empregada na tese de Margotti (2004), nas seguintes dimensões e parâmetros:

---

<sup>16</sup> «<'Historische Sprache' und 'Dialekt'», ZDL, Beiheft NF 26, 1980, 106-122; "Los. Conceptos de 'dialecto', 'nivel' y 'estilo de lengua' y el sentido propio de la dialectologia” (LEA 3, 1981, 1-32.).

<sup>17</sup> Nadie pone en duda que la variation linguistica se manifiesta, por lo menos, en tres dimensiones. Estas se pueden determinar de acuerdo con E. Coseriu<sup>1</sup> como la variation diatopica, diastrática y diafásica, las que a su vez se subdividirian en subtipos variacionales. Asi, las variaciones que se deben a la sucesion de las generaciones a la diferencia de sexo se pueden agregar a las tres variaciones básicas o subordinarse a la variation diastrática o diafásica. Como se sabe, la importancia de los tipos de variation puede cambiar segun el pais. Por otra parte, los distintos tipos de variation están vinculados entre si y se presentan de esta manera al investigador. Estamos persuadidos de que el Atlas lingüístico tiene la obligation y es además capaz de dar una imagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenomenos variacionales (THUN, 1989, p. 28).

<b>Dimensões</b>	<b>Parâmetros</b>	
Diatópica	Nova Palma/RS, Caxias do Sul/RS, Sananduva/RS, Sarandi/RS, Orleans/SC, Rodeio/SC, Chapecó/SC, Videira/SC.	
Diatópica-cinética	Colônias Velhas	Caxias do Sul/RS e Nova Palma/RS Rodeio/SC e Orleans/SC
	Colônias Novas	Sananduva/RS e Sarandi/RS Chapecó/SC e Videira/SC
Diazonal	Falantes do meio rural (R)	
	Falantes do meio urbano (U)	
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)	
	Geração de 45 a 60 anos (GII)	
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)	
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)	
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)	
	Falantes do sexo feminino (F)	
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilingües (ITA)	
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)	
Diafásica	Conversa livre (C)	
	Questionário (Q)	
	Leitura (L)	
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas	

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros utilizados na pesquisa de Margotti (2004).  
Fonte: (MARGOTTI, 2004, p.02)

De acordo com o quadro acima, Margotti (2004) analisa, de forma macro e ao mesmo tempo micro, as diferenças dialetais entre as diferentes regiões, entre localidades antigas e novas, entre falantes do meio rural e do meio urbano, entre gerações mais novas e gerações mais antigas, entre falantes mais escolarizados e menos escolarizados, entre os gêneros, entre os descendentes de um grupo étnico e outro, bem como entre os diferentes métodos de coleta de dados.

A Dialetoлогия Pluridimensional se utiliza de algumas técnicas e métodos na coleta dos dados, tais como o método da sugestão e a pluralidade de informantes. No método da sugestão, o objetivo é apurar não somente as primeiras respostas de cada informante, mas também aquelas que o inquiridor sugere para o informante, no afã de detectar as variantes que são genuínas daquela comunidade. Este é o foco do inquiridor/pesquisador. Já com relação à pluralidade de informantes, o objetivo é aumentar a representatividade dos dados, objetivando mais detalhes nas respostas do informante:

Para os trabalhos de Atlas pluridimensionais cita-se o atlas Linguístico Sonoro – ALISPA<sup>18</sup>. O primeiro atlas brasileiro com cunho pluridimensional, uma vez que estes “combinam a dialetoлогия areal com a sociolinguística e a pragmática para converter o estudo tradicional do estudo da superfície bidimensional em um estudo tridimensional da variação linguística”. E também o Atlas Linguístico do Amazonas-

<sup>18</sup> (RASKY,2004).

ALAM<sup>19</sup>, por utilizar as variantes diatópicas, diagenérica, diageracional e diafásica. Conforme (THUN, 1998, p. 4, *apud* ALTINO, 2007, p.49)

É importante ressaltar, dessa forma, que o ALISPA e o ALAM foram atlas de cunho pluridimensional. Os dois tornaram-se pioneiros por abranger todas as variações.

## 1.5 Dimensões e parâmetros da pesquisa dialetológica

Nesta subseção tratarei das variações linguísticas nas pesquisas dialetológicas no Brasil. Vale ressaltar que, para a Dialetologia, o objeto de estudo inicial foi a variação diatópica. Atualmente, porém, essa ciência considera como agentes da variação outros fatores, tais como o diastrático, o diagenérico e diageracional.

Daí que, ao estudar a língua em uso numa certa comunidade e com as diferentes variações e suas facetas, provenientes das diversas estratificações sociais. E isso das mais diversas profissões, idades e gênero, sendo natural, portanto, que essas distinções sociais ou não se proliferem na maneira de falar em cada um.

Por esta razão, ao buscar os informantes para a pesquisa, compreendi ser necessário entender o conceito de cada variante linguística, servidas de parâmetro da pluridimensionalidade. Logo, os resultados são analisados conforme as variáveis linguísticas, e o objetivo do estudo traz uma certa confiabilidade para a pesquisa.

### 1.5.1 Variação Diatópica

Nesse tópico falarei brevemente, sobre a conceituação de diatopia, pois já foi discutido nessa pesquisa. Tomo como exemplo, para este tópico, aspectos da variação diatópica no nível lexical, uma vez que este nível é o que evidencia claramente este tipo de variação, conforme declara Romano:

Será que um paraibano, sem escolaridade ou mesmo escolarizado, saberia dizer o que é um arroio ou uma sanga? E um piá paranaense conseguiria identificar o marraio e a bila? Obviamente, preferiria brincar de burquinha ou soltar pandorga, mas jamais chuparia caramelo como o fazem os gurus de Cuiabá, e muito menos chuparia bombom como os meninos do Pará. Para um paulista, talvez seja difícil associar musse à geleia, enquanto que, para o catarinense seria uma tarefa mais fácil, principalmente no litoral leste. (...) a mimosa de Curitiba é a tanja em São Luís/MA, a tangerina de Manaus, a laranja-cravo de João Pessoa (ROMANO, 2015, p. 22).

---

<sup>19</sup>(CRUZ, 2004).

Esse exemplo, retirado do artigo de Romano, traz parte de um contexto das diferenças regionais. Como sabemos, é no espaço geográfico que se encontra a particularidade de cada localidade, suas formações dialetais, suas variedades regionais, a própria base linguística preexistente e a mistura com outras línguas que já se enraizaram naquela localidade ao longo do tempo. A perspectiva diatópica corresponde aos estudos ligados às diferenças dialetais num ponto geográfico, isto é, em áreas espaciais (horizontais).

Foram selecionados outros conceitos para a variação diatópica, cuja escolha se deve à maior clareza apresentada pelas mesmas:

- i. Variação diatópica é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo Diatópico provém do grego *Diá*, que significava “através de”, e de *tópis*, “lugar” (BAGNO, 2007 p. 46).
- ii. A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (MUSSALIN; BENTES, 2006, p. 34).
- iii. Variedades geográficas ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes dos dialetos ou falares locais (PRETI, 1982, p.18)

Nesse sentido, insere-se ao espaço geográfico, que também carrega traços históricos e sociais de uma localidade, suas línguas e o contato delas com outras variações. A variação diatópica não é apenas marcada pelas barreiras existentes entre Estados, mas também marcada por uma cultura regional solidificada e dinâmica, em que as pessoas se comunicam como elas enxergam seu mundo. Como afirma Brandão (1991), “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara”. Essa dimensão serve de base para todos os estudos de cunho dialetológico e também geolinguístico, pois descreve em mapas os registros das variedades linguísticas, no espaço geográfico ou espacial.

### **1.5.2 Variação Diagenérica**

A variação diagenérica verifica a diferença entre os gêneros, bem como tudo o que distingue a fala do homem e da mulher, indo além do timbre, do ritmo da voz e até da pronúncia.

O gênero, assim como se comprova em relação à variação diageracional, se constitui, também, em preocupação e interesse dos dialetólogos desde os primórdios dos estudos dialetais, o que conduziu a que os usos linguísticos de homens e mulheres se tornassem objeto de documentação (CARDOSO, 2010, p. 52).

Dessa forma, nessa análise de correlação entre essa variação de gênero não se faz referência apenas ao prestígio de uma fala em detrimento da outra, pois uma aponta um certo conservadorismo linguístico (mulheres), devido aos valores morais que a mulher perpassa pela sociedade. No entanto, “[...] é no plano lexical que há a diferença mais evidente entre homens e mulheres, levando em consideração, principalmente, construções sociais em que estes estão inseridos” (CARDOSO, 2010).

Nos estudos de Fisher (1958) encontra-se a primeira correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo, num estudo chamado “Influências sociais na escolha de variantes linguísticas”. Nesse estudo foram analisadas as variações de pronúncias do gerúndio – sufixo inglês – *ing*. O estudo mostrou que, na pronúncia velar, a frequência ocorre mais na fala de mulheres, e Fisher constatou que a forma de prestígio, ou seja, a forma culta é mais utilizada pela fala feminina.

De acordo, porém, com Paiva (2007, p. 35), “a análise de correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referências não só ao prestígio pelas comunidades variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala”. Podemos encontrar, também no **ALF** (Atlas linguístico da França), as primeiras pesquisas feitas com 60 informantes do gênero feminino, totalizando 700 inquiridos, cobrindo 52 localidades e fazendo deste gênero principal informante. Esse fato pode ser explicado pelas diferenças de socialização que as mulheres passaram ao longo do tempo, o que fazia com que elas não fossem vistas como parâmetro de variação social linguística.

Portanto, a diferença das variáveis gênero/sexo requer certa cautela devido às transformações que ocorrem na sociedade com relação aos papéis exercidos entre o homem e a mulher. Já no eixo que concerne à organização social, sobressai o fato de que essas variáveis linguísticas podem ter correlação com as classes sociais em que são inseridos tanto o gênero feminino quanto o masculino.

### 1.5.3 Variação Diageracional

A variação Diageracional, segundo Cardoso (2010), é a “variação linguística registrada em uma coletividade, decorrente dos diferentes usos relacionados às variadas faixas etárias”. Pop, por exemplo, menciona que:

Desde 1981, já era investigado a importância da idade dos informantes o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem. Em 1910, Millardet em sua pesquisa elegeu alguns informantes seguindo certos critérios como: várias idades, da mesma família, do mesmo país. E observou as diferentes etapas linguísticas que se sucederão nesse processo de transformação (POP, 1950, *apud* CARDOSO, 2010).

É nessa variação, portanto, que são comparadas as diferenças existentes entre a fala dos mais jovens e fala dos mais idosos.

#### 1.5.4 Variação Diastrática

Pois é. U português é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixtamenti cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português, é só prestatênção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá, sabi iscrevê”<sup>20</sup>.

O exemplo supracitado mostra a variação social e regional de um falante que possui um nível fora dos padrões da norma gramatical culta. Essa variação linguística está intrinsecamente correlacionada aos diferentes usos socioculturais e aos estratos sociais que permeiam uma sociedade.

Existe uma equação de que a Dialetoлогия estuda somente a dimensão diatópica e a sociolinguística, apenas a diastrática. Nessa reflexão, a sociolinguística é uma “ciência que tem como objeto de estudo a variação, que passa a ser descrita e analisada cientificamente dentro de critérios que envolvem fatores sociais como o sexo, a idade, a classe social, entre outros como afirma” (MOLLICA, 2010, p. 11). Dito de outro modo, para analisar a variação diastrática, no campo da Sociolinguística, é necessário compreender que os dialetos sociais de cada grupo dependem de outros fatores, como classe social, religião, etnia.

Os dialetólogos chamam de dialeto social ou de socioletos às diferenças que não sejam de cunho geográfico, acrescentando que “por causa desses fatores, um falante pode mostrar mais similaridades na sua linguagem com pessoas do mesmo grupo social, numa diferente área,

<sup>20</sup> Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00003.htm>. Acesso em 08 abr.2017. Jô Soares, revista veja, 28 de novembro de 1990.

do que com pessoas de diferentes grupos sociais na mesma área” (HUDSON,1980)<sup>21</sup>. Isso quer dizer, na verdade, que, dependendo do contexto ou espaço geográfico, um falante que utiliza uma norma padrão culta ou não padrão, pode entender as formas regionais ou populares nas suas condições de uso.

As variações sociais, entretanto, dependem de alguma forma das variações geográficas. Para Chambers e Trudgill (1980, p. 54), “não pode haver dialeto social sem o regional, pois todos os falantes têm um *background* social, mas têm, também, uma localização regional. Em suas palavras, “todos os dialetos são ao mesmo tempo regional e social, uma vez que todos os falantes têm uma experiência social, bem como uma localização regional”<sup>22</sup>. Nessa variação não se tem uma referência ligada somente ao grau de instrução, embora existam distinções entre a língua de prestígio, que usa apropriações do uso da língua normativa e a linguagem popular.

Nesse sentido, essa distinção focaliza o poder econômico e o prestígio social no qual o falante se insere, uma vez que a maneira expressiva dos indivíduos socialmente prestigiados opõe-se aos falantes que não possuem o mesmo nível de escrita e de fala, transformada na língua padrão.

As maneiras socialmente prestigiadas são um constructo da literatura oficial, codificadas na gramática normativa da língua, que se aprende nas escolas; ou seja, são a forma correta a ser aprendida e codificada. Já as classes desprovidas de prestígio econômico e social tendem a sofrer preconceito, serem estigmatizadas na sociedade, sendo consideradas, dessa forma, como inferiores, registradas como errada para a gramática normativa. Em direto: “os usuários das formas sem prestígio, e sobretudo das formas estigmatizadas, são rotulados de descuidados ignorantes da beleza da língua padrão” (VOTRE, 2003, p. 52).

Como mostra o trecho acima, atribuído às classes sociais, há também os regionais, os quais são estigmatizados, a saber, o indivíduo da região norte e nordeste, considerados sócio-econômico-cultural menos favorecidos e são estigmatizados devido à sua forma peculiar de falar. Não cabe, aqui, discutir de forma mais aprofundada essa questão de variação diastrática no ensino-aprendizagem, uma vez que ela precisa ser muito discutida.

---

<sup>21</sup> HUDSON, R.A. Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1980, p. 43. Because of these factors, a speaker may show more similarity in his language to people from the same social group in a different area than to people from a different social group in the same area.

<sup>22</sup> CHAMBERS, J. K. et TRUDGILL, A. Dialectology. Cambridge: Cambridge University Press,1980, p. 54. All dialects are both regional and social, since all speakers have a social background as well as a regional location.

## 1.6 Norma de Uso das comunidades de fala

São nas variações, pois, que descobrimos atitudes linguísticas capazes de diferenciar uma comunidade de fala da outra. Labov (2008), por exemplo, documentou uma abordagem da pesquisa linguística que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala. Sua pesquisa foi rotulada como uma pesquisa de cunho sociolinguístico, uma vez que a língua não foge de um contexto puramente social, mesmo que ela não exista fora de regras estabelecidas pela comunidade em que se vive.

A noção laboviana de comunidade de fala se estrutura, sobretudo, numa visão homogênea baseada nas atitudes dos falantes em detrimento de suas relações com as variantes linguísticas, ou seja, o falante não tem de falar da mesma forma, nem compartilhar as mesmas regras gramaticais. O linguista, porém, crê que a língua — como sistema — é heterogênea, e o que ele define é, na verdade, a homogeneidade na comunidade de fala, para assim definir as fronteiras de uma língua com as outras.

Nessa reflexão, Guy assevera:

Para tentar entender a organização social da língua, grande parte da pesquisa sociolinguística usa uma estrutura básica de referência para além do falante individual, entendido como a base em relação à qual cada idioleto é delimitado. Essa unidade social é a comunidade de fala, que tem duas funções na teoria sociolinguística. Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). Consideremos esses dois pontos separadamente (GUY, 2000, p. 18).

A língua pode ser considerada, pois, como um usufruto social, onde cada indivíduo pertence a grupos que se assemelham pelas suas apropriações linguísticas e pelos significados específicos que cada localidade divide entre si, distanciando-se também de outras comunidades pelos mesmos motivos. Ainda nesse pensamento, como declara Severo (2007, p. 154), “a noção laboviana de comunidade de fala, recobre tanto aspectos linguísticos quanto sociais: trata-se de atitudes/normas (sociais) compartilhadas pelos falantes que, por sua vez, compartilham características linguísticas semelhantes”.

Portanto, a língua, como parte social, sofre mudanças de acordo com o meio no qual ela está imersa, mas cada indivíduo se assemelha ou se diferencia conforme o seu nível linguístico

dentro de uma comunidade. Além do mais, são as normas de uso coletivo da língua que prendem o indivíduo conforme o seu grupo social e espaço territorial ao qual pertence.

Considerando a língua na dicotomia de Saussure, língua x fala, onde a língua seria considerada como coletiva e também um sistema de possibilidades abstratas, enquanto que a fala seria individual e particular, podemos dizer que é na fala que se manifestam os maiores graus das variações linguísticas. Coseriu, por exemplo, propôs um acréscimo a essa dicotomia, inserindo a tricotomia língua x fala x norma.

Para Cristianini (2007, p.108), “a norma consiste nos padrões de uso, na forma como os usuários fazem uso do sistema<sup>23</sup> para comunicar-se. É devido à norma que os falantes podem se servir de algumas possibilidades do sistema, descartar outras e, ainda, não utilizar outras”. Expressando por meio de outras palavras, as normas são formas linguísticas constituídas no coletivo, estabelecendo códigos para diferentes grupos que compartilham das mesmas normas linguísticas ao qual se pertence, podendo ser num nível social, geográfico, estilístico e de gênero, dentre outros.

São nas normas que as formas de fala são imprescindíveis, pois o grau de variação na norma é intermediário, não podendo serem inclusas as variações de forma singular e particular, uma vez que ela se dá no coletivo, por meio de imposições socioculturais existentes numa comunidade de fala.

Sintetizo, no Quadro 2, o modelo da tricotomia de Coseriu, língua x fala x norma, mostrando o grau das variações:

---

<sup>23</sup> Sistema: Pode-se dizer que o sistema é um conjunto de oposições funcionais: a norma é a realização coletiva do sistema, que contém o sistema em si mesmo e ainda, os elementos funcionalmente “não pertinentes”, mas normalizam o falar de uma comunidade; o falar (ou se prefere, a fala) é a realização individual concreta da norma, que contém a norma em si mesma e ainda, a originalidade expressiva dos seus falantes. (COSERIU, 1973, p.97-tradução do autor)

Podemos decir que el sistema es un conjunto de oposiciones funcionales; la norma es la realizacion “coletiva” del sistema, que contiene el sistema mismo y además, lo elementos funcionalmente “no pertinentes”, pero normales en el hablar de una comunidade; el hablar (o, si quiere, habla) es la realización individual-concreta de la norma, que contiene la norma misma y, además, la originalidad expressiva de los individuos hablantes. (COSERIU, 1973, p.97)

SISTEMA		NORMA	FALA	
mais abstrato		menos abstrato	concreto	
prescrições: regras indicativas que mostram como o Sistema se constitui	liberdades: criações, inovações que não infringem seu caráter funcional	mantém o caráter funcional do sistema e recebe as inovações da Fala	indivíduos manifestam-se por meio de seus ideoletos, ou seja, suas linguagens próprias.	
		é fixado, usado e consagrado pela comunidade lingüística.	criações inéditas a partir de atualizações de modelos definidos na norma	
		tem um critério estatístico: alta frequência e distribuição regular	repetição dos modelos responsável por explicitar a	criação de elementos novos que remete à inovação
		variação diatópica, diastrática e diafásica	permanência e a estabilidade do sistema lingüístico	
contém o que é efetivo e virtual		há muitas variáveis: classe social, faixa etária, gênero, modalidade, geográfica, etc.		
possui grau mínimo de variação		possui grau médio de variação	possui grau máximo de variação	

Quadro 02: Grau das variações pela tricotomia de Coseriu (Língua x fala x norma)

Fonte: (Cristianini, 2007, p. 111)

No quadro acima é mostrado que, dentro de uma comunidade de fala, as normas podem se distinguir por meio das diversas variações existentes, tais como a diatópica, a diastrática e a diafásica.

Nesta pesquisa, por exemplo, verificamos que os informantes do Baixo Amazonas – PA compartilham normas de uso, mais precisamente nas variações diatópicas, diastráticas e diafásicas. Vejamos: com relação ao léxico *temporal*, houve diferentes lexias para se dar um nome específico para uma chuva forte. Na cidade de Juruti a lexia mais ocorrente foi “*tempestade*” e em Santarém a lexia mais utilizada foi “*toró*”. Já em Oriximiná foi “*enxurrada*” e “*chuvarada*”.

Com base nesses exemplos, é possível averiguar uma fronteira lingüística nos três municípios, onde se usam diversas terminologias para um mesmo significante, fato que mostra que os membros de uma comunidade de fala possuem traços lingüísticos comuns, que os diferenciam de outras comunidades de fala. Além disso, a probabilidade de haver comunicação é maior entre grupos mais restritos.

Por exemplo, se um caboclo mora nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (Baixo Amazonas/PA), certamente irá se comunicar de forma mais intensa com os demais

moradores dessa comunidade, do que com os moradores de Parintins (AM), de Codajás (AM), de Coari (AM), etc. Por conta disso, os membros de uma comunidade de fala possuem um comportamento linguístico peculiar e adotam atitudes positivas ou negativas na maneira como falam ou na maneira de falar de um membro externo à comunidade. Visualizamos um exemplo com moradores do Igarapé, que viajavam para Manaus, permanecendo algum tempo lá. Quando retornavam ao Igarapé, mudavam totalmente a maneira de falar, pois vocábulos, que continham [nh], eram pronunciados sem esse som, restando, no dizer dos moradores locais, “uma fala fina e afrescalhada” (AZEVEDO, 2013, p. 54).

Muito embora, aqui, o autor defina a comunidade de fala numa visão sociocultural, onde a língua é homogênea, mas ao mesmo tempo pode se tornar heterogênea, devido às fronteiras linguísticas, utilizou como exemplo o português amazônico, corroborando, assim, a ideia de que comunidade de fala não se define somente por uma variação, a diatópica, mas por todo um contexto social no qual os indivíduos se situam.

Em virtude dessa ampla complexidade na identificação de um grupo de pessoas pertencentes a uma comunidade que usam a mesma língua, mas diferem-se umas das outras no mesmo espaço territorial ou social em qual vivem, é que podemos ainda a considerar como um conceito ainda abstrato.

Portanto, é necessário saber que cada comunidade não compartilha somente sua gramática, suas regras, até porque existem os níveis sociais que também dividem a estrutura de uma sociedade, bem como os diferencia nas formas de fala.

A visão de autores como Romaine (1980), Severo (2007) e Tarallo (1986) vão, por exemplo, contra o posicionamento de Labov, pois acreditam que a língua é heterogênea, justamente por causa dessa diversidade linguística que existe, “onde os indivíduos interagem uns com os outros, de diferentes grupos, assumindo assim diferentes marcas linguísticas, e ainda o fator social e linguístico atinge de formas diversas” (VANIN, 2009).

Embora sejam muitos os debates para melhor definir uma comunidade de fala, e, apesar também das divergências sobre o conceito, podemos declarar que existe um certo consenso de que uma mesma comunidade de fala tem de compartilhar das mesmas normas linguísticas, não as podendo usar fora dela, gerando com isso múltiplas conceituações em diversos aspectos, dentre eles o linguístico, o social, o sociocultural e o psicológico.

Para o entendimento a respeito de comunidade de fala, tomo, inicialmente, algumas definições dadas por Guy:

Primeiro, tratamos da comunidade de fala como um modelo explicativo de semelhanças e diferenças no uso da língua. Embora haja várias definições de comunidade de fala na literatura sociolingüística, podemos identificar um grupo comum de características sobre o qual parece haver consenso. Essas características estão resumidas em (1): (1) Definição de comunidade de fala - características

linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela. - Densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele. - Normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas (GUY, 2000, p. 18).

Portanto, para finalizar essas conceituações escolhidas, podemos afirmar que o que define uma comunidade de fala são suas características linguísticas compartilhadas em diferentes níveis e diversas maneiras por todos os membros que a compõem.

Em minha pesquisa optei pela lexia à qual agrego noções de frequência, uma vez que as normas também têm um aspecto quantitativo. Nesse sentido, de acordo com Barbosa (1989) “uma norma de um grupo de indivíduos se define, de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas, e de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes”. Dessa maneira, é possível definir as frequências e a distribuição regular de uma norma dentro de uma comunidade de fala, ou seja, como se consagram e são usadas por um grupo de falantes.

Muller, o pioneiro da linguística estatística, postula que “cada vocábulo, num corpus é dotado de frequência. O autor explica a frequência, na estilística linguística, como número de casos observados, o número de ocorrências precisas, reportando-se ao número total de ocorrências e os números de casos possíveis” (MULLER, 1968, *apud* CRISTIANINI, 2007, p.118). Em direto, podemos dizer que a frequência é o número total de ocorrências em um dado local, atentando-se para as lexias divididas em campos semânticos.

Portanto, quando utilizo as frequências das normas de uso nos três municípios pretendo, com isso, verificar se essa utilização é regular, significando que a lexia foi ocorrente nos três municípios. Como afirma Santos (2006), “no que concerne à distribuição de frequência, significa dizer que um número de lexia foi maior que as outras, numa determinada localidade”. Isso quer dizer, em outras palavras, que os cálculos da frequência, ocorridos por meio de gráficos, tabelas e cartogramas, buscam analisar sobretudo esses usos correntes das lexias.

Ainda nessa reflexão, é importante ressaltar que busco, neste trabalho, retratar somente as lexias mais produtivas, ou seja, aquelas que foram mais utilizadas, dentro de um questionário semântico-lexical (QSL), tendo atingido índices acima de 50 %.

### **1.7 Norma semântico- lexical da língua**

Nesta seção constatou-se a necessidade de referências teóricas para o léxico em seus aspectos culturais e ideológicos em Biderman (1987) e Cristianini (2007). Porém, devido uma variedade de campos semânticos e lexias geradas aos diferentes taxemas também busquei em Pottier (1975) conceituações para a norma da variante semântico-lexical que é a pauta principal desta pesquisa.

### **1.7.1 O léxico e a cultura**

É importante salientar que, neste trabalho, utilizo a variante semântico-lexical, por entender que a língua é mais abrangente, ultrapassa o nível puramente lexical, “uma vez que o adjetivo ‘semântico’ não se limita ao domínio léxico da língua, podendo englobar, também, fatores extralinguísticos”, como afirma Geckeler (1976).

Dessa maneira, o léxico é considerado como um conjunto de unidades que são utilizadas dentro de uma comunidade que exprime seus significados por meio da sua experiência de mundo e que também exprime fatores extralinguísticos, sendo assim, servirá também como aporte para verificar as normas linguísticas usadas nos três municípios estudados nesta pesquisa.

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Baseado nas considerações de Biderman, feitas acima, o léxico de uma língua natural é a forma como a comunidade registra seus significados e dá nomes a eles. Na língua, também se encontra a responsabilidade de identificar as semelhanças ou descrever as diferenças linguísticas de acordo com os espaço geográfico e sócio-histórico de cada indivíduo, surgindo desse processo o léxico das línguas naturais.

A respeito dos fundamentos que a língua também nos fornece, interessa-nos saber a concepção de que a língua é vista como um sistema de comunicação que possibilita as representações interpicológicas (entre indivíduos) e intrapsicológicas (em um mesmo indivíduo) da ordem social, contribuindo também para que haja uma troca de representações para poder então, serem realizadas as práticas sociais. (ALBERTI, 2005).

Dito de outra forma, a nossa língua é concebida da forma como enxergamos o mundo pragmaticamente. Ao usar o léxico, portanto, uma comunidade exprime todas as suas emoções,

de maneira extralinguística, todo um modo próprio de vida — seja ele singular ou coletivo —, no qual o indivíduo se insere. São, pois, os usos linguísticos que “primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico numa comunidade” (VILELA, 1994, p. 6).

Mas, qual a definição de léxico? Ainda seguindo o pensamento de Biderman, temos que:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o universo. Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse o processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Dito por meio de outras palavras, o léxico representa uma grande parte das experiências vividas por cada indivíduo, estas, por sua vez, denominam-se por meio de lexemas.

Os lexemas, como sabemos, funcionam como um processo classificatório em milésimos de segundos, tornando em palavras para não somente recuperar o sentido delas, mas também toda a estrutura e o contexto em um discurso.

Esse processo cognitivo, entretanto, é inserido de acordo com os hábitos que cada comunidade linguística possui, formando o repertório lexical. As palavras geradas por tal sistema nada mais são do que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio.

Seguindo essa reflexão sobre o léxico e sua relação com a ideologia de uma comunidade Cristianini (2007) esclarece que o léxico funciona “como um conjunto de unidades de uma comunidade linguística”. Desse modo, o léxico atinge profundamente a identidade de uma comunidade, recebendo, também, influências externas da cultura, as quais, por sua vez, mesclam-se ao passado e ao presente, transformando a realidade de uma comunidade em signos, onde as imagens e sons compõem os signos linguísticos.

Nesse sentido, o teor da palavra coletiviza os modos como uma comunidade lida com a questão cultural, e bem assim como esses aspectos se agrupam dentro dos falares e se tornam parte da identidade linguística daquele lugar.

Portanto, uma vez que não se pode estudar a língua sem conceber a representação dos significados exercidos dentro de uma comunidade de fala, mas também a particularidade de cada um.

Ao usar o léxico, pois, o falante se comunica conforme as ideias da sua geração e de acordo com a comunidade a qual ele pertence, utilizando a língua, enfim, como reflexo atuante de tempo e espaço daquela comunidade em si. Numa entrevista *in loco* de uma determinada localidade o léxico é constituído através da ideologia e do conhecimento de mundo daquele indivíduo daquela localidade, tal como afirma Gonçalves:

Na interação social entre informante e entrevistador, que se desenrola no momento da entrevista (para a recolha dos dados linguísticos do questionário semântico-lexical) numa situação face a face, os sentidos do léxico vão sendo construídos e a ideologia da comunidade na qual está inserido o informante se revela, assim como suas crenças, seus costumes, sua cultura, seus valores morais e sociais em um determinado tempo e em um determinado espaço. [...] é dado ao léxico um enfoque muito maior e mais abrangente que o de ser simples repositório do saber linguístico de uma comunidade (GONÇALVES, 2015, p. 81).

No que se refere ao léxico, é importante ressaltar que, ao buscar compreender a dimensão do relacionamento língua/cultura, ingressei no campo lexical, sabendo que a língua é o recorte das experiências compartilhadas por uma localidade e que cada uma delas possui suas próprias codificações e percepções de mundo, veiculados pela linguagem.

Conforme Isquierdo (2001, p. 91): “[...] o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”. Um exemplo notório da interferência ideológica, do informante pode ser retirado da tese de Azevedo (2013), na qual encontram-se vários itens lexicais para se designar a farinha de mandioca, por meio de questionário semântico-lexical, deixa bem claro, o vasto acervo lexical que exprime para farinha d’água. Vejamos, abaixo:

Em parte, os vocábulos foram comuns entre a Região do Baixo Amazonas (PA) e a Região do Médio Solimões (AM). Entre os vocábulos que sofreram variação lexical, na questão, encontraram-se vários itens lexicais para ‘*chibé*’. Houve uma variação de localidade para localidade, para alguns informantes, *chibé* designa a farinha de mandioca com água e sal, que é servida quente para sanar a fome. Encontram-se variantes encontradas no Médio Solimões como *chibé*, *laura* e *farinha molhada*. Existe a variante *jacuba*, que para outros informantes é considerado o mesmo que *chibé*, pois pode ser preparada com farinha, castanha, leite e açúcar (AZEVEDO, 2013).

Nesse exemplo de Azevedo são explicitados alguns itens lexicais encontrados na Região do Baixo Amazonas (PA) e na Região do Médio Solimões (AM). Vemos que no exemplo do Chibé, que designa a farinha de mandioca com água e sal, este foi chamado de *laura* e *farinha molhada*. O próximo item conceituará ‘.....’, processo de ampliação do léxico.

### 1.7.2 Uma breve análise do campo lexical

As categorias lexicais variam de uma língua para outra e cada uma possui sua estrutura, seus significados e, por conseguinte, seu próprio sistema classificatório. A partir disso, o universo construído por falantes de uma língua é pré-moldado por diversos fatores, dentre os quais podemos citar a cultura, a crença, o regionalismo, o gênero, a idade, o tempo, as unidades lexicais e os componentes gramaticais.

É importante observar que uma língua não é estática, mas sempre se modifica, e isso conforme seus usos e desusos, construindo novos elementos por meio da interação dos indivíduos. Dessa forma, nesta pesquisa o objetivo principal é mapear áreas linguísticas do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, onde ocorrem, possivelmente, variações lexicais nos domínios semânticos roça, pesca, pecuária, fauna, flora, mundo biótipo e homem.

Pretendo identificar também, dentro desse universo lexical do caboco paraense, portanto, as lexias conforme seu contexto sócio-histórico, a fim de podermos contar com uma dimensão da realidade vivida pelo indivíduo da região norte, isto é, seus costumes, hábitos e crenças; enfim, sua relação linguístico-cultural com o mundo.

Para os campos semânticos estudados (atividade humana, pesca, crenças, mundo biótipo, alimentação) pude perceber como a língua se manifesta na visão de mundo do falante e faz com que essa realidade seja genuína daquelas localidades. Como expressa Zambonin (1991), “essas unidades léxicas efetivam recortes culturais e constituem-se em um universo linguístico suficiente para dar conta desse universo referencial específico”.

Ainda nessa reflexão conceitual do léxico e seus campos semânticos, concebeu-se como se dá essa troca entre língua e mundo, onde o significado dos objetos é contextualizado conforme as vivências e experiências de cada um, ou seja, é codificado por meio dos signos<sup>24</sup>. Essa concepção se estrutura em decorrência da dicotomia significante e significado, postulada por Saussure, a qual se baseia na interpretação do homem com a sua conceptualização de mundo.

Para a Geolingüística, “a seleção e uso de lexemas pelo conjunto de seus semas (sememas) pode caracterizar uma visão de mundo peculiar, relacionada à ocupação do espaço físico e ligada à história sócio-econômico-cultural da comunidade” (SILVEIRA, 2008).

---

<sup>24</sup> O signo linguístico é formado por um significante sensível e por um significado abstrato que estão indissociavelmente unidos por um elo "arbitrário" (isto é, convencional, não natural). O signo tem uma função denotativa: serve para evocar os objetos do mundo (aquilo de que se fala), para torná-los presentes à consciência. Não é necessário que esses objetos tenham uma existência real (verificável), basta uma existência sociocultural. (REY-DEBOVE, 1984, p. 52).

Temos, dessa relação de experiência de mundo, os chamados taxemas. Um grupo de taxemas lexicais formam um ou vários domínios de experiências relacionados ao modo de experiências vividos por cada um dentro do âmbito geográfico, social, cultural, histórico. Nestes também correlacionamos a significação das lexias, por se tratarem das experiências de mundo que cada um possui. Sobre os domínios semânticos, separados devido à realidade e à experiência do caboco amazonense, reproduzo, abaixo, o exemplo dado por Corrêa:

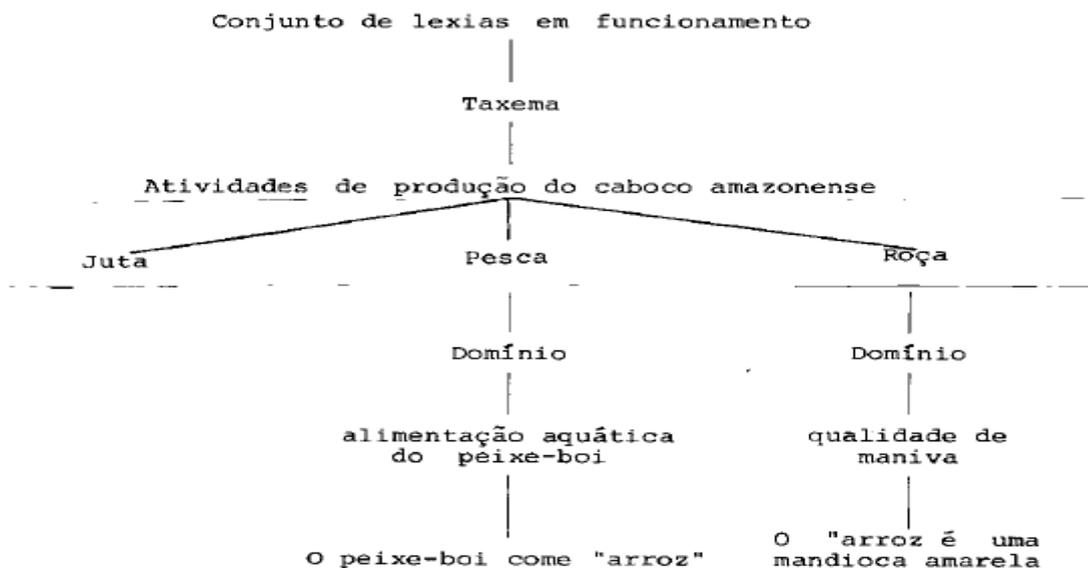


Figura 8: Exemplo de domínios semântico linguísticos-culturais do caboco amazonense.  
Fonte: Corrêa (1980, p. 50)

De acordo com Corrêa, no exemplo supracitado, temos mostrada a classificação dos tipos de lexias, divididos em campos semânticos como pesca e roça do caboco amazonense, obedecendo aos modos de vida e experiência de mundo vividos pelos mesmos. Trago-o como exemplo para essa pesquisa por entender que se trata do mesmo espaço geográfico, isto é, a Região Norte.

Investigar a língua em uma certa comunidade de fala é, portanto, investigar também a sua ideologia, bem como a sua cultura na forma mais peculiar, considerando-se que é no léxico que se armazenam aquisições sócio-históricas de um povo.

### 1.7.3 Classificação das Lexias

A pesquisa abordará o conceito de lexia, tal como é concebido por Pottier, por considerá-lo o pioneiro nessa área. Assim, na concepção de signo de Pottier (1978, p. 27), os signos têm

sempre os mesmos constituintes, quais sejam: “Se”, “Si” e “As”, conforme a seguinte explicação. “Se” pertencerá ao plano da semântica, “Si”, será o plano da sintaxe e “As” pertencerá ao plano da significância, sendo que em cada um dos planos temos uma taxinomia (classe de elementos) e uma combinatória. Vejamos o exemplo dado na dissertação de Corrêa (1980), sobre o signo, o significado e o significante.

1 -

Canoa	substantivo	para andar,
	feminino	de madeira, com remo
[ka'nua]		

Figura 9: Exemplo significado x significante  
Fonte: Corrêa(1980,p.44)

O léxico, como explicitamente refere o exemplo acima, mostra a língua como uma estrutura, uma função semântica da associação entre som, imagem e conceptualização de mundo; mostra, portanto, a associação entre significante e significado.

Conforme assevera Teixeira (2015), ao significado linguístico “é aplicada uma organização e estruturação ligada à língua, enquanto que o conhecimento de mundo é relativo a todo o armazenamento informativo e experiencial que cada um tem sobre a realidade”.

Em outras palavras, a linguagem envolve um todo, incluindo aí o mental, o corpóreo e todos os mecanismos cognitivos e conceptuais, não existindo, assim, dois conhecimentos, um linguístico e outro enciclopédico. E através da percepção de mundo que o significado linguístico resulta, dessa relação constante entre a língua, processos cognitivos (mente) e mundo. Já no campo da significação, podemos afirmar que as lexias são as portadoras do sentido, são as partes integradoras do contexto e das relações pelas quais são geradas.

Lexias, segundo Pottier (1974), “são elementos lexicais ou lexemas — unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso”. As lexias são, portanto, as unidades codificadas e encontram-se na memória linguística, na consciência da realidade de cada um.

As correntes estruturalistas geralmente não dividem as palavras, mas as separam em graus de conotação e denotação, ou seja, algumas palavras são mais conotativas que as outras, umas em maiores escalas que as outras. Sabemos que conotação exprime a ideia de

comparações socioculturais dadas a certos objetos e nomes, tal como é colocado por Pottier (1978): “por exemplo, um nome de um animal exprime uma qualidade ou um número evoca um conceito: port: é uma besta = um ignorante, ou o número 13= azar”.

Seguindo ainda esse pensamento podemos citar Teixeira, o qual afirma que:

Preferimos, por isso, substituir a tradicional dicotomia conotação-denotação por uma visão que conceba cada termo como dotado da capacidade, maior ou menor, de acionar dimensões cognitivas múltiplas, muitas das quais ligadas às facetas emocionais. Não é por acaso que quando se quer exemplificar a “conotação”, os valores evocados são maioritariamente ligados aos aspetos sensório-emotivos experienciados que a palavra aciona no falante (TEIXEIRA, 2015, p. 288).

Consideramos, portanto, que o léxico traz consigo uma carga aceitável dos sentimentos e das experiências de mundo — tanto coletiva quanto individual — de cada um, podendo conter denotações e conotações no significado de alguns itens lexicais em uma comunidade de fala, bem como ser asseguradas pelas normas, tanto individual quanto coletiva dessa comunidade.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa se fez pelos métodos e procedimentos que serão explicados nos itens abaixo: Pontos de inquérito, perfil dos informantes, as cartas semântico-lexicais, entrevistas e coletas de dados e a transcrição de dados.

### 2.1 Pontos de inquérito

Esta pesquisa obedece aos parâmetros da Dialectologia Pluridimensional. Seu *corpus* volta-se, sobretudo, para os estudos de cunho semântico-lexical, nas zonas periféricas provenientes dos municípios de Santarém, Juruti e Oriximiná, localizados no Estado do Pará. E de acordo com Azevedo (2013) em sua tese, a escolha dos pontos de inquérito dessa pesquisa, também se baseia nas atividades econômicas do povo amazônica, a seguir:

A escolha dos pontos de inquérito se baseou nas atividades que durante décadas são desenvolvidas nas comunidades amazônicas, como a roça, a pesca, a caça de subsistência praticada ocasionalmente, as mais recentes como a pecuária e outras atividades agrícolas. Faz-se bastante presente na vida do homem amazônico, a imensa floresta, os grandes e pequenos rios, lagos e igarapés. É difícil falar sobre os aspectos linguísticos do homem amazônico sem levar em conta o ambiente que o envolve (AZEVEDO, 2013, p. 105).

Por isso, além dos três municípios apresentarem um grau de importância econômica para a mesorregião do Baixo-Amazonas, eles constituem também um papel importante na questão social e cultural, em relação ao desenvolvimento das atividades peculiares da Região Amazônica. Santarém, por exemplo, é o maior exportador de soja e de arroz do país<sup>25</sup>, enquanto que Oriximiná e Juruti, por sua vez, aquecem a economia brasileira e internacional com a exportação de Bauxita<sup>26</sup>. Em conformidade com Guy (2000), “a escolha dos pontos de inquérito é um constructo teórico do pesquisador, cabendo a ele decidir os locais onde deverá executar sua pesquisa”.

A propósito, quando me propus a realizar um estudo dialetológico na Região do Baixo Amazonas (PA), a pretensão, *a priori*, foi descrever o léxico das cidades de Santarém e Juruti. Porém, resolvi ampliar os estudos para a cidade de Oriximiná, na tentativa de querer capturar mais variantes nessa região, que possui uma relação imbricada entre língua e cultura, uma vez que se sabe que o léxico é a forma mais determinante de se conhecer a cultura e a identidade de um povo, expressados por meio da fala.

Percebe-se ainda que há um processo identificatório com relação ao ambiente em que o indivíduo circula e que há também uma relação da escolha lexical do indivíduo com a cultura e com a sociedade que o abriga. Em outras palavras, todo o sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas da língua e da cultura com que ela se conjuga (GONÇALVES, 2015, p. 91).

Além disso, é esse o motivo da escolha pelo termo “caboco”, apenas como categorização identitária de um povo que compartilha suas crenças e seu modo de viver. Desse modo, cada cultura se apropria do seu próprio conceito de identidade, conforme os valores da sua sociedade.

Foram utilizadas obras referenciais já publicadas e finalizadas, com o objetivo de se obter uma possível comparação do léxico interiorano no Estado do Pará, como: Gomes (2013), Guedes (2012) e Azevedo (2013). Foram utilizadas também outras referências da Região Norte, bem como de outras regiões do Brasil, entre elas: o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, elaborado por Cruz (2004), que pesquisou o falar do caboclo amazonense em nove municípios

---

<sup>25</sup> Disponível em <http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT18-663-342-20120711090149.pdf> Acesso em 09 abril 2017.

<sup>26</sup> A partir da segunda metade da década de 1970, inicia o ciclo de mineração com transporte fluvial, tal como o aproveitamento das jazidas de bauxita no Baixo Amazonas, combatido pelos movimentos sociais a partir da década de 2000, na expectativa de auferir vantagens, restrita antes a acordos governamentais. Sem dúvida, a maior fonte de receita de exportação atual é decorrente destes projetos minerais que foram implantados (ou estão em implantação) nos municípios de Oriximiná e Juruti. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/883911>. Acesso em 09 abril 2017.

representantes das nove microrregiões do Estado do Amazonas (Barcelos, Tefé, Lábrea, Humaitá, Itacoatiara, Parintins, Benjamin Constant, Eirunepé e Manacapuru).

Utilizei também a dissertação de Gonçalves (2015), intitulada “Um olhar lexical sobre identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística, bem como a dissertação de Corrêa (1980), de título “O falar do caboco amazonense: aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves”, além de Cristianini (2007), o qual estudou a Região do Grande ABC, no aspecto lexical.

Além do mais, pesquisei as lexias de origem tupi em dicionários regionais de cada município pesquisado, dentre os quais dou destaque para os seguintes: Cânciao (2008), Sousa (2011), Clerot (2010), Souza (2012) e Papaxibé<sup>27</sup>.

Esta pesquisa conta com um apoio restrito do acervo bibliográfico disponível no município de Juruti, uma vez que durante a minha ida ao município, a biblioteca pública se encontrava fechada e também não encontrei outra fonte de pesquisa na cidade.

Houve, além do estudo teórico, registros capturados em áudio das entrevistas feitas com os informantes. Após a coleta de dados, procedi à transcrição grafemática<sup>28</sup>, à tabulação e à elaboração de cartas semântico-lexicais, com o auxílio do programa *EXCEL* do Microsoft Office.

Foi aplicado um questionário previamente elaborado aos entrevistados divididos em oito campos semânticos, de cunho semântico-lexical, chamado QSL, com 164 perguntas para poder, então, elaborar cartas lexicais, e as respostas são registradas e mapeadas.

Os dados coletados em campo serão representados por cores simbolizando as respectivas variantes. É importante ressaltar, que os dados foram coletados com a utilização de dois gravadores de voz com um microfone acoplado para reduzir o ruído no momento da gravação.

### **2.1.2 O Estado do Pará: Geografia**

Cardoso (2010) afirma que o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. Acesso em 17 fev. 2017.

<sup>28</sup> Disponível em: [http://www.concordancia.letras.ufrj.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=52&Itemid=58](http://www.concordancia.letras.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=58). Acesso em 19 fev. 2017.

linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso da sua história.

Neste capítulo, seguimos sucintamente às devidas informações dos aspectos relevantes sobre os municípios no qual se deu a pesquisa *in loco*: Juruti, Oriximiná e Santarém, no sentido de tentarmos descrever o contexto histórico-social que serve de base ao *corpus* da pesquisa.

Conforme o censo do (IBGE)<sup>29</sup> em 2015, o estado do Pará possui uma extensão territorial com uma área de 1.247.955,381 km<sup>2</sup>. É considerado o Estado mais populoso da Região Norte com 8,074 milhões habitantes divididos em 143 municípios.

Com cerca de 2,1 milhões de habitantes, a capital Belém é a segunda cidade mais populosa da região Norte. “Um dos fatores que podem explicar este aumento da população paraense é o grande dinamismo do setor mineral que atraiu um contingente significativo de mão de obra para este setor produtivo”. (BARROS, 2009). Atingindo uma taxa de crescimento anual de 3,57%, sendo também a região que teve um nível maior de crescimento populacional urbano no Pará, com taxa de 4,80% ao ano no período de avaliação.

Conforme dados do IBGE, a região Norte possui a segunda maior taxa de analfabetismo do país com 27,3%. As maiores concentrações populacionais do Pará se encontram na região metropolitana de Belém e nas microrregiões de Santarém, Ananindeua, Marabá.

A capital Belém foi fundada em 12 de janeiro de 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco, antigo capitão-mor do Rio Grande do Norte, que, partindo do Maranhão, como chefe de uma expedição de 200 homens, em três caravelas — Santa Maria da Candelária, Santa Maria da Graça e Assunção —, fundou a cidade que mais tarde viria a ser uma cidade no lugar, chamado Forte do Castelo.

### **2.1.3 Mesorregião do Baixo Amazonas**

De acordo com IBGE, *mesorregiões geográficas* são conjuntas de municípios contíguos, pertencentes à mesma Unidade da Federação:

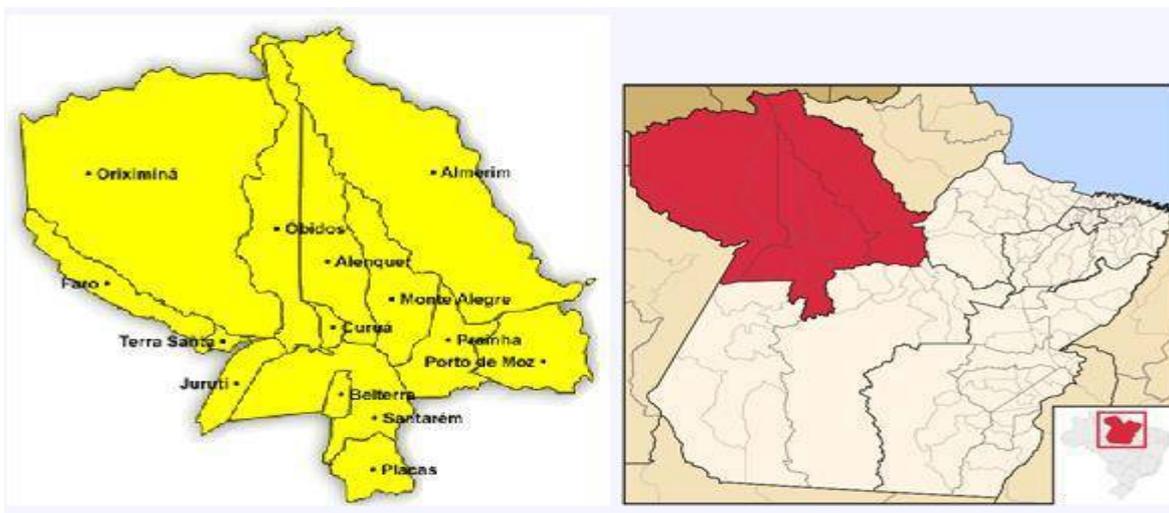
Que apresentam formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante; o quadro natural, como condicionante; e a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial. Essas três dimensões possibilitam que o espaço delimitado como

---

<sup>29</sup>Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_tcu.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_tcu.shtm)> para verificar atualizações e consultar estimativas da população de anos anteriores >. Acesso em: 24 de maio 2016.

mesorregião tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou.<sup>30</sup>

A partir desse conceito, o IBGE divide as seis mesorregiões geográficas no Estado do Pará, quais sejam: Baixo Amazonas; Marajó; Metropolitana de Belém; Nordeste Paraense; Sudoeste Paraense; e Sudeste Paraense. Oriximiná, Santarém e Juruti pertencem à mesorregião geográfica do Baixo Amazonas. Como mostra o mapa abaixo:



Mapa 01: Divisão da Mesorregião do Baixo Amazonas (Pa)  
Fonte: Página sobre a mesorregião do Baixo Amazonas<sup>31</sup>

### 2.1.4 Município de Juruti

Segundo o Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena de Chiaradia (2008) o nome Juruti, “origina-se do étimo tupi *juruti*, que é o nome de uma ave comum na região, pouco menor que um pombo, de canto triste, que abre a cauda em leque quando em voo”. Uma alusão a ave muito conhecida, abundante na região e ao seu ato de cantar.

<sup>30</sup> IBGE. Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, v.1, 1990, p. 8. < [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional\\_v01.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf) > Acesso em: 27 jan. 2017.

<sup>31</sup> Disponível em: < <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1203921&page=20> > Acesso em: 05 fev. 2017.

Os naturais do lugar são chamados jurutienses. O núcleo original de Juruti foi uma aldeia dos índios Munduruku, situada próximo à serra de Parintins, onde os jurutienses, direcionados pelos padres missionários constituíram por volta de 1818 uma pequena igreja.

Com a presença constante desses sacerdotes de Cristo em nosso país, a Igreja a partir do século XX designou grandes territórios para as missões – foram prefeituras e prelazias – que ficaram sob a administração dos franciscanos e suas diferenciadas ramificações. A atuação dos frades franciscanos na Região Oeste do Pará começou no início do século XX e ainda perdura até os dias atuais. Esses fiéis seguidores de Jesus Cristo foram pessoas muito importantes para a transformação social da região. Eles propagaram as palavras dos evangelhos aos lugares mais distantes e desconhecidos do Oeste paraense. Nesse período, a canoa era o único meio de transporte disponível, capaz de penetrar por rios, igarapés e lagos. Com o decorrer do tempo, houve a introdução de novas embarcações movidas a motor, o que melhorou a locomoção desses frades por outros lugares, possibilitando com que fizessem mais visitas as suas paróquias. (SOUZA, 2009, p. 17).

Em 03 de dezembro de 1859 a Lei Provincial tornou Juruti, o ponto de escala obrigatória para as embarcações a vapor que navegam pelo Amazonas, o que na época, muito contribuiu-se para o desenvolvimento da localidade.

Os missionários comandados por Antônio Manoel Sanches de Brito dentro da tribo da Munduruku realizaram os primeiros trabalhos religiosos e educacionais. Os missionários eram muito preocupados às questões educacionais dos jurutienses. “Com certeza, os vigários muito se interessavam por escolas que finalmente foram criadas em 1870 e 1872, pois o povo passou logo a chamá-los de padres mestres<sup>32</sup>”.

Embora os interesses fossem religiosos, havia uma preocupação com a educação daquela localidade, pois a maioria dos jurutienses eram analfabetos, por causa disso os vigários foram os primeiros professores da aldeia, não só passando a sua religiosidade adiante, mas toda a sua influência educacional e cultural.

Por pensar nessas situações foi que destinaram parte do seu tempo à elaboração de escolas e outros, como Igrejas e centros comunitários a fim de desenvolver a educação social deste povo. E qual seria a concepção de educação para esses religiosos Franciscanos? Já que também pensaram à educação para os jurutienses, esses frades menores tinham como princípio ajudar o povo a melhorar suas condições de vida. (SOUZA, 2009, p. 28).

Desse modo, a religião entrou com muito poder nessa comunidade, principalmente a católica, afim de catequizar a comunidade geral. Em 09 de abril de 1883, pela Lei Provincial

---

<sup>32</sup> Arquivo da Paróquia de Juruti. Crônica da Igreja de Nossa Senhora da Saúde. Anuário da Prelazia de Óbidos, 1982. p.1

n.1152, foi elevada à categoria de município. O município de Juruti, limita-se<sup>33</sup> com os municípios de Faro, Oriximiná, Óbidos, Santarém, Aveiro e com o Estado do Amazonas. Sua sede fica a 846km de Belém em linha reta. O rio Amazonas atravessa o município no sentido oeste-leste e banha Juruti. Possui algumas ilhas como as de Maracá-Açu e Santa Rita.

Na economia do município, tem-se como atividades principais a produção da juta, a extração da castanha-do-pará e da madeira, criação de gado e pesca. A base da economia do município ainda é considerada instável em virtude da influência de safras decorrentes das grandes enchentes do Rio Amazonas, como na colheita da fibra de juta e malva, além da pecuária e outros produtos regionais.

No dia 20 de janeiro de cada ano, são realizadas festas religiosas dos padroeiros da cidade: São Sebastião e Nossa Senhora da Saúde, já o círio de Nossa Senhora da Saúde se realiza nos dias 23 de junho, de aspecto fluvial, saindo do lago das Piranhas até a sede do município em barcos festivamente enfeitados.

### 2.1.5 Município de Oriximiná

Reza a lenda local, que o município de Oriximiná teria sido fundado pelo padre José Nicolino de Sousa em 13 de junho de 1877, “logo após uma missa local, o mesmo é referenciado como padre em todas as publicações, ”. (Rocque, 1968, p. 1233; Oriximiná, 1977, p. 3; Maciel, 2003, p. 149). “Quando o padre José Nicolino de Sousa, em visitação às congregações religiosas da região, chegou a foz do Rio Nhamundá e, levado pelas belezas das paisagens, decidiu subir o Rio Trombetas e trabalhar, sob uma perspectiva religiosa, com os negros e índios que ali habitavam”. (CÂNCIO 2008, p.23). Desse processo, surgem as catequizações na comunidade, onde a vida religiosa juntamente da educação, passava a direcionar os indivíduos daquela comunidade.

E por meio da Lei n 1.288, de 11 de dezembro de 1886, o município com o nome de Santo Antônio do Uruá-Tapera foi promulgado pelo Dr. Joaquim da Costa Barradas, presidente da Província do Pará e desembargador do Maranhão. Ao termo Oriximiná se estende concepções históricas ao que Figueira (1994) define:

O termo provém etimologicamente de *uruá*, um molusco gastrópode da família dos ampularídeos, uma espécie de caramujo (levando em conta a facilidade com que esses caramujos são encontrados na localidade) e de *tapera*, que significa aldeia indígena

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150390>. Acesso em 22 nov.2016.

abandonada, habitação em ruínas (do tupi *taba* + *puera* – “que foi”). Portanto, esse foi o primeiro nome dado à cidade, da junção da etimologia *uruá*, que também significava tolo, ingênuo, matuto, somado a *tapera*, que não sofreu modificação do significado anterior. Atualmente a cidade denomina-se Oriximiná, devido ter sua “origem de um topônimo indígena, de procedência tupi (ou outro), o étimo *orix* é de difícil identificação. Pode-se, talvez, deduzir de *Uruçui-Arici-Orix* que significa “macho da abelha”; o zangão inclina-se pela derivação de *eruzum’na*, que, por sua vez, significa “muitas praias” ou “minas de praias”. (FIGUEIRA, 1994. p. 54).

Dessa forma, a cidade passou a ser chamada de Oriximiná. Com o tempo, se começa um longo processo da miscigenação que também se iniciou com a chegada dos primeiros negros, por volta de 1647, refugiados dos engenhos de açúcar de Gurupá e do rio Xingu, depois de serem usados como braço direito dos holandeses durante a fase inicial da ocupação da Amazônia.

Os primeiros destinos dos antepassados destes grupos foram para cima das cachoeiras dos rios Curuá, Erepecuru e Trombetas – neste caso subindo os rios Mapuera e Cachorro, formadores do Trombetão. Assim, toda área setentrional do Baixo Amazonas – partindo desse afluente Trombetas - recebia um contingente populacional novo e singular ao longo dos séculos XVIII e XIX. (ARAUJO, 2009, p. 08).

Desse momento em diante, houve uma diversidade populacional residindo nessa extensa faixa de terra que margeia o rio Trombetas, principalmente indígenas, situados sobre o leito do Amazonas até a parte mais alta das cabeceiras que marcam o rumo do seu encontro com os rios Cachorro<sup>34</sup> e Mapuera<sup>35</sup>.

Na terra indígena Mapuera, cujo acesso à cidade pode ser feito de barco ou avião, encontram-se reunidos índios pertencentes aos seguintes povos: Wai Wai, Mawayana, Kaxuyana, Tiriyo, Xerew, Katwena, Hixkaryana, Karapawyana, Wapixana, Cikyana, Tunayana e Xowyana. Por conta da grande diversidade cultural, utiliza-se na escola da aldeia principal a língua Wai Wai, povo numericamente maior na terra indígena. Mas, nas residências ou aldeias, cada povo fala sua própria língua (HENRIQUE, 2015, p. 61).

---

<sup>34</sup> Rio Cachorro- O rio Cachorro é um dos tributários formadores do rio Trombetas, afluente da margem esquerda do rio Amazonas. O nome Kaxuyana lhes foi atribuído em função do território que historicamente ocupam. Trata-se de um etnônimo composto de uma raiz fluvial (Kaxu – de Kaxuru, rio Cachorro) e de um sufixo coletivizador (-yana) (Girardi, 2011). Já em 1955, o missionário franciscano alemão Albert Kruse (1955) escreveu que yana seria uma expressão que significaria gente de um determinado lugar ou de um determinado rio; assim, Kaxuyana – gente do rio Cachorro.

<sup>35</sup> Rio Mapuera- Rio afluente à margem direita do Trombetas, seu nascedouro é na Serra Acaraí, seu curso é de aproximadamente 500 km, recebe rios como Baracuri e Tauiri, ambos localizados nas margens direita do rio. (FEITOSA, 2002.p.43)

Ainda nesse pensamento, essas tribos cooperaram com os frades capuchos da Província de Nossa Senhora da Piedade para a fundação da aldeia que mais tarde viria a ser Vila de Óbidos.

O tempo foi passando e a colonização dos portugueses expandiu-se até o rio Mapuera, marcando a miscigenação do índio, negro e portugueses na história, ligado ao processo de formação dos caracteres raciais e sociais do povo de Oriximiná. Dessa mistura que entrou em maiores proporções gerou o caboclo, passando a ser visto como o exemplo típico do filho natural da Amazônia.

Os nove anos que se seguiram a sua fundação foram marcados pela imigração de moradores de lugares vizinhos como: Sapucá, Cachoeyri, Nhamundá, Itapecuru, Iripixi, Maria-Pixi, Boto, Salgado, entre outros, que hoje fazem parte de Oriximiná. (CÁNCIO 2008, p.23). Porém, com o passar do tempo esse inchaço populacional chamou atenção do Estado, valendo-se da Lei n.729, de 3 de abril de 1900, queriam extinguir o município e integrá-lo aos municípios de Faro e Óbidos. Porém, isso de fato não aconteceu, pois Oriximiná estaria anexado somente ao município de Óbidos.

Com a extinção do Município e sua anexação a Óbidos, Oriximiná retrocedeu no quesito desenvolvimento, quase três décadas, sem o apoio político vindo de Óbidos. Em 1930, os oriximinaenses rebelaram-se contra autoritarismo da Velha República, a falta de apoio, fizeram uma revolução que ficou conhecida como Revolução de 1930 com o objetivo de beneficiar à população daquele município.

No dia 24 de dezembro de 1934, com a Lei n 1.442, o município reconquistou sua autonomia, no entanto, com um território menor. Até o ano de 1947, setenta anos após a fundação do povoado, “a estrutura urbana da cidade era formada por 4 ruas, 9 travessas e duas praças, na década de 70 do século XX, até descobrirem jazidas de bauxita, nas proximidades de Oriximiná, vila chamada Porto Trombetas” (CÁNCIO 2008, p.23), a partir de então mudanças econômicas começaram a ser feitas para este município.

O município de Oriximiná localiza-se na zona fisiográfica do Médio Amazonas, microrregião homogênea de nº. 01, em uma zona de tabuleiro formado por sedimentos recentes, à margem esquerda do rio Trombetas. Fica 810 km da capital do Estado; por via fluvial, 1.080 km; e por via terrestre, 4.409 km. Ocupa o 49º lugar em relação à distância dos municípios da

capital Belém. Possui as seguintes coordenadas geográficas 4° 45' 48 de latitude Sul e 55° 22' longitude Oeste. Segundo dados do Censo do IBGE 2016<sup>36</sup>.

A altitude é de 46 metros acima do nível do mar. O ponto mais alto do Município é a Serra do Tumucumaque, com 700 metros de altitude. Seus limites são: ao Norte: com as Guianas, ao Sul: com Juruti, a Leste: com Óbidos, Oeste: com Terra Santa e Faro.

Em relação a hidrografia, o município possui rios que ligam a cidade-sede e outras localidades do município, além de lagos, ilhas, furos e cachoeiras.

a) Rio:

**Trombetas:** é considerado o rio principal, ele banha a cidade de Oriximiná, afluente da margem esquerda do Rio Amazonas, tem seu leito arenoso, água clara e piscosa. Nasce nas fronteiras das Guianas e em sua formação recebe águas no rio Mapuera, Cachorro e Erepecuru.

A economia central baseava-se na extração da madeira de lei, de juta, pesca e castanha-do-pará. No final da década de 1970, deu-se a instalação do projeto Trombetas, da Mineração Rio do Norte S/A (MRN)<sup>37</sup>, o que constituiu uma fonte de renda para o município. A economia também gira em torno da agricultura, pecuária e extrativismo.

**Extrativismo:** é a atividade ligada à retirada da natureza, tudo o que ela nos oferece, seja de origem vegetal, animal ou mineral.

No extrativismo vegetal, o município dispõe da extração da madeira e da castanha-do-pará.

**Castanha-do-pará:** concentra-se na terra firme, às margens do rio Erepecuru. Sua colheita ainda é feita por negros remanescentes de quilombos, o período de colheita entre janeiro e março é quando os frutos caem. As castanhas são exportadas para Itália, Holanda, Inglaterra e resto do Brasil, através da exportadora Florenzano.

**Madeira de lei:** cedro, angelim, andiroba, maracatiara e uma diversidade de madeiras valiosas exportadas para fora do país.

---

<sup>36</sup> Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/1JX3> >. Acesso em: 05 Jan.2017.

<sup>37</sup> A Alcoa possui 18,2% do capital acionário da Mineração Rio do Norte (MRN), umas das maiores empresas brasileiras fabricantes de bauxita, matéria-prima do alumínio. Localizada na Amazônia, na região oeste do Pará, trata-se de uma empresa de capital fechado constituída em 1979 por uma associação de oito empresas. Disponível em [https://www.alcoa.com/brasil/pt/info\\_page/home.asp](https://www.alcoa.com/brasil/pt/info_page/home.asp). Acesso em: 22 Nov.2016.

**Extrativismo mineral:** o ouro e a bauxita são os mais extraídos dessa região. *Ouro* é o minério explorado por garimpeiros na região, nos rios Erepecu e Erepecuru<sup>38</sup>, já a *bauxita*<sup>39</sup> é usada quase que exclusivamente na produção de alumina, transformada em alumínio e em produtos químicos.

**Extrativismo animal:** é a principal fonte de alimentação da população ribeirinha, pois a cidade de Oriximiná possui vários rios e lagos e uma diversidade de peixes como surubim, dourado, pacu, curimatã, jaraqui, tambaqui, acari, pirarucu, entre outros. Uma grande parte desse pescado abastece outros mercados como o de Porto Trombetas e Santarém. Entre uma diversidade de pássaros, quelônios dentre outros.

No município de Oriximiná, a atividade de agricultura é pouco desenvolvida, em virtude de fatores como enchentes, animais peçonhentos, carência de recursos e despreparo do agricultor. A agricultura é apenas um meio de subsistência para os moradores que costumam comercializar alguns produtos. Os produtos cultivados são: mandioca, feijão, milho, frutas típicas da região, hortaliças cultivadas pelos moradores do rio Cachoeira.

**Frutas comuns da região são:** cupuaçu, murici, pupunha, graviola, caju, tucumã, ata, açai, sapotilha, limão, coco, castanha-do-pará, mari-mari, abiu, araçá, ingá, tangerina, muçujá, vários tipos de bananas, dentre outros.

O município de Oriximiná é rico em manifestações religiosas, por exemplo: a festa de São Sebastião com celebração litúrgica, no mês de janeiro, é acompanhada de procissão, novenário e festa profana.

A festa de Santo Antônio, que é o padroeiro de Oriximiná, acontece todo mês de agosto com festejos são acompanhados por Círio Fluvial e festa profana. Outras festividades de destaques no município são as festas da castanha-do-pará, pesca do tucunaré e as comemorações do aniversário do município. Há, ainda, um aspecto cultural muito relevante no município que é a presença dos “rezadores” e dos “encomendadores de almas”.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Erepecuru: Rio que desagua nas margens do Rio Trombetas, impropriamente chamada boca do Cuminá, há 35 km do Porto de Oriximiná. Os cursos superiores e médios são cortados por cachoeiras há 90 km pela cachoeira do Inferno, acima da foz, o rio então, faz um salto de 30 metros, entre duas muralhas, que logo em seguida formam uma garganta de 1.400 metros de comprimento, numa corredeira de total violência. (FEITOSA, 2002.p. 44)

<sup>39</sup> A bauxita é uma rocha de cor avermelhada, formada por processos de laterização (transformação de minerais pela ação do clima, em ambiente tropical) e composta por óxidos de alumínio (gibbsita), ferro (goethita e hematita), titânio (anatásio) e minerais de argila (caolinita). Seu nome é derivado da localidade em que foi observada pela primeira vez – Les Baux (França), pelo geólogo Pierre Berthier, em 1821. Disponível em: <http://www.mrn.com.br/pt-BR/Sobre-MRN/Perfil/Bauxita/Paginas/default.aspx>. Acesso em 22 Dez. 2016.

<sup>40</sup> Encomendadores de almas: A misteriosa encomendação das almas, foi introduzida pelos frades capuchinhos, durante o processo de catequese religiosa no município, rezar para as almas é um ritual de fé, promessa e comprometimento. Cada promessa dura no mínimo sete anos, referente aos sete mandamentos da igreja católica.

Ainda na parte cultural, o município de Oriximiná possui uma vasta quantidade de lendas regionais, danças típicas, artesanatos.

**Culturas mortas:** saraus, missas solenes em latim, serenata em frente às casas, filhas de marias e marianos, pilão e gamelas, púlpitos, confessionários e pias batismais, cruzadas eucarísticas.

**Usos e costumes:** muitos costumes do povo Oriximinaense já desapareceu ao longo do tempo, alguns permanecem somente em localidades rurais como: as festas religiosas de Santo Antônio principalmente, nas quais anualmente acontece a procissão e os costumes para as moças solteiras que procuram um casamento, a crença do pão do santo é o que chama a atenção, pois os devotos acreditam que quem come o pão abençoado do santo será contemplado com um casamento.

Nas comidas típicas do povo Oriximinaense, destacam-se as comidas típicas da região Norte. Monteiro (2005, p.14) cita que “a alimentação do paraense traz essa marca do extrativismo, com a farinha, o tucupi, e a maniçoba, por exemplo feitos de folhas e raízes. E em muitas regiões de castanhais nativos, os alimentos só são preparados com leite de castanha, extraído diretamente das pevides. É o extrativismo se fazendo presente na vida paraense”. Outras comidas típicas são:

**Tartaruga:** sarapatel, paxicá, guisado, farofa no casco, ovos cozidos, ovos crus batidos com farinha de mandioca, assado na brasa ou no forno.

**Tracajá:** sarapatel, farofa no casco, ovos cozidos, ovos crus batidos com farinha de mandioca, assado na brasa ou no forno.

**Pitiú:** assado na brasa ou no forno, ovos cozidos.

**Jabuti:** na castanha, no leite de coco.

**Pato:** Guisado, ao tucupi e assado.

**Pirarucu:** seco desfiado, assado e servido com pirão de farinha, seco no tucupi, ventrecha assada ou cozida, bolinha na castanha, costela no quiabo ou com maxixe, guererê (feito com as tripas do peixe).

---

Eles ensaiam cantos que serão cantados durante a encomendação. Esse ritual sempre começa na madrugada da quarta-feira das trevas, quando o grupo vai ao cemitério pegar as almas, principalmente aquelas consideradas condenadas na vida terrena, depois da peregrinação elas são devolvidas na madrugada da sexta-feira. Durante a jornada, o grupo para em frente das casas que encomendaram as almas e a partir daí encontram as velas acesas e o mestre começa as cantorias. Esse ritual ainda é muito comum na cidade, sem mantém viva e forte até os dias atuais no município de Oriximiná. (EUFRÁSIO; ROCHA, 2016, p. 25)

**Bebidas:** café, tacacá, manicuera, tarubá<sup>41</sup>, licores, sucos e chás.

**Licores:** jenipapo, cupuaçu, tamarindo, carambola.

**Chá:** cidreira, canela, capim cheiroso, boldo, limão, carambola, quebra-pedra, pata de vaca, casca de preciosa.

### 2.1.6 Município de Santarém

“A primitiva aglomeração indígena localizada onde hoje se encontra a cidade de Santarém se chamava Tupaiú – daí os ocupantes desse local serem conhecidos também por tupaius”. (SANTOS,1999, p. 31). Esses índios apresentavam um porte físico típico da região Norte, que os diferenciava de outras tribos “os tupaius eram de físico avantajado, gente de brio, talentosos e ativos, guerreiros e fortes, a mais numerosa das seis diferentes tribos da tupaiaçu, a poderosa nação que dominava uma vasta extensão de terra na região do Baixo Amazonas”. (AMORIM,2000, p. 23). Dessa forma eram considerados índios guerreiros do tapajós, e por pertencerem às localidades próximas das margens do tapajós, mais precisamente na cidade de Santarém, eram conhecidos como Tupaiu.

A palavra Tupaiu sofreu inúmeras denominações, tais como: Tupuiús, Topaiós, Tapaiós, fixando-se então no nome que é constituído até os dias atuais, Tapajós.

No ano de 1542, a primeira referência escrita da miscigenação do contato de brancos com os índios tupaius, ou tapajós, foi através de uma expedição, da qual o monge dominicano Frei Gaspar de Carvajal fizera parte, “estávamos em terras muito povoadas, de um senhor que se chamava Nurandaluguaburabara, este senhor, seria talvez, o chefe dos Tapajós nos idos de 1542” (CARVAJAL *apud* FONSECA, 2006, p. 13).

Na data de 1626, o capitão Pedro Teixeira, juntamente de Frei Cristóvão de São José, vinte e seis soldados e vários índios já catequizados, chegaram à taba dos Tupaius, no local onde se chamaria a cidade de Santarém. O objetivo de Pedro Teixeira era fundar núcleos entre os Tapajós, sua missão era chamada de “tropas de resgate” no qual o intuito era comprar índios, escravizá-los e trocá-los por objetos como facas, machados, miçangas e outras diversas quinquilharias.

---

<sup>41</sup> Bebida natural indígena preparada à base de mandioca. O processo inicia no roçado de mandioca onde a raiz é colhida em um trabalho bem simples e rápido. Ainda no meio da mata os produtores colhem palhas de curuá uma espécie de palmeira que será utilizada na preparação do Tarubá, o próximo passo é descascar e levar a mandioca que em seguida é sevada na máquina de processamento. Disponível em: <http://montealegrehoje.blogspot.com.br/p/culinaria.html> Acesso em 10 abril 2017.

Os Tapajós, entretanto, não aceitavam esse tratamento e nem esse tipo de “negócio” pois, viviam da natureza e dos recursos dela retirados. Restou ao capitão manter o melhor relacionamento com os índios; também é a ele atribuído o título de descobridor do Tapajós. Em 1639, chegou outra tropa comandada por Bento Maciel, sargento-mor da Capitania do Cabo Norte, juntamente de seu pai Bento Maciel Parente, agiram silenciosamente nas aldeias do Tapajós, matando vários índios.

No ano de 1659, segundo a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do Padre Serafim Leite, apareceu o primeiro jesuíta no Tapajós, a saber, Padre Antônio Vieira mediado pelo militar Souto-Maior, pois era conhecedor da língua nativa.

Em maio de 1661, chegaram outros padres na aldeia dos Tupaius, Tomé Ribeiro e Gaspar Misch, e um mês depois o padre João Felipe Bittencourt, que estava em trabalhos de catequese nas proximidades de Belém, fora designado por seu superior, o Padre Antônio Vieira, de quem recebeu ordens para permanecer e ali instalar sua missão.

Em 1758 foi elevada à categoria de vila pelo capitão-geral Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o governador da província do Grão-Pará, titulando o nome de Santarém. Mendonça Furtado botou nomes indígenas pelos nomes das cidades e vilas portuguesas, uma questão político-ideológica. Nessas viagens o governador instalou também as vilas de Alter do Chão (aldeia do Boraris), Boim (aldeia dos Tupinambás), Vila Franca (aldeia dos Arapiuns ou Cumarus) e Pinhel (aldeia de Matapuz). (FONSECA,2006)

Há uma lenda a respeito da origem do nome Santarém. Conta-se que na cidade de Nabância (Lusitânia) viviam dois nobres godos, Ermígio e Eugênia, que tinham uma filha chamada Irene. A criança fora ensinada dentro dos padrões religiosos, educada num convento próximo a sua casa, pelas suas tias freiras. Num certo dia, o fidalgo Teobaldo a viu no claustro e, apaixonado, a pediu em casamento. Porém, a bela moça não aceitando ao pedido, foi raptada por Teobaldo e covardemente degolada, tendo seu corpo jogado no rio Nabão, a correnteza forte levou o corpo ao rio Tejo. Ali, anjos construíram seu túmulo e a notícia espalhou-se rapidamente pela cidade da Lusitânia, pessoas de todas partes apareciam para venerar o túmulo da mártir virgem e considerada santa. “Mais ou menos no ano de 650, passou a ser denominada Santairene, ou Sanctaherenae, do velho latim.” (SANTOS, 1999, p.129)

Tempos depois a cidade de Escalabis teve seu nome mudado para Santa Irene, no qual os portugueses pronunciavam Sant’Irene, daí em diante o nome é Santarém, essa cidade tem esse nome até os dias atuais, e foi dessa lenda que Mendonça Furtado pôs o nome a vila de Santarém no Pará.

Na data de 24 de outubro de 1848, o presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, referendou a Lei nº145, elevando Santarém à categoria de cidade. Foi abrangido também vilas de Cameté e Barra do Rio Negro (hoje, a cidade de Manaus).

Segundo o IBGE, o município de Santarém<sup>42</sup> situa-se no Estado do Pará, na microrregião do Médio Amazonas. A área do município é de 24.154 km com uma altitude de 46 metros acima do nível do mar. Em linhas retas, 810 km da capital do Estado, por via Fluvial 1.080 km; e por via terrestre 4.409 km. Ocupa o 49º lugar em relação à distância dos municípios da capital Belém. Possui as seguintes coordenadas geográficas 4º 45' 48 de latitude Sul. E 55º 22' 09 longitude oeste.

O ponto mais alto do Município é a Serra do Tumucumaque, com 700 metros de altitude. Limita-se com os municípios de Prainha, Monte Alegre, Alenquer, Óbidos, Juruti, Aveiro, Uruará, Rurópolis, Presidente Médici, Placas e Belterra.

Santarém, é considerada a eterna namorada de dois rios, o Amazonas e o Tapajós, e do encontro de suas confluências em frente à cidade surge um espetáculo natural chamado “encontro das águas” encontro esse das límpidas do rio Tapajós e as barrentas do Amazonas. Há duas quedas d'águas de grande importância, a cachoeira do Palhão, no rio Curuá-Una, onde está inserida uma hidrelétrica e a do Aruã, no Arapiuns.

A economia é baseada no extrativismo animal exportação de gado e exportação da soja, sorgo, mandioca e milho vindos do município de Belterra.

A região Norte é muito rica em atividades culturais, que as diferencia de todas as outras regiões, seus aspectos indígenas nas suas artes denota uma tradição que merece ser vivida e cultivada por longos anos. É uma região rica em credices e superstições e ainda é muito cultivada pelos ribeirinhos que transmitem de gerações para gerações essas superstições, como por exemplo: “não presta benzer-se no escuro, atrai espíritos malignos” dentre outros.

Outra credice muito conhecida da região é a Puçanga ou “coisa feita” é um feitiço, preparado por pajés, capaz de curar qualquer olho gordo, qualquer tipo de mal, um puçangueiro tem prestígio e é muito procurado pelos que acreditam nessa credice o mais procurado da região que viveu em Santarém se chamava Pojó, até a metade do século XX. (FONSECA,2006)

**Olho-de-boto:** Amuleto mais popular e conhecido da região norte, é o preparado com o olho do boto, conhecido também como cajila-de boto. Serve para prender mulheres, naquela que o homem deseja amolecer o coração. O amuleto funciona da seguinte forma, o conquistador

---

<sup>42</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150680> .Acesso em 11 de abril 2017.

leva o amuleto a um de seus olhos, o outro é conservado e fechado e reza segurando o amuleto para aquela com quem deseja ter um relacionamento amoroso.

Segundo Fonseca (2002), “é o campo onde a sabedoria popular se manifesta de maneira muito expressiva e verdadeira, é no que diz respeito ao preparo e uso de remédios caseiros, proventos de folhas, raízes, cascas, seivas e óleos vegetais”.

São remédios caseiros repassados de gerações para gerações, herança deixada pelos antepassados, hoje são objetos de estudo da ciência.

**Andiroba** - o cozimento das cascas e folhas, servem como vermífugo. O óleo é usado para a cura de ferimentos, ferradas de insetos, bom para dor de garganta, inflamação do ouvido;

**Copaíba** - o óleo é ótimo para bronquites, tosses, é cicatrizante de úlcera e feridas. Serve também como anti-inflamatório.

**Erva-cidreira** - é estimulante, antiespasmódico e estomáquico.

**Quebra-pedra** - o chá das folhas, sementes ou raízes dissolve as pedras dos rins, também é usado nos casos de diabetes e distúrbios da próstata.<sup>43</sup>

De acordo com Fonseca (2006) define os famosos pratos regionais mais famosos da região Norte e especialmente da cidade de Santarém, dentre eles, destacam-se:

**Pato:** assado, de forno, cozido, guisado ou no tucupi.

**Maniçoba:** é um prato típico, feito da folha da maniva moída (altamente tóxica), é posta para o cozinhamento por 3 (três) dias, quando se acrescenta ao cozimento as vísceras de boi, mocotó, charque dentre outros produtos guisados ou fritos. Já no quinto dia acrescenta-se mais vísceras de porco, a maniçoba muda de cor, ela fica num ponto de cor negra e aí sabe-se que está pronta para ser comida.

**Tacacá:** é uma bebida regional do Pará e Amazonas. Primeiramente se faz a goma da tapioca, tipo um mingau, o tucupi deve ser fervido pois, contém ácido cianídrico, depois temperado á gosto. Já na cuia (os indígenas retiram de uma árvore chamada cuieira,) coloca-se o tucupi cozido, a goma, camarões, folhas de jambu cozidas. E então sova-se o tacacá.

**Peixes:** moqueca, caldeirada, peixe cozido, assado na brasa, frito, ventrecha (barriga com a gordura somente do Pirarucu). Pirarucu pode-se fazer de várias formas, seco se faz o desfiado, pirarucu à casaca, ao leite de coco cm verduras, dentre outras.

---

<sup>43</sup> Para a elaboração do capítulo sobre remédios caseiros, o autor Wilde Dias da Fonseca, retirou do livro intitulado Plantas e seus valores medicinais, lançado em Santarém em 1982/3. Trabalho realizado pelo MEB (Movimento de Educação de Base) com a colaboração DEMEC/Pará – 18982/1983”. Livro feito com a intenção de relatar a transcrição de alguns remédios, não estão inclusos todos, resumidas e não ensinadas como fazê-las.

**Piracuí:** é feito do assado de vários peixes especialmente o acari, dele é feito o famoso bolinho de piracuí, farofa de piracuí.

## 2.2 Os informantes

As variáveis sociais utilizadas nesta pesquisa levaram em conta os critérios de faixa etária, grau de escolaridade e gênero para a escolha dos informantes, que serão num total de 08 para cada município, sendo 4 homens e 4 mulheres de duas faixas etárias (de 18 a 30 e de 50 - 65 anos) e de duas escolaridades (Ensino Fundamental e Ensino Médio). Perfazendo um total de 24 (vinte e quatro) informantes nos três municípios visitados *in loco*.

Na escolha dos informantes (ver Quadro 2), teci o perfil:

- Naturalidade: os informantes têm de ser da própria localidade e filhos de pais nascidos na localidade ou na região;
- Não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida;
- Apresentar boas condições de fonação;
- Faixa etária: informantes que se enquadram na Faixa etária I (de 18 a 30 anos), e na Faixa etária II (de 50 - 65 anos);
- Sexo: 04 homens e 04 mulheres em cada ponto de inquérito;
- Escolaridade: serão entrevistados informantes de duas escolaridades, a saber: Ensino Fundamental I (do 1º ao 4º ano) e Ensino Médio (do 1º ao 3º ano)
- Profissão: participaram da pesquisa, em sua maioria, pescadores, agricultores, estudantes, catraieiros<sup>44</sup>, aposentados e domésticas. Alguns informantes praticavam simultaneamente a pesca, a criação de gado, a caça e outras atividades agrícolas.

Considerando a peculiaridade de cada município, sobretudo na sua formação populacional, haja vista as transformações sociais que vêm passando, devido à tecnologia chegar a lugares mais afastados das áreas urbanas, tentei, ao máximo, seguir as exigências pleiteadas pela Dialectologia para esta pesquisa.

Foi apresentado, junto com o questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética, incluso no Anexo deste trabalho. A descrição do perfil desses informantes e a ficha do informante encontram-se nos apêndices.

---

<sup>44</sup> São os homens que trabalham em pequenas lanchas, voadeiras, rabetas (são mais comuns na Manaus moderna), levando e trazendo mercadorias ou passageiros entre as embarcações e o porto (AZEVEDO, 2013).

Apresento, a seguir, um quadro resumo do perfil dos informantes desta pesquisa.

Informante	Gênero	Faixa etária	Escolaridade
01 (H1)	Homem	18-30	Analfabeto ou alfabetizado até a 4 <sup>a</sup> . série
02 (M1)	Mulher	18-30	Analfabeta ou alfabetizada até a 4 <sup>a</sup> . série
03 (H2)	Homem	50-65	Analfabeto ou alfabetizado até a 4 <sup>a</sup> . série
04 (M2)	Mulher	50-65	Analfabeta ou alfabetizada até a 4 <sup>a</sup> . série
05 (H3)	Homem	18-30	Acima da 4 <sup>a</sup> . Série do Ens. Médio
06 (M3)	Mulher	18-30	Acima da 4 <sup>a</sup> . Série do Ens. Médio
07 (H4)	Homem	50-65	Acima da 4 <sup>a</sup> . Série do Ens. Médio
08 (M4)	Mulher	50-65	Acima da 4 <sup>a</sup> . Série do Ens. Médio

Quadro 03: Perfil dos informantes dos municípios visitados *in loco*.

Fonte: (AZEVEDO, p. 2013; p. 107).

### 2.2.1 O Caboco e seu perfil: Uma questão identitária

Nesta subseção inicia-se com uma discussão conceitual acerca do designativo caboco, suas determinações sócio-históricas e identitárias, a partir das considerações de autores como Monteiro (1991), Boyer (1999), Martins (2005) e Harris (1999).

Dividindo esses conceitos da terminologia caboco em categorias, (ii) apresentarei a conceituação sobre o léxico conforme os estudos de autores como Biderman (1978), Teixeira (2015), Cristianini (2007), Correa (1980) e Rey-Debove (1984), dentre outros; e (iii) discutirei conceitos sobre a norma de uso.

Vou contar a minha história, mas por viagens. Montado a cavalo, eu sempre esbarrava em margens e barrancos. Já quando me avezei pela canoa gita, desapareceu pra mim essa questão de margens e ribanceiras cortantes. Os furos, os igarapés, os rios e os lagos me davam a impressão de ser sempre uma pessoa refletida num espelho andante e baita. Pra mim, paresque, era a linha d'água que dividia o mundo (...) comecei também a chegar nas cidades por pontes e trapiches. Tudo passou a ser marcado por chegadas e saídas. Por isso agora só conto a minha vida por viagens. Ela passou a ser assim, sem paradeiro certo, dependendo da maré das águas, das pessoas e até dos objetos. O senhor pensa que regatão tem algum destino? Só tem chegadas e saídas. Por isso também que agora conto a minha vida por paradas. Aliás, foi nas paradas que consegui arrumar a minha descendência..." (MONTEIRO, 1991, p. 31-34).

Trago, nesse trecho de Monteiro, o exemplo de uma manifestação do que seja a identidade linguística cabocla. Essa forma lexical está expressa numa das andanças do autor pela região Norte, onde está inserido todo o seu processo de identidade, além do contexto histórico e ideológico que o indivíduo traz consigo. Conforme Martins:

O contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do referente são essenciais para a compreensão de um outro conceito próprio dessa teoria, os efeitos de sentido. Tais efeitos se estabelecem no ato de enunciação; não há um sentido preexistente que afloraria na linguagem, como se em algum lugar ele fosse puro (MARTINS, 2005, s/p.).

Em outras palavras, os discursos surgem de processos ideológicos aos quais todo sujeito está imerso, e o discurso produzido sempre será uma característica daquele indivíduo, permeados por fatores culturais, posição social, étnicos e políticos.

Além desses fatores, os sentidos resultam do processo de identificação de um indivíduo com a sua comunidade. E nesse contexto surgem os processos de construção de identidade, no qual está focado este capítulo, que envolve não somente a questão ideológica, mas uma questão de poder, para o processo de identificação do caboclo amazônico. Como afirma Pierucci:

Diferenças coletivas são marcadas através de traços distintivos, reais ou inventados, herdados ou adquiridos, genéticos ou ambientais, naturais ou construídos, por grupos de pertencimento ao longo de linhas demarcatórias de raça, etnia, procedência, sexo e gênero, idade, nacionalidade ou região. Essas linhas demarcatórias definem inclusão ou exclusão, superioridade ou inferioridade de um grupo em relação aos outros, com base em marcas ou atributos empíricos, sensíveis, muitas vezes visíveis, de diferenças tornadas significativas através de práticas sociais operadas cotidianamente por grupos que ora enfatizam, ora ignoram ou obscurecem essas diferenças, negando sua influência ou determinação na conduta, no caráter, no sucesso ou no fracasso de cada indivíduo, de modo que enfatizar as diferenças, tanto quanto ignorá-las e tratar igualmente os diferentes, pode estigmatizar pessoas e grupos, barrando ou limitando seu acesso às oportunidades na sociedade mais ampla (PIERUCCI, 1999, p. 104-6).

Nesse sentido, as marcas identitárias só existem quando os membros de um grupo étnico se assumem como membros pertencentes daquele grupo, aceitando suas diferenças e semelhanças, apropriando-se daquela denominação. Como a identidade cabocla ainda é ambígua de sentidos, ao designativo caboclo, como marca identitária e cultural, procedo à divisão por categorias de classificação: geográfica, étnica, estratificação social e religiosa. Porque para muito estudiosos — não somente da linguística, mas da antropologia, história, dentre outros — ainda se encontram em debate as questões de identidade cabocla.

Neste trabalho eu me aproprio do termo caboco como derivação lexical de caboclo. Nas palavras de Correa (1989, p. 7), “caboclo é a forma corrente de caboclo, o que os leva a

considerar caboco e caboclo como variantes lexicais”. Entendemos, portanto, que o modo de vida do caboclo seja influência da forma simples que eles levam, longe dos cânones urbanos, em razão da sua mão-de-obra voltada para extração dos produtos florestais.

O arquétipo do caboclo também é composto de traços culturais que distinguem seu modo de vida de uma existência branca e urbana. As características de uma arquitetura distinta, os meios de transporte que usa seus instrumentos de trabalho, seu conhecimento e modo de manejar os recursos da floresta, seus hábitos alimentares, sua religiosidade, mitologia, sistema de parentesco e diversos maneirismos sociais expressam a existência de uma cultura cabocla que é básica para o conceito desse típico amazônida (LIMA-AYRES, 1999, p. 13).

Lima-Ayres não se refere à cultura caboca como uma única e ímpar cultura, mas a usa nesse contexto como característica dos habitantes que ainda vivem de uma maneira minimalista. Nesse sentido, utilizo o termo caboco como forma representacional no resgate de memórias, identidades de representações construídas por um processo histórico marcado por intervenções não somente linguísticas, mas por processos históricos e culturais.

Conforme afirmam Adams, Murrieta e Neves (2006), “a categoria cabocla é uma criação da colonização portuguesa na Amazônia. É uma categoria de indivíduos que partilha seus modos culturais, num ambiente encantado”.

Embora esse contexto cultural tenha sido interpelado por outras formas culturais impostas ao indivíduo denominado caboclo, desde o século XIX, por objetivos totalmente mercantilistas, em detrimento à ampla riqueza que a floresta amazônica oferece e também uma mão de obra mais barata, a identidade caboca permaneceu. Na verdade, o “contexto da violência, da dominação que essa identidade foi forjada, fez com os caboclos definissem uma oposição aos poderosos estrangeiros”<sup>45</sup>.

Meu interesse, aqui, não será analisar a forma histórica dessa categorização, por ainda ser muito debatida no mundo acadêmico, sem um consenso, e as versões conceituais ao designativo caboclo ainda são de cunho pejorativo.

De acordo com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, o termo:

*Caboclo* é uma expressão que vem do tupi (kari'bora<sup>46</sup>, “procedente do branco”); mestiço de branco com índio; cariboca; carijó; antiga denominação do índio; caboclo de cor acobreada e cabelos lisos; caburé, tapuia (antigamente, designação dada pelos

---

<sup>45</sup> The context of violence and domination in which their identity was forged has made the caboclos define themselves in opposition to powerful outsiders (Harris, 1999; Slater, 1997).

<sup>46</sup> Outros autores, como Teodoro Sampaio (1987) ou Câmara Cascudo (1974) designam caboclo, respectivamente, do tupi caa “floresta”, e boc “que vem de” (procedente do mato). (GRENAND; GRENAND, 1990, p. 26).

tupis aos gentios- aquele que professa o paganismo, idólatra-inimigos); índio bravo; mestiço de índio; índio manso; em sentido pejorativo, pessoa desconfiada ou traiçoeira (FERREIRA, 1994, p. 242).

São considerados como caboclos, nessa denominação coloquial ao termo, os indivíduos que não correspondem aos parâmetros da sociedade como civilizada, urbana e branca, inferiorizando, assim, quem é descendente do índio, ou quem vem da zona rural ou de estratificação social menos favorecida, sempre prevalecendo uma identificação negativa ao designativo caboclo.

Desse processo, o período colonial brasileiro já trouxera alguns estereótipos cultivados pela ideologia da colonização, freando, assim, alguns dos valores que a sociedade nativa exercia por direito e desvalorizando os pensamentos ideológicos dessa sociedade, a qual era mantida, até então, por uma composição de raça inferiorizada, por ser incapaz de possuir o nível mais alto de cultura e de pensamento.

Com o tempo, houve a mudança de designativo do termo caboclo, o qual foi se transformando para uma linguagem coloquial, ficando como “caboca”, que transmite a ideia de índios mais civilizados.

Uma separação social que marcava limites de categorias sociais importantes na colônia se relaciona com este conjunto de representações e valores, imprimindo aos índios o lugar simbólico de raça inferior, selvagem e, por isso mesmo, próximo da natureza. Deculturar e aculturar forçosamente, equivalia a civilizar os ‘brutos’ e ensinar-lhes a sair do seu estágio inferior de cultura e sociedade. Todo projeto colonial se montou para alcançar a integração dos índios, em uma modalidade bem definida, dentro da sociedade, visando sua assimilação final como súditos leais, cristãos, de categoria inferior, mas indistintos em termos de etnicidade. Tais objetivos falharam no caso de uma série de povos indígenas no Nordeste, para o qual a estigmatização contínua e a atribuição geracional de identidades substancializadas contribuíram decisivamente. Não obstante, esta constelação, como já observado, não foi objeto de maior investigação. (REESINK, 2011, s/p).

Fica claro, desse modo, que essa associação de sentido inferior ao termo caboclo surgiu pela identificação e designação social que era dado aos fenótipos indígenas.

Trabalhos braçais, apresentam um certo grau de marginalização em relação ao mercado e não possibilitam uma boa margem de rentabilidade econômica (pesca artesanal, pequena agricultura dentre outros); uma vez que também são dependentes de uma cadeia de intermediários que retém parte significativa da renda delas procedente. Essa situação lhes confere um baixo rendimento monetário e reduzido do poder de compra. Em face disso, o modo de viver e o trabalho do caboclo, são considerados pelos segmentos mais abastados da população como primitivos, assemelhado aos dos indígenas e, por isso inferiores, embora predominantes (LOUREIRO, 1987, p. 52).

É evidente, pois, que se trata de uma definição ambígua e complexa que acaba associando a terminologia com pessoas mais humildes, sem estudo, constituindo uma ideia preconizada de estratificação social. O emprego do conceito de cultura cabocla aparece aí como limitado, comparado a outras etnias que se julgam superiores, tal como a branca, que está relacionada a maiores posições de prestígio social, inclusive linguisticamente. Wagley, por exemplo, conclui que “o ‘caboclo’ amazônico, só existe no conceito dos grupos de *status* mais elevado referindo-se aos de *status* inferior” (WAGLEY, 1976 *apud* CASTRO, 2014)<sup>47</sup>.

De maneira geral, na atualidade, caboclo serve para demarcar a forma genérica como viveram os índios e bem assim a sua posição social perante a sociedade desde o período colonial. Quanto à categorização racial, o termo caboclo é também usado como categoria de classificação social, embora haja associações dentro da própria região que diferencia a classe superior amazônica como branca, enquanto a classe baixa rural é diferenciada como cabocla.

Enquanto categoria de dimensão geográfica, o termo caboclo é reconhecido como um dos tipos regionais brasileiros, assim como os gaúchos do Sul, os cariocas, no Rio de Janeiro, os sertanejos do Nordeste, dentre outros. Devido à Região Norte concentrar uma maior população mestiça indígena, onde os vestígios de práticas e crenças autóctones ainda são presentes no meio rural, a palavra “caboclo” é associada às referências culturais intimamente ligadas à história das suas origens.

No que concerne à categoria religiosa, o termo caboclo é empregado em uma forma que envolve mística e respeito, pois serve para cultuar deuses das mais diversas crenças, como forma de possessão, por exemplo, o candomblé:

Meus pés descalços irão penetrar a terra, ligando-me ao grande Deus Tupã.  
Faça de mim uma flecha de luz, atirando-me aonde a escuridão imperar.  
Se eu ficar cansado, irei recostar-me no tronco da Jurema e adormecer coberto pelas suas folhas, ouvindo o canto dos pássaros anunciando o fim do dia.  
O som da cachoeira irá embalar meus sonhos.  
Quando chegar a hora da passagem, amarre minha alma na ponta da flecha, suba na mais alta montanha, estique a corda ao máximo e lance-me rumo ao infinito.  
Assim seja...”<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> CASTRO, F. F. de. **A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia.** Revista de Antropologia (USP. Impresso), v. 56, p. 431-475, 2014.

Retirado do livro de WAGLEY, Charles. **Amazon Town, a study of Man in the Tropics.** London, Oxford and New York: Oxford University Press, 1976 (publicado originalmente em 1953).

<sup>48</sup> Disponível em [http://www.wemystic.com.br/artigos/umbanda-conheca-a-oracao-dos-caboclos/?utm\\_source=push&utm\\_medium=pushnotification](http://www.wemystic.com.br/artigos/umbanda-conheca-a-oracao-dos-caboclos/?utm_source=push&utm_medium=pushnotification). Acesso em 10 abril 2017.

Nesse trecho da Oração dos caboclos encontramos representadas as entidades de espíritos indígenas que habitaram a Amazônia desde tempos imemoriais e atualmente vêm em forma de luz divina, simbolizando proteção e fortaleza. Na Umbanda, religião que cultua esses espíritos, elas são invocadas para resolver conflitos físicos e espirituais. Seguindo esse raciocínio, Boyer declara que:

Para entender a importância da extensão do termo caboclo a qualquer ser invisível, deve-se considerar o contexto amazônico em que se situa a capital paraense. Em uma região que concentra a mais alta porcentagem de populações indígenas, mas sobretudo onde os vestígios de práticas e crenças autóctones se encontram ainda vivos no meio rural, a palavra “caboclo” é associada, mais do que em outro lugar qualquer, a referências culturais intimamente ligadas à história das suas origens (BOYER, 1999, p. 30)

Assim, muito embora o termo caboclo seja categorizado como uma representação, uma vez que não existe uma identidade única que o represente, não há uma afirmação em ser caboclo, mas somente uma aceitação contextual do rótulo. Além de o termo ainda possuir uma definição segregatória e discriminatória, é possível pensar esse fenômeno como uma recusa do termo em função de seu sentido pejorativo no contexto onde ele é produzido, embora esse denominativo simbólico possa ser transformado naquilo que o índio representou na história. Dito de outra maneira: seus costumes e seus saberes genuínos da terra fazem-no ser caboclo.

Por outro lado, nos discursos atuais em defesa da riqueza e da biodiversidade amazônica, o caboclo é visto como o guardião da floresta, aquele que detém os saberes nativos sobre a região. Neste contexto o caboclo é reconstituído como originário do lugar, herdeiro dos antepassados indígenas e totalmente adaptado à natureza (SAILLANT; FORLINE, 2001, p. 148-49).

Aproprio-me, portanto, do termo “caboco” por ter sido esta a representação primária dada ao indivíduo que vive às margens dos rios. “No Amazonas, na linguagem popular, regional, a forma usada é caboco em vez de caboclo. É considerado caboco o descendente direto ou indireto do índio, sendo constituído por todo indivíduo que nasce na zona interiorana, independente de classes sociais” (CORRÊA, 1980, p. 9).

Como a região Norte passou pelo mesmo contingente histórico, neste trabalho utilizo o designativo representativo caboco, tal como o faz Correa (1980), como uma forma de elevar as qualidades daqueles que vivem de um modo peculiar, que possuem o conhecimento — mesmo que empírico — da medicina caseira, que possuem um modo de falar genuíno da terra, que possuem crenças e modos de vida aproveitados da natureza.

### 2.2.2 O falar do caboco: língua, memória e cultura

Por fazer parte de determinados grupos sociais, nasce um sentimento de pertencimento com o tempo e com o lugar, adquirindo novos significados, tanto individuais quanto coletivos. Em meio a uma mistura simbólica, podemos dizer que são elaborados registros e memórias que viram verdadeiras fontes de legitimação da representação do mundo e de tudo o que nos permeia, fato que nos faz entender que é através da linguagem que é construído esse universo simbólico, realizando, assim, as práticas discursivas socialmente construídas.

A língua representa as particularidades geográficas de cada lugar, suas expressões, seus vocábulos e lexiás, estando também aliada a outros processos, tais como o histórico e o econômico — todos ajudando a formar a cultura de uma comunidade.

Dos elementos étnicos que compuseram a formação do povo da Amazônia, o que mais contribuiu para constituir sua linguagem foi a mistura da língua europeia, embora tenha contado com outras misturas linguísticas, quais sejam: a africana, o latim, o grego, o germânico. Mesmo em grupos heterogêneos, onde a identidade entra em luta com outra cultura, muitas perdas dessa cultura e identidade ocorreram, não sendo diferente com a linguagem da região. Todavia, em virtude de a língua poder contar com grande permeabilidade de assimilação de novas formas, criaram-se novos aspectos com o decorrer do tempo.

Nessa reflexão, Freire, por meio de estudos sobre a história do povo da Amazônia, depreendeu que:

Através de um testamento feito em 1580, foi legada ao Amazonas, onde o poeta Luiz Vaz de Camões agonizava em seu leito de morte, enquanto isso, não havia sequer um falante nativo do português na oralidade, somente a língua nativa dos índios o *tupi*. Segundo Freire (2011) “Trinta e seis anos após a morte de Camões, já no século XVII, a língua portuguesa entrou no Grão-Pará, levada por missionários, soldados e funcionários, determinando um novo ordenamento linguístico em toda a Amazônia.” Desde então, os falantes de português na região se tornaram bilíngues, havendo um profundo contato das várias línguas indígenas, através da obrigação comercial existente naquela época (FREIRE, 2011, p. 15).

Não podiam faltar indagações e estudos acerca da sistematização da língua indígena em detrimento da língua portuguesa no Brasil. Muitos escritos afirmam que no século XVIII a língua portuguesa entrou no Grão-Pará, levada por missionários, determinando, assim, um novo ordenamento linguístico do Nheengatu<sup>49</sup> nessa região.

---

<sup>49</sup> O nheengatu ou língua geral é uma variação da língua tupi-guarani falada por diversos povos indígenas do litoral brasileiro, que foi sistematizada por missionários e levada a outros povos indígenas do Brasil como uma língua de comunicação pan-indígena. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>. Acesso em 09 abril 2017.

Dessa forma, se buscará compreender os mecanismos do deslocamento linguístico ocorrido com a população em várias gerações, para explicar como o índio tribal - monolíngue em língua vernácula, transformou-se em caboclo - monolíngue em português, depois de percorrer caminhos diversos, trocando várias vezes de língua e de identidade durante o percurso, assumindo o bilinguismo e diferentes marcas identitárias - índio manso, tapuia, 'civilizado'. A 'certidão de nascimento' do amazonense e do paraense, como identidade regional, poderá assim ser encontrada, mas para isso é preciso destacar aqui uma das línguas de base indígena - a Língua Geral - cuja extensão será dimensionada e cujo mapa será desenhado, localizando o seu raio de ação até o seu declínio, do ponto de vista demográfico, no século XIX (FREIRE, 2003, p. 19).

Nesse sentido, embora a língua portuguesa tenha sofrido algumas influências decorrentes das condições históricas, sociais e geográficas, permaneceu minoritária, como língua exclusiva da administração, bem como para fins comerciais. Todavia, ainda no período colonial houve esse hibridismo linguístico, processo no qual ela se misturou com outras línguas indígenas.

Em meados do século XVIII, por intervenções políticas, a Língua Geral<sup>50</sup> foi definitivamente extirpada, tornando-se obrigatório somente o uso da língua portuguesa. Mas, a partir da segunda metade do século XIX, quando o monolingüismo passou a imperar na língua europeia, "cada novo falante indígena do português implicava vários falantes a menos em língua vernácula, que era abandonada, em uma ou duas gerações, pelos seus usuários" (FREIRE, 2003, p. 16).

Essa maneira de portugalização da Amazônia foi um processo que corrompeu não somente as línguas indígenas, mas também todo um mosaico cultural, construído e vivido ao longo do tempo, sofrendo mais modificações devido à mistura de outros povos com o povo amazônico:

No final do século XX, os falantes de Nheengatu e das demais línguas indígenas conquistaram direitos, que foram consolidados na Constituição Federal promulgada em 1988. O poder político, pela primeira vez na história do país, depois de cinco séculos de relação com os índios, deixou de considerá-los como categoria social em vias de extinção, para reconhecer o direito que têm de manter suas identidades, e de viver de acordo com "sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições" (Art. 231). O mesmo texto constitucional obriga o Estado a proteger as manifestações

---

<sup>50</sup> Língua Geral ou Nheengatu, teve papel histórico marcante, como meio de comunicação interétnica, porque foi ela, e não o português, a principal língua da Amazônia, presente nas aldeias, povoações, vilas e cidades de toda a região. Durante dois séculos e meio, índios, mestiços, negros e portugueses trocaram experiências e bens, e desenvolveram a maioria das suas práticas sociais, trabalhando, narrando, cantando, rezando, amando, sonhando, sofrendo, reclamando, rindo e se divertindo nessa língua indígena, que se firmou como língua supraétnica, difundida amplamente pelos missionários, através da catequese. Contou para isso, inicialmente, com o apoio do próprio Estado monárquico, que depois, em meados do século XVIII, modificando sua política, proibiu a Língua Geral e tornou obrigatório o uso da língua portuguesa. (FREIRE, op.cit. p.16)

dessas culturas, assegurando às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem nas escolas (Art. 215) (FREIRE, 2003, p. 17).

É inegável a percepção que a língua geral contribuiu para a fusão do português do Brasil, trazendo um vocabulário novo ao sistema mórfico, à estrutura das frases e ao léxico, heranças deixadas na cultura brasileira, uma vez que era considerada uma língua rudimentar e sem passado literário, em comparação com o português, possuidor de uma vasta tradição literária.

É importante frisar que, nesse processo de tantas mudanças linguísticas e culturais, muitos índios passaram a negar a sua própria identidade. O que parece é que quanto mais se afastava de sua identidade significava grande conquista de valor social, portanto, quanto mais próxima da identidade branca, mais tida como raça superior da civilização humana.

Além do mais, a partir da década de 1970, “os povos indígenas do Brasil iniciaram um período de recuperação demográfica e de autoestima identitária” (LUCIANO, 2006, p. 107). Essa reviravolta histórica ocorreu em virtude de ganhos sociais na esfera internacional e nacional, tal como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho - (OIT), ratificada pelo Brasil em 2003, que assegurou o direito dos indígenas serem reconhecidos como povos, e a Constituição Federal de 1988, a qual garantiu a inclusão dos seus direitos coletivos (LUCIANO, 2006, p. 95).

Atualmente, por questões políticas, esse ideário de caboclo que vai se tornar branco no mundo social, é desgastado, uma vez que os índios já não aderem à terminologia cabocla, mas se assumem como índio, na medida em que se assumir como índio é mais forte e poderoso do que se categorizar como caboclo. Do mesmo modo, a região amazônica se figurativiza lexicalmente com a mistura do tupi, acrescentando, ainda, a categorização cabocla, recorrentes da forma de como expressam seu referencial de mundo, em detrimento dos seus processos histórico-cultural. Essa ampla variedade de lexias de origem tupi, as quais eu descrevo, são separadas em campos semânticos.

### **2.3 Questionário semântico-lexical (QSL)**

O Questionário Semântico-Lexical - QSL foi o instrumento usado na coleta de dados linguísticos. Segundo o Comitê realizador do Projeto ALIB, a seleção dos itens inclusos no QSL tem como objetivo documentar o registro coloquial do falante, procurando retratar as formas de emprego mais gerais da comunidade pesquisada, bem como registrar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de certos grupos.

O uso do Questionário Semântico-Lexical - QSL permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados dentro dos moldes científicos e permite, ainda, comparações com outros atlas linguísticos.

O questionário utilizado nesta pesquisa é composto de perguntas distribuídas em oito campos semânticos diferentes. A divisão do questionário em campos semânticos distintos é uma tentativa de captar a diversidade lexical de cada mesorregião do Baixo Amazonas - Pará, a qual, por motivos históricos de colonização e devido à grande extensão geográfica, apresenta particularidades genuínas de cada localidade aos diversos ramos da atividade humana, tais como:

a. Léxico relacionado à Terra e a Rios: margem, ponte, pinguela, onda de rio (banheiro), remanso, vazante, tipitinga, igarapé-assú, igarapé-mirim, terra umedecida, lago, roçado, barranco, restinga, juquiri, igapó, canarana, capinar, cheia grande, roça.

b. Léxico relacionado a fenômenos atmosféricos: raio, trovão (trovoada), tempestade, temporal, nomes específicos para temporal, tromba d'água, toró, restinga, arco-íris, nuvem, chuva miúda, chuva passageira, enxurrada, nascer do sol, pôr do sol, tipos de estrelas, lua, fases da lua, floresta, raiz, semente, bagaço, caroço, neblina, sereno, orvalho, estrela d'alva, rebojo, remanso, repiquete e tapagem;

c. Léxico relacionado ao Meio biótico:

1- Aves: urubu, colibri, João de barro, galinha, galinha d'angola, papagaio, arara, tucano, rasga-mortalha;

2- Peixes: guelras, isca, pirarucu, jaraqui, surubim, poraquê, curimatã, pirarara, pacu, boto-tucuxi, boto-vermelho, branquinha, candiru, piranha (caju, preta), piaba, tambaqui, pirapitinga, sardinha, tucunaré, tartaruga, jabuti piranga, cabeçuda, capitari, calango, jacaré, cerca, peixe-boi, tabuleiro

3- Outros: macaco, aranha, teia de aranha, arapuca, cobra, lagartixa, louva deus, pernilongo, piolho, lêndea, pulga, vaga-lume, cotó, gambá, mosca varejeira, sanguessuga, libélula, coró (tapuru);

d. Léxico relacionado ao corpo humano e ao homem: cabeça, nuca, pomo de adão (gogó), clavícula, seios, desdentado, fanhoso, cisco, cego, vesgo, terçol, conjuntivite, catarata, soluço, meleca, corcunda, canhoto, pessoa de pernas arqueadas, axila, cheiro nas axilas;

e. Léxico relacionado à flora regional: vitória-régia, cupuaçu, tucumã, pupunha, seringueira, jambeiro, sapotilha;

f. Léxico relacionado à cultura e ao convívio: quebranto, pessoa tagarela, pessoa pouco inteligente, pessoa sovina, mau pagador, assassino pago, cunhatã, curumim, mana, mano.

- g. Léxico relacionado à medicina caseira: andiroba, copaíba, banho de sabugueiro, sebo de Holanda, ato de benzer, chá de casca de laranja, chá de limão, chá de rabo de guariba, curuba,
- h. Léxico relacionado a comidas: mojica, moqueado, paxicá, pirão;

Fizeram parte da composição do questionário semântico-lexical - QSL – perguntas retiradas da tese de Azevedo (2013), intitulada “Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no baixo Amazonas (PA) e no médio Solimões (AM)”;

assim como da tese de Cristianini (2007), intitulada “Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC”; e também do **Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM**, elaborado por Cruz (2004), o qual investigou o falar do caboclo amazonense em nove municípios das nove microrregiões do estado do Amazonas (Barcelos, Tefé, Lábrea, Humaitá, Itacoatiara, Parintins, Benjamin Constant, Eirunepé e Manacapuru).

Todas as respostas obtidas, resultados das entrevistas, estão organizadas e documentadas em áudios. Os dados das entrevistas gravadas poderão ser objeto de uma possível futura análise.

Na seleção dos itens inclusos no QSL, levei em conta a perspectiva onomasiológica<sup>51</sup>, pela apropriação de léxicos específicos de cada um dos municípios escolhidos para esta pesquisa. Meu intuito foi documentar as formas variáveis de emprego mais comuns impressas na história e repassadas ao longo do tempo nessa região.

### 2.3.1 As cartas semântico-lexicais

Neste subitem, apresento em cartas lexicais os resultados do *corpus* pesquisado *in loco*. Muitos pesquisadores da Geolinguística utilizam a palavra carta, já outros, como Coseriu (1982, p. 83), preferem “utilizar a palavra mapa para cartas linguísticas”.

Conforme ainda o pensamento de Coseriu (1982, p. 83), “as cartas lexicais têm como objetivo registrar as palavras utilizadas para expressar o mesmo conceito, independentemente

---

<sup>51</sup>Onomástica ou Onomasiologia é o ramo das ciências linguísticas ocupado do nome próprio. Sua origem remonta às primeiras especulações filosóficas sobre o nome e, no Ocidente, está intimamente ligada às tradições gramaticais greco-latinas, já que a distinção entre nome comum e próprio começa a ser elaborada por Dionísio de Trácia, primeiro gramático grego. [...] Atualmente, a onomasiologia divide-se em dois campos: a Antroponímia – estudo dos nomes próprios atribuídos a seres humanos (do gr. antropos, ‘homem’) –, e a Toponímia – entendida, em seu sentido geral, como o estudo dos nomes próprios atribuídos a lugares (do gr. topos, ‘lugar’). (BASTOS; RAMOS 2010, p. 02)

das variações fônicas, isto é, a pronúncia peculiar comprovada em cada ponto”. De acordo com o enfoque dado aos fatos linguísticos, os mapas linguísticos podem ser:

- a) Fonéticos - registram as variantes de um fonema, ou de vários fonemas correspondentes a um único fonema mais antigo, ou determinadas séries de fonemas que se encontram na mesma situação do ponto de vista histórico;
- b) Lexicais - registram as palavras empregadas para expressar o mesmo conceito, não considerando as variações fônicas, isto é, a pronúncia de cada ponto;
- c) Propriamente linguísticos - registram em sua integridade fônica e morfológica as expressões comprovadas em cada ponto investigado;
- d) Sintéticos - necessitam de uma elaboração, pois estabelecem os limites das áreas correspondentes às formas típicas comprovadas;
- e) Pontuais - registram fielmente as formas comprovadas em todos e em cada um dos pontos investigados.

Para a escolha das cartas lexicais, baseei-me no seguinte critério: as variações que mais apresentaram um grau de variação lexical do português falado na Mesorregião do Baixo Amazonas (PA). Foram confeccionadas um total de cinquenta cartas lexicais, sendo apresentadas por campos semânticos. As mesmas seguiram uma ordem idêntica à das perguntas feitas no questionário, seguindo também a ordem de maior variante encontrada dentro de cada campo semântico. Foram gerados, no programa *Excel*, gráficos estatísticos sobre as variações semântico-lexicais dos três municípios alvos de minha pesquisa.

## **2.4 Entrevistas e coletas de dados**

O desafio de realizar este estudo consistiu na pesquisa de campo, para compreensão das variantes lexicais no Baixo-amazonas (PA). Esta pesquisa é importante porque me possibilitou registrar, em várias dimensões, o léxico do português falado em três municípios da mesorregião do Baixo Amazonas-PA. Os registros feitos em áudio foram guardados em CD.

O intuito da coleta de dados foi contemplar o maior número de informações para que pudessem ser analisadas as variantes lexicais contempladas no ato da fala. A coleta dos dados foi realizada nos três municípios supracitados, por meio do QSL (Questionário Semântico-

lexical) em locais sugeridos pelos próprios informantes, para se obter as respostas do questionário.

Captei, no momento da entrevista, a fala dos informantes, considerada fundamental para obtenção dos resultados da pesquisa. A gravação do áudio foi feita por um gravador de voz da marca *Panasonic*, expansível, modelo rrxs 450 e por um celular *Samsung* duos por meio do aplicativo chamado Smart voice recorder. Ao todo foram 24 gravações, totalizando 22h, 40min e 20s.

Primeiramente, foi realizada a viagem para o município de Oriximiná, no mês de janeiro de 2016. Desloquei-me de lancha de Santarém para Oriximiná, durante 07 horas de viagem. Já no município de Santarém, realizei a entrevista no mês de abril de 2016. Desloquei-me de Manaus, por meio de avião, com duração de 1 hora de viagem. E por último fui de Juruti, por meio de lancha, partindo de Santarém, com duração de 12 horas de viagem.

Encontrei, em todos os momentos, pessoas que se dispuseram a me ajudar de alguma forma, doando alguns livros, fazendo comida ou me levando para lugares que eu podia ter encontrado informantes com todos os pré-requisitos, tornando a visita *in loco* bem mais fácil e prazerosa.

## 2.5 A transcrição de dados

O modelo de transcrição usado foi a grafemática tanto da voz dos homens quanto das mulheres, os informantes dessa pesquisa. Revisei as transcrições e analisei os campos semânticos, para então criar a base de dados constantes em tabelas e gráficos estatísticos, gerados no programa *Excel*.

A fala dos informantes está representada da seguinte forma na carta lexical: do lado esquerdo a iconicidade utilizada representa a transcrição grafemática da voz das mulheres, e a voz dos homens do lado direito, conforme demonstrado abaixo:

M1F1E1	H1F1E1
M2F1E2	H2F1E2
M3F2E1	H3F2E1
M4F2E2	H4F2E2

As simbologias representadas nas cartas significam, respectivamente:

Mulher 1	Faixa 1	Escolaridade 1	<i>versus</i>	Homem 1	Faixa 1
Mulher 2	Faixa 1	Escolaridade 2	<i>versus</i>	Homem 2	Faixa 2

Mulher 3	Faixa 2	Escolaridade 1	<i>versus</i>	Homem 3	Faixa 1
Mulher 4	Faixa 2	Escolaridade 2	<i>versus</i>	Homem 4	Faixa 2

As gravações foram escutadas uma a uma, transcritas grafematicamente e as respostas foram registradas no programa *Microsoft Excel*. Vale ressaltar que este trabalho focou em analisar apenas os dados mais produtivos, porque estão em concorrência com outras formas linguísticas, comparando as variantes lexicais entre os três municípios.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Selecionei, para esta pesquisa, cinquenta variações linguísticas divididas por campo semântico lexical. As cinquenta cartas semântico-lexicais selecionadas estão divididas em ordem numérica, seguindo a mesma sequência do questionário semântico lexical (QSL) e seus campos semânticos.

O mapa da mesorregião do Baixo Amazonas, destacando os três municípios, que serviu de base na elaboração das cartas lexicais, foi produzido manualmente por Orlando Azevedo (UFAM), com o auxílio do programa Power Point, o que possibilitou a inserção de outros parâmetros de estratificação social, como: as caixas de legenda, a cruz e os ícones em forma de cores.

Foi feita a seleção das 50 cartas mais produtivas de acordo com as variações lexicais, comparando-as em sua norma de uso e frequência.

No lado esquerdo da carta, foi inserida uma caixa de legendas em forma de coluna, demonstrando as variantes lexicais registradas na carta lexical.

Os ícones nas cartas são separados por cores, representando as variantes ocorridas.

As cartas distribuem-se por uma cruz para distribuir de forma sistemática a estratificação social dos informantes, classificando-os por gêneros, escolaridade e faixa etária. Por exemplo, uma única carta lexical resume informações passíveis de análise em várias dimensões como gênero/ sexo, escolaridade, idade e a localidade do informante.

A Faixa etária: faixa etária 1 (de 18 a 30 anos) *versus* faixa etária 2 (de 50 a 65 anos). Escolhi esse fator para verificar como está o processo linguístico baseado nas gerações, ou seja, se a língua muda em relação à fala dos mais jovens aos mais idosos.

Os resultados revelam que espacialmente nem todas as lexias propostas no questionário semântico-lexical sofreram variação. Percebi também que os fatores sociais influenciam o uso de variantes lexicais.

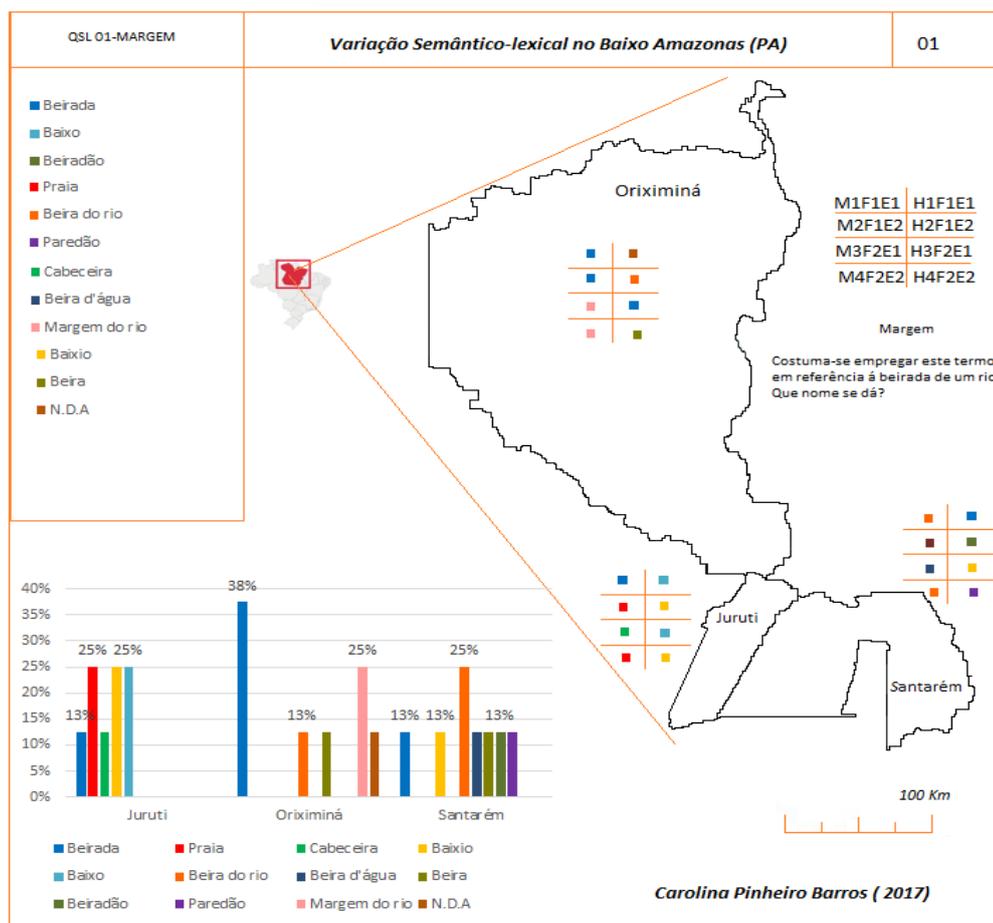
As diferenças encontradas segundo os parâmetros gênero/sexo, escolaridade e faixa etária foram essenciais, uma vez que a maioria dos vocábulos apresentou diferença nesses fatores. Já nas questões relacionadas aos comentários livres dos informantes foram muito produtivas, verificar que se tratando dos fenômenos lexicais, de acordo com os resultados dessa pesquisa os municípios da mesorregião ainda utilizam dos mesmos vocábulos lexicais, crenças e costumes. Porém houve a observação de outros fenômenos linguísticos ocorrendo nessa região como fonéticos-fonológicos.

### 3.5.1 Margem

A carta 01 apresentou onze variantes lexicais, sendo a lexia “*Beirada*”<sup>52</sup> com 38%, a mais utilizada com três ocorrências em Oriximiná. Já em Juruti as formas mais frequentes foram “*baixio*”, “*praia*” e “*baixo*”, com duas ocorrências. E, por sua vez, em Santarém a variante mais usada foi “*beira do rio*”.

---

<sup>52</sup> Beirada: cercania, arredores, nome genérico dado às margens dos igarapés, dos rios, dos lagos, das calçadas. Disponível no site: <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. Acesso em 16 fev. 2017.



Com relação à dimensão diasssexual, ocorre também a lexia “*beirada*” como a mais utilizada pelo sexo feminino em Juruti e Oriximiná, e “*beira do rio*” em Santarém.

A ocorrência mais utilizada pelo sexo masculino foi “*beirada*” em Santarém e Oriximiná, e Juruti foi “*baixo*”.

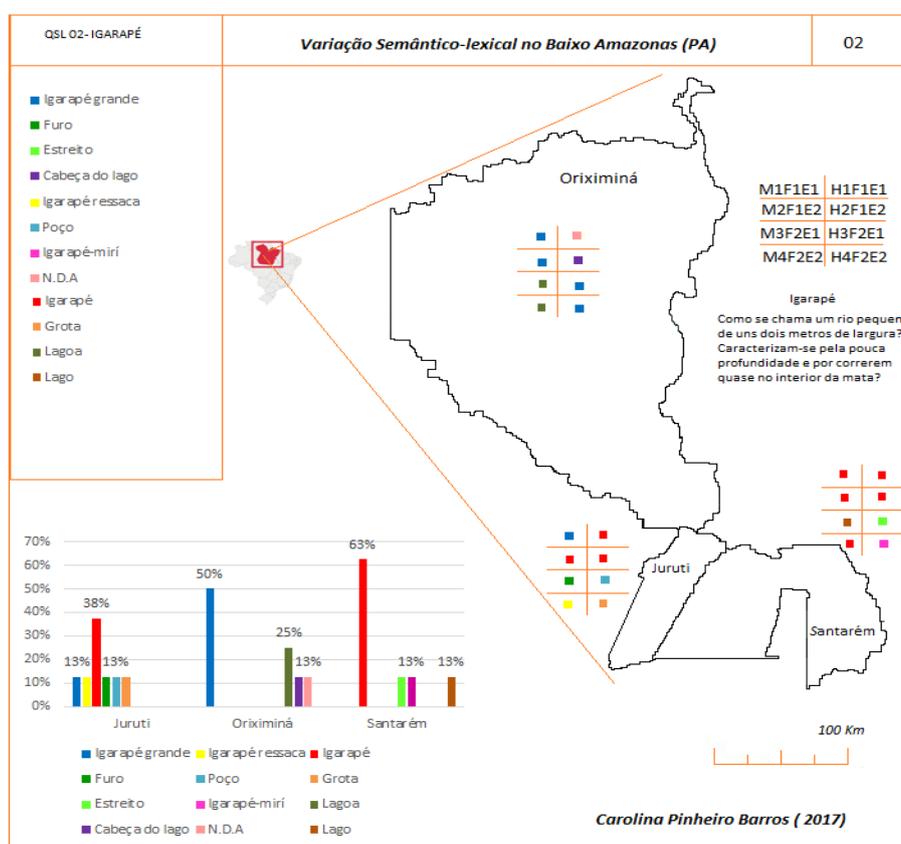
Para a dimensão diageracional, observou-se nessa carta que são os informantes da faixa 1 que usam mais a lexia “*beirada*”, “*baixo*” e “*beira do rio*”, já os pertencentes a segunda faixa etária utilizam mais “*baixio*”, “*paredão*”, “*beiradão*”, “*praia*” e “*margem do rio*”. Percebeu-se o uso da palavra “*beiradão*”<sup>53</sup>, como antigamente era tratada a margem de um rio na cidade de Santarém. “Quando usamos o termo Beiradão, estamos nos referindo às margens dos grandes rios, não é somente a margem esquerda do Rio Amazonas que recebe essa designação; margens de outros grandes rios também são assim reconhecidas, como sugere (ANDRADE, 2012, p.47).

<sup>53</sup> Beiradão: Região de beira de rio. (CARVALHO, 2016, p.09)

Sendo um indício de que algumas lexias variam por municípios e de faixa etária, ainda algumas lexias estão se perdendo ao longo do tempo. Portanto, a lexia *margem* não é regular, nos três municípios, pois não está frequente nesses pontos de inquérito.

### 3.5.2 Igarapé<sup>54</sup>

A carta 02 apresentou onze variantes lexicais e uma (não foi respondida) sendo a lexia “*igarapé*” com 63% a mais utilizada com cinco ocorrências e mais utilizada no município de Santarém e Juruti com 38% da mesma lexia. Já em Oriximiná com quatro ocorrências a forma mais frequente foi “*Igarapé grande*”.



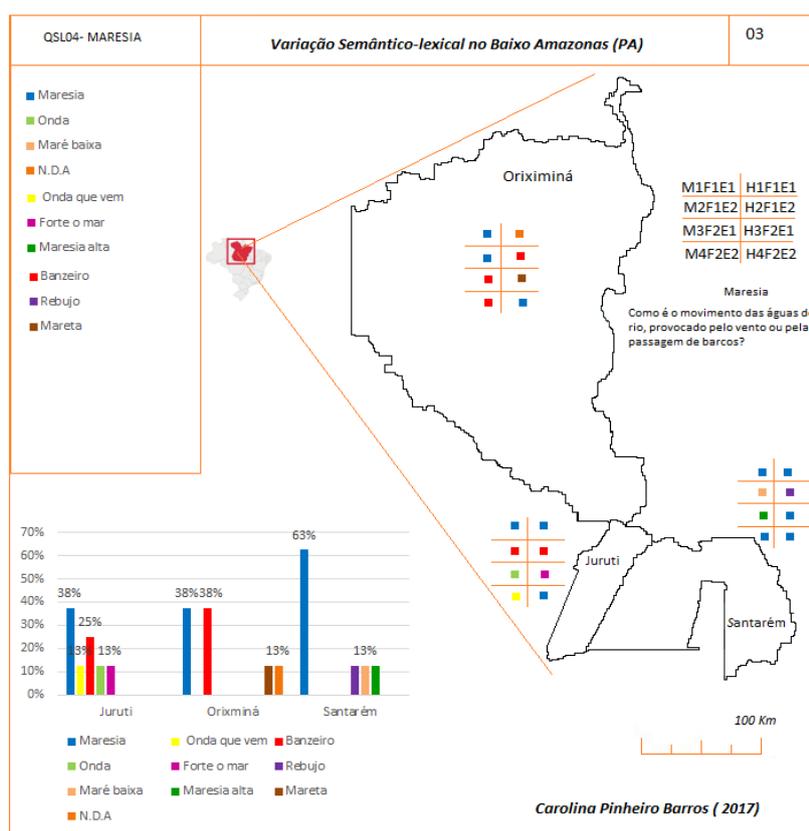
A lexia com mais predominância no gênero masculino e no feminino é “*igarapé*”. Para a dimensão diageracional a ocorrência “*igarapé*” é mais utilizada na faixa etária 1 e os pertencentes a segunda faixa etária utilizam mais o “*igarapé*”, “*igarapé-miri*”, “*igarapé-ressaca*”, “*lagoa*” e um informante não soube responder à questão. Observou nessa lexia que o uso da palavra *igarapé*, é usada com frequência.

<sup>54</sup> Igarapé: Um pequeno riacho, riozinho estreito, pode ser entre duas ilhas ou na terra firme. Palavra de origem tupi igara=canoa + pé=caminho, “caminho das canoas”. (CARVALHO, 2016, p.40)

Percebe-se também que, em cada município se usa uma forma diferente para a lexia igarapé, de acordo com a faixa etária e escolaridade, um indicio de que algumas lexias variam geograficamente. Portanto, a lexia “*igarapé*” não é regular nos três municípios, pois não está frequente nos pontos de inquérito.

### 3.5.3 Onda do rio/Onda ou banzeiro

A carta 03 do QSL, possui nove variantes e uma desistência (não foi respondida), sendo a ocorrência mais usada nos três municípios foi “*maresia*” respectivamente com 38%, 38% e 63%. Consultando a tese de (CRISTIANINI, 2007, p.129), encontrou-se a maior frequência para a lexia “*onda*”, na região do Grande ABC.



Há a predominância da lexia “*maresia*” para o sexo masculino. Essa lexia “*maresia*” também é usada com frequência em Santarém e Oriximiná, juntamente com a lexia “*banzeiro*” mais utilizadas em Juruti. A lexia “*banzeiro*” representa o gênero feminino.

Em consonância ao livro *Amazonês*, cujo o autor por mais de 05 anos coletou o léxico da fala na cidade de Manaus, refere-se ao léxico “*banzeiro*” como “pequena onda que se forma

nos rios amazônicos por causa do movimento dos barcos semelhante à onda do mar”. Souza (2011)

Para a dimensão diageracional, as lexias “*maresia*” representa a faixa etária 1, e “*banzeiro*”, “*onda que vem*” e “*maresia*” representam a faixa etária 2.

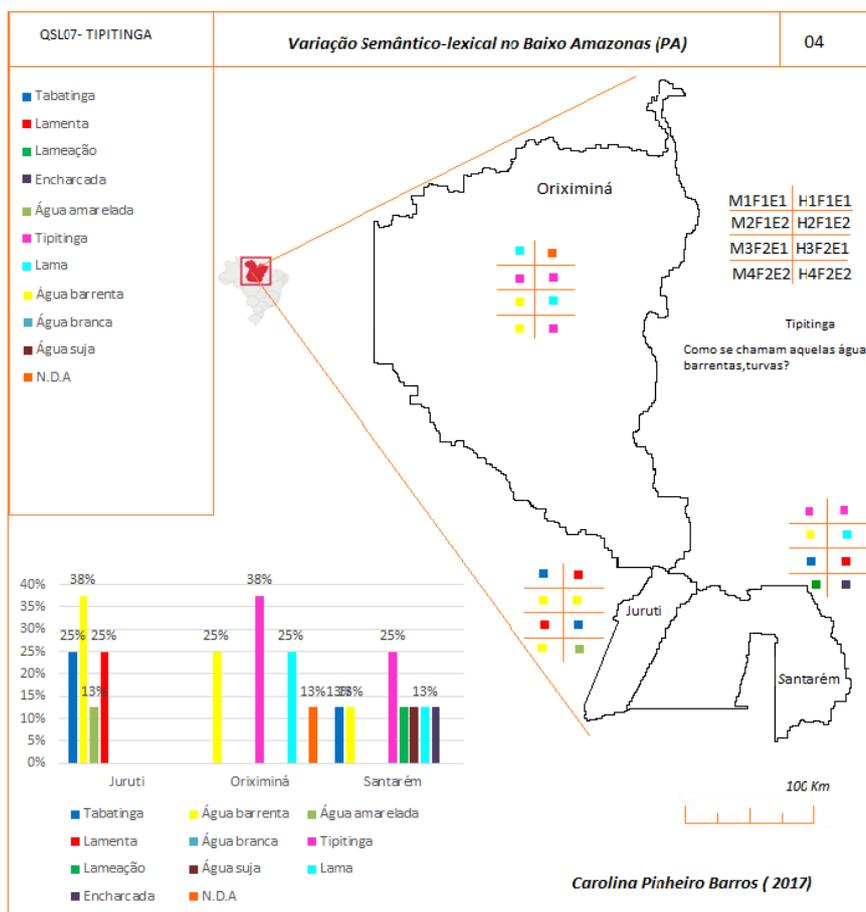
Percebe-se que a diferença de lexias por municípios está se tornando cada vez mais recorrente, um indicio de que muitas formas lexicais estão entrando no cotidiano dos indivíduos desses municípios. Contudo, a lexia “*maresia*” é regular nos três municípios, pois está frequente nos três pontos de inquérito.

### 3.5.4 Tipitinga

A carta 04 apresentou dez variantes lexicais e uma desistência, sendo “*água barrenta*” a lexia mais utilizada em Juruti com 38%, já em Oriximiná e Santarém é “*tipitinga*” com 38% e 25%. Conforme Gonçalves (2015)

Barrenta – (QSL 15, p.103), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Se no ALAM havia tipitinga, que designava as águas barrentas e esbranquiçadas, e cuja etimologia origina-se do tupi *tipitiga* (turvo), nesta pesquisa encontramos a lexia ‘barrenta’, que tem como conceito ‘da natureza do barro, que contém muito barro, misturado com barro’, segundo Houaiss e Villar. A etimologia provém de barro mais o sufixo ‘ento’. Segundo Cunha, ‘barro’ tem como conceito ser um tipo de argila, substância utilizada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtida pela mistura de argila com água (XIV). É de origem pré-romana. (GONÇALVES, 2015, p. 251).

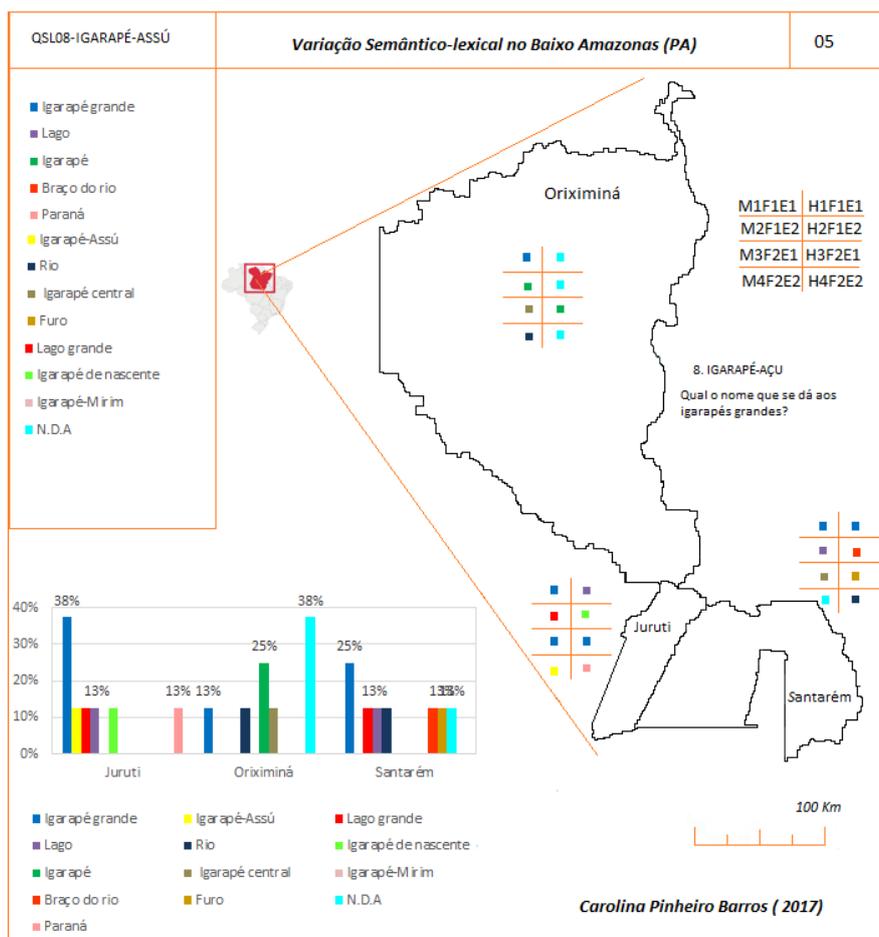
Verifica-se, que na variação diagenérica o uso da lexia “*água barrenta*” é mais usado em Juruti, seguido de “*tipitinga*” nos municípios de Santarém e Oriximiná.



Na dimensão diageracional, as lexias com mais frequência na faixa etária 1 foram “tipitinga” e “água barrenta”. Já na faixa etária 2 também se encontra “água barrenta” nos municípios de Oriximiná e Juruti, e “lameação” e “encharcado” em Santarém. Portanto, a lexia “tipitinga” não é regular nos três municípios, pois não está frequente nos pontos de inquérito.

### 3.5.5 Igarapé- Assú

Igarapé-Assú- Vem da etimologia *Yg-ára-apé-assú* - o igarapé grande. Segundo o glossário etimológico de palavras Tupi (CLEROT,2010, p.228)



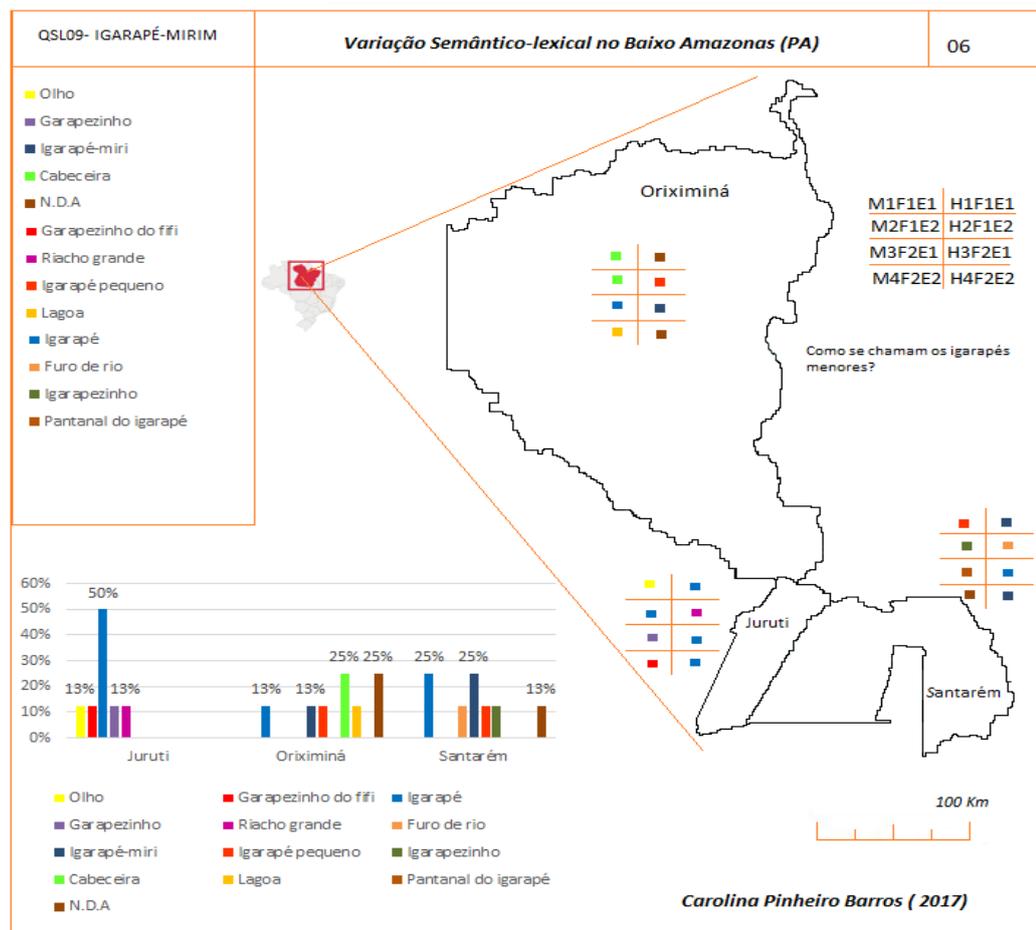
Na carta 05 do QSL houve doze variações lexicais, a lexia predominante foi “*igarapé grande*” em Juruti com 38% e em Santarém com 25%. Na dimensão diageracional, a lexia “*paraná*”, “*igarapé grande*” representam a faixa etária 1, e a lexias “*paraná*”, “*igarapé-assú*” e “*rio*” representam a faixa etária 2.

A lexia com mais predominância no gênero masculino é “*igarapé grande*” e no feminino houve variedades lexicais como: “*igarapé-grande*”, “*lago grande*”, “*furo*”, “*rio*” e “*igarapé-assú*”.

Percebe-se que a norma de uso entre os três municípios é “*igarapé grande*”, porque está em ocorrência nos três municípios. Porém, com relação à faixa etária e escolaridade, foi percebido que a lexia tupi “*igarapé-assú*” não está mais em uso corrente na faixa etária 1, indício de que novas lexias estão entrando no cotidiano dos indivíduos desses municípios.

### 3.5.6 Igarapé- Mirim

A carta 06 apresentou doze variantes lexicais e duas desistências (não respostas), sendo a lexia “*igarapé*” a mais utilizada com quatro ocorrências e mais utilizada no município de Juruti, seguida da lexia “*cabeceira*”. Em Oriximiná, foi também o município que mais houve desistências nas respostas. Já em Santarém a lexia mais ocorrente foi “*igarapé*” e “*igarapé-mirim*”<sup>55</sup> ambas com 25%.



A lexia com mais predominância no gênero masculino é “*igarapé*” com três ocorrências em Juruti, também aparece em Santarém, porém em Oriximiná a lexia “*igarapé-pequeno*” e “*igarapé-mirim*” são mais ocorrentes no gênero masculino, e no feminino houve uma lexia predominante em Oriximiná “*cabeceira*”. Já em Santarém e Juruti, foram “*olho*”, “*garapezinho do fifi*”, “*igarapé*”, “*garapezinho*”

Para a dimensão diageracional, a lexia “*igarapé*” e “*cabeceira*” representam a faixa etária 1, e a lexia “*igarapé*” representa a faixa etária 2. Percebe-se que a diferença de lexias por

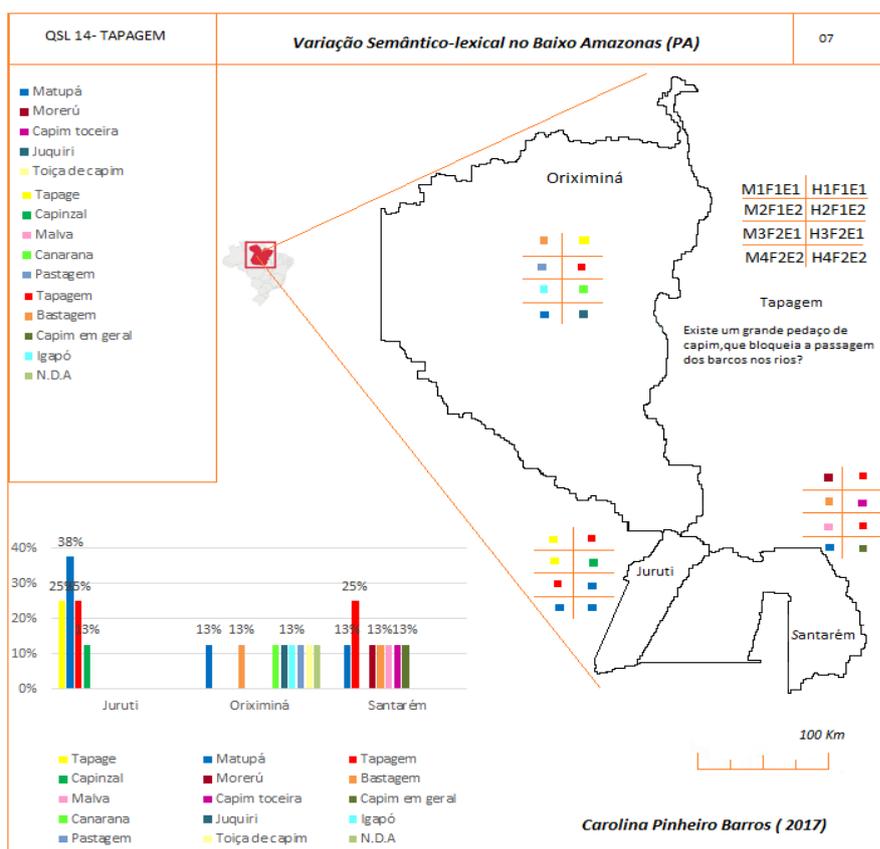
<sup>55</sup> Igarapé-mirim: Na Amazônia dá-se este nome aos riachos e rios rasos, navegáveis apenas pelas canoas, são também os esteiros e braços de rio que penetram em direção ao interior das terras formando um sistema hidrográfico peculiar da Amazônia. Mirim- pequeno. YG-ÁRA-APÉ-MIRÍ- Igarapé pequeno. (CLEROT, 2010, p. 228).

municípios está se tornando cada vez mais recorrente, um indício de que muitas formas lexicais estão entrando no cotidiano dos indivíduos desses municípios. Portanto, a lexia *igarapé-mirim* não é regular nos três municípios, pois não está frequente nos pontos de inquérito.

### 3.5.7 Tapagem

Conforme Azevedo (2013), a tapagem é um fenômeno natural que ocorre nos igarapés da Amazônia. Nesse sentido, o autor depreende que:

*Tapagem* é um fenômeno natural que ocorre nos igarapés estreitos, na entrada dos lagos e no meio dos lagos, obstruindo a passagem de barcos, cascos, canoas, rabetas e lanchas. Esse fenômeno ocorre devido ao capim crescer durante a seca e no período das enchentes flutua de maneira estática sob a água ou é levado pela correnteza. (AZEVEDO, 2013, p.333)



A carta 07 apresentou quatorze variações lexicais e uma desistência ( não resposta), sendo a lexia “*matupá*” como a mais ocorrente em Juruti com 38%, seguida das lexias “*matupá*”, “*bastagem*”, “*canarana*”, “*juquiri*”, “*igapó*”, “*pastagem*”, “*toiça de capim*” com 13% no município de Oriximiná. Já em Santarém, a lexia mais ocorrente foi “*tapagem*” com 25 %.

Em Juruti, a lexia mais predominante no gênero masculino é “matupá” com duas ocorrências, e no feminino foi a lexia “*tapage*”. Em Santarém, houve duas ocorrências para a lexia “*tapagem*” no masculino, e, no feminino, as lexias predominantes foram: “*mureru*”<sup>56</sup>, “*barragem*”, “*malva*” e “*matupá*”.

Já em Oriximiná houve lexias nos gêneros feminino e masculino como por exemplo, “*bastagem*”, “*pastagem*”, “*igapó*”, “*matupá*”, no feminino e “*tapage*”, “*tapagem*”, “*canarana*”, “*capim em geral*”, no masculino.

Para a dimensão diageracional, a lexia “*tapage*” representa a faixa etária 1, e a lexia “*matupá*” representa a faixa etária 2. Percebe-se que a diferença semântica da palavra *tapagem*, se transforma em “*tapage*” na faixa etária 1, sinal de que semanticamente as palavras estão em evolução. Portanto, a lexia *tapagem não é regular nos três municípios, pois não está frequente nos pontos de inquérito.*

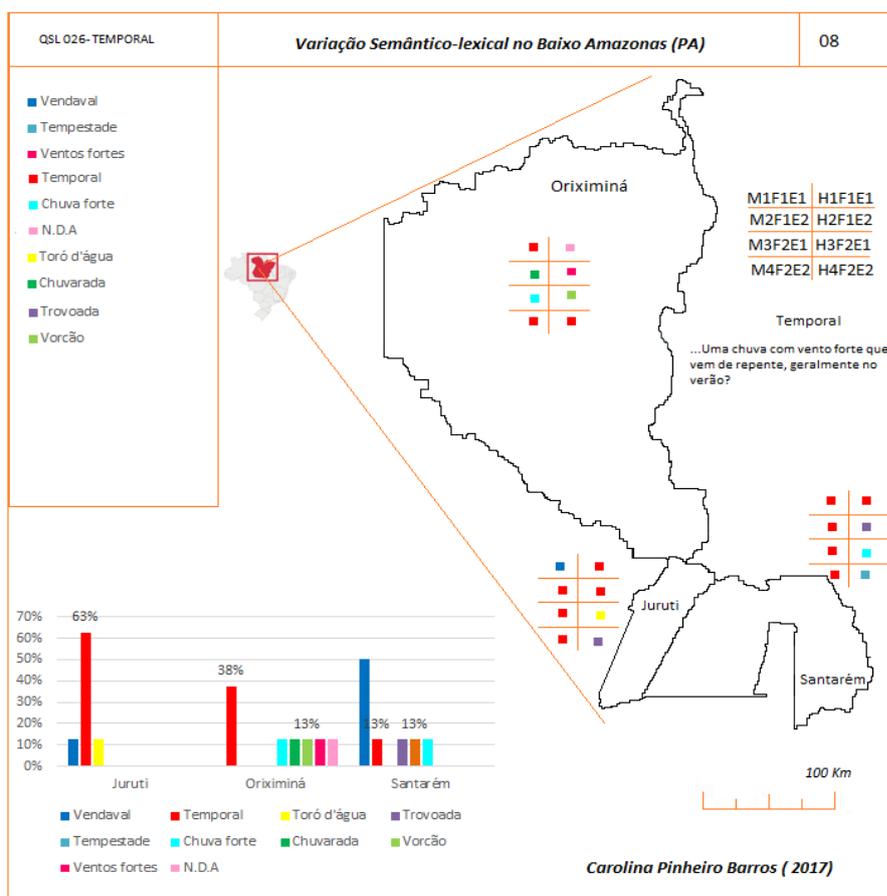
## **Fenômenos Atmosféricos**

### **3.5.8 Temporal**

A carta 08 apresentou nove variantes lexicais e uma desistência, sendo a lexia “*temporal*” a mais utilizada com cinco ocorrências e mais utilizada no município de Juruti e Oriximiná respectivamente com 63% e 38%, seguida da lexia “*vendaval*” com quatro ocorrências em Santarém.

---

<sup>56</sup> Mureru: Nome de plantas aquáticas chamada Mururé. Etim.: Mururé. (CLEROT,2010, p. 360)

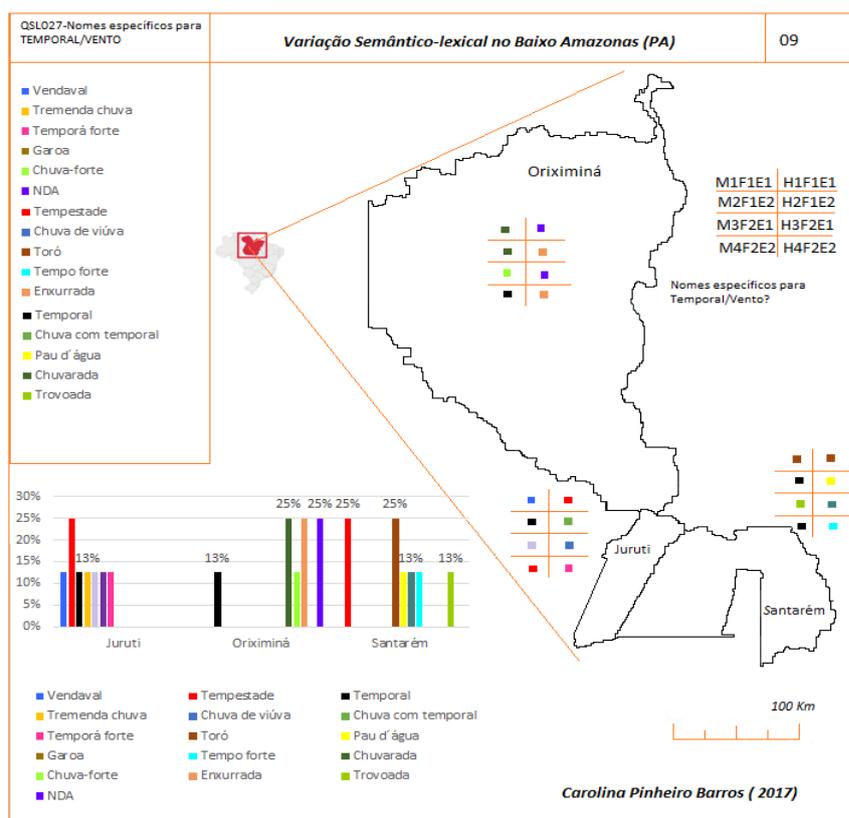


A lexia com mais predominância no gênero masculino e feminino é “*temporal*” em Juruti. A lexia “*temporal*” também é muito ocorrente no gênero feminino em Santarém, no masculino houve as lexias: “*trovoada*”, “*chuva forte*”, “*tempestade*”.

Para a dimensão diageracional, a lexia “*temporal*” representa a faixa etária 1 e também representa a faixa etária 2. Porém, uma lexia nova se enquadra na faixa etária 2, “*vorcão*”. Desse modo a lexia *temporal* não é regular nos três municípios, pois não está frequente nos três pontos de inquérito. Desse modo, “*temporal*” constitui-se como a norma de uso para esta carta lexical, com frequência absoluta de 63%.

### 3.5.9 Nomes específicos para Temporal/vento

Nos três municípios houve diferentes lexias para se dar um nome específico para temporal. Na cidade de Juruti, a lexia mais ocorrente foi “*tempestade*” com 25%. Em Santarém a lexia foi “*toró*”. Já em Oriximiná foi “*enxurrada*” e “*chuvarada*” ambas com 25%, e foi nesse município o maior grau de desistências.

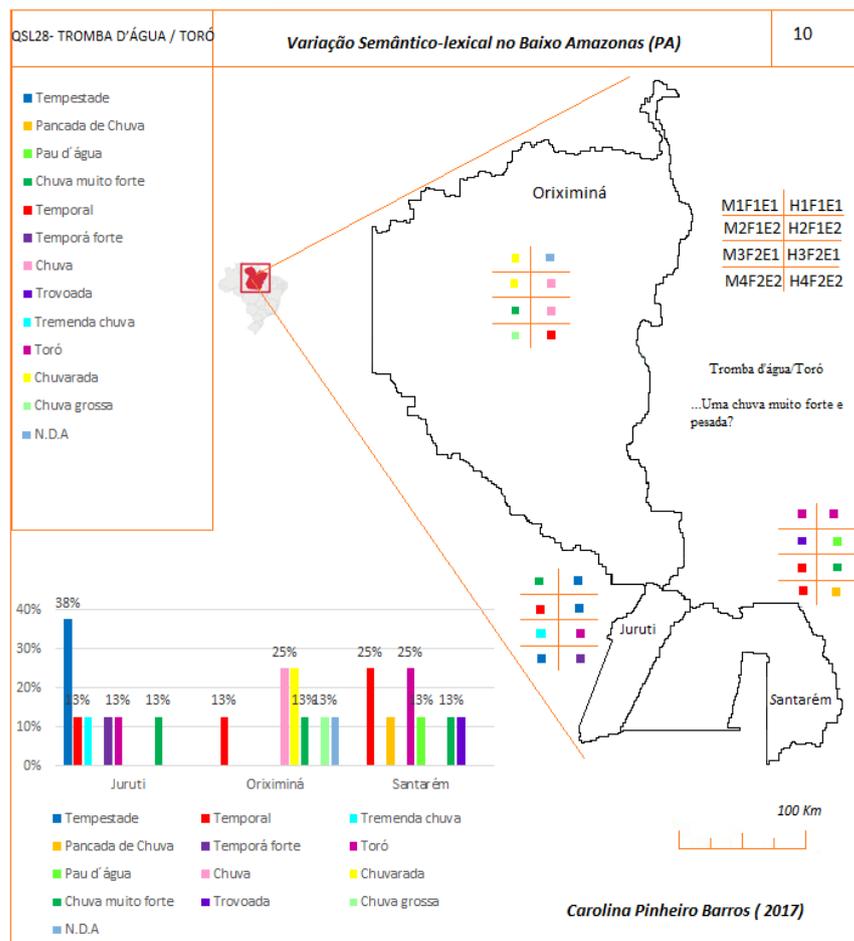


Desse modo, a lexia temporal *não* é regular nos três municípios, pois não está frequente nos três pontos de inquérito. E a carta lexical mais frequente é “temporal” com 63%.

### 3.5.10 Chuva forte e pesada?

Na carta 028 do QSL houve doze variantes lexicais e uma desistência (não resposta), nota-se que houve muitas variações nas respostas. A lexia mais predominante em Juruti foi “tempestade”, seguida de “chuvarada”, “chuva”, em Oriximiná é “temporal” e “toró” em Santarém.

Em Cristianini (2007), encontram-se na carta 14- muitas lexias para “Chuva forte”, “tivemos uma alta ocorrência de abstenções e, dentre as respostas obtidas, observamos 13 lexias diferentes”.



Tem-se a seguinte configuração com relação a dimensão diasssexual, “*chuvarada*” é a ocorrência mais predominante no gênero feminino, para o gênero masculino “*tempestade*” é a mais ocorrente em Juruti, “*chuva*” em Oriximiná e as lexias “*toró*”, “*pau d’água*”, “*chuva muito forte*” e “*pancada de chuva*”, são as mais ocorrentes em Santarém.

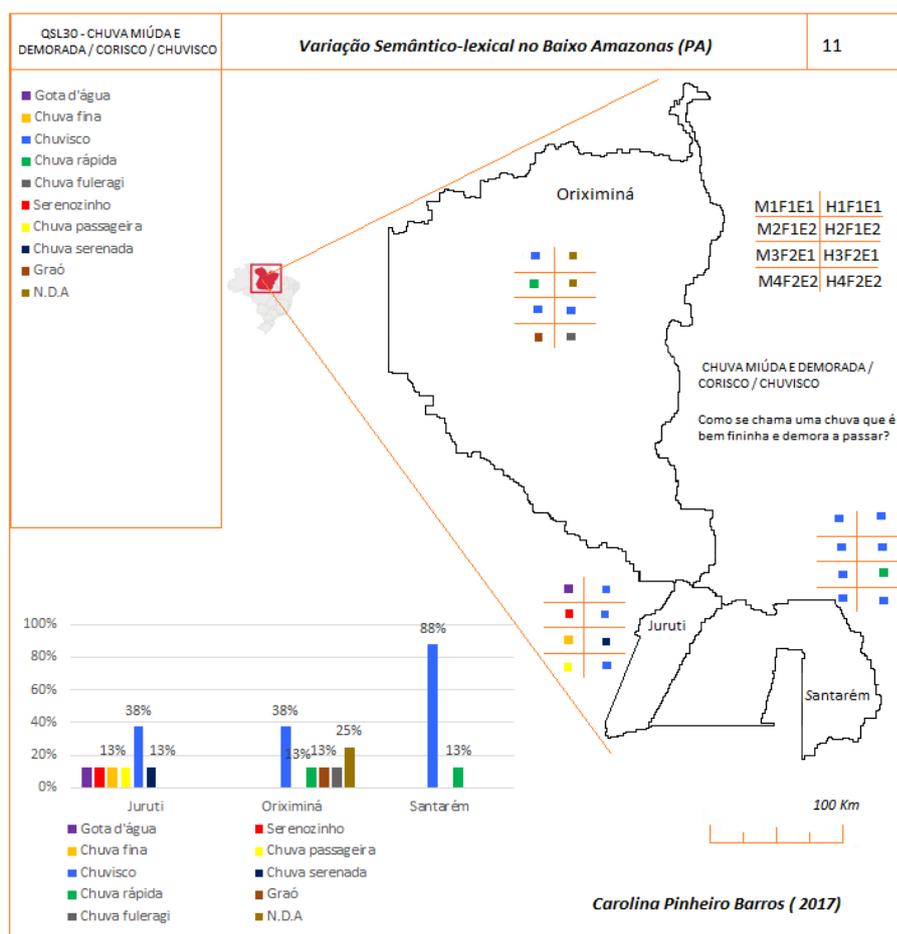
Na dimensão diageracional, “*chuvarada*” em Juruti, “*tempestade*” em Oriximiná e “*toró*” em Santarém, representam a faixa etária 1. Já, a lexia “*temporal*” representa a faixa etária 2, no município de Santarém. “*Tremenda chuva*”, “*toró*”, “*temporá forte*” e “*tempestade*” são as lexias mais ocorrentes em Juruti e as lexias que representam a faixa etária 2 em Oriximiná são: “*pau d’água*”, “*chuva muito forte*”, “*chuva*” e “*temporal*”.

Vale ressaltar que a lexia “*chuvarada*” foi a mais usada nas escolaridades fundamental e médio, “*tempestade*” em Juruti, e “*toró*” foi mais usada na faixa etária 1 e escolaridade fundamental, no município de Santarém.

Na Amazônia, usa-se a palavra *toró* para indicar que virá uma tempestade muito forte, porém no dicionário de Clerot (2010, p.494) a palavra que designa enxurrada é “Tororó”<sup>57</sup>. Pode ter ocorrido uma extensão semântica nessa palavra. A carta lexical mais frequente é *tempestade com 38%*.

### 3.5.11 Chuva miúda e demorada

Na carta 11, nota-se uma alta ocorrência de variantes lexicais, totalizando nove variações e uma abstenção. A lexia mais predominante em todos os municípios foi “*chuvisco*”, ocorrendo quase em toda sua totalidade no município de Santarém com 88%, seguido de 38% em Santarém e Juruti.



A ocorrência mais predominante no gênero feminino foi “*chuvisco*” nos municípios de Oriximiná e Santarém. Já em Juruti foi “*gota d'água*”, “*serenozinho*”, “*chuva fina*” e “*chuva passageira*”. No gênero masculino foi “*chuvisco*” nos três municípios.

<sup>57</sup> Tororó: Etm: O jorro, a enxurrada. É voz onomatopaica.

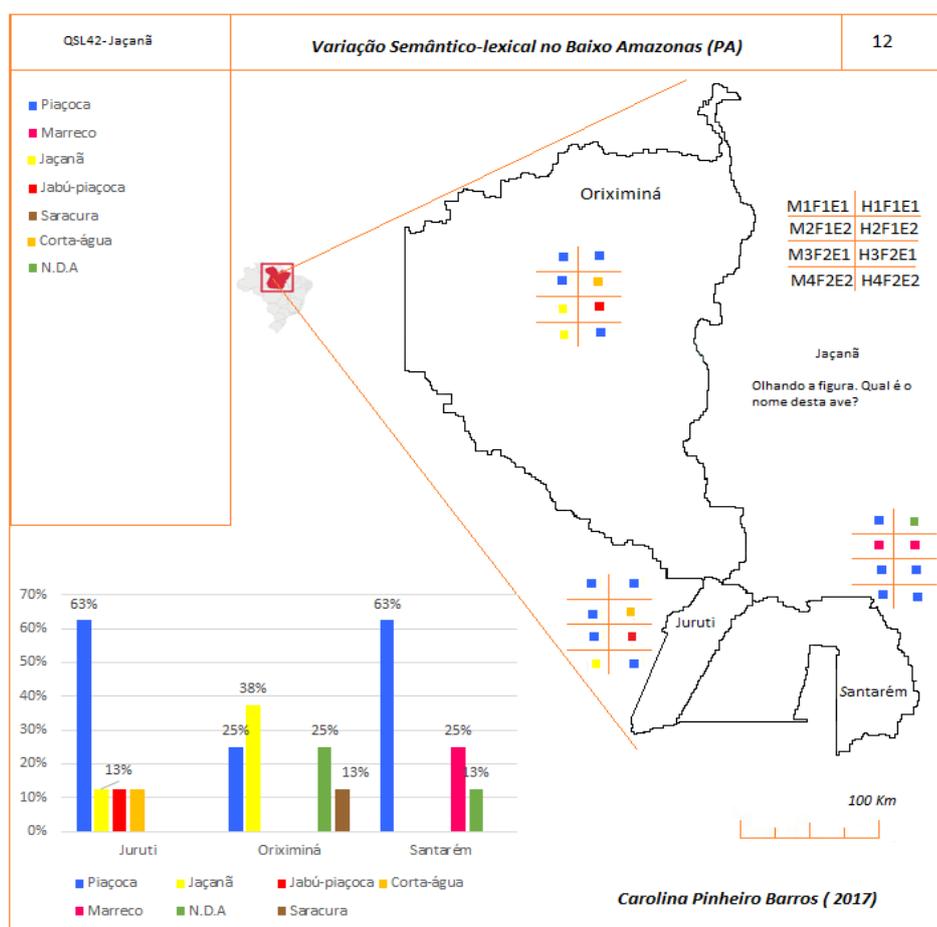
Para a dimensão diageracional “*chuvisco*” também representa ambas as faixas etárias. Conclui-se que a *lexia chuvisco* é a norma de uso dos três municípios, pois encontra-se ocorrente na fala dos três pontos de inquérito.

## Meio Biótico-Fauna

### Aves

#### 3.5.12 Piaçoca

É uma ave caradriiforme, paludícola, da família dos jacanídeos (*Jaçanã*)<sup>58</sup>. Essa ave possui cerca de 23 cm de comprimento e outras características como plumagem negra com manto castanho, bico amarelo com escudo frontal vermelho, rêmiges verde-amareladas, encontro com um afiado esporão vermelho, pernas altas, dedos longos e abertos, adaptados à locomoção sobre plantas aquáticas. (AZEVEDO, 2013)



<sup>58</sup> Jaçanã- Etim.: *Yá-ecá-enã*- O que está em alerta, vigilante; de *yá*-aquele que, + *eca*-olhos, + *enã*- atento, alerta, vigilante. (CLEROT, 2010, p.273)

Constataram-se seis variações lexicais e uma abstenção (não resposta) para a carta 042 do QSL, onde a lexia “*piaçoca*” aparece com alta frequência nos três municípios.

Nota-se que a frequência para sujeitos do gênero feminino e masculino, a lexia “*piaçoca*” é mais frequente em Juruti, Oriximiná e Santarém.

Azevedo (2013, p.314) na sua tese, conceitua que a designação *piaçoca* ainda continua no Igarapé do Juruti-velho desde a década de 80 do século passado, e sua incidência é categórica não somente nas comunidades do Igarapé como também na vila do Juruti-velho. Por outro lado, na região do Médio Solimões de forma categórica também ocorre outra variante conhecida por lá como *jaçanã*.

Segundo o dicionário Amazônico, Sousa (2012) informa que “No alto Solimões é mais conhecida como *piaçoca*, e no Baixo Amazonas e Pará, *jaçanã* e *Iaçanã* ”. (p.306)

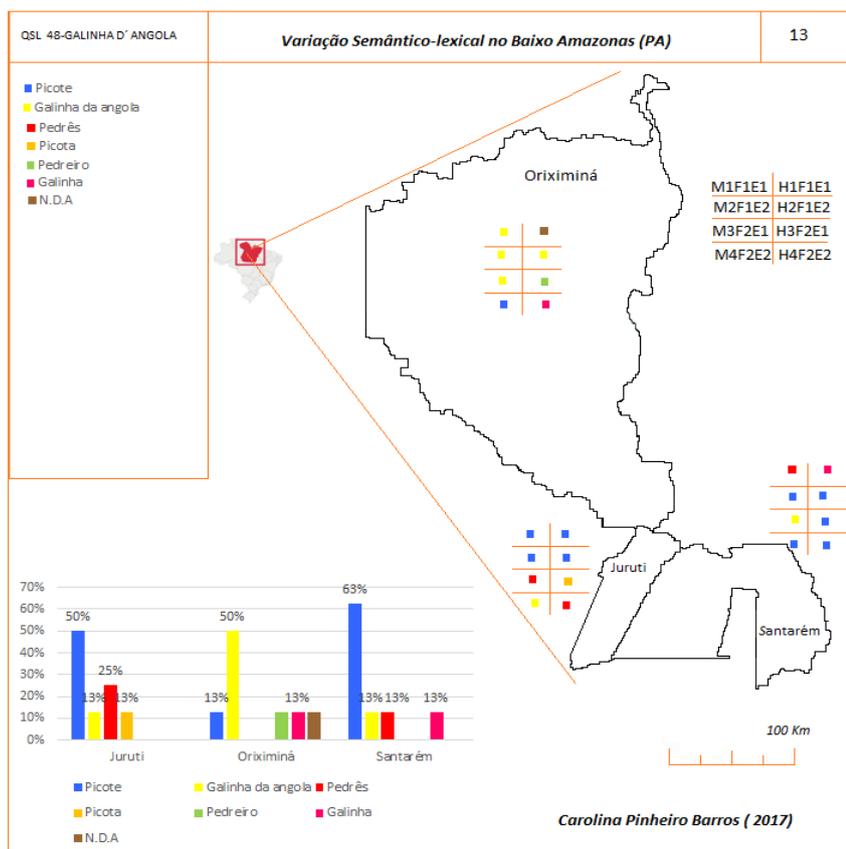
Na dimensão diageracional, “*Piaçoca*” representa a faixa etária 1e a faixa etária 2. Conclui-se que a lexia *piaçoca* é a norma de uso dos três municípios, pois encontra-se ocorrente nos três pontos de inquérito.

### 3.5.13 Galinha da Angola

Segundo o dicionário Houaiss; Villar (2001) conforme citado por Gonçalves (2015, p.252) em seu questionário semântico lexical 69, a definição de *picote* é:

*Picote* – (QSL 69, p.129), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar (2001), o item lexical ‘*picote*’ tem vários semas como: ponto de rendaria representado por pequena argola de linha e usada em rendas finas (etimologicamente, provém do francês ‘*picot*’ >*piquote*> *picote*); certo pano grosseiro de lã (etimologicamente, oriunda de ‘*picotar*’); conjunto de pequenas perfurações feitas em folha de papel para permitir que, depois, essas folhas sejam ligadas ou unidas, formando um conjunto homogêneo; margem denteada de talões, blocos de papel, selos etc (etimologicamente, oriunda do latim vulgar ‘*pic*’ mais ‘*ote*’. No entanto, nenhum desses semas contempla o conceito que os informantes fazem da lexia, que é aquele que designa a galinha d’ angola.

Para essa carta lexical, verificamos a seguinte análise:



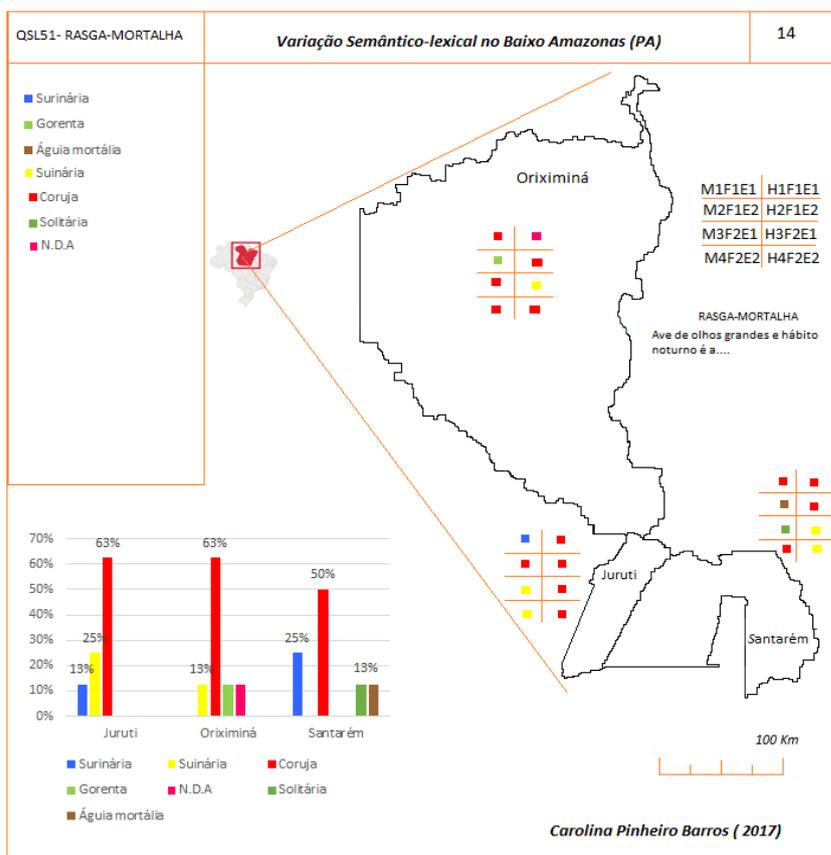
Nessa carta 13 do QSL, observaram-se seis variações e uma desistência. A respectiva carta aparece registrada no número 047 do QSL a lexia “*picote*” é mais frequente em Juruti e Santarém com 50% e 63%, seguido de “*galinha da angola*” com 50% em Oriximiná.

Ao compararmos a lexia mais recorrente “*picote*” nos três municípios do Baixo Amazonas com o trabalho de Guedes (2012) percebemos que em outros municípios pelo autor estudado, chamam “*picota*”, já nesse trabalho essa lexia ocorre somente em Juruti.

Nota-se que a frequência para sujeitos do gênero feminino é “*galinha da angola*” e masculino a lexia “*picote*” é mais frequente nos três municípios. Na dimensão diageracional, “*galinha da angola*” representa a faixa etária 1. Em Oriximiná, “*picote*” em Juruti e “*pedrês*”, “*galinha*” e “*picote*” predominam em Santarém. Para representar a faixa etária 2, “*picote*” aparece em Santarém, “*pedreiro*”, “*galinha da angola*”, “*picote*” e “*galinha*”, representam o município de Oriximiná e Juruti. Conclui-se que a lexia “*picote*” é a norma de uso nos três municípios com 63% sua frequência absoluta.

### 3.5.14 Rasga Mortalha

Do tupi: Sui´dara=suindara) – Abusão- Stix perlata, coruja de igreja, coruja agorenta. Reza a lenda indígena, que essas aves são atraídas por pessoas enfermas, seu grasnar é prenúncio de morte do enfermo, cujo a ave cruzar no espaço aéreo. Seu grito imita o rasgar de pano (mortalha), a justificativa para seu nome.” (SOUZA, 2012, p.145)



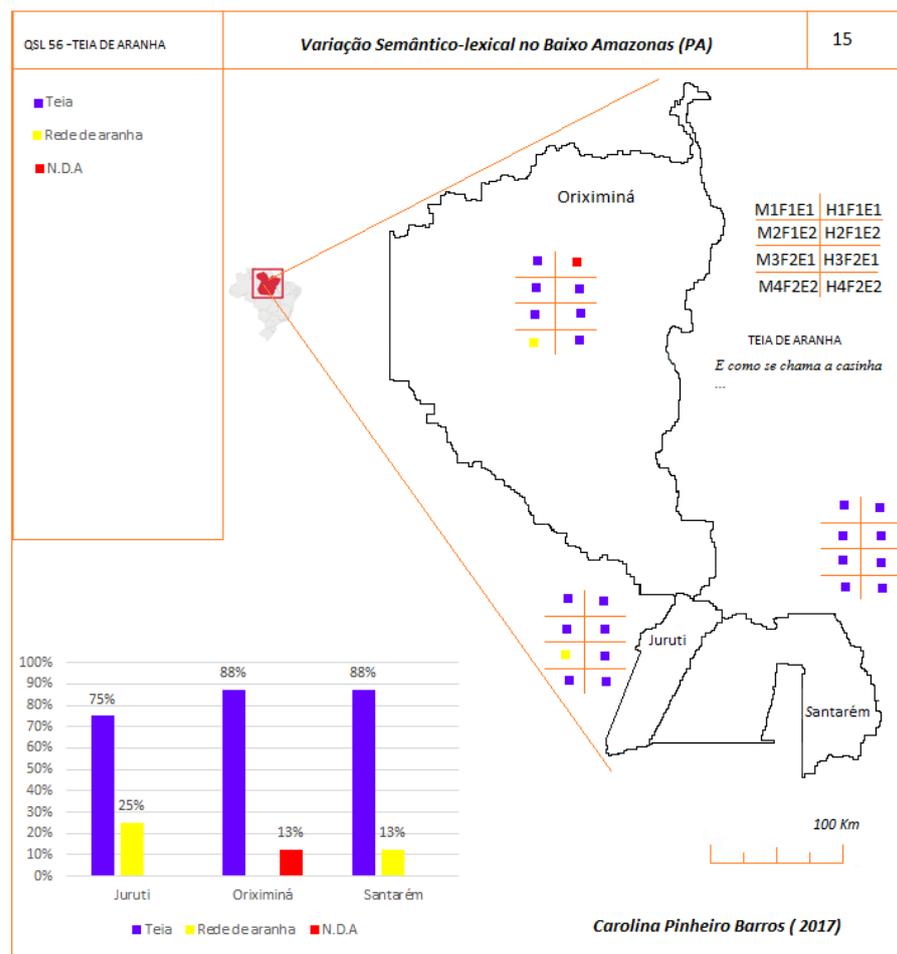
Na carta 14, encontram-se seis variações e uma desistência (não resposta), a lexia mais ocorrente é “*coruja*” nos três municípios com frequência absoluta. Nota-se também que essa lexia “*coruja*” é mais ocorrente tanto no gênero feminino quanto masculino nos três municípios.

Na dimensão diageracional, a ocorrência “*coruja*” abrange a faixa etária 1 e está ocorrente nos três municípios, já a lexia “*suinária*”<sup>59</sup> abrange a faixa etária 2, somente nos municípios de Santarém e Juruti. Conclui-se que a lexia “*coruja*” é a norma de uso dos três municípios, pois encontra-se ocorrente nos três pontos de inquérito, sua frequência é absoluta com 63% em Oriximiná e Juruti, já em Santarém aparece 50% da sua frequência.

<sup>59</sup> Suindara- Do tupi: Sui´nara = coruja) – Ave da ordem dos Estratiformes, família dos Titonídeos, uma espécie de coruja. (SOUZA, 2012, p.321)

### 3.5.15 Teia de Aranha

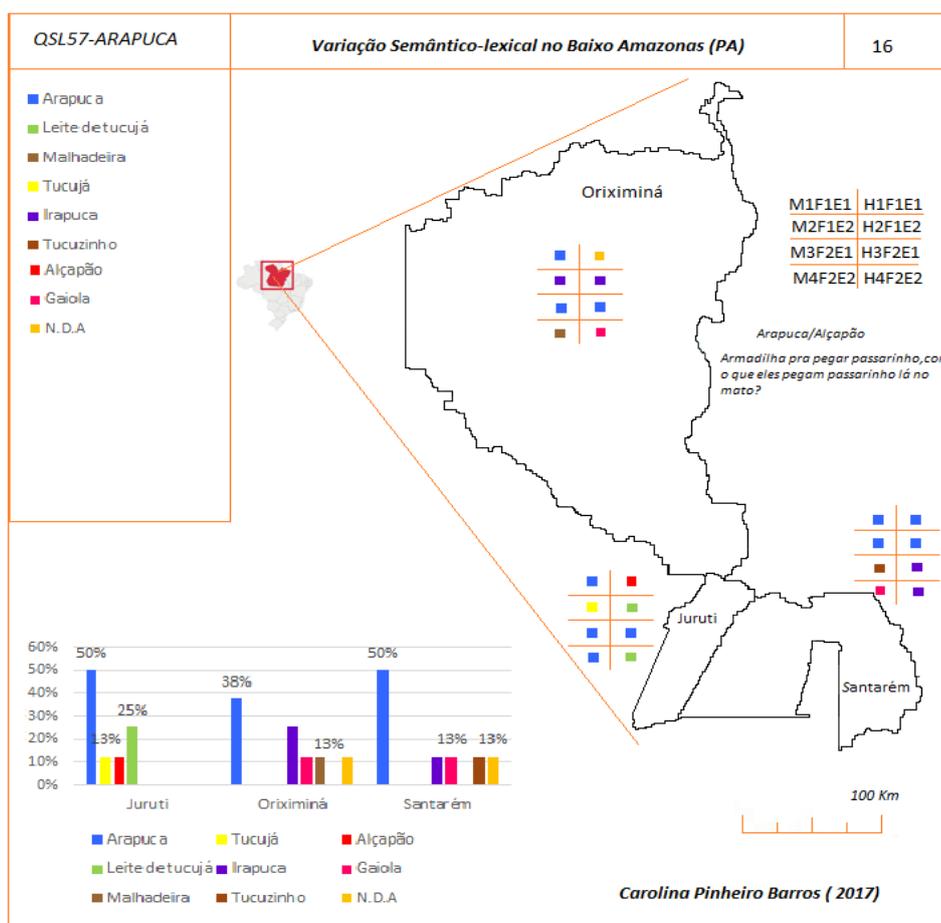
Na carta 15, foram registradas duas variantes e uma abstenção, “*teia*” é mais usada nos três municípios com 75% e 88%. Nas dimensões diagenérica e diageracional, registrou-se para a lexia “*teia*” para o sexo masculino e feminino, a mesma lexia é equivalente na primeira e na segunda faixa etária.



Portanto, conclui-se que existe uma norma de uso nos três municípios de acordo com sua frequência absoluta de 88%, pois a lexia “*teia*” está ocorrente nos três municípios.

### 3.5.16 Arapuça

A carta 16 apresenta oito variantes e uma desistência (não resposta). A lexia mais frequente foi “*arapuca*”<sup>60</sup> nos três municípios. Nota-se também que essa lexia “*arapuca*” é a mais predominante no sexo feminino nos três municípios, já no sexo masculino houve uma substituição fonética da variante “*irapuca*” e “*arapuca*” e está mais ocorrente nos municípios de Santarém e Oriximiná, já em Juruti a lexia mais ocorrente no sexo masculino foi “*leite de tucujá*”.



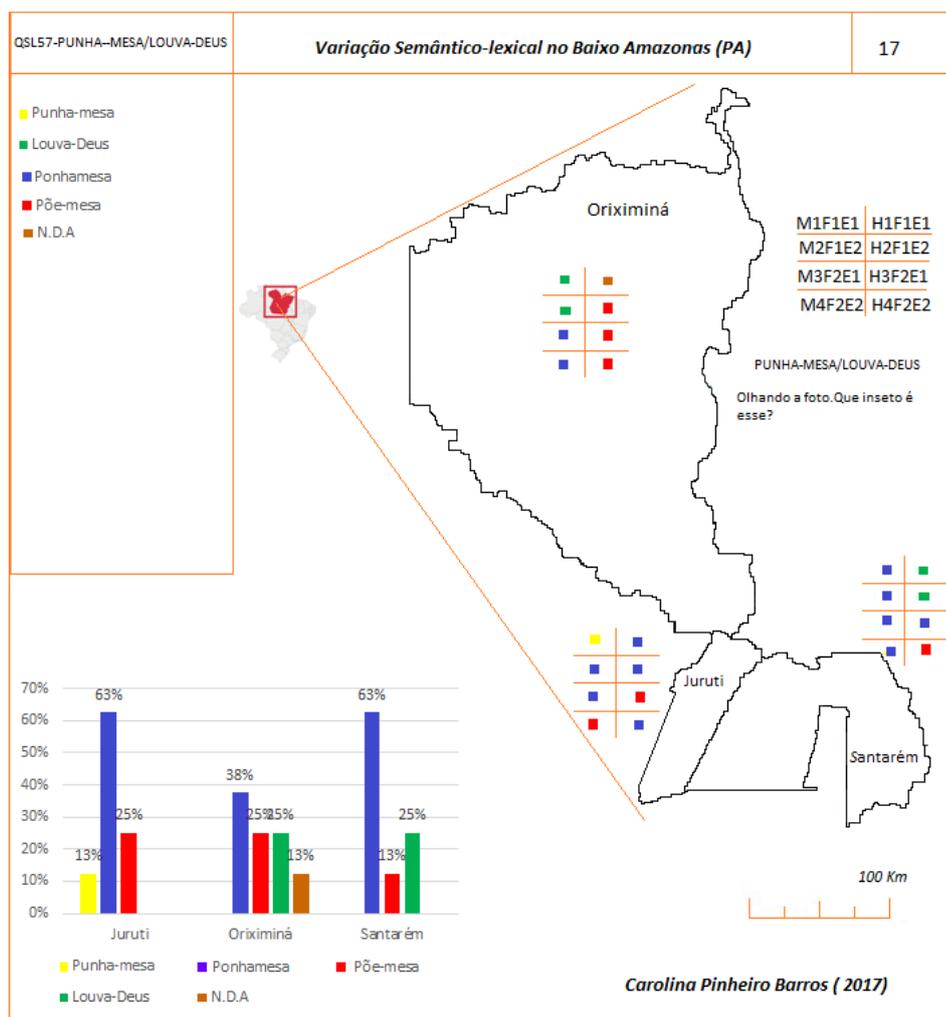
Atualmente, nessas localidades, a lexia “*arapuca*” se encontra em desuso, na faixa etária 2, pois, somente os informantes da escolaridade 1 (até da 4<sup>a</sup>. série) pronunciaram lexias como: “*alçapão*”, “*arapuca*”. Já a faixa etária 2 (50-65 anos) pronunciou “*leite de tucujá*”.

Porém, “*arapuca*” está em norma de uso nos três municípios de acordo com sua frequência regular de 50%.

<sup>60</sup> Do tupi: uirá > ará, pássaro + puca > uca, casa = casa de pássaro, gaiola) – Armadilha que serve a captura de aves, dos periformes aos galiformes, artifício muito usado ainda no beiradão. Por extensão, arapuca significa ilícito, suspeito, embuste. (SOUZA, 2012, p. 25)

### 3.5.17 Louva-Deus

A carta 17 apresenta quatro variantes frequentes nos três municípios e uma desistência (não resposta). A lexia mais predominante foi “*ponhamesa*” para os três municípios. Nota-se também, que a lexia “*ponhamesa*” é mais recorrente no gênero feminino ocorrente nos três municípios. Já a lexia é “*põe-mesa*” encontra-se mais ocorrente no gênero masculino ocorrente nos três municípios.



Além disso, no âmbito diasssexual, em comparação a dissertação de Guedes (2012, p. 87) ao qual foi feito um estudo geossociolinguístico da região rural do Pará, ele afirma que na variação diagenérica e diageracional, registrou “*punhamesa*” como a lexia mais recorrente ao sexo masculino e feminino. O que não ocorreu nessa pesquisa no Baixo Amazonas (Pa).

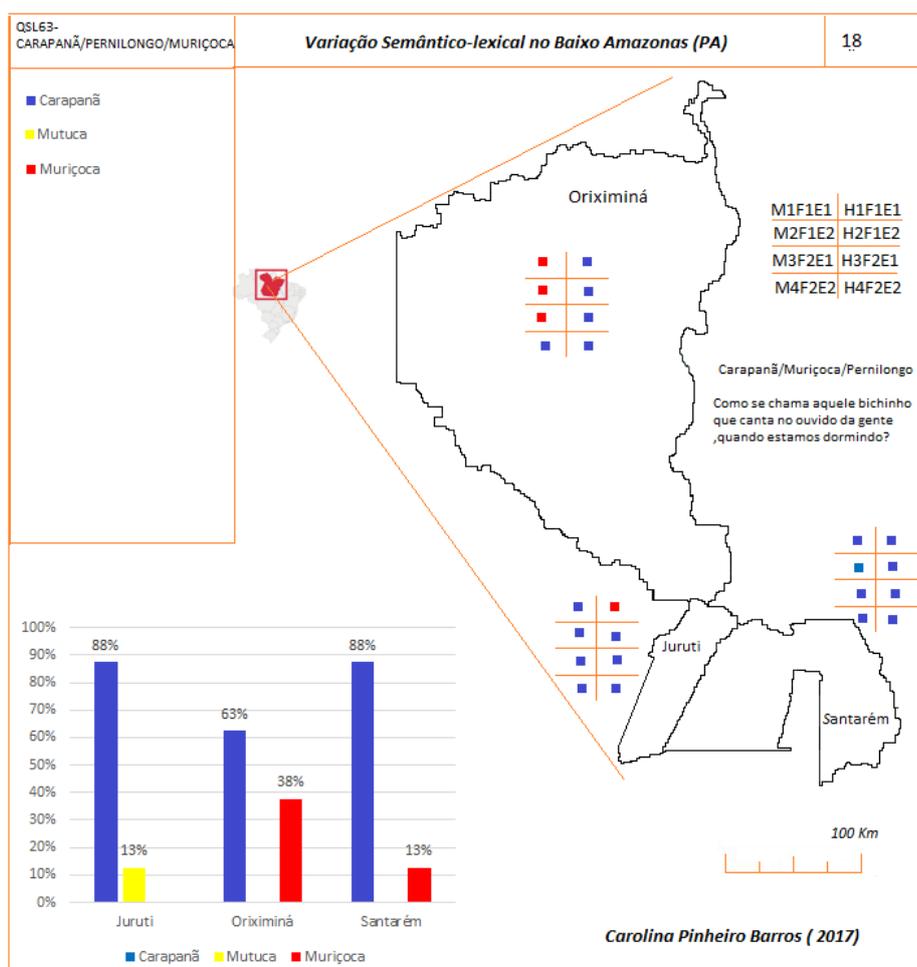
Na dimensão diageracional, a ocorrência “*ponhamesa*” e “*louva-deus*” abrange a faixa etária 1 no município de Santarém, em Juruti foi “*ponhamesa*” e “*punhamesa*” e em Oriximiná

é “*louva-deus*” e” *põe-mesa*”. Já na faixa etária 2, a lexia “*põe-mesa*” ocorre em Oriximiná, Juruti e Santarém.

Conclui-se que a lexia “*ponhamesa*” constitui-se como a norma de uso nos três municípios, com frequência absoluta de 63% em Juruti e Santarém e 38% em Oriximiná.

### 3.5.18 Carapanã

“(Do tupi: kará, áspero+ pá, tudo +nã, tantas vezes) - Mosquito, pernilongo. Na Amazônia as espécies mais predominantes são o *Culex*, os mosquitos comuns, o *aedes*, transmissor da dengue e febre amarela”. (SOUZA, 2012, p.55)



A carta 18 registrou três variações para a lexia “*carapanã*”. Essa lexia “*carapanã*” é usada nos três municípios, com frequência 88% em Juruti e Santarém e 63% em Oriximiná.

Nas dimensões diagenérica e diageracional, registrou-se para as lexias “a mesma porcentagem 88 % para o sexo feminino, e “mucura” para a lexia de gênero masculino.

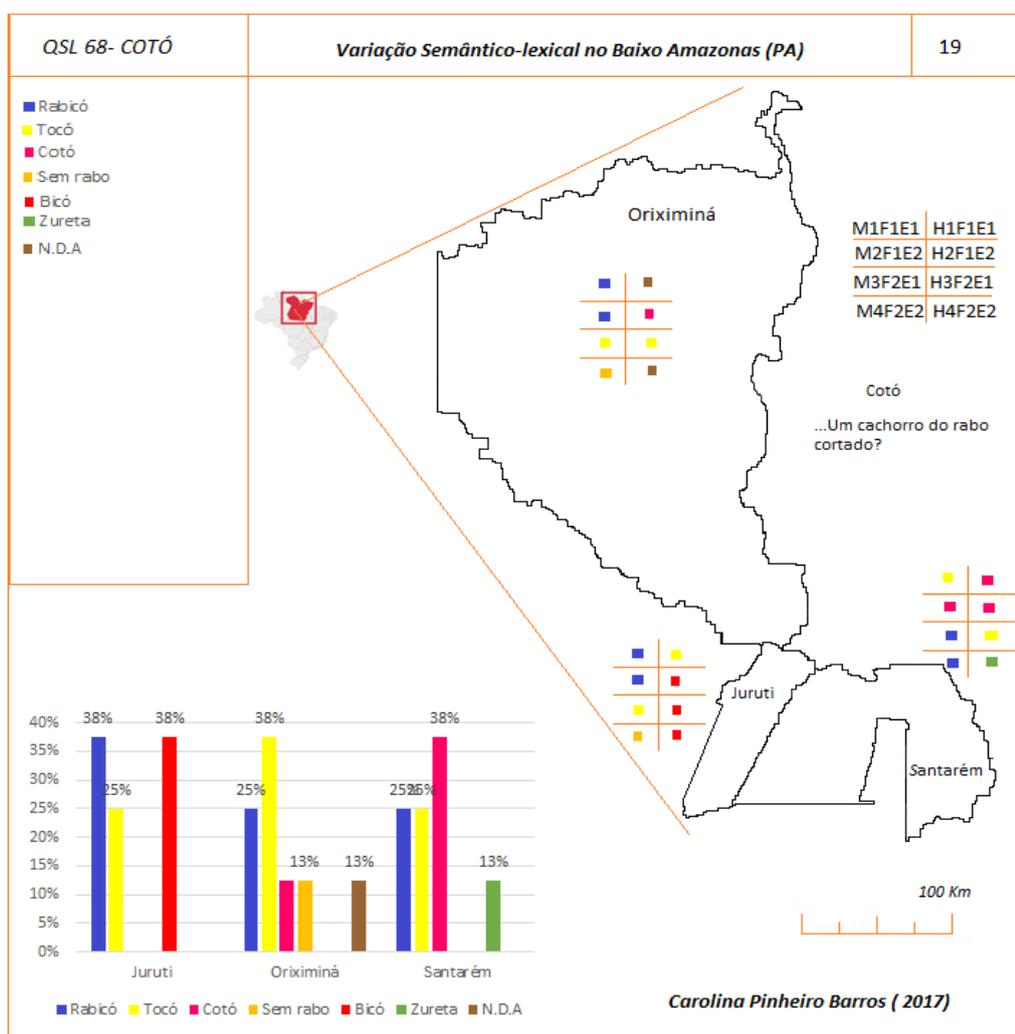
Segundo Guedes (2012) “a lexia *carapanã*, no ponto de vista diatópico ocorre mais nas Mesorregião do Baixo Amazonas, Marajó, Metropolitana, Nordeste e Sudoeste do Estado, tendo sido registrada com menor frequência no Sudeste, nesse sentido quanto maior é o deslocamento no sentido Sul (mesorregiões sudoeste e Sudeste) menor a incidência da lexia *carapanã*”.

Para Cristianini (2007, p.211) a lexia que se dá, na região do Grande ABC, para esse animalzinho sequinho, que canta no ouvido. É “pernilongo”. Conforme a autora, embasadas nos dados do ALIB, afirmam que mesmo em decorrência de grandes fluxos migratórios para essa região, mesmo com influências sofridas por habitantes de outras regiões, a variante “*carapanã*”, continua sendo repassada por gerações Nortistas e não repassada por fronteiras regionais, devido ao pequeno contingente migratório, em pequenas levas desses habitantes para outras regiões. (Cristianini ,2007)

Na dimensão diageracional, a ocorrência “*carapanã*” abrange a faixa etária 1 e a faixa etária 2 representa a lexia “*mutuca*”. Conclui-se que a lexia “*carapanã*” constitui-se como a norma de uso nos três municípios, com frequência absoluta de 88% em Juruti e Santarém e 63% em Oriximiná.

### 3.5.19 Rabicó

Na carta 19, foram registradas seis variantes. As lexias “*rabicó*” e “*bicó*” são mais frequentes em Juruti. Em Oriximiná, as lexias predominantes são “*tocó*” ( 38% ) e “*rabicó*” (25%), já em Santarém a lexia é “*cotó*” (38%).



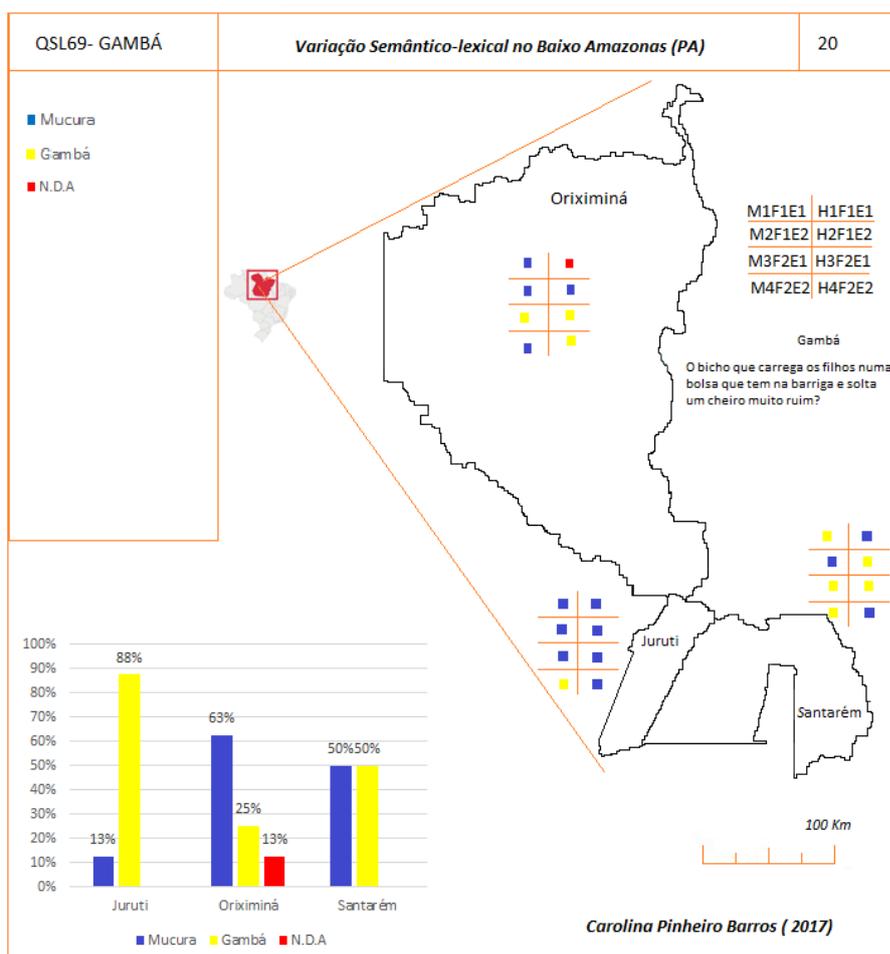
Nas dimensões diagenérica e diageracional, registrou-se para a lexia “*rabicó*” para o sexo feminino nos três municípios e “*tocó*” para a lexia de gênero masculino, ocorrendo nos três municípios.

Na dimensão diageracional, a ocorrência “*rabicó*” abrange a 1 faixa etária, ocorrendo em Juruti e Oriximiná. Já “*tocó*” abrange a faixa etária 2 ocorrente em Oriximiná e Santarém.

E em Juruti é “*bicó*”. Conclui-se que a norma de uso é a lexia “*rabicó*” ocorrendo nos três municípios de acordo com sua frequência de 38%.

### 3.5.20 Mucura

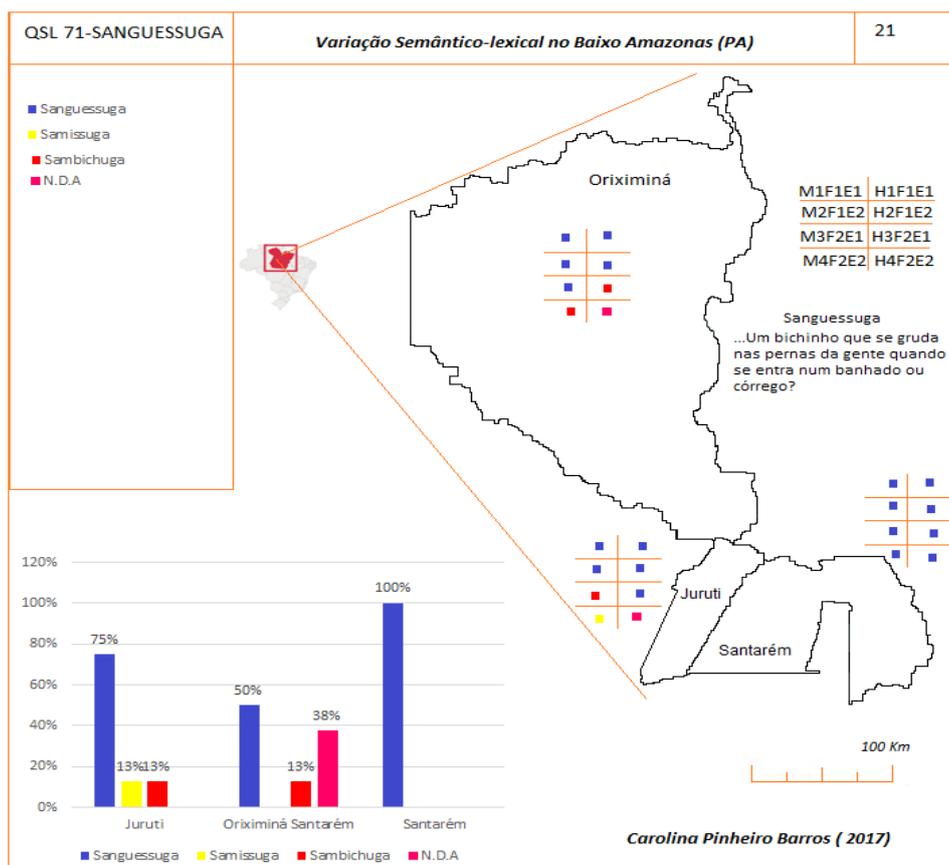
Na carta 20, foram registradas duas variantes, a lexia “*gambá*” é usada nos três municípios, porém “*mucura*” é mais usada em Oriximiná.



Nas dimensões diagenérica e diatópica, registrou-se para as lexias “*mucura*” e “*gambá*” a mesma porcentagem 50% para ambos os sexos, já a ocorrência “*mucura*” abrange a faixa etária 1 e a faixa etária 2. Conclui-se que a norma de uso da lexia “*gambá*” é usada nos três municípios, com frequência absoluta de 88% em Juruti, 50% em Santarém e 25% em Oriximiná.

### 3.5.21 Sanguessuga

Na carta 71 do QSL, foram registradas três variantes lexicais e uma desistência ( não resposta). As variantes “*sanguessuga*”, “*sambichuga*” e “*samissuga*” ambas registradas no Baixo Amazonas com registros percentuais, respectivamente, de 75 %, 50% e 100 %, do total de vinte e quatro ocorrências. A lexia “*sanguessuga*” é mais usada nos três municípios.



Por região, verificamos no gráfico da carta lexical 29, que a variante *sanguessuga* é mais expressiva no Baixo Amazonas com percentual de ocorrência em 63%, enquanto no Médio Solimões obteve apenas 16% ou nove ocorrências apenas. (AZEVEDO, 2013, p.345)

Nas dimensões diagenérica e diageracional, registrou-se para as lexias “*sanguessuga*” ocorrente tanto no sexo feminino quanto ao gênero masculino, nos três municípios. Na dimensão diageracional, a ocorrência “*sanguessuga*” abrange a 1 faixa etária e a faixa etária 2 representa a lexia “*sambixuga*”. Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é a lexia “*sanguessuga*” é mais usada nos três municípios, com frequência absoluta de 100%

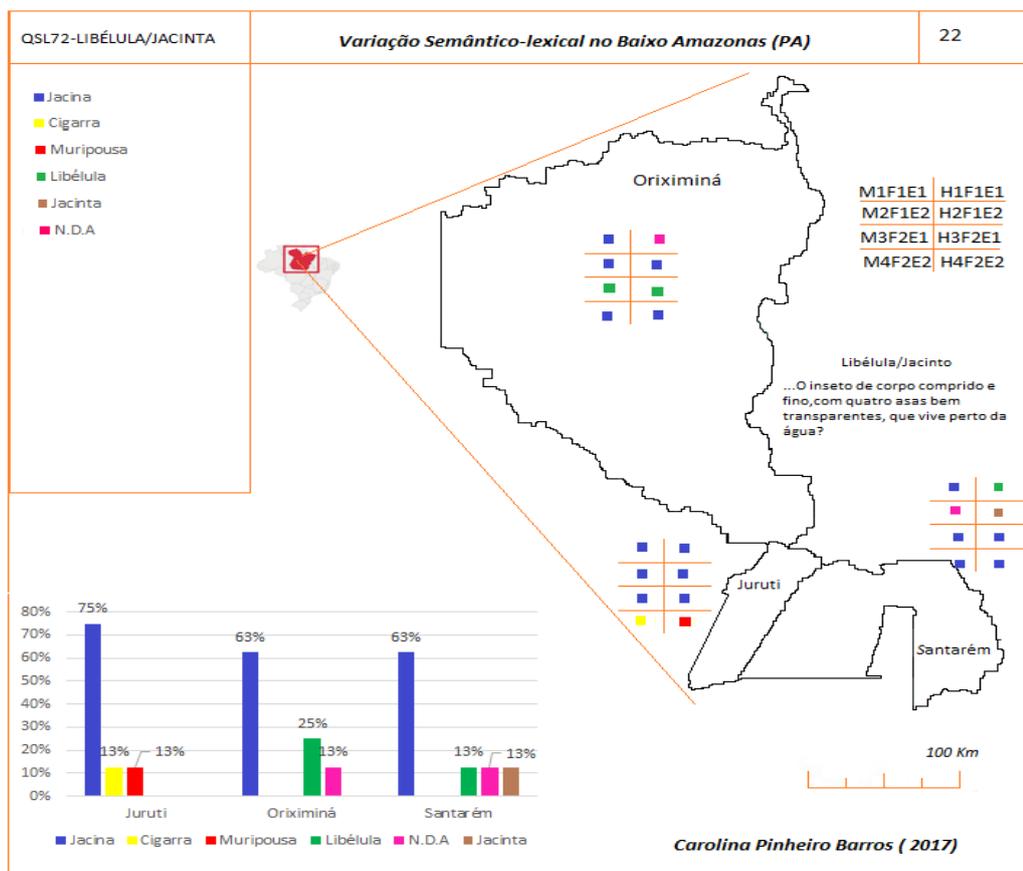
### 3.5.22 Libélula

Na carta 22 houve cinco variantes lexicais e duas abstenções (não resposta), a lexia predominante foi “*jacina*” nos três municípios com 75% em Juruti, 63% em Oriximiná e Santarém. De acordo com a dissertação de Guedes (2012, p.98), na carta 142, de sua pesquisa a lexia mais recorrente na Região do Baixo Amazonas (Santarém e Oriximiná) foi “*jacinta*”.

Em outros estados brasileiros as variações são muitas, conforme veremos a seguir:

No Brasil, a libélula é também chamada de: cigarra (sendo mais comum no estado do Rio Grande do Sul), jacinta, odonata, ziguezague, cavalinho de judeu, papa-fumo, lava-bunda, corta água, jacina, macaquinho de bambá, cabra cega, helicóptero, donzelinha e cavalinho do diabo. Já em Portugal, além de ser conhecida como libélula ou libelinha, este animal também é conhecido por: lavadeira, pita, tira olhos e cavalinho das bruxas.[...] O nome libélula tem origem da língua latina, e é um diminutivo da palavra liber, que em português significa livro, por causa principalmente da sua semelhança com esse objeto quando suas asas estão abertas.<sup>61</sup>

A palavra Libélula é encontrada com mais facilidade nos dicionários. Contudo, em Houaiss e Aurélio( 2007), já se encontra o termo “*jacinta*”.



<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.resumoescolar.com.br/biologia/libelula/.Acesso> 15 março 2017.

Analisando a dimensão social da variável em questão, percebe-se que no fator escolaridade os informantes com o ensino fundamental completo tendem a designar a lexia “*jacina*” para a lexia em questão, embora, ainda há a necessidade de se estudar melhor a variação diastrática do termo, pois também percebeu que há informantes com escolaridade até 8ª série do ensino médio que não usam a palavra libélula, essa lexia foi encontrada somente em Santarém e principalmente em Oriximiná, na faixa etária 2, em outros municípios foram encontrados : “*jacina*”, “*cigarra*”, “*muripousa*”.

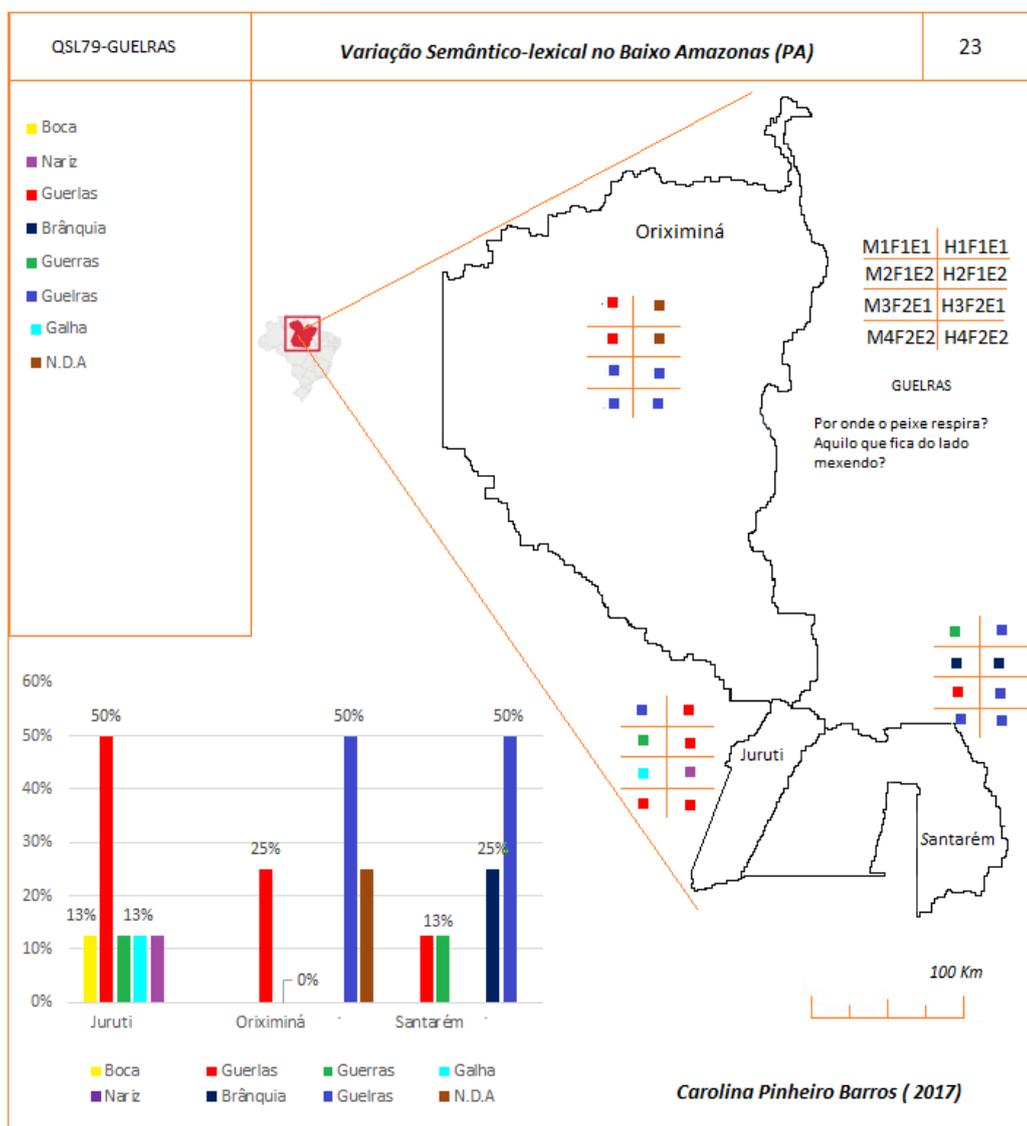
Em relação ao fator diassexual, notou-se que os homens e mulheres tendem a usar a lexia “*jacina*” como a mais frequente.

Na dimensão diageracional, a lexia “*jacina*” representam a faixa etária 1 e também a faixa etária 2. Percebe-se que a diferença fonético-fonológica em algumas palavras está se tornando cada vez mais recorrente, a transformação de “*jacinta*” para “*jacina*”. Ressalta-se aqui, que essas variantes necessitam ser estudadas de maneira minuciosa, numa tentativa de compreender quais as implicações ou motivações que levaram essas diferenças de variações lexicais, já que suas incidências são realizadas em dois municípios, nos quais esse trabalho se realiza. A lexia com maior frequência foi “*jacina*” com frequência absoluta de 75% em Juruti e 63% em Santarém e Oriximiná.

## **PESCA-PEIXES**

### **3.5.23 Guelras**

Na carta 23, houve 07 lexias diferentes para se designar de onde o peixe respira. Em Juruti a lexia mais frequente foi “*guerlas*” (50%). Já em Santarém e Oriximiná a lexia “*guelra*” predominou com 50% ambas com frequência relativa.



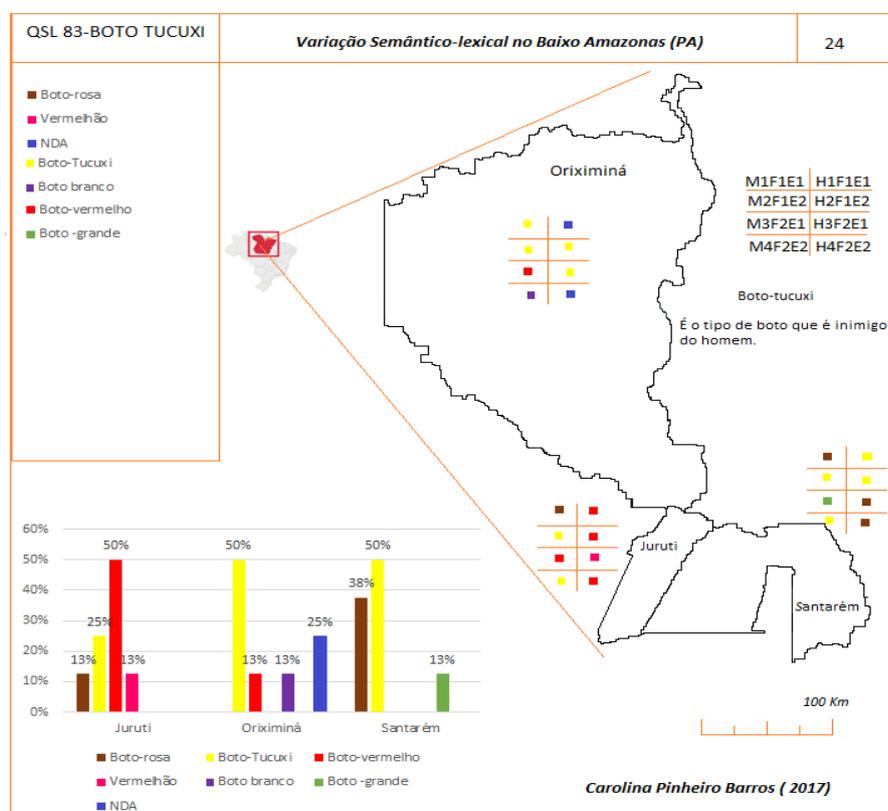
Na variável faixa etária, observou-se que mulheres da primeira faixa etária (18-30 anos) utilizam a variação “guerlas” com maior frequência em Oriximiná e “guerras” em Santarém e Juruti. Já as mulheres da segunda faixa etária (50-65anos) também utilizam a variante “guelras” em Oriximiná e Santarém, com maior ocorrência. Em Juruti aparece a lexia “galha” para a segunda faixa etária e também o uso de “guerlas”.

Em Oriximiná houve o maior número de abstenções referentes a essa pergunta no gênero masculino. Já a segunda faixa etária usa a lexia “guelras” em Santarém e Oriximiná. E em Juruti aparece “guerlas”. Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é “guelra” com frequência regular de 50% nos três municípios.

### 3.5.24 Boto Inimigo

Reza a lenda Amazônica, muito conhecida pelos nortistas, que narra a história amorosa em um espaço mítico, de um rapaz charmoso encantador, atraído pelo cheiro da cunhã, a seduz, e após a sedução, a leva para as profundezas do rio, mas antes do dia nascer, mergulha nas águas desse rio, transformando-se no boto, sem nunca mais voltar. Passados nove meses, nasce uma criança que, é apontada como “filha de boto”<sup>62</sup>.

Aliás, a esse respeito sobre a questão cultural que corrobora que o boto da cor vermelha é o inimigo do homem, por fazer referência à cor vermelha do homem natural de Portugal, “pois quando os portugueses tomaram posse das terras ameríndias, usavam a brutalidade na forma sexual com as índias, e até mesmo estupros”. (BECKER, 2005; TAPIASSÚ, 2005). As crianças puxavam a pele clara, dos pais, invasores, e o boto representa simbolicamente com sua pele rosada e por percorrer os rios da Amazônia, o elemento estrangeiro, “tornando-se assim alvo das projeções negativas da comunidade, símbolo da raiva a um inimigo de todo o grupo”. (BECKER, 2005; TAPIASSÚ, 2005).



<sup>62</sup> Disponível em: [http://misterioamazonia.blogspot.com.br/2012/04/lenda-do-boto-cor-de-rosa\\_19.html](http://misterioamazonia.blogspot.com.br/2012/04/lenda-do-boto-cor-de-rosa_19.html). Acessado em 17 Março 2017.

Na carta 24, houve seis variantes lexicais e uma desistência (não resposta). A lexia predominante foi “*boto tucuxi*” com 50% em Oriximiná e Santarém com 75%, já em Juruti a variante mais ocorrente foi “*boto vermelho*” com 50 %.

Nas dimensões diagenérica e diageracional a lexia “*boto rosa*” e “*tucuxi*” representam a faixa etária 1 em Santarém e Juruti e a lexia “*boto vermelho*” representa a faixa etária 2 em Oriximiná. Já em Santarém e Juruti a lexia foi “*boto tucuxi*”

Tanto no gênero masculino quanto o feminino usam a mesma frequência as variantes “*vermelho*” e “*tucuxi*”.

É notório que o processo de mudança lexical entre diferentes faixas etárias está ocorrendo em pequena escala. Isso se justifica pelo fato de que os vocabulários de indivíduos mais velhos não estão repassando aos mais jovens. Conclui-se que a norma de uso nos três municípios, é a lexia “*boto tucuxi*” com frequência regular de 50% em dois municípios Santarém e Juruti.

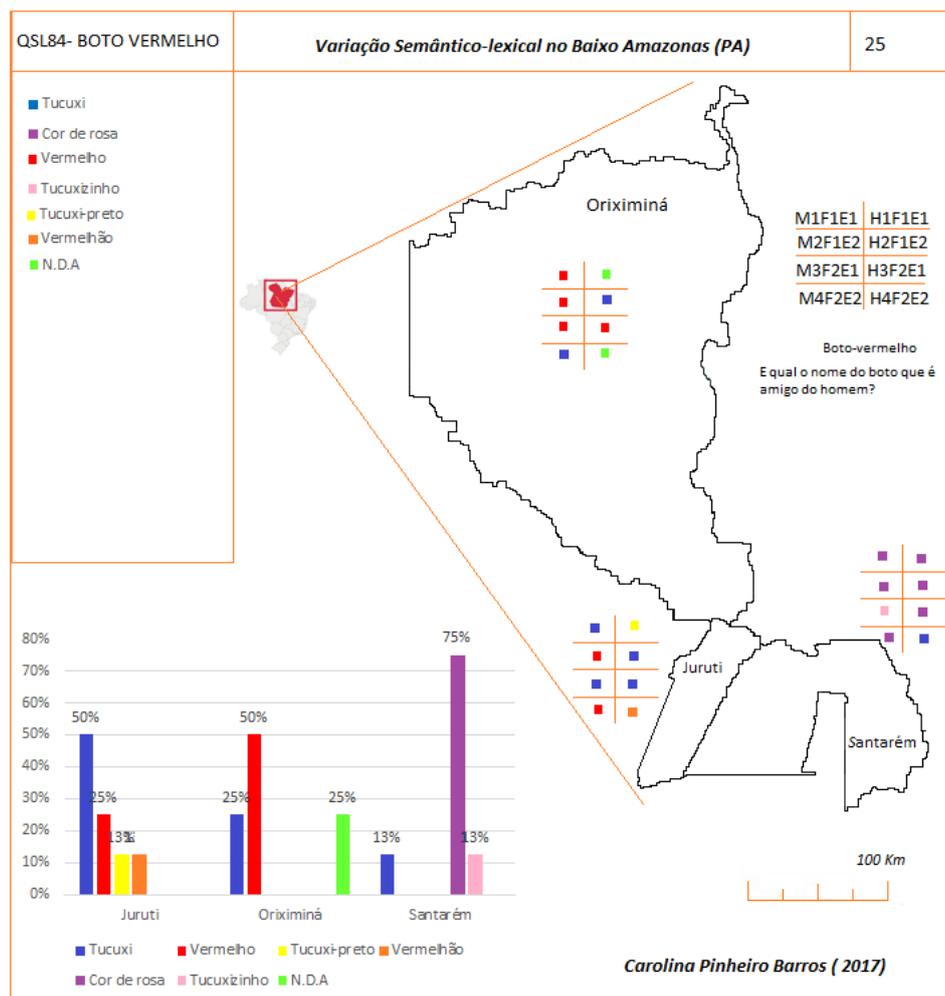
### 3.5.25 Boto amigo

A carta 25 registra o boto considerado amigo do homem, também conhecido por Tucuxi, boto cinza<sup>63</sup>, tucuxi preto, pirajaguara, tem a cor acinzentada, por isso a referência. Por ter o hábito de viver em grupo, ser sociável, é associado ao boto amigo do homem.

Boto é uma palavra portuguesa para designar, de forma geral, golfinhos. Em Portugal, no séc. XX, a palavra tem caído em desuso, estando cada vez mais circunscrita às comunidades piscatórias do Norte. No Brasil o boto, também chamado o peixe-boto, franciscano e toninha<sup>64</sup>, é um mamífero da ordem Cetácea, nativo da Amazônia e das costas do Atlântico, Pacífico, Índico, Mar Adriático, Mar Arábico, Mar Cáspio, Mar Vermelho e Golfo Pérsico e que é parecido com um golfinho. Os botos são dos poucos únicos mamíferos dessa ordem que possuem representantes vivendo exclusivamente em ambientes de água doce, sendo considerados, por alguns zoólogos, como as espécies atuais mais primitivas de golfinhos. (GUEDES,2015 p.126)

<sup>63</sup> Boto Cinza ou Tucuxi (*Sotalia fluviatilis*, da família delphinidae) é dividido em duas subespécies: uma marinha e outra fluvial. A marinha, S.f. *guianensis* distribui-se no Atlântico, a partir de Laguna (Santa Catarina, no Brasil) para o Norte a aquática, S.f. *fluviatilis* vive nos rios da Amazônia. (Guedes,2015 p.126)

<sup>64</sup> Toninha: É oriundo do latim tardio *Thunnina*. (Guedes,2015 p.126)



Na carta 84 do QSL, houve seis variantes lexicais e duas abstenções (não resposta), a lexia predominante foi “*tucuxi*” em Juruti com 50%, “*vermelho*” em Oriximiná com 50% e “*cor de rosa*” em Santarém com 75%.

A lexia com mais predominância no gênero masculino é “*cor de rosa*” em Santarém, “*tucuxi*” em Juruti e em Oriximiná ocorreu o maior número de abstenções referente a essa questão. No gênero feminino a lexia mais predominante é “*vermelho*” em Oriximiná, “*cor de rosa*” em Santarém e “*tucuxi*” em Juruti.

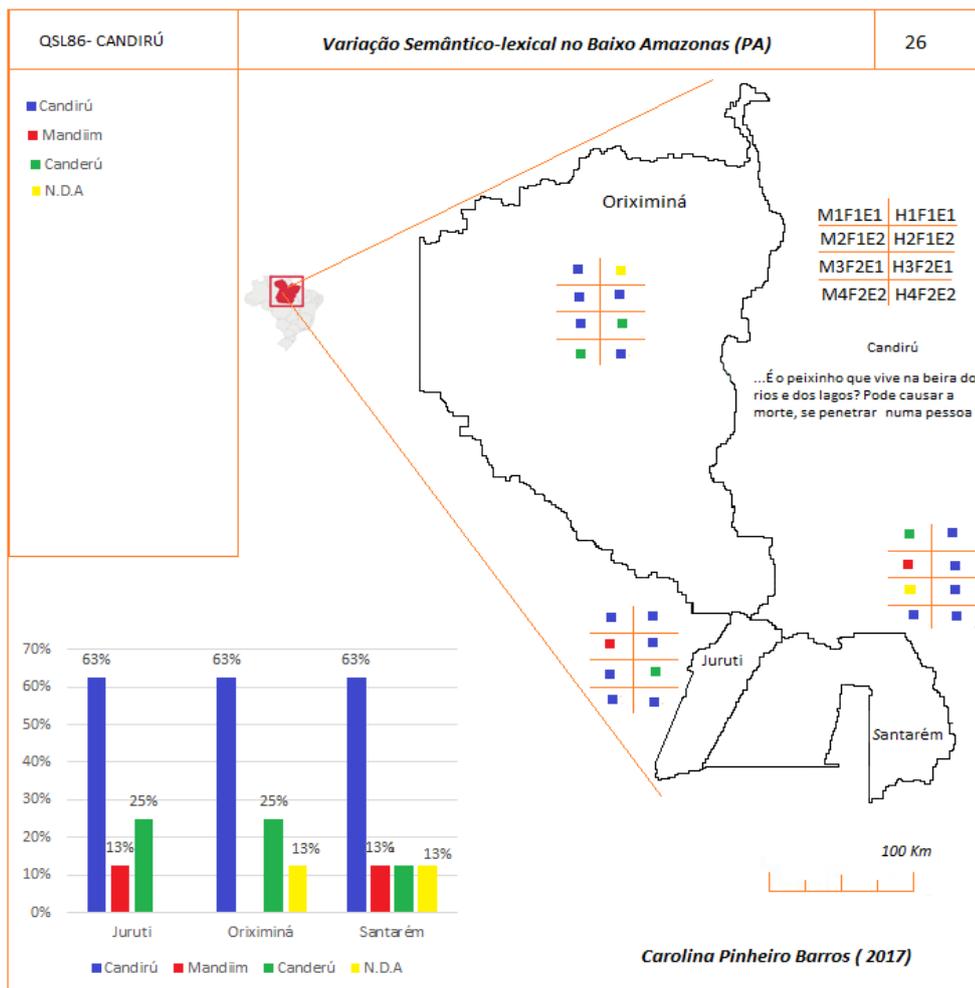
Na dimensão diageracional a lexia “*cor de rosa*” representam a faixa etária 1, no município de Santarém, “*tucuxi*” em Juruti e “*vermelho*” em Oriximiná. Na faixa etária 2 também é “*vermelho*”, “*tucuxi*” e “*cor de rosa*”. Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é a lexia “*tucuxi*” com distribuição da frequência regular de 50 % em Juruti, já em Juruti com 25 % e Santarém 13%.

### 3.5.26 Candiru

Segundo o dicionário Houaiss; Villar (2001), conforme citado por Gonçalves (2015, p.263), em seu questionário semântico lexical 86, a definição de candiru é:

Candiru - (QSL 86, p.136), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito aos peixes teleósteos siluriformes das famílias dos tricomictérídeos e ceptosídeos, geralmente, de distribuição amazônica, hematófagos, capazes de parasitar as brânquias de outros peixes e penetrar em orifícios naturais de animais e da espécie humana, podendo causar ferimentos graves e até a morte; peixe (*Vandellia cirrhosa*) da família dos tricomictérídeos encontrado na Amazônia, Rio de Janeiro e Orinoco, com até oito centímetros de comprimento, corpo rosado, cabeça deprimida e barbelas nos lados da boca, guarnecida de dentes cônicos e espinhos no opérculo. Etimologicamente, tem origem no tupi *kandi ru*.

Na carta 26, houve três variantes lexicais e duas abstenções ( não resposta), a lexia predominante foi “*candiru*” em Juruti, Santarém e Oriximiná com 63% em cada município.



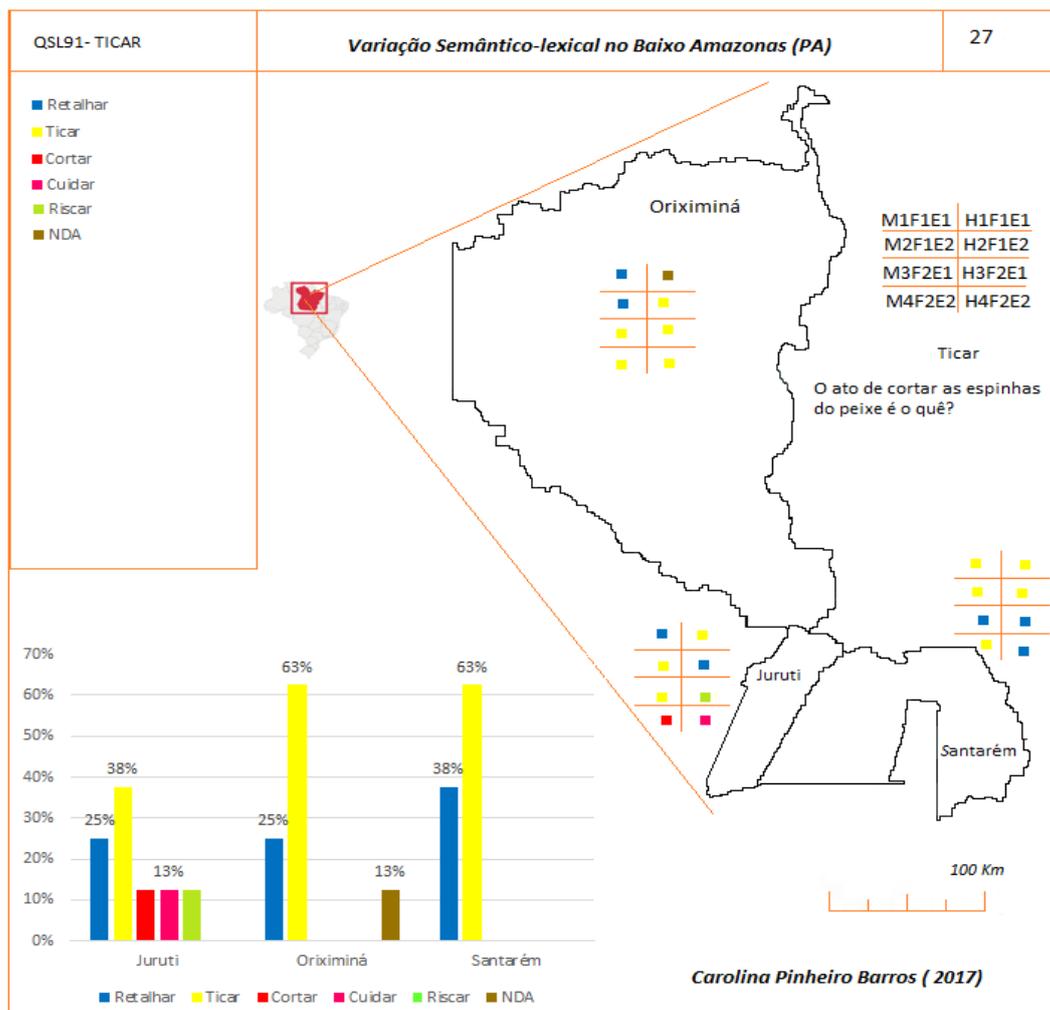
Na variável faixa etária 1 (18-30 anos), observou-se que as mulheres utilizam a variação “*candiru*” com maior frequência em Oriximiná e Juruti, já em Santarém, dividiu-se em “*mandiim*”, “*candiru*” e “*candiru*”. Já as mulheres da segunda faixa etária (50-65anos) utilizam a variante “*candiru*” com maior ocorrência nos três municípios. Já os homens da primeira faixa etária (18-30 anos) fazem uso mais recorrente da lexia “*candiru*” nos três municípios, já a segunda faixa etária usa as lexias “*canderu*” em Juruti e Oriximiná com mais frequência e *candiru*” é mais usado em Santarém. Conclui-se que a norma de uso dos três municípios, é a lexia mais frequente é “*candiru*” com 63 % da sua frequência.

### 3.5.27 Ticar

Segundo o dicionário Houaiss; Villar (2001), conforme citado por Gonçalves (2015, p.263), em seu questionário semântico lexical 286, a definição para ticar é:

Ticar o peixe - (QSL 286, p.235), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, o item lexical 'ticar' que, segundo Houaiss e Villar, significa assinalar com tique ou sinal para efeito de verificação; marcar com furo (bilhete, tíquete etc.) para efeito de conferência. Etimologicamente, se origina de 'tique' mais o sufixo 'ar'. O item lexical 'tique', segundo os mesmos autores, tem o conceito de acre, picante como caril ou aguardente e, etimologicamente, tem origem controversa, possivelmente se originou do sânscrito *tik'a*. Segundo, o item lexical 'peixe' que, segundo Cunha, tem o conceito de um animal cordado, gnastomado, aquático, com nadadeiras, com pele geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias e tem origem no latim *piscis*.

Nessa reflexão o ato de ticar é muito comum na Região Norte. Conforme Azevedo (2013, p. 310), depreende que “no Baixo Amazonas, as três variantes *ticar*, *retalhar* e *riscar* obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 36%, 40% e 24%, considerando as vinte e cinco ocorrências dadas pelos próprios informantes que falavam simultaneamente, às vezes, duas formas.



Na carta 27, houve cinco variantes lexicais. A lexia predominante foi “*ticar*” nos três municípios. Na dimensão diageracional, aparecem as lexias “*ticar*” e “*retalhar*” representam a faixa etária 1, e a lexias “*retalhar*” e “*cuidar*” representam a faixa etária 2. Ainda comparando a dissertação de Azevedo (2013) na questão diageracional ele afirma que:

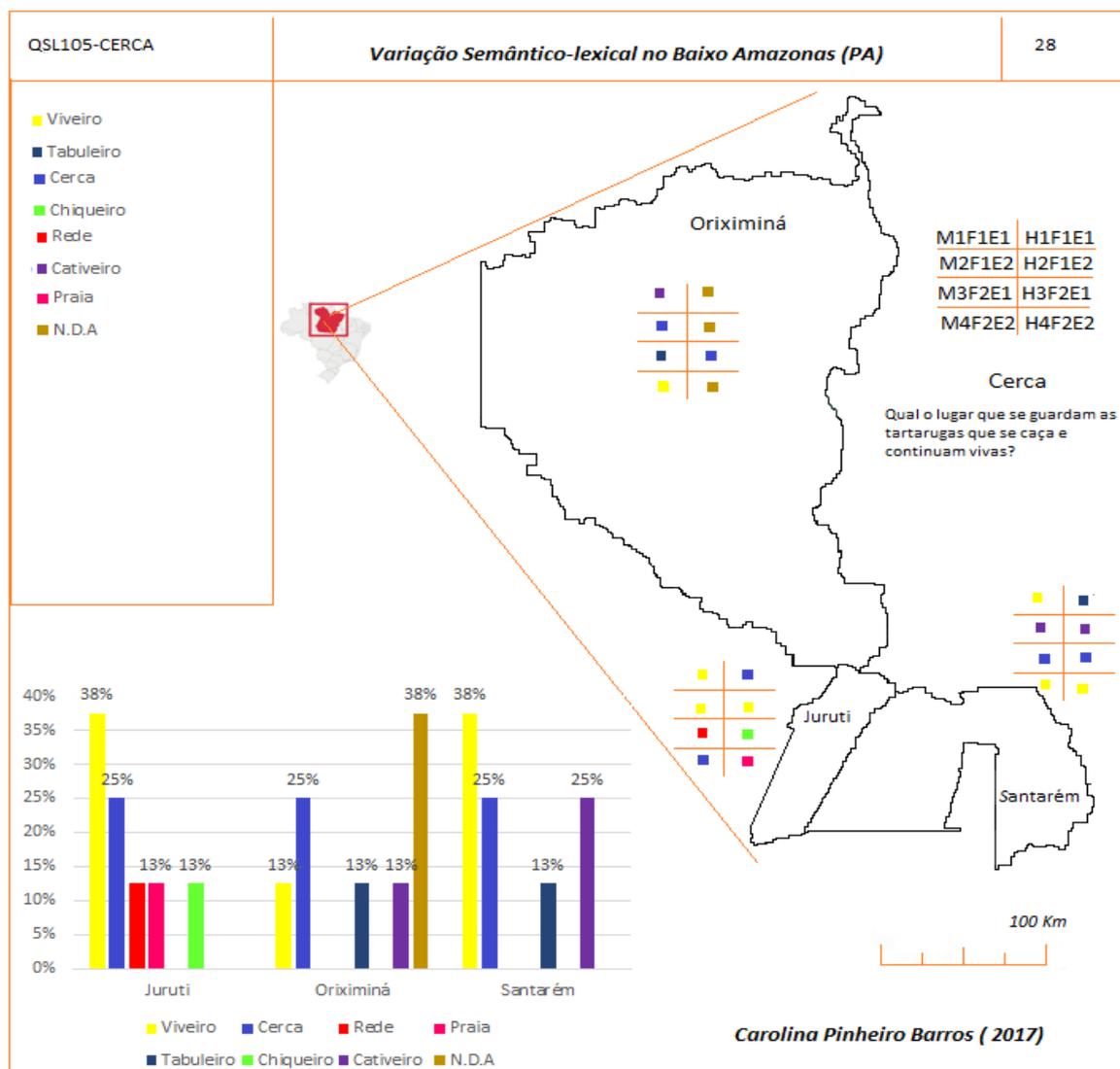
“Segundo uma informante de mais de 60 anos, nas comunidades do Igarapé e do lago do Juruti-velho as pessoas usavam as variantes *ticar* e *retalhar*, o que ficou comprovado nesta pesquisa. A surpresa foi o aparecimento da variante *riscar* com quatro ocorrências na vila do Juruti-velho e duas no Igarapé”. A lexia “*riscar*” também aparece nessa pesquisa, no município de Juruti. (AZEVEDO, 2013, p.122)

Na dimensão diasssexual aparece as lexias “*ticar*” e “*retalhar*” como mais frequentes no gênero feminino nos três municípios e “*ticar*” é mais recorrente ao sexo masculino nos três municípios.

Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é “*ticar*” com 63 % da sua frequência em Santarém e Oriximiná e 38% Juruti.

### 3.5.28 Cerca

Na carta 28, houve sete variantes lexicais e três abstenções (não respostas). A lexia predominante foi “*viveiro*” em Juruti e Santarém com 38%, porém em Oriximiná houve mais desistências nas respostas.



Na variável faixa etária e gênero, observou-se que o gênero feminino da primeira faixa etária (18-30 anos) utiliza a variação “*viveiro*”, “*cerca*” nos três municípios, “*cativeiro*”, em Santarém e Oriximiná com maior frequência. Já as mulheres da segunda faixa etária (50 - 65anos) utilizam a variante “*cerca*” em Juruti e Santarém, “*viveiro*” em Santarém e Oriximiná, “*rede*” em Juruti e “*tabuleiro*” em Oriximiná com maior frequência. Os homens da primeira faixa etária (18-30 anos) fazem uso mais recorrente da lexia “*cativeiro*”, “*viveiro*” e houve duas

abstenções nessa faixa etária. Já a segunda faixa etária usa a lexia “cerca” nos três municípios, “viveiro” em Santarém e “praia” em Juruti.

Na dimensão diasssexual aparece a lexia “viveiro” como mais frequente no gênero feminino, já “cerca”, “viveiro” e três abstenções são mais recorrentes ao sexo masculino. Conclui-se que a norma de uso dos três municípios, é a lexia “viveiro” com frequência regular de 38 %.

## Flora

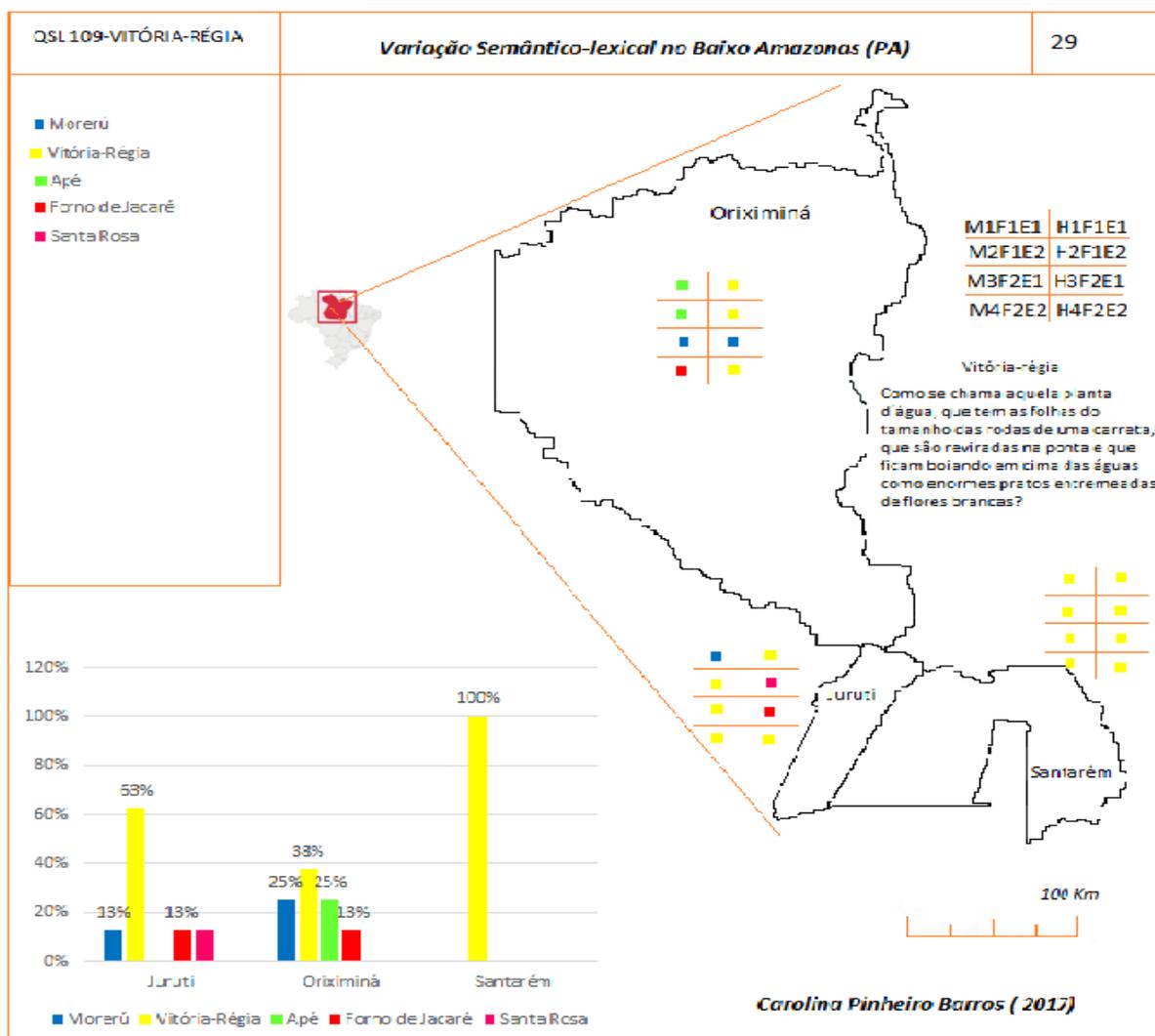
### 3.5.29 Vitória-régia

Com nome científico de *Victoria amazônica*, pertence à família das ninfeáceas. Planta aquática cuja folha tem forma de bandeja redonda, e por isso denominada bandeja d'água, podendo sustentar em sua folha um peso de até 15 quilos, do que se aproveitam algumas pernaltas, entre elas, garças e socós. O nome é uma homenagem a Rainha Victória pelos naturalistas franceses Bimpland e D'Orbgy. Os caboclos a chamam de Mureru e também de milho d'água, devido suas sementes comestíveis parecem com o milho. (...) as folhas apresentam bordos levantados como tabuleiros ou fornos de torrar farinha. O inglês Lindley recolheu a lenda indígena. (SOUZA,2012, p.181)

A carta 29 registra as variantes de vitória-régia como: forno-d'água, forno-de-jaçanã, aguapé-assú, milho-d'água, rainha-dos-nenúfares e rainha-dos-lagos<sup>65</sup>. Além do mais essa planta é encontrada em Países como: Suriname, Guiana, Guiana Francesa, Bolívia e Brasil.

---

<sup>65</sup> Disponível em <http://flores.culturamix.com/flores/naturais/vitoria-regia-vitoria-amazonica-caracteristicas-e-lenda>. Acessado em: 17 março 2017.



Ao pesquisarmos os três municípios do Baixo-Amazonas (Pa), percebemos o processo de substituição da variante “vitória-régia”. Essa variante é menos constante em Oriximiná, entre o sexo feminino não houve a citação dessa variante, por exemplo, na cidade de Oriximiná, a lexia mais corrente foi “Murerú”. Já em Santarém e Juruti a ocorrência do termo “vitória-régia” foi a mais corrente, incidindo, portanto, de forma categórica somente em Santarém.

No geral, a maioria dos informantes que optaram pelo termo “vitória-régia” possuíam tanto a escolaridade até a 4ª. série quanto o Ens. médio. E a lexia mais predominante na faixa etária 2 (50-65 anos) foi “vitória-régia” nos três municípios e “forno de jacaré” em Juruti e Oriximiná.

Azevedo (2013) afirma que:

Era a designação da vitória-régia no Baixo Amazonas que o pesquisador ouvia há 32 anos. Segundo dados da carta lexical 44, a variante vitória-régia foi predominante em

relação às demais variantes (*forno-de-boto*, *apé*, *forno-de-cobra*, *forno-de-apé*, *forno*, *forno d'água* e *casa de pirarucu*), que eram as mais utilizadas quando não havia ainda tanta divulgação dessa planta aquática pela televisão e, agora, vêm sendo ensinada na escola. Com isso, a nova geração não dá continuidade ao uso das terminologias de origem e vai adotando o termo que a escola e a televisão ensinam. (AZEVEDO, 2013, p.365)

Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é a lexia “*vitória-régia*” que tem distribuição da sua frequência absoluta com 100 % em Santarém, 53% Juruti e 33% Oriximiná.

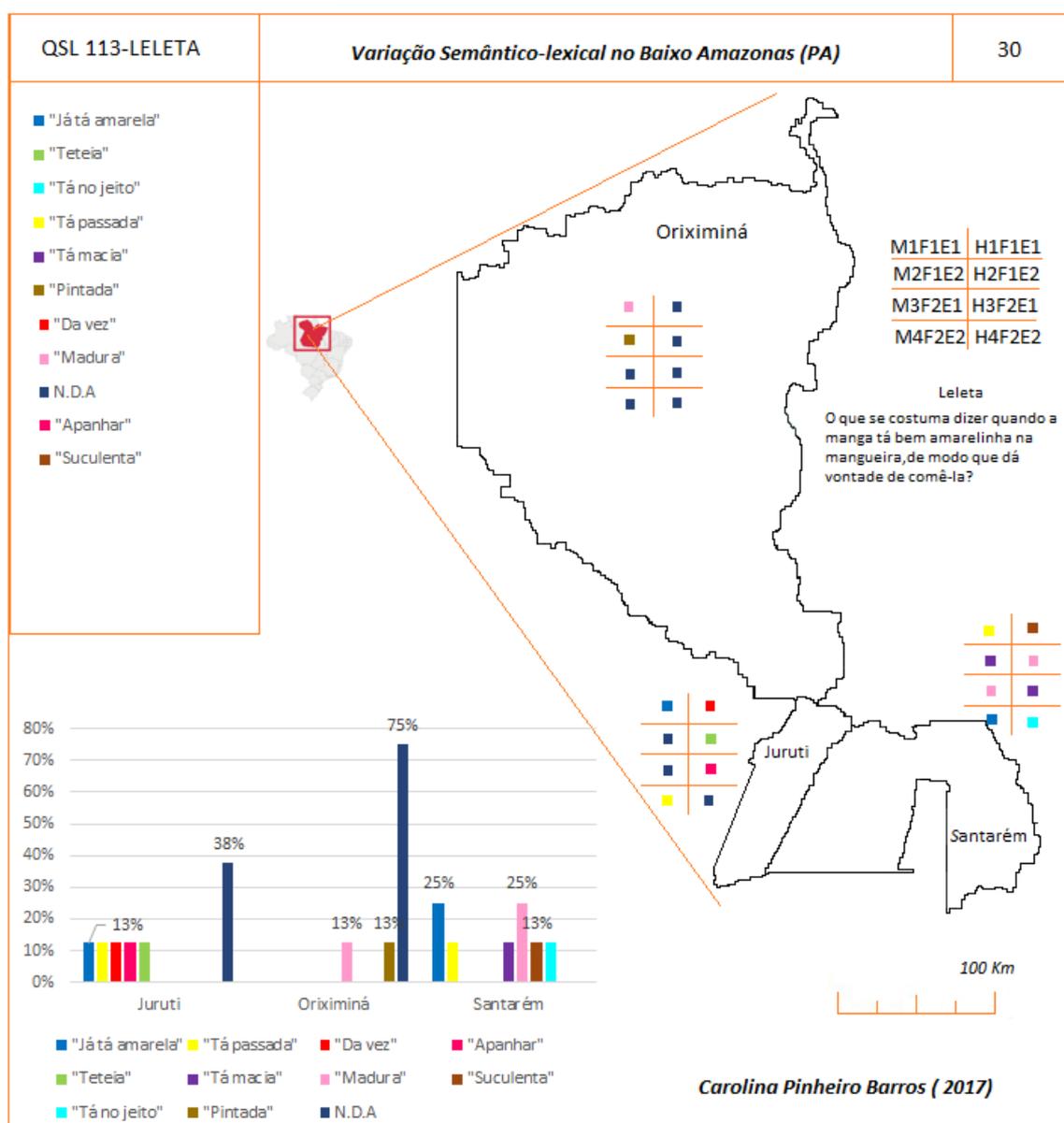
### 3.5.30 Leleta

Azevedo (2013) afirma que leleta:

É a designação da manga quando fica madura e com a coloração amarela ou rosada. Por isso, as pessoas do Baixo Amazonas e do Médio Solimões falam a “*manga tá madura*”, “*tá de vez*”, “*tá amarelinha*”, “*tá gostosa*”, “*tá rosada*”, “*tá leleta*”, “*tá macia*” ou “*tá boa*” (AZEVEDO, 2013, p.367).

Na tese de Azevedo (2013), a lexia mais usada na região do Médio Solimões é “*manga tá macia*”, “*tá da vez*” e também encontrou-se a variante “*amarelinha* como sendo a mais expressiva no Baixo Amazonas, obtendo um registro percentual de 63% seguida por *madura* com 6%, por *rosada* com 19%, por *leleta* com 6% e por *macia* com 6%” (AZEVEDO, 2013, p.367).

Nesta pesquisa, na carta 30 houve dez variantes lexicais e nove abstenções (não resposta). As variantes foram diversas e com um número alto de desistências nas respostas, sobretudo, nos municípios de Juruti e Oriximiná. Já em Santarém, as lexias mais ocorrentes foram “*madura*” e “*tá amarela*”.



É comum os cabocos-ribeirinhos verem mangueiras nas ruas. Conclui-se que não existe uma norma de uso dos três municípios.

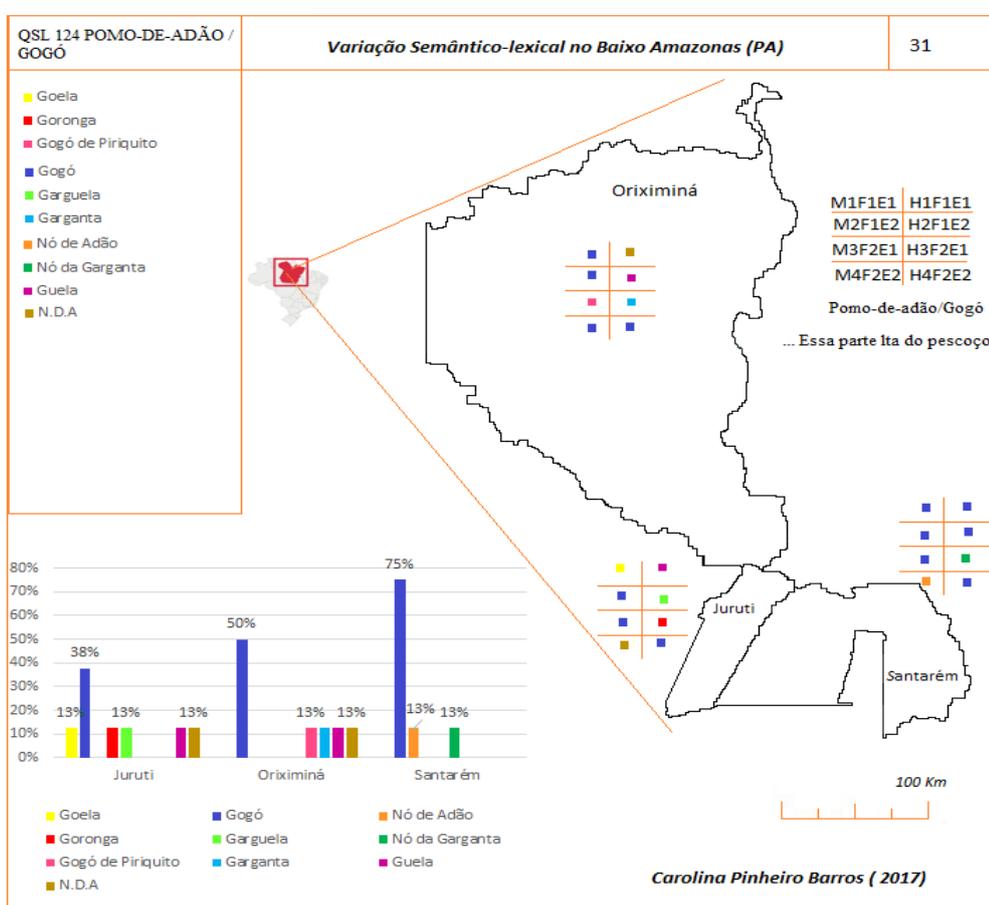
## MEIO ANTRÓPICO

Partes do corpo, funções, doenças etc.

## 3.5.31 Pomo-de-adão / gogó

Na carta 31, houve nove variantes lexicais e duas abstenções (não resposta). A lexia predominante foi “gogó” em Juruti, Santarém e Oriximiná respectivamente com 75%, 50% e 38%. Na dimensão diageracional, a lexia “gogó” representa a faixa etária 1 em Oriximiná e Santarém e a faixa etária 2 também, porém em Santarém teve o uso de “no da garganta” e “goronga” em Juruti.

A lexia com mais predominância no gênero masculino e feminino é “gogó”.

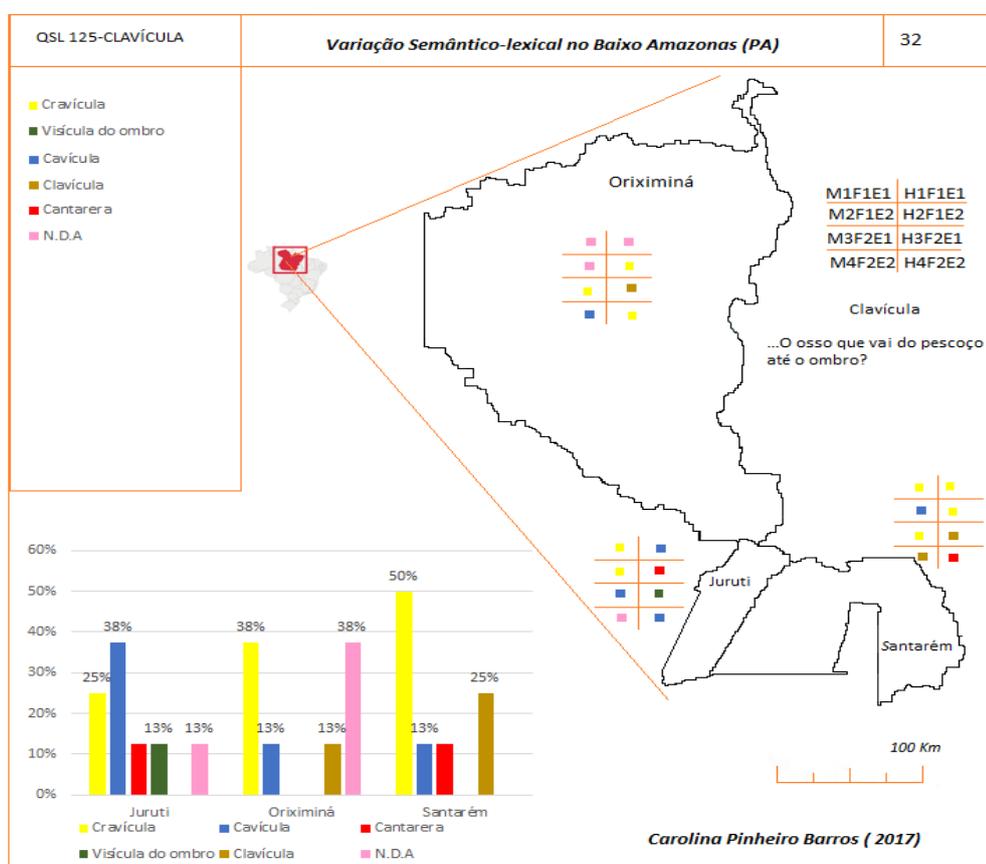


Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é a lexia “gogó”, pois possui alta frequência e distribuição regular de 75% em Santarém, 50% em Oriximiná e 38% em Juruti.

## 3.5.32 Clavícula

Na carta 32, houve cinco variantes lexicais e quatro abstenções (não respostas). A lexia predominante foi “*cavícula*” em Juruti com 38% e “*cravícula*” em Santarém com 50% e Oriximiná com 38%.

Em comparação com a tese de Cristianini (2007), a lexia com mais frequência na norma de uso região do ABC, onde foi realizada a pesquisa, é “*clavícula*”, já no Baixo Amazonas (Pa) essa lexia aparece com baixa frequência 13% e 25%, em Santarém e Oriximiná e em Juruti não houve dentre os entrevistados a citação dessa lexia.



Ainda em comparação com a pesquisa de Guedes (2012) na carta 148 a lexia “*clavícula*” também foi a mais predominante, seguida de “*cantarera*”<sup>66</sup>.

Na dimensão diageracional, para a faixa etária 1, a lexia “*cavícula*” é mais ocorrente em Santarém e Juruti, já “*cravícula*” está sendo usada nos três municípios e nessa faixa etária o maior número de desistência nas respostas foi em Oriximiná. A lexia “*clavícula*” representa a faixa etária 2, em Santarém, “*cavícula*” em Juruti e “*cravícula*” em Oriximiná. Porém houve uma lexia diferente entre as respondidas, “*vesícula do ombro*” ocorrendo em Juruti. Observou-

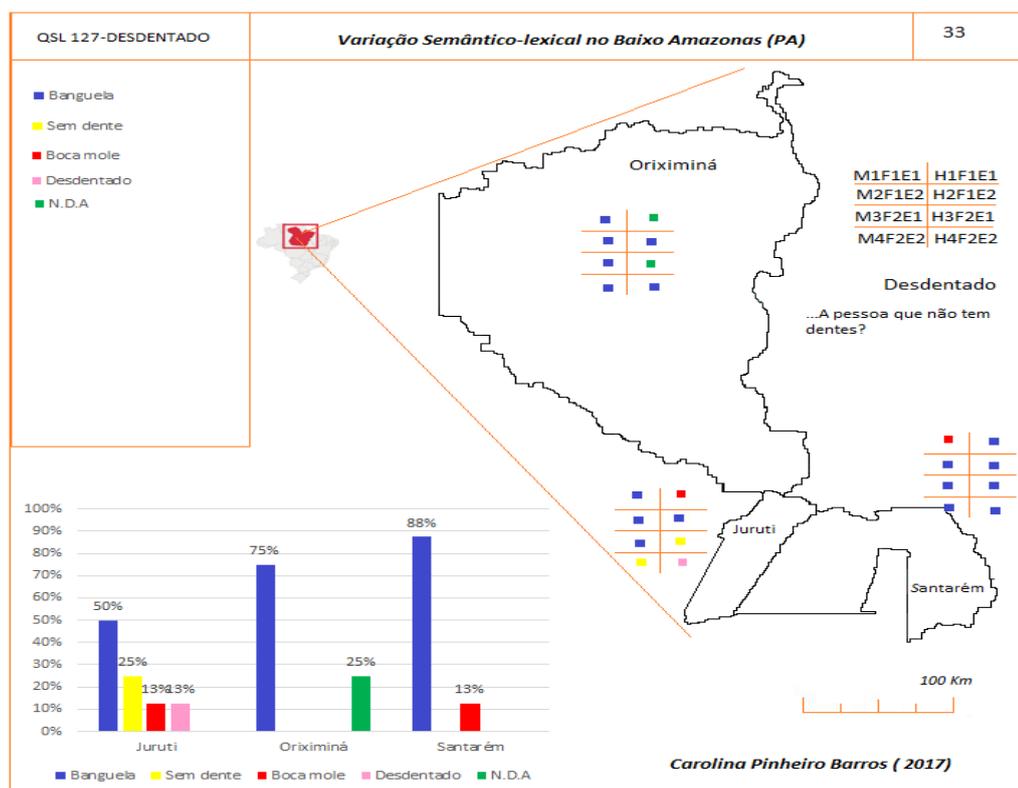
<sup>66</sup> Cantareira: É assim que no Baixo Amazonas o caboclo chama a região do oco clavicular (SOUZA,2012, p.53).

se nessa carta, que apenas as lexias “*clavícula*” e “*cantarera*” são dicionarizadas, o restante são trocas fonéticas da palavra *clavícula*. A lexia com mais predominância no gênero feminino é “*cravícula*” ocorrente nos três municípios, embora que, em Oriximiná o maior número de abstenções nas respostas foi no gênero feminino. Já no gênero masculino a lexia mais ocorrente foi “*cravícula*” em Oriximiná e Santarém e a lexia “*cavícula*” em Juruti. Conclui-se que a norma de uso dos três municípios é a lexia “*cravícula*”, pois possui alta frequência e distribuição regular de 50% em Santarém e 38% em Juruti e Oriximiná.

### 3.5.33 Desdentado

Na carta 33, houve quatro variantes lexicais e duas abstenções (não respostas). A variação dialetal mais expressiva foi “*banguela*” com 50% em Juruti, 75% em Oriximiná e 88% em Santarém.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “*banguela*” ocorre mais no gênero feminino e masculino nos três municípios. Já a lexia representando a faixa etária 1 foi “*banguela*” nos três municípios e “*boca mole*” ocorrente em Oriximiná. Para a faixa etária 2, foi “*banguela*” ocorrendo mais em Oriximiná e Santarém, “*sem dente*” e “*desdentado*” ocorrem em Juruti.



Desse modo a norma de uso dos três municípios é “*banguela*” com 88% de frequência absoluta em Santarém, 75% em Oriximiná e 50% em Juruti.

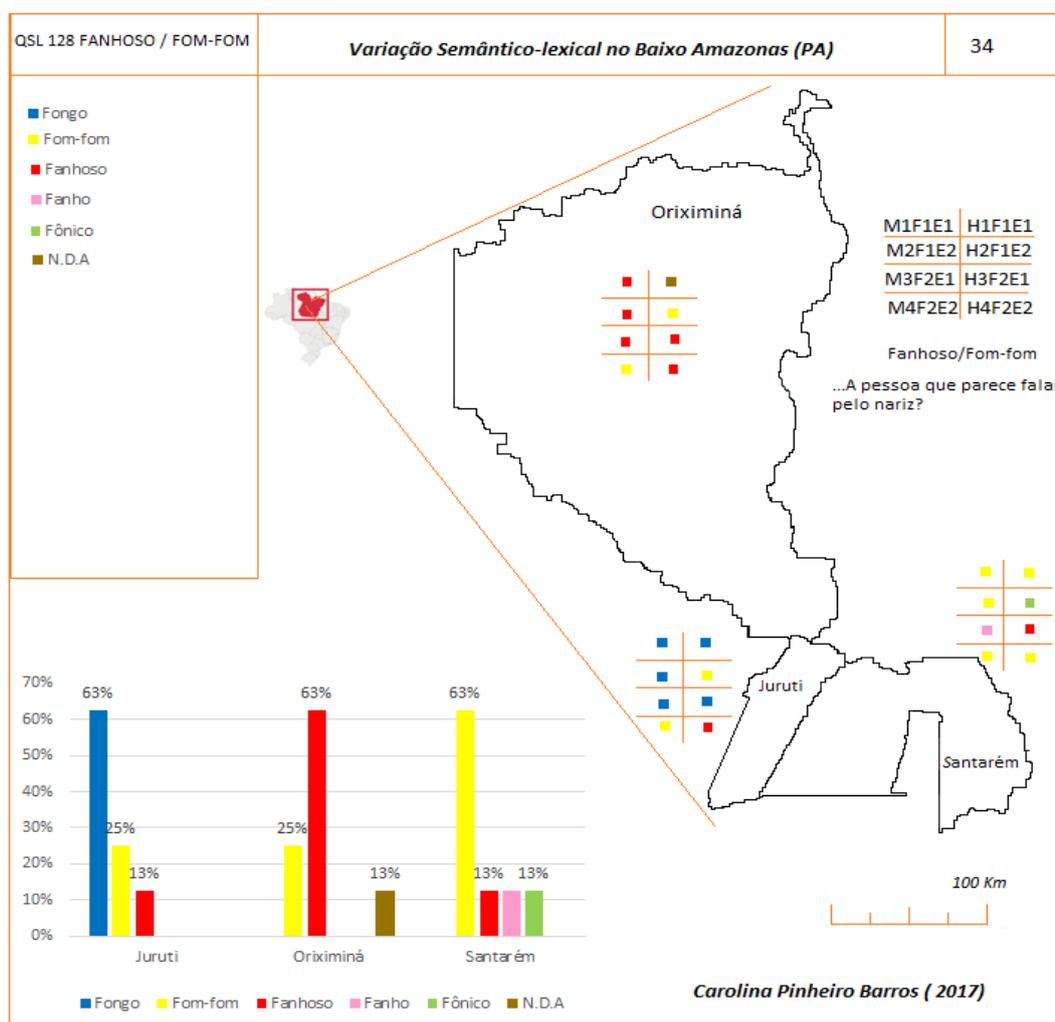
### 3.5.34 Fanhoso / Fom-fom

Na carta 34, houve cinco variantes lexicais e uma abstenção. A variação dialetal mais expressiva foi “*fongo*” em Juruti, em Oriximiná foi “*fanhoso*” e Santarém foi “*fom-fom*”.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, foi usada a lexia “*fom-fom*” em Santarém, “*fongo*” em Juruti e “*fanhoso*” representando o gênero feminino, e “*fongo*” representando a faixa etária 1, já as lexias “*fongo*”, “*fom-fom*” e “*fanhoso*” aparecem como mais recorrentes entre a faixa etária 2. Já a lexia representando o gênero masculino é “*fom-fom*”.

“Fonfom – (QSL 127, p.155), de acordo com Pottier é uma lexia composta. É um termo não dicionarizado. Houaiss traz o verbete com a grafia fon “do dialeto do Ewe, da família nigero-congolesa de línguas africanas, falado por eles”. Ferreira (2004) apresenta o verbete fom com essa mesma acepção e acrescenta ainda: “Etnôn. Indivíduo dos fons, grupo do Centro-Sul da República do Benim (África); eñã.” (Op. Cit.). Para o verbete fon, Ferreira (2004) apresenta ainda a etimologia: Do grego, phoné, ‘som’.” (Ferreira,2004 apud Gonçalves, 2015, p.254)

Em comparação com a pesquisa de Cristianini (2007), na região do grande ABC, as lexias mais recorrentes são “*fanhoso*” e “*fanho*”. E a lexia “*fanhoso*” também aparece, como recorrente para a faixa etária 2.

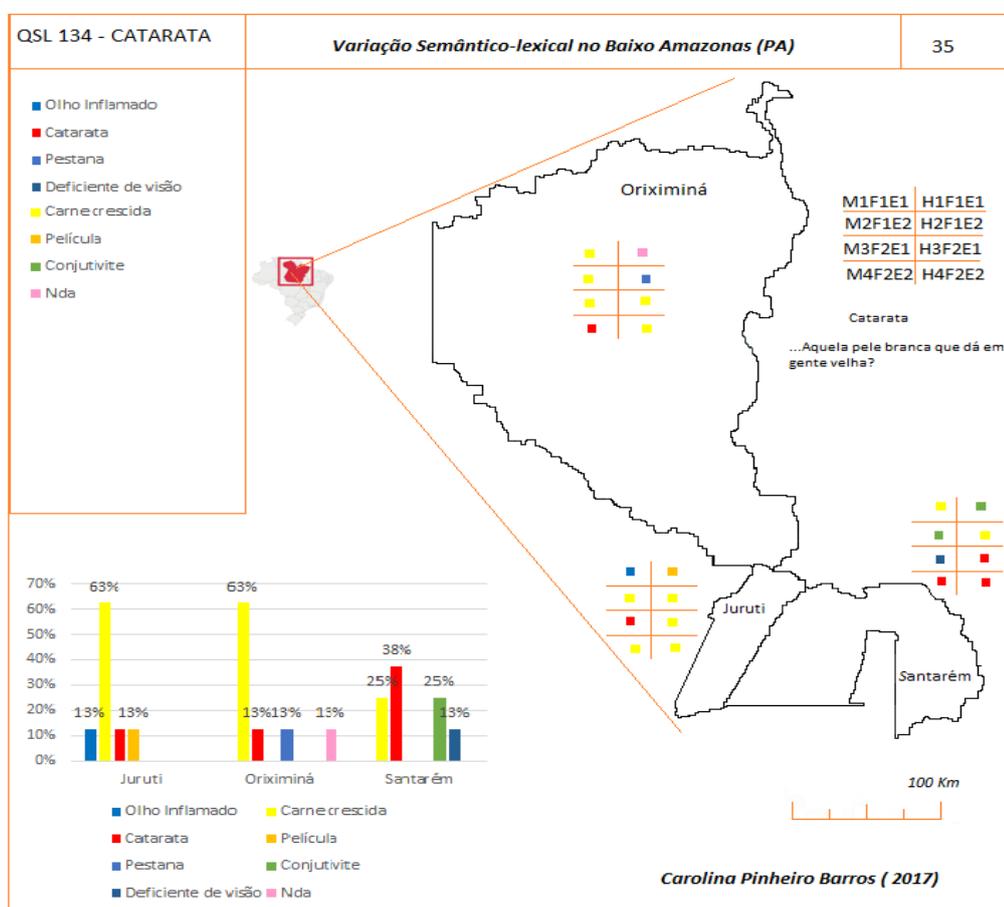


Já em comparação à pesquisa de Azevedo (2013) na carta semântico lexical 185, no que diz respeito à pessoa que fala pelo nariz, “as variantes *fom-fom* e *fanhoso*, são as mais incidentes, sucederam com percentuais 63% em Santarém e 25% em Oriximiná e Santarém. Enquanto nesta pesquisa, para os três municípios escolhidos apareceu “fongo” como uma nova lexia. Desse modo, a norma de uso dos três municípios é “*fom-fom*” com 63 % de frequência absoluta maior ocorrendo em Santarém e 25% em Oriximiná e Juruti.

### 3.5.35 Catarata

Na carta 35, houve sete variantes lexicais e uma abstenção (não resposta). A variação dialetal mais expressiva foi “*carne crescida*” em Juruti e Oriximiná, ambos com 63%, e em Santarém foi “*catarata*” com 38 %.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, há a lexia “carne *crescida*” representando o gênero feminino, essa lexia também representa a faixa etária 1 ocorrente nos três municípios. Já a lexia “*catarata*” é mais ocorrente na faixa etária 2 no município de Santarém e “*carne crescida*” ocorre em Oriximiná e Juruti. A lexia “*carne crescida*” também é mais recorrente no sexo masculino ocorre com mais frequência em Oriximiná e Juruti, já em Santarém foi “*catarata*”, a lexia que representa a faixa etária 1 foi “*carne crescida*” nos três municípios, apareceram lexias como “*película*” em Juruti e “*conjuntivite*” em Santarém. E na faixa etária 2, a lexia “*carne crescida*”, ocorre em Oriximiná e Juruti e “*catarata*” em Santarém, porém aparece nessa faixa etária 2, ocorreu o uso da lexia “*pestanda*” em Santarém.



Em comparação com a dissertação de Guedes (2012), na carta semântico lexical 164 a lexia “*catarata*” foi registrada como ocorrente em todos os seis municípios estudados, mostrando-se predominante na Mesorregião Sudeste Paraense. Porém, no Baixo Amazonas essa lexia também foi registrada como ocorrente nos três municípios pesquisados, juntamente da lexia “*carne crescida*”. Observamos a inclusão de novas lexias como “*película*” para a faixa etária 1, no município de Juruti e “*carne crescida*” em Santarém e Oriximiná. Já a lexia

“pestana” ocorreu na faixa etária 2 em Santarém. Não foram encontradas informações sobre essas lexias, nos trabalhos pesquisados, não se sabe se são novas lexias inovadas pelo contato com outras regiões brasileiras. Os dados não são suficientes para afirmarmos tais inovações lexicais. Portanto, conclui-se que houve uma norma de uso para os três municípios “*carne crescida*” com maior frequência de 63% em Juruti e Oriximiná e 25% em Santarém.

### 3.5.36 Meleca / Tatu / Bustela / Bostela

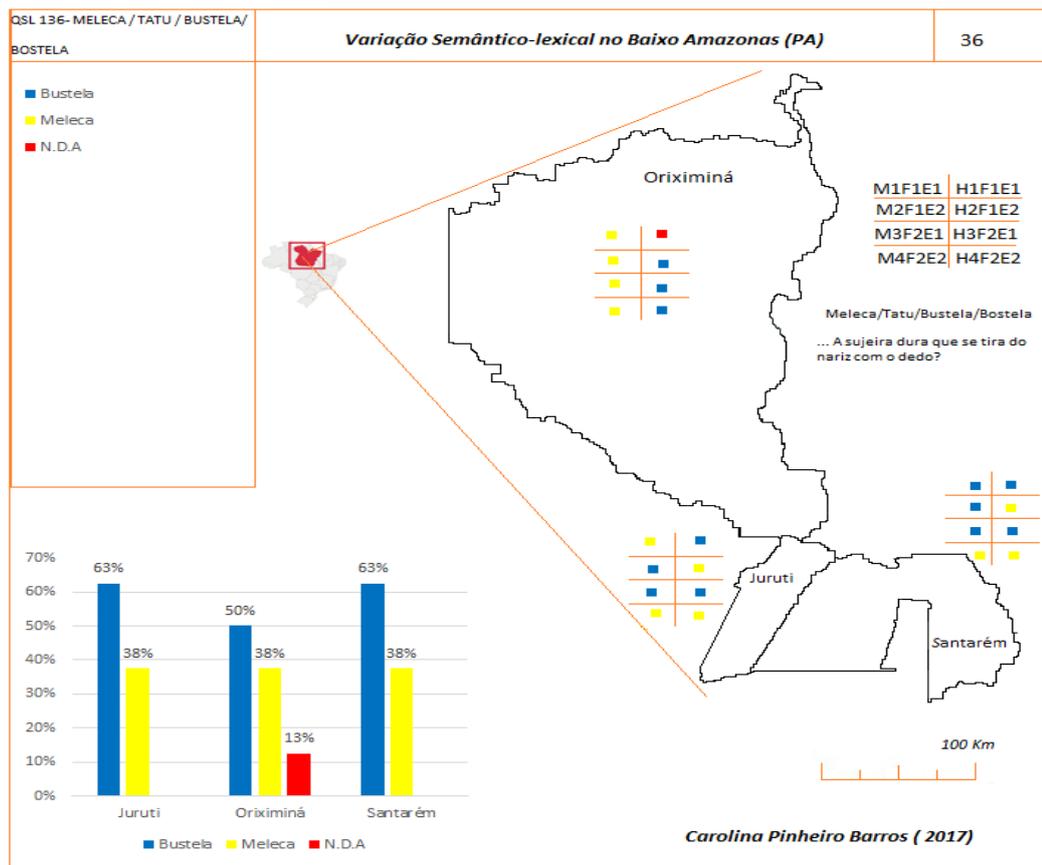
Na carta 36, houve duas variantes lexicais e uma abstenção (não resposta). A variação dialetal mais expressiva foi “*bustela*” nos três municípios.

Conforme destacam Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014) em uma análise comparativa do léxico do atlas do Amazonas e do atlas da região sul do Brasil, o exemplo no campo semântico corpo humano, a lexia cataraca/meleca, apresenta:

Bostela (carta 34) no ALAM e tatu (carta 204) no ALERS. A palavra bostela significa pequena ferida com crosta, pústula. No século XIV era falado *bustella*. É originária do latim vulgar *pústella*, de *pústula* (pústula, bolha), com troca do sufixo (CUNHA, 1986). A palavra tatu parece designar popularmente no Sul a sujeira dura que se tira do nariz com o dedo, apesar de não haver registro algum da palavra em Cunha (1986) e em Houaiss e Villar (2001). (SIQUEIRA; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2014, p. 60).

Para a dimensão diageracional e diagenérica, apresenta a lexia “*bustela*” representando o gênero feminino em Santarém e Juruti, já em Oriximiná é “*meleca*”. E no masculino também foi predominante o uso da lexia “*bustela*” nos três municípios. Essa lexia também representa a faixa etária 1 em Santarém, já em Oriximiná e Juruti foi “*meleca*” como a mais em uso. Na faixa etária 2, as lexias “*bustela*” e “*meleca*” ocorrentes nos três municípios. Na tese de Cristianini (2007), no cartograma – meleca 102, a lexia “*caca*” foi mais predominante na Região do Grande ABC. O que ainda não apareceu na Região do Baixo Amazonas (Pa).

Portanto, no Baixo Amazonas (Pa) também se fala a lexia “*bostela*”, trocando apenas a fonética, como afirma (AZEVEDO, 2013, p.362) “no Baixo Amazonas, encontramos *bostela* como a mais expressiva obtendo um percentual de ocorrência em 82% (catorze ocorrências) contra 18% (três ocorrências) de *meleca*”.



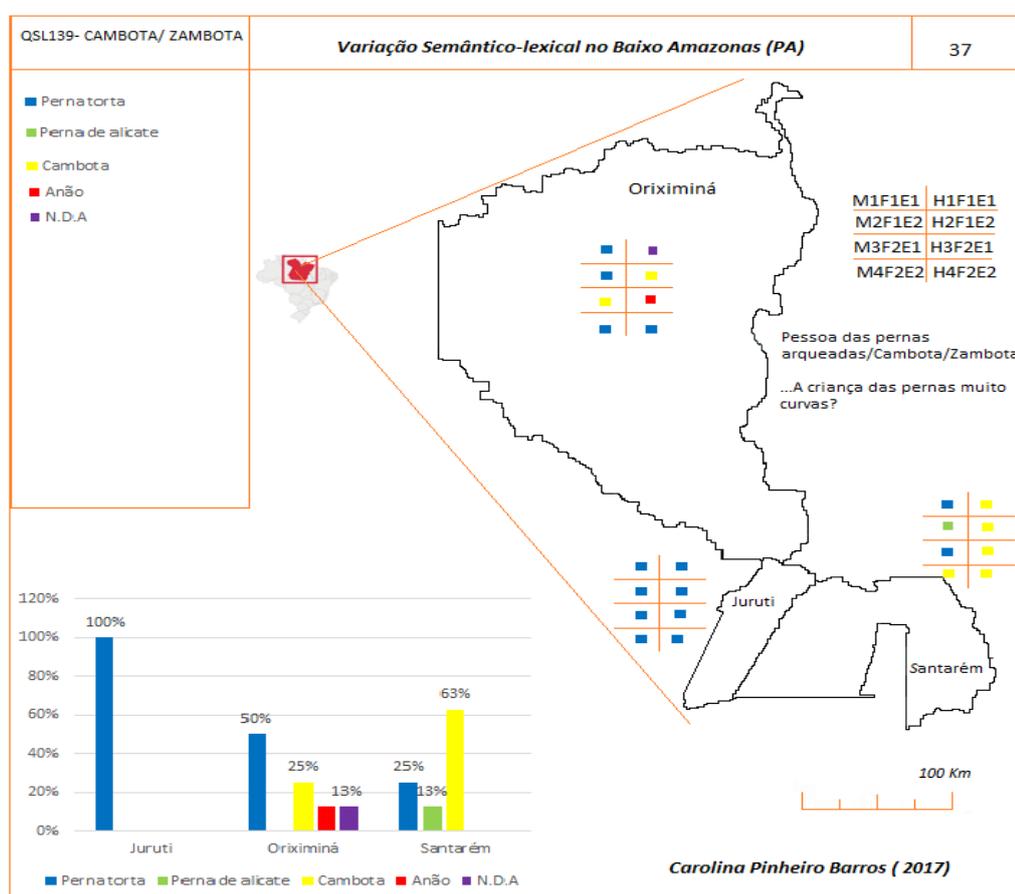
Observamos que, dos fenômenos fonéticos que caracterizam a peculiaridade do falar do “caboco paraense”, dois podem ser considerados “genuínos da região Norte”, já que não se tem dados suficientes em outros trabalhos, não os caracterizamos como fala típica de outras regiões, nesse caso a troca do /o/ -[u] em quaisquer posições. Nascentes (1927), ao estudar a dialetologia no Brasil, afirmou que “tal ocorrência é uma herança social dos habitantes indígenas e antigos colonizadores”. E “na fonética podemos atribuir ao tupi o [u] em lugar do [o] que se nota no falar do Pará e no tupi amazonense” (NASCENTES, 1927, p.260).

Desse modo a norma de uso dos três municípios é “bustela” com alta frequência 63 % e distribuição regular ocorrentes em Santarém e Oriximiná e 50% em Juruti.

### 3.5.37 Pessoa de pernas arqueadas / cambota ou zambota

Na carta 37, houve quatro variantes lexicais e uma abstenção (não resposta). A variante mais expressiva foi “perna torta” em Juruti com 100% e 50% em Oriximiná, já em Santarém a lexia mais predominante é “cambota”<sup>67</sup>.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “perna torta” ocorre com mais frequência no gênero feminino ocorrendo nos três municípios. E representando o masculino foi a lexia “perna torta” em Juruti, “cambota” em Santarém e Oriximiná, ainda nesse último município citado também houve a lexia “anão”. Para representar a faixa etária 1 aparece “perna torta”, ocorrendo em Oriximiná e Juruti e “cambota” em Santarém. Já a mais predominante entre a faixa etária 2 é “cambota” em Santarém e “perna torta” em Oriximiná e Juruti.

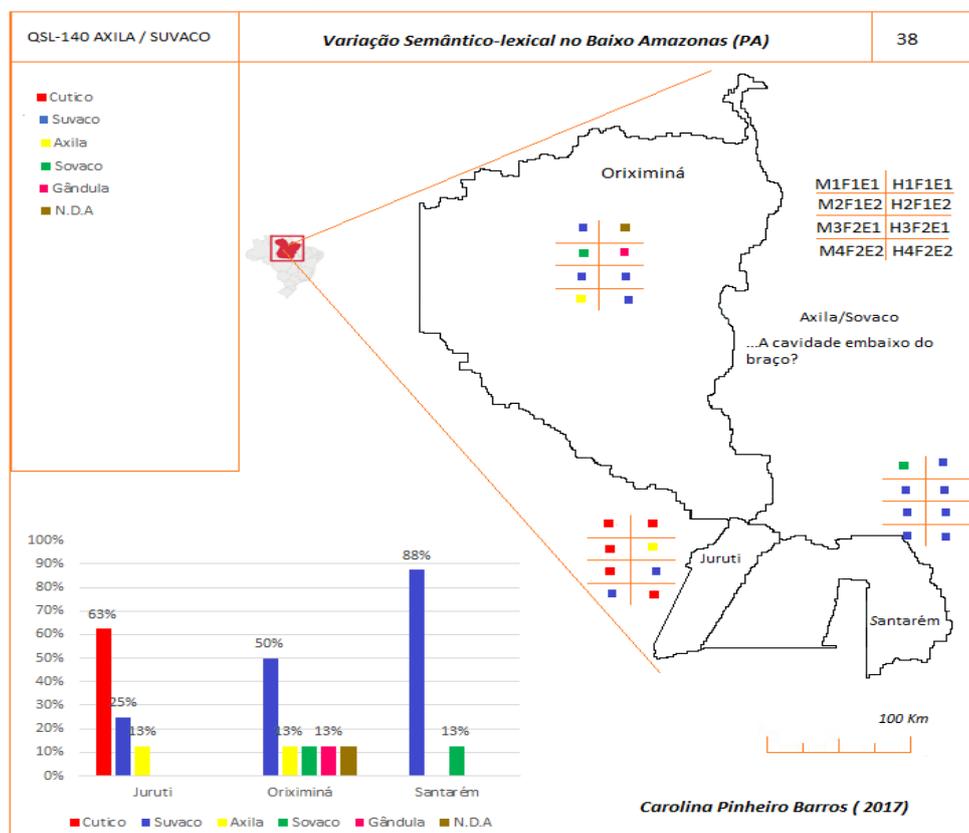


Verifica-se o contato da lexia “cambota” mais expressiva na região Nordeste, com a Região, possivelmente na imigração para esse estado. Porém, “perna torta” tem maior frequência com 100% em Juruti, 50% em Oriximiná e 25% em Santarém.

<sup>67</sup> Cambota: Segundo o Dicionário Nordestino, significa- perna torta, arqueadas para fora. Disponível em: <http://soudonordeste.com.br/dicionario-cearense-cearenses/>. Acesso em 20 de março 2017.

### 3.5.38 Axila / Suvaco

Na lexia 38, houve cinco variantes lexicais e uma abstenção (não resposta). A variante mais expressiva foi “*cutico*” em Juruti com 63%, já em Oriximiná com 50% e Santarém com 88% foi a lexia “*suvaco*”. Para a dimensão diageracional e diagenérica, apresenta a lexia “*suvaco*” em Oriximiná e Santarém, já em Juruti é “*cutico*” representando o gênero feminino. E “*suvaco*” representando o masculino em Santarém e Oriximiná, já em Juruti encontra-se em uso “*cutico*”. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*suvaco*” em Santarém, “*cutico*” em Juruti e “*suvaco*”, “*sovaco*” em Oriximiná. Já a mais predominante entre a faixa etária 2 é “*suvaco*” nos três municípios.



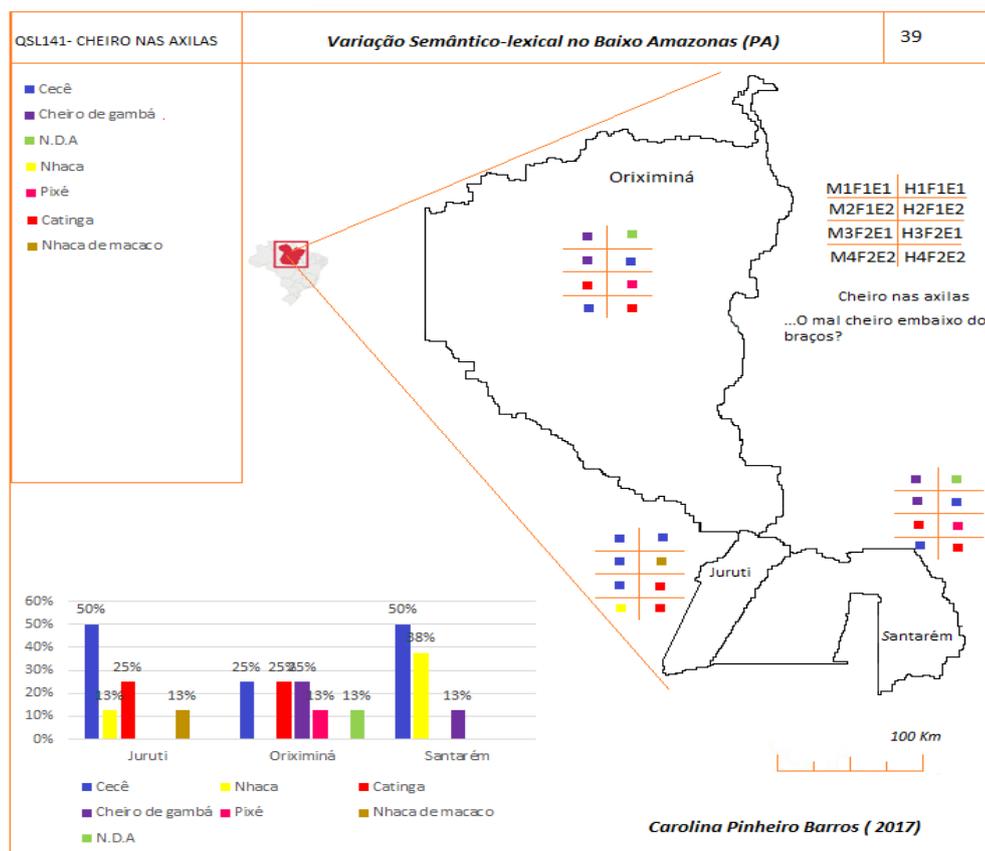
Desse modo a norma de uso dos três municípios se constitui por “*suvaco*” com distribuição absoluta e frequência regular de 88% em Santarém, 50% em Oriximiná e 25% em Juruti.

### 3.5.39 Cheiro nas axilas

Conforme destacam Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014) em uma análise comparativa do léxico do atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil, o exemplo no campo semântico corpo humano, a lexia cecê, é:

Temos ainda o referente cecê que apresenta a lexia cecê (carta 39) no ALAM e a lexia asa/catinga (carta 216) no ALERS. Temos ainda o referente cecê que apresenta a lexia cecê (carta 39) no ALAM e a lexia asa/catinga (carta 216) no ALERS. A palavra cecê foi criada a partir da redução da palavra cheiro de corpo, popularizada no início da década de 1940 pela publicidade de um sabonete desodorante (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra asa significa odor desagradável das axilas e é falada no Rio Grande do Sul (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra catinga significa cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo e provém do ano de 1813. É de origem incerta, porém talvez se relacione com caatinga. Também pode estar relacionada com a palavra do tupi kati que significa odor pesado (HOUAISS, VILLAR, 2001; CUNHA, 1986).

Ainda nessa reflexão, no dicionário Amazônico de termos, abusões e verbetes (SOUZA, 2012, p. 58) é definido “catinga como mau cheiro oriundo da transpiração”.



Na carta 39, houve seis variantes lexicais e uma abstenção. A variante mais expressiva foi “cecê” em Juruti e Santarém, já em Oriximiná, as lexias foram “*cecê com 25%*”, “*catinga*” 25% e “*cheiro de gambá*” com 13%.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “cecê” ocorre com mais frequência no gênero feminino em Juruti, já “*cheiro de gambá*” ocorre em Oriximiná e Santarém. E no gênero masculino “*catinga*” ocorre em uso nos três municípios. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*cheiro de gambá*” em Oriximiná e Santarém, já a lexia “cecê” é mais usada em Juruti. Já a mais predominante entre a faixa etária 2 é “*pixê*” ocorrendo nos três municípios. Para Cascudo (1954, citado por Souza, 2012) a palavra *pixé* “é o mesmo que fedorento, nauseoso, catinguento, cheiro de peixe, é a mesma coisa que *pitiú*. [...] O indígena afirma que o branco “*opitiú*”, cheira a peixe; o negro “*ocatinga*”, fede, e o tapuio “*osakena catu*”, cheira bem”. Portanto houve uma norma de uso nos três municípios, para a lexia “cecê” com 50 % a sua maior frequência em Santarém e Juruti e Oriximiná sua frequência é de 25%.

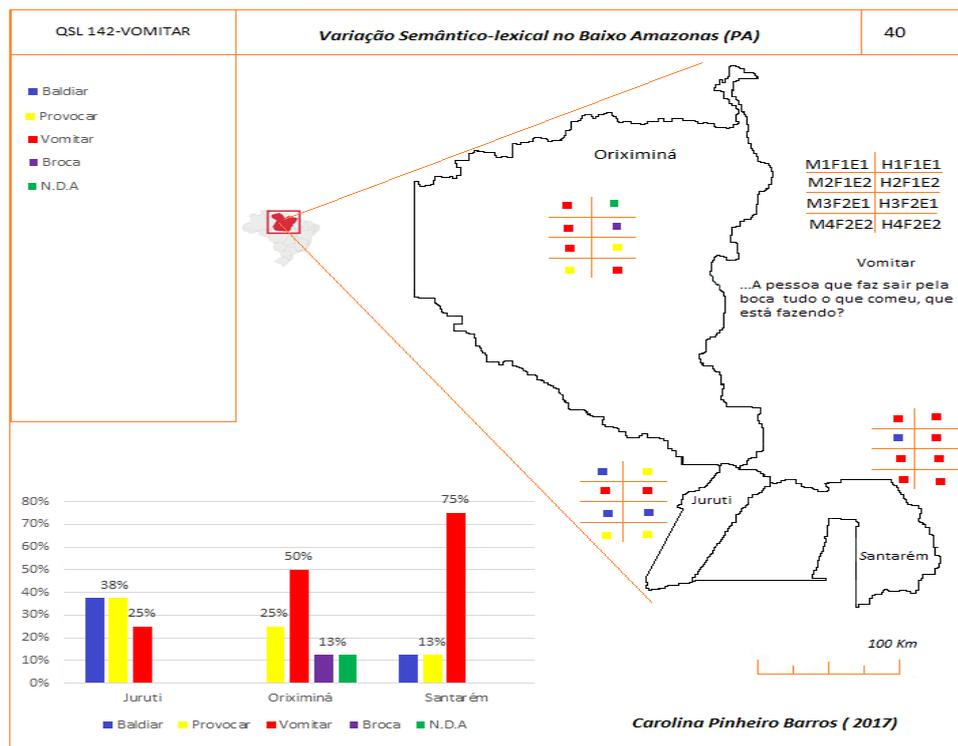
#### 3.5.40 Vomitar

Conforme Ferreira (2004), vomitar é “lançar, expelir, regurgitar, golfar, bolçar, desengolir, arrojado, arreversar, revessar, abolçar, baldear”.

No Baixo Amazonas (Pa), o ato de expulsar o conteúdo gástrico pela boca se chama “baldear”<sup>68</sup>, porém essa ocorrência só foi encontrada com mais ocorrência em Juruti. Em Juruti e Santarém, encontramos a variante “*vomitar*” como sendo a mais expressiva obtendo um registro percentual de 50 %, 75%, respectivamente.

---

<sup>68</sup> Baldear- Vomitar, segundo o linguajar do Baixo Amazonas. “Doutor, essa cunhantã já chegou aqui baldeando”. (SOUZA,2012, p.31).



Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “vomitar” representando o gênero feminino nos três municípios. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “vomitar” em Juruti, Santarém e Oriximiná. Já a mais predominante entre a faixa etária 2 é “provocar” em Oriximiná e Juruti, ainda em Juruti aparece a lexia “baldear” e a lexia “vomitar” é usada em Oriximiná e Santarém.

Portanto, a lexia “vomitar” constitui-se em norma de uso nos três municípios, com 75 % em Santarém a sua frequência absoluta, 50% em Oriximiná e 25% em Juruti.

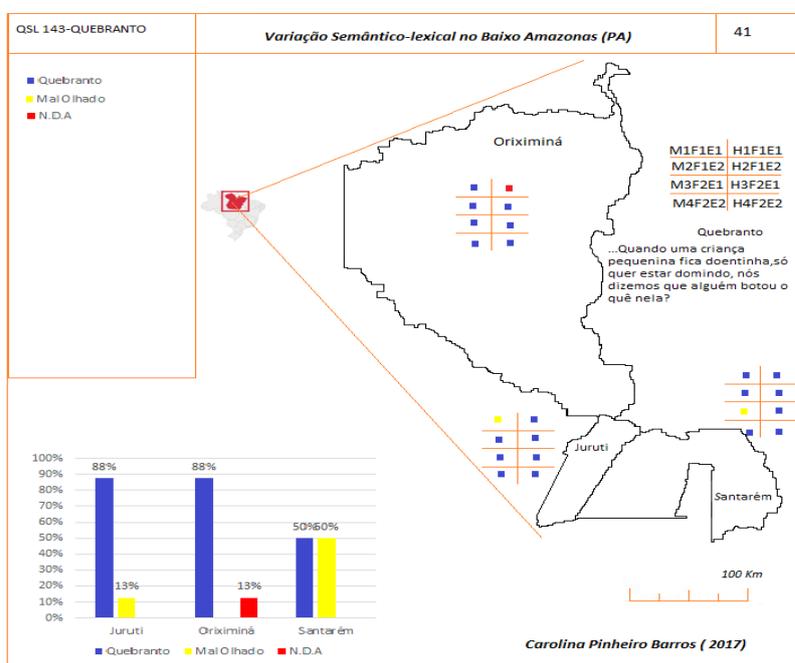
## Cultura e Convívio

### 3.5.41 Quebranto

Quebranto- abuso- Influência magnética pela qual se atinge uma pessoa causando-lhe mal-estar geral através do olhar carregado negativamente, fazendo a vítima acometer-se de vômitos incoercíveis, acompanhado de tonturas e mal-estar geral atribuído à pessoa sabidamente conhecida e que exerce essa influência somente com os olhos; o quebranto não cura com medicina alopática, e sim tão somente por rezadeiras. (SOUZA, 2012.p. 141)

A carta 41 apresenta duas lexias e uma abstenção, para quando uma criança está doentinha. A variante lexical mais ocorrente nos três municípios foi “quebranto”. Para a dimensão diageracional e diagenérica, apresenta a lexia “quebranto” representando o gênero

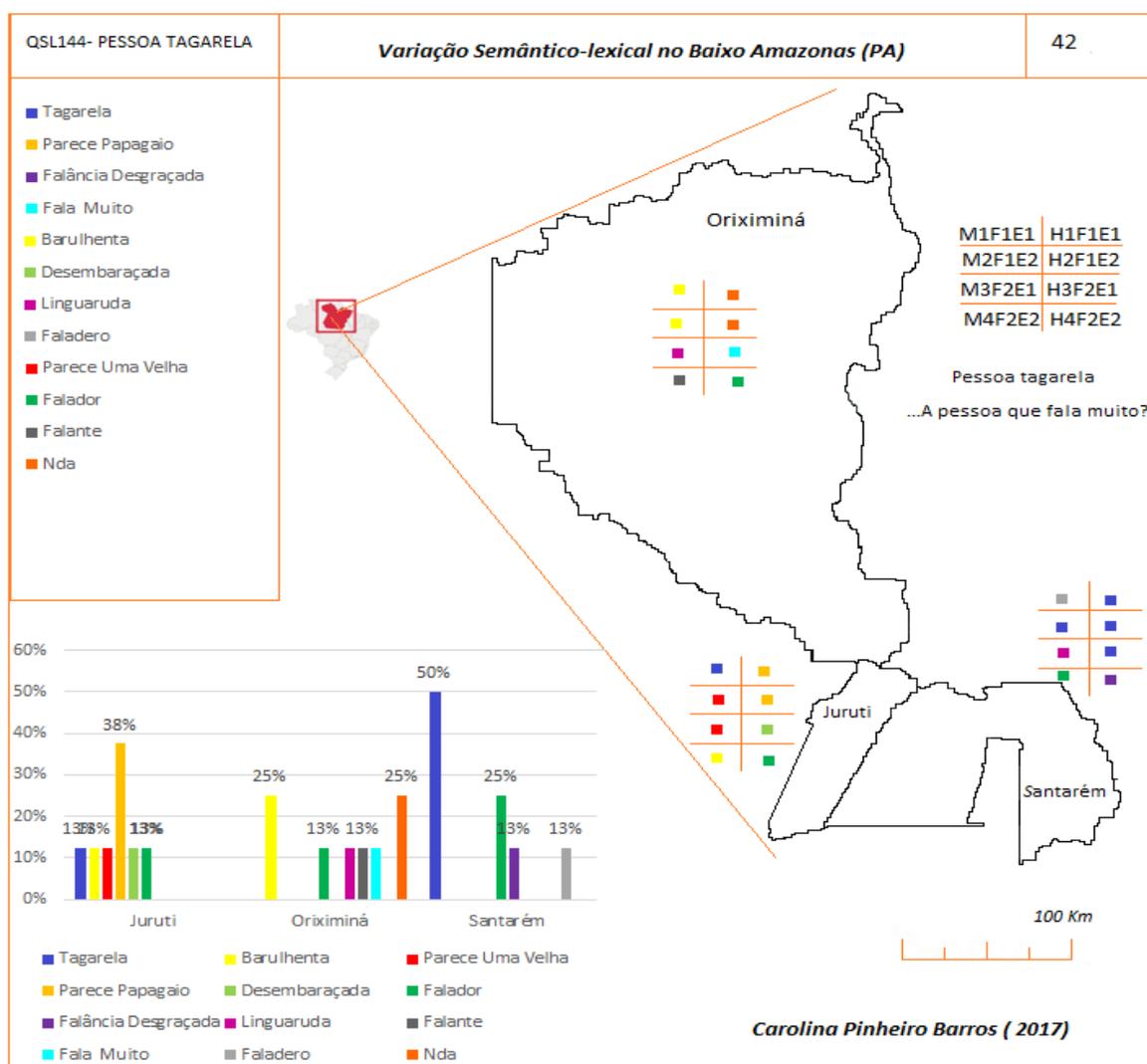
feminino usada com mais ocorrência nos três municípios. Já no gênero masculino, a lexia que representa a faixa etária 1 e a faixa etária 2 é “*quebranto*” ocorrentes nos três municípios.



Portanto, a lexia “*quebranto*” constitui-se em norma de uso nos três municípios, com 88% a sua frequência absoluta em Juruti e Oriximiná e 50% em Santarém.

### 3.5.42 Pessoa tagarela

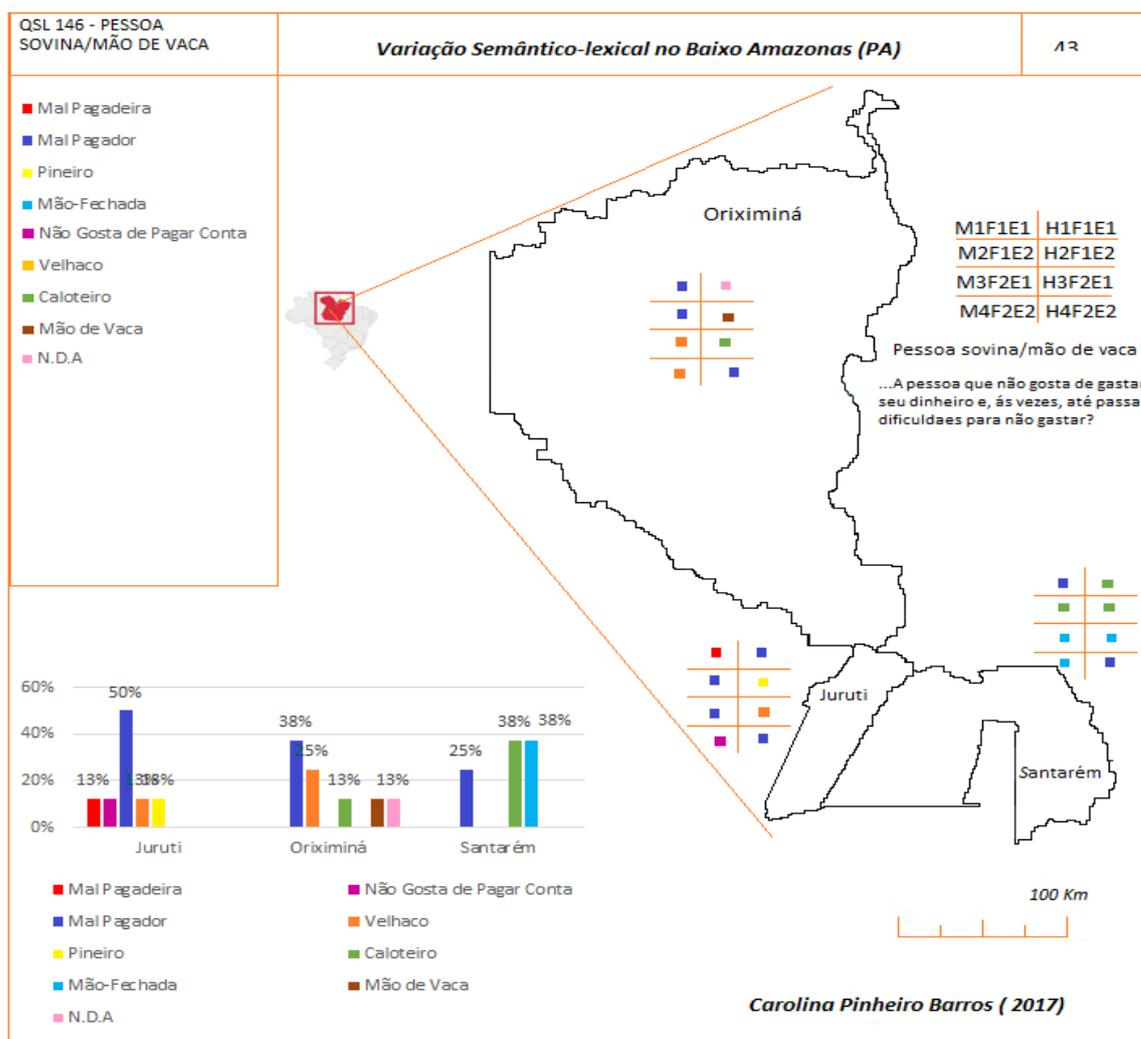
A carta 42 apresenta onze lexias e duas desistências (não resposta). A lexia que ocorre em Santarém é “*tagarela*” com 50%, “*parece papagaio*” em Juruti com 38%, já em Oriximiná a lexia foi “*barulhenta*” com 25%.



Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “*barulhenta*” representa o gênero feminino, nos municípios de Oriximiná e Juruti, porém em Santarém houveram várias lexias como: “*faladero*”, “*tagarela*”, “*linguaruda*” e “*falador*”. No gênero masculino prevaleceu “*tagarela*” em Santarém, “*parece papagaio*” em Juruti e Oriximiná houve o maior número de abstenções nesse gênero. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*tagarela*” em Santarém e Juruti e “*tagarela*” em Oriximiná. Já a mais predominante entre a faixa etária 2 “*linguarudo*” em Oriximiná e Santarém, “*desembaraçada*”, “*falador*”, “*parece uma velha*” e “*barulhenta*” em Juruti. Desse modo, a norma de uso existente nos três municípios é “*falador*” com 25% em Santarém, e 13% em Oriximiná e Juruti.

### 3.5.43 Mau pagador / Caloteiro

A carta 42 apresenta oito variantes e uma abstenção (não resposta). A lexia que permanece em norma nos três municípios do Baixo Amazonas é “*mal pagador*” em Juruti e Oriximiná, com 50% , já em Santarém aparece “*caloteiro*” com 38% e “*mão fechada*” com 38%.



Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “*mal pagador*” representando o gênero feminino, pois está em uso nos três municípios. E no gênero masculino prevaleceu “*mal pagador*”, ocorrente nos três municípios. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*mal pagador*” em Juruti e Oriximiná, já em Santarém aparece a lexia “*caloteiro*”.

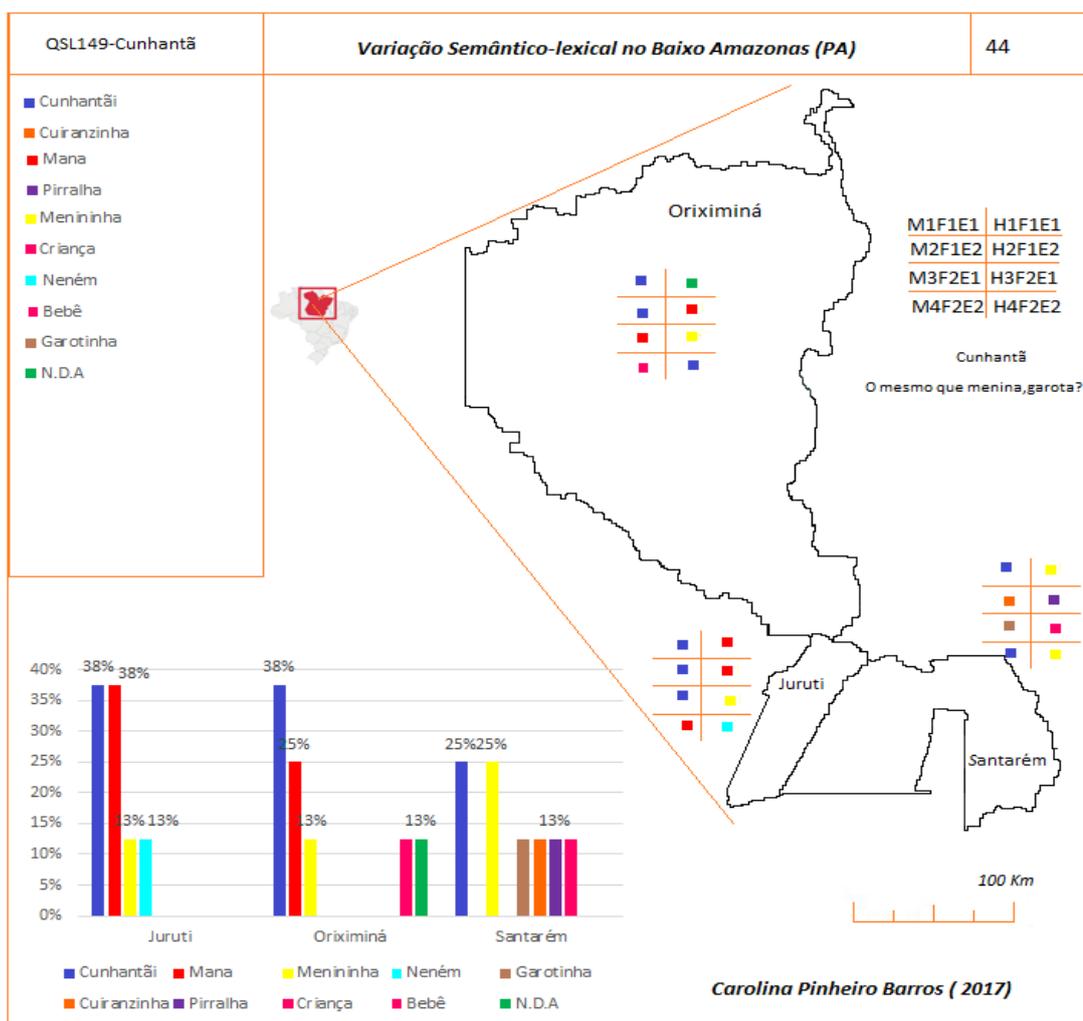
A mais predominante entre a faixa etária 2 “*mão fechada*” em Santarém, “*velhaco*” em Juruti e “*mal pagador*” em Oriximiná.

Nessa carta aparecem novas lexias como “*pineiro*” na faixa etária 1. Portanto, a lexia “*mal pagador*” constitui-se em norma de uso nos três municípios, com 50% em Juruti a sua frequência absoluta e sua distribuição regular e 38% em Oriximiná e Santarém

## (b) Relações Familiares (Parentesco)

### 3.5.44 Cunhantã

No dicionário de termos, abusões e verbetes em Tupi (SOUZA,2012, p. 69) “*cunhantãim* (Do tupi: *Cunhã*, mulher + *tãim*>*tã*, rija +*i*, pequena) - mulher em desenvolvimento, menina indígena, adolescente”.



A carta 44 apresenta nove variantes e uma desistência (não resposta). A lexia que permanece em norma nos três municípios do Baixo Amazonas é “*cunhantã*” em Oriximiná e Juruti com 38% e em Santarém com 25%. Para a dimensão diageracional e diagenérica,

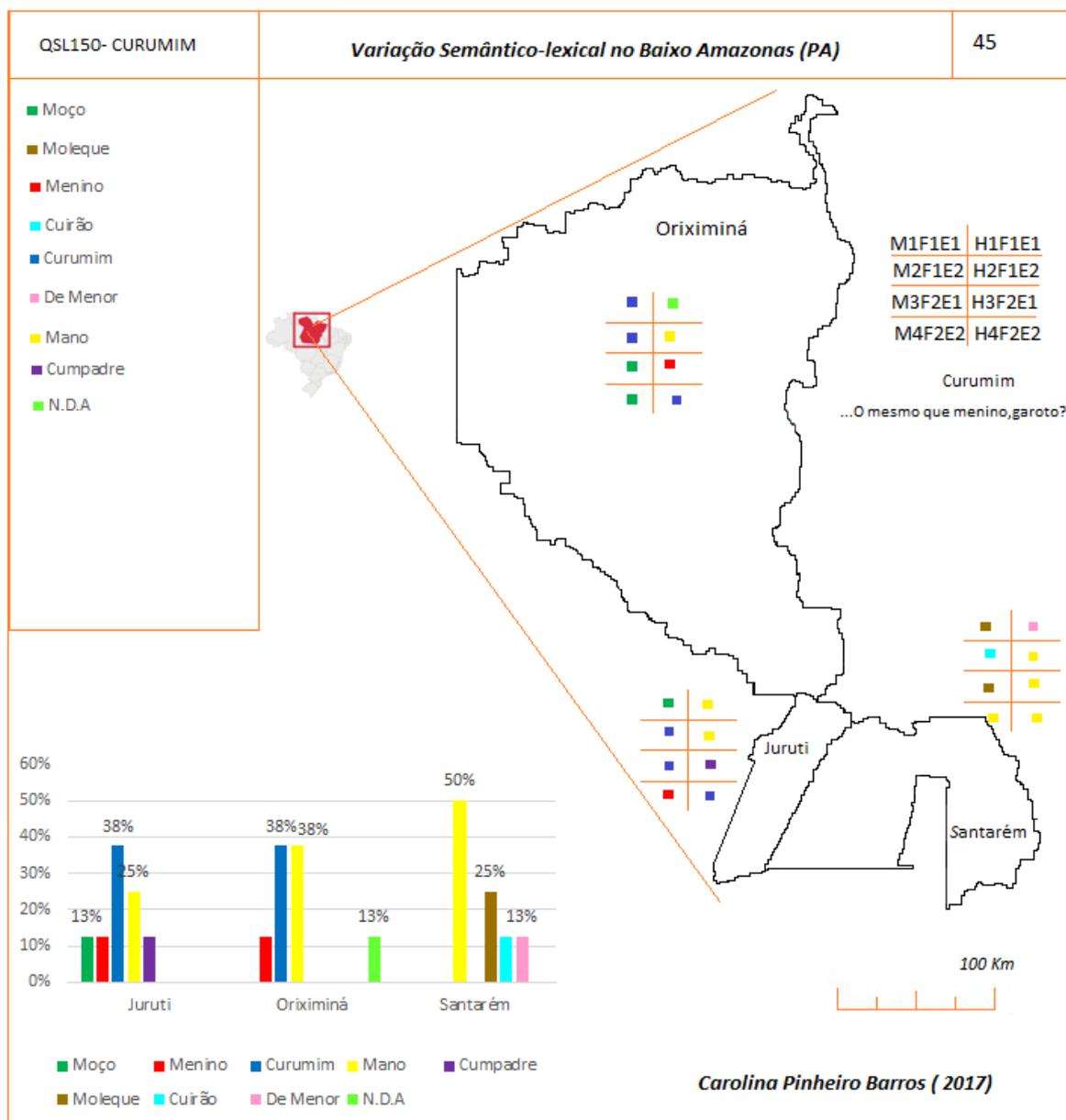
apresenta a lexia “*cunhatã*” representando o gênero feminino ocorrente em Oriximiná, Juruti e Santarém.

Para o gênero masculino prevaleceu “*menininha*” nos três municípios. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*cunhata*” em Juruti e Oriximiná, já em Santarém apareceu “*cuiranzinha*” e “*pirralha*”

A mais predominante entre a faixa etária 2 “*mana*” em Oriximiná, em Juruti e Santarém é “*cunhantai*”. Portanto, a lexia “*cunhatã*” constitui-se em norma de uso nos três municípios, com 38% a sua frequência sua distribuição regular em Juruti e Oriximiná, 25% em Santarém.

### **3.5.45 Curumim**

No dicionário de termos, abusões e verbetes em Tupi (SOUZA,2012, p. 69) “*curu*, corpo + *mi*<*mim*, pequeno) -menino, rapaz novo, moleque”.



A carta 45 apresenta oito variantes e uma desistência (não resposta). A lexia que permanece ocorrente em Juruti com 38% é “*curumim*”, “*curumim*” e “*mano*” em Oriximiná com 38% ambos e em Santarém, prevalece a lexia “*mano*” com 50%.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, apresenta a lexia “*moço*” em Oriximiná, “*curumim*” em Juruti, “*moleque*” em Santarém, representando o gênero feminino.

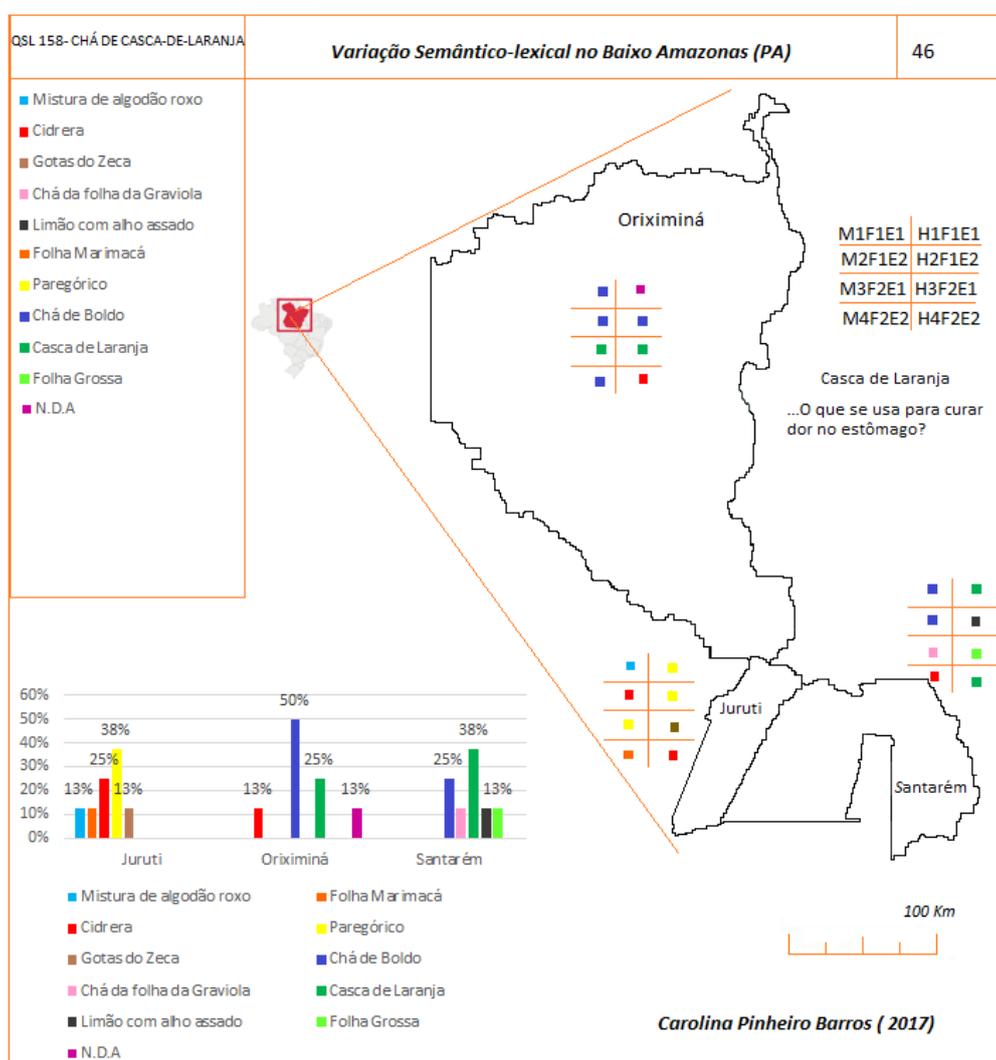
No gênero masculino prevaleceu “*mano*”, ocorrente nos três municípios. A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*curumim*” em Oriximiná, “*mano*” em Juruti e “*cuirão*”, “*mano*”, “*moleque*” e “*de menor*” em Santarém, já a mais predominante entre a faixa etária 2

é “moço” em Oriximiná, “*curumim*” em Juruti e “*mano*” em Santarém. A lexia “*mano*” constitui-se em norma nos três municípios, sua frequência é regular de 50% em Oriximiná.

## Alimentação e Saúde (medicina caseira)

### 3.5.46 Chá de casca-de-laranja

A carta 46 apresenta dez variantes e uma desistência (não resposta). A variante que permanece ocorrente nos três municípios do Baixo Amazonas é “*Paregórico*” em Juruti com 38%, “*chá de boldo*” em Oriximiná com 50% e em Santarém “*casca de laranja*” com 50%.

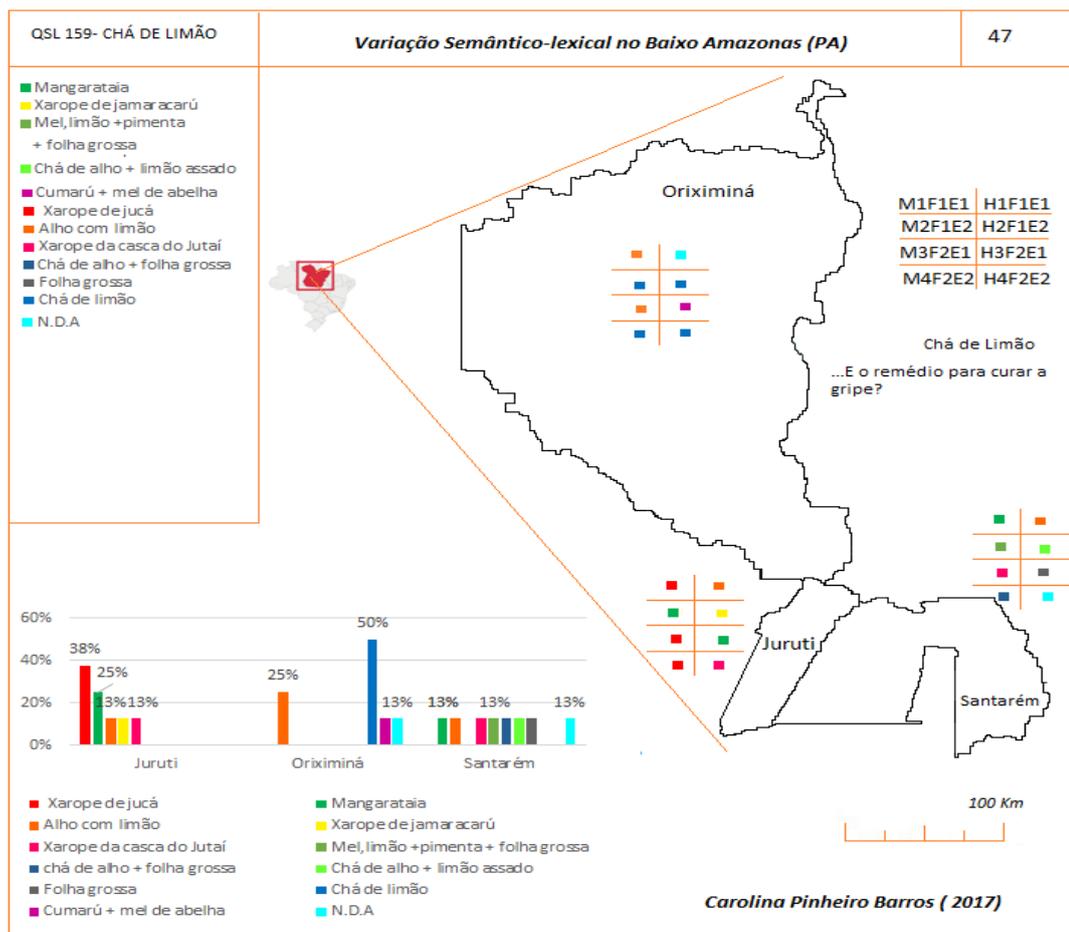


Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “*chá de boldo*” representa o gênero feminino em Oriximiná e Santarém, porém em Juruti ocorrem as lexias “*mistura de algodão roxo*”, “*cidreira*”, “*paregórico*”, “*folha de marimacá*”. Já no gênero masculino é a lexia “*paregórico*”, em Juruti, “*casca de laranja*” em Santarém e “*chá de boldo*”, “*casca de laranja*” e “*cidreira*”.

Já a lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*chá de boldo*” em Oriximiná e Santarém e a lexia “*paregórico*” em Juruti. A mais predominante entre a faixa etária 2 “*casca de laranja*” em Oriximiná, “*paregórico*”, “*gotas do zeca*”, *folha de marimacá*” e “*cidreira*”, em Juruti e “*chá da folha de graviola*”, “*folha grossa, cidreira*” e “*casca de laranja*” em Santarém. Conclui-se que não houve uma norma de uso distribuída nos três municípios, sinal que fatores extralinguísticos estão ocorrendo para essa carta lexical.

### 3.5.47 Chá-de-limão

A carta 47 apresenta onze variantes e duas abstenções (não resposta). A variante que permanece em uso nos três municípios do Baixo Amazonas (Pa) é “*xarope de jucá*” em Juruti com 38%, “*chá de limão*” em Oriximiná com 50% e Santarém aparecem lexias como: “*mangarataia*”, “*alho com limão*”, “*xarope da casca do jutaí*”, “*mel, limão + pimenta + folha grossa*”, “*chá de alho + folha grossa*”, “*Chá de alho + limão assado*”, “*folha grossa*”, “*chá de limão*” e “*cumarú + mel de abelha*” com 13 % cada.

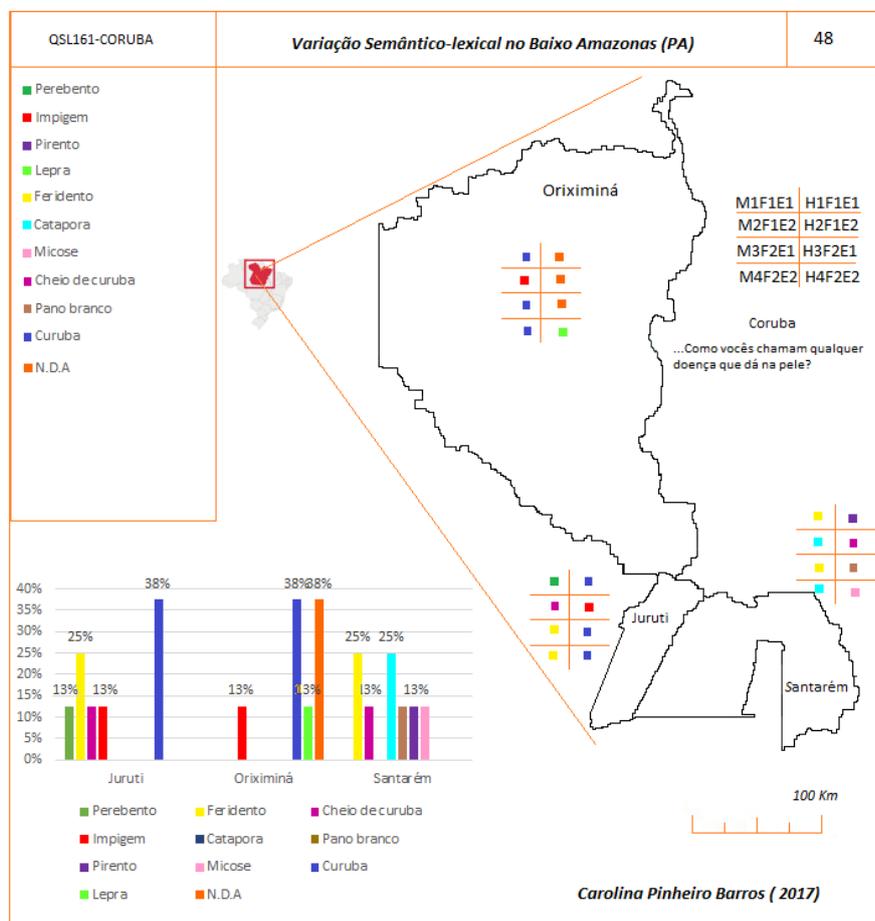


Para a dimensão diageracional e diagenérica, apresenta as lexias “*alho com limão*”, “*chá de limão*”, “*xarope de jucá*”, “*mel, limão + pimenta + folha grossa*”, “*xarope da casca do jutaí*”, “*chá de alho + folha grossa*” representando o gênero feminino. E no masculino prevaleceu “*chá de limão*”, “*xarope de jamaracariú*”, “*mel, limão + pimenta + folha grossa*”, “*xarope da casca do Jutaí*” nos três municípios.

Na faixa etária 1 aparece “*chá de alho + limão assado*” em Santarém, “*xarope de jucá*”, “*alho com limão*”, “*mangarataia*” e “*xarope de jamaracu*” em Juruti e “*chá de limão*” em Oriximiná. Já entre a faixa etária 2, a lexia mais ocorrente foi “*chá de limão*” em Oriximiná, “*xarope de Jucá*” em Juruti, e em Santarém foram “*xarope da casca de jutaí*”, “*chá de alho + folha grossa*”, “*folha grossa*” e uma abstenção para essa questão. Conclui-se que a norma de uso distribuída nos três municípios é “*alho com limão*” com 13% em Santarém e Juruti e 25% em Oriximiná.

### 3.5.48 Coruba

No dicionário de termos, abusões e verbetes em Tupi (SOUZA,2012, p. 69), curuba é o nome genérico para todas as afecções dermatológicas pruriginosas”.



A carta 48 apresenta dez variantes e três desistências (não resposta). A variante que permanece ocorrente no Baixo Amazonas (Pa) é “*curuba*” em Juruti e Oriximiná com 38% ambos os municípios, porém foi em Oriximiná o maior número de abstenções das respostas. E Santarém foi “*feridento*” e “*catapora*” com 25%.

Para a dimensão diageracional e diagenérica, a lexia “*curuba*” em Juruti, “*feridento*” em Oriximiná e “*feridento*” e “*catapora*” em Santarém representando o gênero feminino e no masculino prevaleceu “*curuba*” em Juruti, “*cheio de curuba*”, “*pano branco*”, “*micose*” e “*pirento*” em Santarém, já em Oriximiná houveram três abstenções no gênero masculino, as lexias que representam a faixa etária 1 aparece “*curuba*”, “*impigem*”, “*perebento*”, “*pirento*”, “*catapora*” e “*cheio de curuba*” já a mais predominante entre a faixa etária 2 “*curuba*”, “*feridento*” em Juruti e Oriximiná. Conclui-se que não houve uma norma de uso distribuída nos três municípios, sinal que fatores extralinguísticos estão ocorrendo para essa carta lexical.

### 3.5.49 Pirão

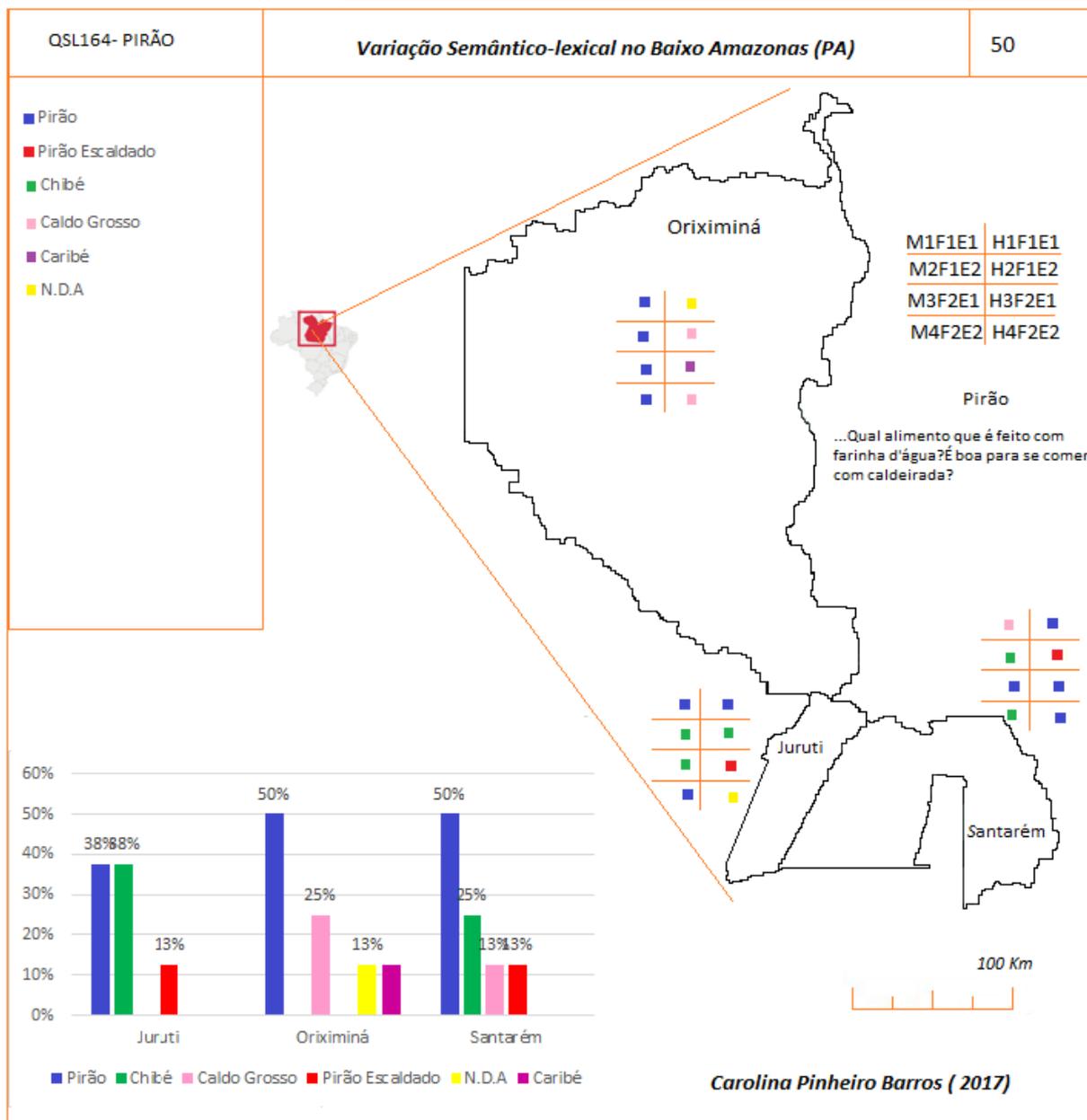
A carta 49 do QSL apresenta cinco variantes e duas abstenções (não resposta). As lexias ocorrentes nos três municípios do Baixo Amazonas (Pa) é: “*pirão*” em Oriximiná e Santarém ambos com 50%. Já em Juruti prevalece a lexia “*chibé*” com 38%. Procurando no dicionário de termos, abusões e verbetes em Tupi (SOUZA, 2012, p. 59) – *chibé* (xibé) - (do tupi: xebé, para mim) – preparação indígena que consiste na mistura de pouca farinha d’água à guisa dos refrescos. Em comparação a tese de (AZEVEDO, 2013), na carta semântico lexical 74, *chibé* serve apenas para matar a fome quando não se tem outra coisa para comer, serve para comer com peixes, frangos dentre outros modos.

Em termos estatísticos, a variante *chibé* ocorreu 100% (dezesseis ocorrências) no Baixo Amazonas e ocorreu 51% (quarenta e sete ocorrências) no Médio Solimões. A *jacuba* foi a segunda variante mais incidente no Médio Solimões com percentual de ocorrência em 26% (vinte e seis ocorrências), seguida por *laura* com 17% (dezessete ocorrências), por *rebojado* (uma ocorrência), *frango* (uma ocorrência), *farinha molhada* (uma ocorrência), *lapulapu* (uma ocorrência) e por *jaraqui* (uma ocorrência) com 1% cada, e por *pirão* com 5% (cinco ocorrências). No geral, encontramos cento e dezessete ocorrências distribuídas em cento e uma no Médio Solimões e dezesseis no Baixo Amazonas. A variante *chibé* também foi a variante mais recorrente no ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), registrada vinte e três vezes contra nove de *jacuba*, quatro de *pirão*, um de *escaldado de farinha*, uma de *cuba* e uma de *apuba*, totalizando trinta e nove ocorrências. (AZEVEDO, 2013, p.336)

Para a dimensão diageracional e diagenérica, apresenta a lexia “*pirão*” em Juruti e Oriximiná e “*chibé*” em Santarém representando o gênero feminino.

No gênero masculino, a lexia “*pirão*” é mais usada em Santarém, “*caldo grosso*” em Oriximiná e “*pirão escaldado*”, “*chibé*” e “*pirão*”.

A lexia que representa a faixa etária 1 aparece “*mujica*” em Juruti e Oriximiná, já a mais predominante em Santarém foi “*munjica*”, já entre a faixa etária 2 a lexia que predominou foi “*pirão*” em Santarém e Oriximiná, “*chibé*”, “*pirão escaldado*” em Juruti.



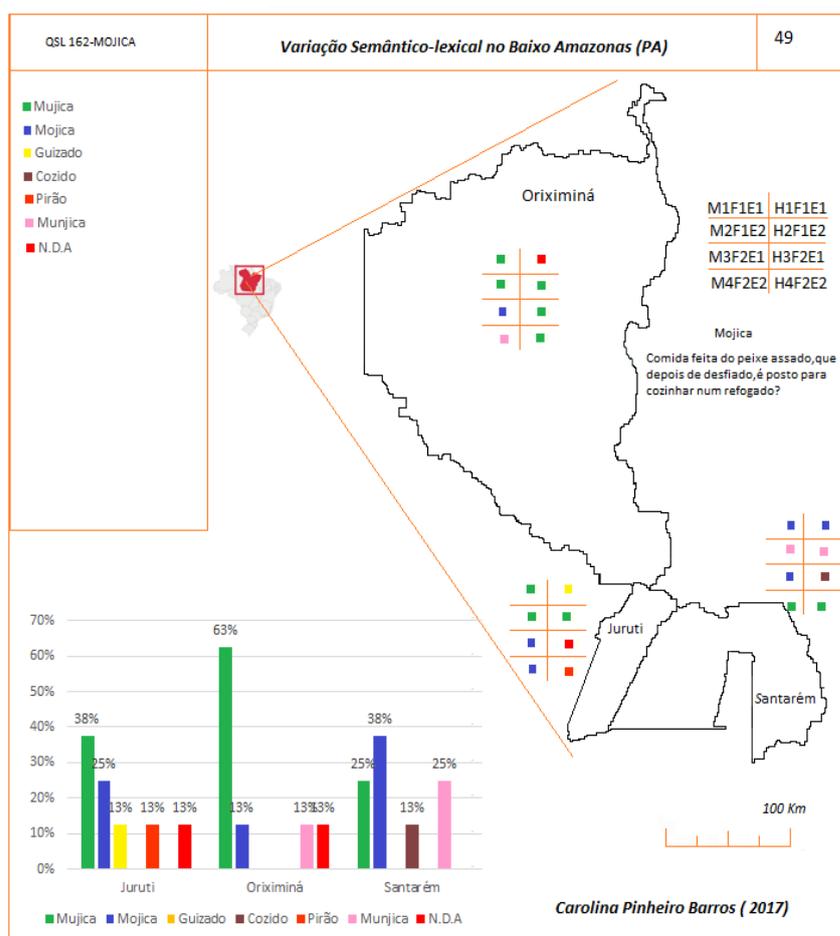
Desse modo, dentre as influências herdadas dos índios, o pirão destacou-se ao hábito alimentar dos caboclos e expandiu para outras regiões do Brasil. Como informa Cascudo (2004):

Com a farinha de mandioca e posteriormente outras féculas, preparavam o mingau com caldo grosso. O pirão é sinônimo da alimentação brasileira, podendo ser de dois tipos: o escaldado e o mexido ou cozido. O pirão escaldado era feito com caldo de peixe, camarão, caldo de feijão ou caldo de carne derramado sobre a farinha seca da mandioca. O mexido exigia um preparo mais elaborado: a farinha era lançada no caldo fervente até que tomasse a consistência desejada (CASCUDO, 2004, p. 102-104).

Desse modo, conclui-se que a lexia “pirão” constitui-se em norma de uso nesses três municípios para essa carta lexical, sua frequência regular é 50% em Santarém e Oriximiná e em Juruti com 38%.

### 3.5.50 Mujica

A carta 49 apresenta seis variantes e duas abstenções (não resposta). A lexia que permanece em ocorrente nos três municípios do Baixo Amazonas ( Pa) é “*mujica*” com sua distribuição regular absoluta de 63% em Oriximiná, já Santarém 25% e Juruti com 38%.



Para as dimensões diageracional e diagenérica, a lexia em uso no gênero feminino é “*mujica*” em Juruti e Oriximiná, já em Santarém foi “*mojica*”. No gênero masculino prevaleceu “*pirão*” em Juruti, em Santarém foram várias lexias “*mojica*”, “*munjica*”, “*cozido*”, “*mujica*”, já em Oriximiná “*mujica*”.

As lexias “*mujica*” em Juruti e Oriximiná representam a faixa etária 1 e em Santarém para essa faixa etária aparece “*munjica*” e “*mojica*”, já a mais predominante entre a faixa etária 2 em Oriximiná e Santarém foi “*mujica*”, já em Juruti aparecem as lexias “*pirão*” e *mojica*”. Conclui-se que a lexia “*mujica*” constitui-se em norma de uso

distribuída nos três municípios, sua distribuição absoluta de frequência é 63% em Oriximiná.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a realizar um estudo dialetológico na Região Amazônica, a intenção, *a priori*, foi a de apresentar o maior número de lexias divididas em campos semânticos, com intuito de resgatar as memórias e identidades linguísticas dessa Região.

Ressalto que isso foi feito na tentativa de encontrar diferenças ou semelhanças nas lexias, dando importância também aos contextos socioeconômicos e culturais que caracterizam o falar do “caboco” paraense. Os municípios estudados foram Santarém, Juruti e Oriximiná no Baixo Amazonas (PA).

*A priori*, é necessário ressaltar que neste trabalho foca-se somente nas análises dos cinquenta dados mais produtivos, coletados das 164 perguntas do questionário semântico lexical- QSL, transformados nas cartas lexicais. Os outros dados, posteriormente, poderão servir para análises em outras pesquisas, posto entender que o léxico é de uso corrente e a língua é de natureza dinâmica.

Esse ponto se torna interessante porque partindo do ponto de vista de que toda identidade é histórica e simbólica, conquanto se encontre em constante processo de transformação, em virtude de seu dinamismo. Histórica, ressalto, por possuir em sua dimensão seus múltiplos valores compartilhados por todos aqueles que habitam e participam de uma cultura específica de um lugar. E simbólica, pois, por ser na cultura local que o indivíduo se insere, e compartilha-a com todos, indo desde os recantos mais distantes da Amazônia brasileira (interior) até aos falantes que vivem nas zonas urbanas ou mesmo aqueles que já saíram dessa região e mudaram para outras regiões.

Segundo os dados descritos nas cartas lexicais, o Baixo Amazonas (PA) ainda possui lexias que não se modificaram com o decorrer do tempo; o tempo, aliás, foi o agente primordial para essas comunidades não se distinguirem linguisticamente. Apesar da região do Baixo Amazonas ter sido representada por apenas oito informantes nos três municípios estudados, o que não representa uma totalidade real das mudanças e semelhanças nessas localidades, os dados confirmam que essa região é uma heterogênea ordenada, ainda compartilha suas crenças, seus costumes e suas comidas de uma forma singular e peculiar da Região Norte.

Partindo dos preceitos da Dialectologia, que busca descrever, verificar e analisar as normas e as variações linguísticas existentes em específicos grupos, pude constatar nos resultados dessa pesquisa: que nos municípios pesquisados ainda é mantida, em sua

grande maioria, uma norma de uso para as lexias. Norma de uso, na língua portuguesa, conforme (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 10), corresponde “estado habitual; costume concordante com a maioria dos casos, o que é de uso ocorrente”. Corresponde também, a ideia de regular a existência, que por um lado a norma dá a ideia de um preceito, de julgamento de valor; e de outro de frequência estatística, habitual. Normal diz respeito a descrição de uma normalidade, e por isso relaciona-se ao uso.

Ao me referir à norma de uso dos municípios, embasei-me nos aportes teóricos de Fiorin; Savioli (2003) e Coseriu (1973), o qual discute a conhecida divisão “Sistema x língua x norma”, com o foco para a norma. Além do mais, bem como embasei-me nas teorias que aportam o léxico, propostos por Pottier, Preti e Cristianini.

Baseei-me também na frequência absoluta e relativa, para quantificar os dados, conforme aportados por Barbosa. Portanto, norma de uso se constitui quando uma lexia está em uso frequente ou absoluto ou relativo na localidade em que é feita a pesquisa. “Considerando que a finalidade desses estudos Geolinguísticos é a descrição da variação diatópica, a frequência e a distribuição dos diferentes itens lexicais num determinado espaço físico.”. (CRISTIANINI,2007).

Além do mais, pesquisas como essas costumam focar as designações por meio dos atlas, com o propósito de verificar a fala de uma comunidade linguística, refletindo assim a cultura e as memórias dessa determinada comunidade, em uma determinada época. Por isso a importância dessa pesquisa.

Durante as minhas andanças por essas localidades percebi outros fenômenos interessantes, os quais podem se tornar ensejo para a realização de futuras pesquisas. Dentre esses fenômenos, posso citar, por exemplo, a troca do [e] pelo [i], a troca de [u] pelo [o]. Vejo, com isso, que não é somente no léxico que precisamos resgatar essas memórias culturais da região, mas também pelos outros fenômenos linguísticos encontrados ao longo de minha pesquisa.

Os fatores diatópicos e díassexuais foram, certamente, os mais relevantes para a minha pesquisa. No âmbito geográfico (diatópico), ressalto, verifiquei que algumas lexias do Baixo Amazonas, revelam uma atualização das variantes lexicais nesse processo de mudança linguística e por meio da coleta de dados de cada designação, foram postas nas cartas semântico-lexicais.

As entrevistas realizadas com os informantes revelaram que não foi apenas a escolha lexical dos informantes, no ponto de vista diatópico, que prevaleceu, mas sim,

em todos os fatores socioculturais de cada informante, da forma que o léxico representa e significa mediante a um contexto histórico, cultural, econômico e social de cada um.

Novos estudos também poderiam analisar se realmente está acontecendo uma atualização em todos os quinze municípios que copõem a mesorregião do Baixo Amazonas (PA) e se chegar a uma conclusão definitiva, uma vez que já se têm outros trabalhos realizados por outros pesquisadores sobre a região que apontam uma possível mudança entre as mesorregiões.

Quanto ao aspecto identitário da terminologia “caboclo”, apesar de ter pesquisado em outras fontes e ter conhecimento da estigmatização do designativo caboclo, nessa pesquisa trato o designativo como uma identidade sociocultural de um povo de uma determinada região, sobretudo, da região Norte.

Com relação ao aspecto ideológico para as variantes lexicais cedidas pelos informantes, por meio do questionário semântico-lexical, pode-se dizer que a mesorregião do Baixo Amazonas (PA), em sua maioria ainda compartilha das mesmas normas de uso, refletindo assim, todas suas características culturais como: a crença, a superstição, a cura de doenças por meio das plantas e ervas medicinais, demonstrando que ainda é muito importante repassar esses conhecimentos para as próximas gerações, mas, em contrapartida existe a preocupação que com o passar do tempo as novas não tenham interesse em absorver esses conhecimentos empíricos.

Em algumas lexias, as mudanças diastráticas e diageracionais ficam nítidas, como, por exemplo, na carta lexical 01 do QSL – *margem*. De acordo com a entrevista com os informantes da segunda faixa etária, o uso da palavra “beiradão” era usual nas décadas de 70-80, porém, essa lexia só ocorreu no município de Santarém, usada pela faixa etária mais idosa, a qual comprova essa hipótese: essa lexia é mais usada pelos mais idosos.

Na carta 08 do QSL, a norma de uso entre os três municípios é “*igarapé grande*”, mas existe uma diferença entre faixas etárias e escolaridade. A lexia tupi “*igarapé-assú*” não está sendo ocorrente para a faixa etária 1, um indício de que novas lexias estão entrando no cotidiano dos indivíduos desses municípios.

Na carta 14 do QSL ficou constatado a diferença fonética da palavra tapagem, a qual se transforma em “tapage” na faixa etária 1, sinal de que foneticamente as palavras estão em evolução.

Na carta 125 do QSL “*Cantarera*”, “é assim que no Baixo Amazonas o caboclo chama a região do oco clavicular” (SOUZA, 2012, p. 53). Nesta pesquisa, a lexia que é a

norma de uso nos três municípios: foi “*cravícula*”, um indício de que houve uma mudança lexical na região.

Na carta para a lexia 136 do QSL “*bostela*” houve um fenômeno fonético, a troca do [o] pelo [u].

Na carta lexical 142 do QSL - *vomitar* -, segundo os informantes da segunda faixa etária, relataram que o uso da palavra baldiar era usual nas décadas de 70-80. Porém essa lexia, só ocorreu nos municípios de Santarém e Juruti, oscilando entre as faixas etárias mais jovens e a faixa etária mais idosa, o que comprova a hipótese de a lexia não ter sido repassada às outras regiões. Procurando, porém, no dicionário Papaxibé<sup>69</sup>, podemos ver que baldear é sinônimo de vomitar.

Na carta para a lexia 146 do QSL - “*mal pagador*”-, alguns informantes dessa pesquisa informaram que velhaco era mais usado pelos idosos com o objetivo de definir uma pessoa que não paga em tempo hábil. Essa lexia aparece na faixa etária mais idosa.

Na carta para a lexia 150 do QSL “*curumim*”- Não está em norma de uso nos três municípios, inclusive no município de Santarém não foi citado por nenhum informante, pois a lexia inserida é “*mano*”. Porém, no *Dicionário amazônico de termos, abusões e verbetes* (2012), depreendemos “que essa era a forma usada para meninos pequenos”, um indício de que essa lexia não foi mais repassada de geração para geração.

Esta pesquisa contribuiu para o esclarecimento de que no Baixo Amazonas (PA), mais precisamente nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti, alguns aspectos dialetais do português amazônico ainda se encontram iguais, uma vez que repassados de geração para geração.

Conforme proposto, nessa pesquisa dialetológica foram realizados o registro e a análise lexical, de maneira sincrônica em três municípios que compõe a região do Baixo Amazonas (PA). No entanto, deixando para futuros pesquisadores a possibilidade de novas pesquisas de cunho dialetológico para possíveis cruzamento dos dados com relação a norma de uso e frequência.

---

<sup>69</sup> <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. Acesso em 14abril 2017.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina; Ed.; Murrieta, Rui; Neves, Walter (Orgs.). **Sociedades Caboclas Amazônicas. Modernidade e invisibilidade**. -São Paulo: Annablume, 2006.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná/ Londrina: UEL,1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos *in*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Eduel, 2005.

AGUILERA, V. de A. **Geolinguística no Brasil: Estágio atual**. Revista da ABRALIN, v.5, n.1 e 2, dez. 2006, p. 215-238. Disponível em: [http://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2/RV5N1\\_2\\_art10.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf). Acesso em: 04 Aug. 2017.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, F.C. **Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores**. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 871-886, 2012.

ALBERTI, Janaína Ramos. **Neologia lexical: um estudo da fala e da vida de bilíngues português-fala dialetal italiana (RCI-RS)**. Dissertação de Mestrado Universidade de Caxias do Sul, 2005.

ALENCAR, M. S. M. **Panorâmica dos Estudos Dialetais e Geolinguísticos no Brasil**. Revista de Letras (Fortaleza), Universidade Federal do Ceará, v. 30, p. 26 – 34, 2011.

ALMEIDA, F. da S. C. **Micro Atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses**. 2008. vol. I: 162 fls. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 v.

ALTINO, F.C. **Atlas linguístico do Paraná II**.2007. Tese (DOUTORADO) - Centro de Letras e ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina.

ALTINO, F. C. **Estudos Dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história**. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina. v. 12, n.1, p.33-64, jul. 2009.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Saraiva, 1955.

AMORIM, Antônia Terezinha dos Santos. **Santarém uma síntese histórica**. 1. ed. Canoas: ULBRA, 2000. v. 2000. 256p.

ANDRADE, Roberta Ferreira coelho de. **A composição da vida no beiradão do rio Amazonas: memória e identidade ribeirinha**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Amazonas, 2012.

ARAÚJO, Felipe Nascimento. **III Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade: saberes locais, educação e autonomia**. Município de Oriximiná: Mosaico de

**Territorialidades e a Ocupação da Região Amazônica.** Universidade Federal Fluminense.2009 (Seminário)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Base de Informações Municipais.** Malha Municipal Digital 1996. Disponível em: Acesso em: dez. 2005.

AUGUSTO, V. L. dos S. **Atlas Semântico-Lexical de Goiás.** 2012. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

AURÉLIO, Renato Pereira, 1982- A927f **Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos** / Renato Pereira Aurélio. – 2012. 132 f. : il.

AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM).** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística** - São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARBOSA, M.A. **Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos** in: Anais do IV encontro nacional da ANPOLL. Recife: ANPOLL, 1989.

BARROS, M. J.B. **Mineração, finanças públicas e desenvolvimento local no município de Barcarena-Pará.** Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

BASTOS, G. R.; RAMOS, Ricardo T. . **Onomástica e possibilidades de releitura da história.** Revista Augustus (UNISUAM. Online), v. 15, p. 86-92, 2010.

BATISTA, Bryana Connie Linda Lopes. **Trabalhando os mapas geolinguísticos.** UFAM, p.51.2015. Relatório final (FAPEAM).

BECKER, Bertha. **Geopolítica da Amazônia.** In: REVISTA DE ESTUDOS AVANÇADOS (IEA/USP). Dossiê Amazônia. São Paulo, v.19, n.53, p. 71-96, jan/abr.2005.ISSN 0103-4014.

BERREDO, Bernardo Pereira de. **Anais históricos do Estado do Maranhão.** 4. ed. Rio de Janeiro: ALUMAR, 1988.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria Linguística (teoria lexical e linguística computacional).** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Estruturação do Léxico e A Organização do Conhecimento.** LETRAS DE HOJE, v. 69, p. 81-86, 1987.

\_\_\_\_\_. **Léxico, Testemunho de uma cultura.** In Anais do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica. Santiago de Compostela. Fundación Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa, La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa, 1990.

\_\_\_\_\_. **Teoria Lexical e Linguística Computacional**. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 1. 261p.

BOYER, Véronique. **O pajé e o caboclo: de homem a entidade**. MANA, 5 (1), (:29-56), 1999.

BORGES, M. I. **A política de identidades em torno da figura do informante na sociolinguística e na geolinguística**. In: **XI SILEL** (XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística), 2006, Uberlândia. Resumos, 2006.

BRANDÃO, Silva Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, Roseanny Melo. **Atlas dos falares do Baixo Amazonas- AFBAM**. 2011. 297f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: Unesp, 1995.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo. Parábola, 2002.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de filologia e gramática**. São Paulo: Iozon + Editor, 1968.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de linguística e gramática**. 8<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CÂNCIO, Raimundo Nonato de Pádua. **Vocabulário Popular de Oriximiná**. Oriximiná: Gráfico e Ed: Andrade, 2008. 96p.

CARDOSO, S. A. M. **Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir**. Delta, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 25-44, 2001.

\_\_\_\_\_. **Atlas de Sergipe II**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Atlas Linguístico de Sergipe II *in*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Eduel, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?** Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, v. 4, n.1/2, p. 215-223, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Dialectologia no Brasil: Perspectivas**. Revista Delta, vol.15, 1999. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501999000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501999000300010&script=sci_arttext).  
Acesso em: 20 maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **Geolinguística tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1974.

CARVALHO, M. R. G.; CERQUEIRA, Ana Magda Carvalho (Org.) . **Índios e caboclos a história recontada**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. v. 1. 269p.

CASCUDO, L. C. da. **História da Alimentação do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Globe, 2004.

CASTILHO, Ataliba de. **Rumos da dialetologia portuguesa** (aulas curso de Letras - Marília). Disponível em: Ataliba T. de Castilho: Rumos da dialetologia portuguesa. O texto que segue reúne as aulas ministradas em cursos optativos oferecidos aos quartanistas de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília nos anos de 1972 a 1974 (\*). Acessado em 12/04/2016.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Trad. Carmem Morán González. Madrid: Visor Libros ,1994.

CHIARADIA, Clóvis. 1934. Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena. 1º ed. São Paulo: Limiar, 2008.

CLEROT, L.F.R. **Dicionário etimológico dos termos geográficos, geológicos, botânicos, zoológicos, históricos, e folclóricos de origem tupi/guarani, encorpados ao idioma nacional**/L.F.R. Clerot. -Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, Conselho Editorial, 2010.514p.vol.143.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina, Ed. da UEL, 2001.

CORREA, Hydelyvia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

\_\_\_\_\_. **O léxico do falar caboco e a cultura cabocla**. Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR. 2012.

COSERIU, E. A. La Geografia Linguística. In: **El hombre y su language: Estudios de teoría y metodología lingüística**. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica /Editorial Gredos,1954.

\_\_\_\_\_. **Sistema, Norma y habla** In: Teoría del lenguaje y Linguística General. 3 ed., Madrid: Biblioteca Románica Hispánica /Editorial Gredos, 1973, p.11-113.

\_\_\_\_\_. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.

\_\_\_\_\_. In: **O homem e sua linguagem**. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

COSTA; ISQUERDO, Aparecida Negri. **Designações para \´pernilongo\´ nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e léxico-semântico**. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 04, p. 509-520, 2010.

CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina. **De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB: conquistas da Geolinguística no Brasil**. Revista Letra Magna – Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, ano 3, n.5, 2. Semestre de 2006.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da Região do grande ABC**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CRUZ, M. L.de C. **Atlas linguístico do Amazonas (ALAM)**. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CRUZ, Valter do Carmo. **O rio com espaço de referencia identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia**. In: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa. Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA 2008.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem Tupi**. 2. ed. São Paulo: Indústrias de papel, 1982.

Disponível em [http:// www.territoriosdacidadania.gov.br](http://www.territoriosdacidadania.gov.br). Acesso em: 04 de maio. 2016.

Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/juruti.pdf>

Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas. Rio de Janeiro: **IBGE**, v.1, 1990.

DUBOIS, J.et al. **Dicionário da Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ELIA, Sílvio. **Dicionário Gramatical**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Ática S.A, SP: Bom livro, 1989.

EUFRÁSIO, Vinícius; ROCHA, Edite. **O ritual de Encomendação das Almas:**

**aspectos de uma prática luso-brasileira.** In: XXVI CONGRESSO DA ANPPOM - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2016, Belo Horizonte. Caderno de Resumos e Anais do XXVI Congresso da ANPPOM, 2016. v. 26.

FEITOSA, Andrea Tavares: **Biblioteca Pública Municipal de Oriximiná.** Oriximiná: 2002. 53p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio** versão 5.0. 2004.

FERREIRA, C. **Atlas linguístico de Sergipe.** Salvador: UFBA/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, A.B.DE H. **Novo Dicionário da língua portuguesa.** 15 Ed. Rio: Nova Fronteira, 1994.

FIGUEIRA, Anthymio Wanzeller. **Oriximiná.** Editora Brasil-América. 1994.

FISHER, J.L. **Social influences on the choice of a linguistic variant.** Word, 1958.14:47-56.

FONSECA, Wilde Dias da. **Santarém: momentos históricos.** ICBS- Instituto Cultural Boanerges Sena-Santarém, 2006 p.234.

\_\_\_\_\_. **Santarém: Folclore em Santarém.** ICBS- Instituto Cultural Boanerges Sena-Santarém, 2002 p.112.

\_\_\_\_\_. **Santarém: Momentos Históricos.** ICBS- Instituto Cultural Boanerges Sena-Santarém, 2006 p.234.

FREIRE, j. r. b.. **Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia** Tese (Doutorado). Universidade Federal Rio de Janeiro (UERJ), 2003.

\_\_\_\_\_. **Rio Babel - A história das línguas na Amazônia** (2ª edição). 2ª. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011. v. 1. 277p.

GALVÃO, E. **Encontro de sociedades.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1955.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico.** Madrid: Gredos, 1976.

GIRARDI, Luisa, **Gente do Kaxuru: mistura e transformação entre um povo indígena Karib-Guianense.** Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2011.

GOMES, Edson de Freitas. **Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste Paraense**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil, 2013.

GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. **Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística**. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Amazonas. - Manaus: UFAM, 2015.

GUEDES, Maria Helena. **O lar dos botos cinzas**. 1 Ed. 2015. Vitória-ES, 213 p. 2015.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil, 2012.

GUY, Gregory (2000). **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos**, *Organon*, 14(28-9): 17-32.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Entre o mito e a história: o padre que nasceu índio e a história de Oriximiná**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 10, n. 1, p. 47-64, jan.-abr. 2015. Doi: 10.1590/1981-81222015000100003.

HOUAISS, A *et alii*. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HOUAISS. Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saneamento Básico. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

\_\_\_\_\_. Elementos para o estudo de gênero em Geolinguística. (mimeo), 2003.

\_\_\_\_\_. <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasilindigena/lingua-falada>. Rio de Janeiro: IBGE, (2010)

\_\_\_\_\_. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. de O.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 91-100.

ISQUERDO, A. N. **Designações para estilingue em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio-histórica**. In: CONGRESS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES. 24. 2007, Tübingen. Actes.... Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. t.1, p.533-546.

JOLY, F. A **Cartografia**. Campinas: Papirus, 1990. 136p.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas linguístico dos falares do alto rio Negro – ALFARiN** / Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Amazonas. - Manaus: UFAM, 2012. 103 f.; il. color.

KRUSE, Albert. “**Purá, das Höchste wesen der Arikena**”, *Antropos*, 50(1-3), 404-416, 1955.

LABOV, William. **The social stratifications of English in New York City**. New York: Center for applied Linguistics, 1966.

LIMA-AYRES, Débora. **A construção histórica da categoria caboclo**. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural. In: *Novos Cadernos NAEA*, vol 2, nº NAEA 2, UFPA. 1999.

LOUREIRO, VIOLETA REFKALEFSKY. **Inventário Cultural e turístico do médio Amazonas Paraense**. 2 ed. Belém Instituto do Desenvolvimento Econômico social do Pará, 1987.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, DF: UNESCO, Ministério da Educação, 2006.

MACIEL, Orivaldo. **Contos da minha terra**. Oriximiná: GACUT, 2003.

MALBERG, Bertil. **Le language, signe de l’humain**. Paris: Picard, 1979.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão Sócio Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. (Tese defendida) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.330p.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Geolinguística Pluridimensional: desafios metodológicos**. VIII ENCONTRO DO CELSUL. Anais. 2008. Disponível em: [http://celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica\\_pluridimensional.pdf](http://celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica_pluridimensional.pdf). Acessado em : 29 junho.2016.

MARTINS, Luis Carlos. **O norte apagado: algumas formas de materialização discursiva do silenciamento do indígena e do caboclo da Amazônia brasileira**. Simpósio do II Seminário de Análise do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 1-19, nov 2005.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. – **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, M.C., BRAGA M.L. (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, Benedicto. **A Terceira Margem**. Belém: Cejup, 3ª edição. 1991.

\_\_\_\_\_. **História do Pará-Belém**: Editora Amazônia-2005.

MOURA, Lillian Mara de. **Uma bibliografia comentada sobre a língua portuguesa em Minas Gerais**. Faculdade de Letras- Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG,2002.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Sobre a Dialectologia no Brasil**. In. MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

MUSSALIN, Fernanda & Bentes, Anna Cristina (2006). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. 2. ed. V.VI. Rio de Janeiro: Machado, 1927.

\_\_\_\_\_ **O linguajar carioca**. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos Dialectológicos**. Florianópolis, 1955.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. (2003). Prefácio In: NEVES, M. H. M. **Guia de usos do português: confrontando regras e usos**. São Paulo: Editora UNESP

OLIVEIRA,D.P.de. ISQUERDO, A.N.; **A nova dialectologia: investigações e resultados**. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J.(Orgs.). Português brasileiro; contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.50-54.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In :Cecilia Mollica, Maria Luiza Braga (org.) 3. Ed.- São Paulo: **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**: Contexto, 2007.P.33-42.

POP, Sever. **La dialectologie. Aperçu historiue et methodes d' enquêtes linguistiques**, vols.1 e 2. Louvain: Chez l'Áuteur; Gembloux, Duculot, 1950.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34. 1999.

POTTIER, B. **Linguística geral. Teoria e descrição**. Rio. Editora Presença, 1978.

PRETI, D. **Sociolinguística: Os níveis da fala**. 4 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

RASKY,Abdelhak. **Uma análise lexicométrica das narrativas de Santarém**. MOARA, Belém, v. 8, p. 123-137, 1998.

RASKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará**. (AliSPA 1.1). Belém: s/ed.2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A.; GUEDES, R. **Um recorte da variação lexical no projeto Atlas Linguístico do Pará**. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, v. 18, p. 51-68, 2013.

RAZKY, A. Atlas linguístico sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de *corpus* geolingüística. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Eduel, 2005.

REESINK, E. B.. **Alteridades substanciais. Apontamentos diversos sobre 'negros' e 'índios'**. In: Edwin Boudewijn Reesink; Maria Rosário Carvalho; Julie Cavignac. (Org.). *Negros no mundo dos índios. Imagens, reflexos e alteridades*. 1ed. Natal: Ed UFRN, 2011, v. 1, p. 245-288.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, v.28(supl.), São Paulo, p.45-69,1984.

ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amazônia Editora Ltda., 1968.

ROMANO, Valter Pereira; Seabra, r. d. **Menino, guri ou piá? um estudo diatópico nas regiões centro-oeste, sudeste e sul a partir dos dados do projeto atlas linguístico do brasil. alfa: revista de linguística** (UNESP. Online), 2014.

ROMANO, V.P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. Tese (Doutorado). - Londrina, 2015.2. v.:il.

ROMANO, V. P. **Balço crítico da Geolingüística brasileira e a proposição de uma divisão**. *Entretextos*. Vol. 13, n. 1, jul./dez. 2013, p. 203-242. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388> . Acesso: 08 agos. 2017.

ROSSI, N. **Atlas Prévio dos Falares Baianos. Introdução. Questionário comentado**. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Culura, 1965.

SÁ, Edmilson José de Sá. **O léxico na região Nordeste: questões diatópicas**. ReVEL, v. 9, n. 17, 2011. [Www.revel.inf.br]

SANCHEZ, M.C. **A problemática dos intervalos de classe na elaboração de cartogramas**. Boletim de Geografia Teorética. Rio Claro, nº 7-8, p.3146, 1973.

SAILLANT, Francine e FORLINE, Louis. **Memória fugitiva, identidade flexível: Caboclos na Amazônia**. IN: *Devorando o tempo: Devorando o tempo Brasil, país sem memória*. A. Leibing e S. Benninghoff-Lühl (orgs). São Paulo: Mandarim (:143-156). 2001.

SANTOS, I.P.dos. **A fala da comunidade do jardim São Francisco: análise de alguns aspectos linguísticos**. In: *A Geolingüística no Brasil*. Vanderci de Andrade Aguilera. (Org.). Londrina: Editora da UEL, 1998.

\_\_\_\_\_. **Elementos para elaboração de uma tipologia da norma semântico-lexical em Geolingüística**. São Paulo, 2006. Mimeografado. Apresentado

originalmente no 11º Congresso brasileiro de Língua Portuguesa/2º Congresso Internacional de Lusofonia do Instituto de Pesquisas Linguísticas da PUC/SP, 2006.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. **Tupaiulândia**. Santarém: ICBS/ACN, Gráfica e Editora Tiagão, 1999, 544p.

SEVERO, Gorski Cristine. **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo**. Tese, Universidade Federal de Florianópolis-UFSC, 2007.

SILVA NETO, S.da. **Guia para estudos dialetológicos**. 2.ed. Belém: [s.ed.], 1957.

SILVEIRA, R.. **Seleção e uso de lexemas na perspectiva da Geolinguística**. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SIQUEIRA, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. **Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil**. Revista Intercâmbio, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

SOUZA, Marieldiza da Silva. **A igreja católica e a educação em juruti: estudo histórico da formação educacional de juruti em meados do século XX (1957)**. 2009. 64f. Dissertação graduação em História, núcleo Oriximiná.

SOUZA, Sérgio A.F. **Amazonês: expressões e termos usados no Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

SOUZA, Heraldo Jeferson de. **Dicionário Amazônico: de termos, abusões e verbetes**. Heraldo Jeferson de Souza—Manaus: Edua, 2012.

TAPIASSÚ, Amarílis. **A Amazônica, das travessias lusitanas á literatura de arte**. In: REVISTA DE ESTUDOS AVANÇADOS (IEA/USP). Dossiê Amazônia. São Paulo, v.19, n.53, p. 299-320, 2005. ISSN 0103-4014

TEIXEIRA, José. **O léxico também usa Prada?** Léxico, cognição e publicidade in Almeida, A Ariadne Domingues; Santos, Elisangela Santana, Soledade; Juliana (Orgs) (2015). Saberes lexicais – Mundos, mentes e usos, Editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, pp.279-314.

TORE, Janson. **A história das línguas: uma introdução**/ Tore Janson; tradução Marcos Bagno. -1. ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 352p.

THUN, H.C., CARLOS E. FORTE, ADOLFO ELIZAINCIN. **El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay** (ADDU) Presentation de un proyecto. *Ibero românia*, Berlin, v.30, p.28-62, 1983.

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International **Congress of Romance Linguistics And Philology** (21:1995: Palermo). Atti del XXI Congresso

Internazionale di Linguística e Filologia Romanza Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus**. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

VANIN, A. A.. **Considerações relevantes sobre definições de 'comunidades de fala'**. Acta Scientiarum. Language and Culture (Impresso), v. 3, p. 147-153, 2009.

VIEIRA, padre Antônio: **Sermões**.Org. Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2001, 2 vols.

VILELA, M. **Estruturas, léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

VOTRE, S. J. **Relevância da variável escolaridade**. In: Maria Cecília Mollica. (Org.). Padrões sociolingüísticos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003, v., p. -.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiro: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais *in*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Eduel, 2005.

ZAMBONIN, Devino João. **O léxico do ribeirinho amazônico: um exemplo de sustentação e expansão de valores**. ALFA: Revista de Linguística, v. 35, 1991. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107675>>

## APÊNDICE A - FICHAS DOS INFORMANTES

### 4.1. Santarém/ Oriximiná/ Juruti

#### Universidade Federal do Amazonas-UFAM

#### Trabalho para dissertação:

**Aplicação do Questionário:** Carolina Pinheiro Barros

**Data de aplicação:**

**Transcrição dos dados:** Carolina Pinheiro Barros

Localidade: \_\_\_\_\_

Quantos anos vive na localidade? \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Região de nascimento: ( ) Baixo Amazonas ( ) outros

Lugar de origem dos pais: \_\_\_\_\_

Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas  
Qual? .....

Características Psicológicas: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo

Naturalidade da Mãe: .....

Naturalidade do Pai: .....

Viagens: ( ) No Pará ( ) Outros estados

## **APÊNDICE B - Características dos informantes**

G.S.P – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 30 anos. Natural da Comunidade Café Torrado, Juruti. Completou o ensino fundamental. É filha de pai e mãe provenientes de Juruti. Profissão: lavradora. Tem a personalidade nervosa, apesar de ter respondido sem nenhuma apreensão ao questionário. Nunca saiu do município. Possui boa fonação

B.S.A. – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 65 anos. Natural da Comunidade São Paulo, Juruti. Estudou até a 2ª série primário. É filha de pai e mãe naturais da cidade de Juruti. Profissão: lavradora e é de personalidade tranquila. Não pertence a nenhuma rede social. Possui boa fonação

O.S.M – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 26 anos. Natural da Comunidade Café Torrado, Juruti. Está no ensino médio. É filha de pai e mãe provenientes de Juruti. Profissão: lavradora. Tem a personalidade nervosa, apesar de ter respondido sem nenhuma apreensão ao questionário. Nunca saiu do município. Não pertence a nenhuma rede social. Possui boa fonação

A.A.G – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 50 anos. Natural da Comunidade Café Torrado, Juruti. Iniciou o ensino médio. É filha de pai e mãe provenientes de Juruti. Profissão: lavradora. Tem a personalidade nervosa, apesar de ter respondido sem nenhuma apreensão ao questionário. Nunca saiu do município. Não pertence a nenhuma rede social. Possui boa fonação

M.S. S – Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária com 20 anos. É natural da Comunidade Sítio Jaraquicara. Profissão: serrador de motosserra. Ensino médio. É de personalidade tranquila e espontâneo, não viajou por nenhum outro município. Possui boa fonação

MS.G. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária, com 52 anos. Natural de Juruti. Escolaridade: 6ª série. É filho de pai e mãe naturais de Juruti Profissão: pedreiro e é de personalidade tranquila. Possui boa fonação

G.E.S.B. – Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 29 anos. É natural de P2 bairro. Escolaridade: completando o ensino fundamental. É filho de pai e mãe naturais de Juruti Profissão: carregador. É de personalidade tranquila e espontânea e já viajou para o Amazonas. Possui boa fonação

L.LN. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com 66 anos. É natural da Comunidade São Caetano. Profissão: agricultor. Sabe ler e escrever. É de personalidade tranquila e espontâneo, não viajou por nenhum outro município de Manaus. Possui boa fonação

E.A.S – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 28 anos. É natural de Santana do Ituqui. Escolaridade: 5ª série. É filha de pai e mãe naturais da Comunidade do Ituqui. Profissão: Pescadora. É de personalidade nervosa. Já viajou para Manaus e Belém. Possui boa fonação.

F.S.C. – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária, com 53 anos. É natural de Arapiuns. É filha de pai e mãe naturais da Comunidade de Anã. Escolaridade: Ensino médio incompleto. É de personalidade nervosa. Profissão: Pescadora. Mora em Santarém há 28 anos, e, atualmente, no bairro Invasão. Não conhece outros municípios do Pará, além de Santarém. Possui boa fonação

R.S.T.S – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária, com 29 anos. É natural da Comunidade Grande Curuai. Escolaridade: completou o ensino fundamental. É de personalidade nervosa. Profissão: do lar. É filha de pai e mãe naturais do Lago Grande. Possui boa fonação

I.N.C– Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária, com 61 anos. É natural da Comunidade Ituqui. Escolaridade: não completou o ensino fundamental. É de personalidade nervosa. Profissão: do lar. É filha de pai e mãe naturais do Ituqui. Possui boa fonação.

R.S.R– Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 25 anos. É natural de Santarém. Escolaridade: 4ª série Fundamental. Profissão: do lar. É de personalidade tranquila. É filho de pai e mãe naturais de Santarém. Possui boa fonação.

A.V.C.P. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária, com 47 anos. É natural de Santarém. Escolaridade: Ensino médio completo. É de personalidade nervosa. É carpinteiro, mas já foi agricultor enquanto vivia no Curuai. É filho de pai natural de Santarém e mãe natural do Curuai. Possui boa fonação

S.S – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária, com 64 anos. É natural de Santarém. Escolaridade: Primário. É de personalidade tranquila. É filho de pai e mãe naturais de Santarém. Profissão: Vendedor. Possui boa fonação.

A.M.S. – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária, com 21 anos. É natural da Comunidade do Rapapá. É filha de pai e mãe naturais de Oriximiná. Escolaridade: 4ª série. É de personalidade nervosa. Profissão: empregada doméstica. Possui boa fonação.

E.S.B– Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária, com 48 anos. É natural de Oriximiná. É filha de pai e mãe naturais de Oriximiná. Escolaridade: 5ª série. É de personalidade tranquila. Profissão: Pescadora. Possui boa fonação.

I.S.M – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária, com 25 anos. É natural de Oriximiná. É filha de pai e mãe naturais de Oriximiná. Escolaridade: até o fundamental. É de personalidade tranquila, gosta de falar. Profissão: agricultora. Possui boa fonação.

M.I – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária, com 52 anos. É natural de Oriximiná. É filha de pai e mãe naturais de Oriximiná. Escolaridade: Ensino médio incompleto. É de personalidade tranquila. Profissão: Feirante. Possui boa fonação.

E.P.S Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 23 anos. É natural da Comunidade Piracão-Eura, em Oriximiná. É filho de pai e mãe naturais de Oriximiná. Escolaridade: ensino fundamental completo. É de personalidade tranquila. Profissão: Ajuda os pais na feira. Possui boa fonação.

F.S.C. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com 46 anos. É natural de Oriximiná. É filho de pai e mãe naturais de Erepecu. Escolaridade: 3ª série. É de personalidade tranquila. Profissão: Pescador. Possui boa fonação.

A.C.S. – Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 29 anos. É natural de Erepecu, com pai e mãe naturais de Erepecu. Escolaridade: 4ª série. É de personalidade tranquila. Profissão: feirante. Possui boa fonação.

Z.O. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com 65 anos. É natural de Oriximiná. É filho de pai e mãe naturais de Oriximiná. Escolaridade: 3ª série primário. É de personalidade tranquila. Profissão: Agricultor. Possui boa fonação.

### **APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido**

Convido você a participar da pesquisa “o falar do “caboco” paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas - PA) sob a responsabilidade da sujeito-entrevistadora Carolina Pinheiro Barros, que pretende identificar a maneira como os moradores das cidades de Juruti, Oriximiná e Santarém se expressam, as possíveis mudanças lexicais em cada município já citado. Sua participação é voluntária e se dará através de respostas a um questionário. Informo que a entrevista será gravada com a sua autorização, mas não será preciso fotografá-lo. Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são possíveis preconceitos que serão evitados, já que estarei preservando sua identidade. Poderá ocorrer também um pequeno constrangimento, por eu ter que usar um gravador, mas se você se sentir incomodado, me comunique, que eu cancelarei imediatamente a entrevista. Caso ocorra algum problema ocasionado pela pesquisa ele será resolvido e seus efeitos minimizados. Porém, se você aceitar participar, estará contribuindo para fazer um registro do modo de falar do caboco paraense: Um estudo sobre o léxico em Juruti, Oriximiná e Santarém. Se depois de consentir em sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você

não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a sujeitos-entrevistadora, através do telefone (92) (8216-0869), poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130 ou ainda com o Programa de Pós-Graduação em Letras –PPGL, no Bloco Mario Ypiranga/ ICHL, da UFAM, no telefone (092) 3305.4588

#### Consentimento Pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) sobre o que o sujeitos-entrevistador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo sujeitos-entrevistador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/ \_\_\_/ \_\_\_\_

Assinatura do participante

Assinatura do sujeitos-entrevistador

Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar:

## APÊNDICE D – Questionário Semântico lexical (QSL)

### 1. MEIO FÍSICO

A – A Terra e os Rios

TIPOS DE CANAIS NATURAIS NAVEGÁVEIS

#### 1. MARGEM

Costuma-se empregar este termo em referência à beirada da água de um [rio](#), do [mar](#), de uma [lagoa](#), de um [lago](#) com terra, embora a margem possa encontrar-se com [pedras](#), com obras da [engenharia](#), com trapiches, etc. Que nome se dá?



## 2. . IGARAPÉ

Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura? Caracterizam-se pela pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata



[www.portaltailandia.com.br](http://www.portaltailandia.com.br)

## 3. PINGUELA

Como é o nome daquele tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno?



[www.citybrasil.com.br](http://www.citybrasil.com.br)

## 4. ONDA DE RIO / ONDA OU BANZEIRO

Como é o movimento das águas do rio provocado pelo vento ou pela passagem de barcos? (imitar o balanço das águas)?



Foto: Ademir Ramos

[www.ncpam.com.br](http://www.ncpam.com.br)

#### 5. REMANSO

E aquele trecho de rio, após as corredeiras, onde as águas se espalham, acabando quase que totalmente com a correnteza? Contracorrente junto das margens de um rio, descanso?

#### 6. VAZANTE

E o período em que o rio apresenta o menor volume de águas? É o melhor período para a pesca?

#### 7. TIPITINGA

Como se chamam aquelas águas barrentas, turvas mas esbranquiçadas?

#### 8. IGARAPÉ-AÇU

Qual o nome que se dá aos igarapés grandes?

#### 9. IGARAPÉ-MIRIM

E os igarapés menores?

#### 10. TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA / MOLHADA

Quando chove, como é que a terra fica? Como a gente chama aquela terra depois que chove?

#### 11. BEIRA

Como se chama aquele lugar onde a água chega e bate, na margem do rio?

#### 12. ROÇADO

Como se chama a queima de mato, geralmente com o fim de preparar o terreno para semear, plantar ou mesmo para limpá-lo?

#### 13. BARRANCO

Como se chama aquele desnível causado por uma erosão na superfície dos lagos e canais?



[www.sitiodomatoemfoco.com.br](http://www.sitiodomatoemfoco.com.br)

#### 14. TAPAGEM

Existe um grande pedaço de capim, que bloqueia a passagem dos barcos e canoas nos lagos, rios e igarapés. O que é?

#### 15. JUQUIRI

Qual o nome que se dá ao mato que toma a frente dos igarapés?

#### 16. IGAPÓ

Situa-se em terrenos baixos, próximos a rios e que são frequentemente inundados. Como consequência, a vegetação se adapta a esses alagamentos costumeiros.

#### 17. CAPINAR

Quando você diz que vai roçar os matos miúdos com o terçado e a foice, o que você vai fazer? Você vai \_\_\_\_\_

#### 18. CHEIA GRANDE

Qual o nome que se dá quando ocorre uma enchente muito forte?

#### 19. REPIQUETE

Qual é o nome dado ao fenômeno natural em que o rio depois de parar de encher, volta a encher novamente?

#### 20. CACAIA

Como se chama a vazante que se transforma em restinga destruída pelo fogo?

#### 21. MATUPÁ

É uma porção de terra, com vegetação, que se desprende das barrancas dos rios da bacia do Amazonas e desce à deriva da correnteza; o mesmo que terra caída.

**B – Fenômenos Atmosféricos**

## 22. RAIOS

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore?

## 23. RELÂMPAGO

... uma luz que risca o céu em dias de chuva?

## 24. TROVÃO / TROVOADA

... o barulho forte que se escuta logo depois de um ... (resposta da questão 23). E que faz muito barulho?

## 25. SERENO

Pela manhã costumam aparecer gotas de água na folha das árvores e plantas e até em para-brisas de automóveis etc. O que é? Quando você está febril e a noite cai, não pode sair no?

## 26. TEMPORAL

... uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?

## 27. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL / VENTO

Nome especial para algum temporal?

## 28. TROMBA D'ÁGUA / TORÓ

... uma chuva muito forte e pesada?

## 29. NUVEM

Como se chama essas manchas brancas no céu?

## 30. CHUVA MIÚDA E DEMORADA / CORISCO / CHUVISCO

Como se chama uma chuva que é bem fininha e demora a passar?

## 31. CHUVA PASSAGEIRA

É aquela chuva que dá e passa?

## 32. ENXURRADA

É aquela chuva que quando vem deixa tanta água e essa água vai levando tudo, lava a cidade?

## 33. NASCER DO SOL

O que é que acontece com o tempo de manhã cedo? Como se diz quando o dia está amanhecendo?

## 34. PÔR DO SOL

E o que acontece no final da tarde?

## 35. TIPOS DE ESTRELAS/ CONSTELAÇÕES

Que tipos de estrelas você conhece?

## 36. ESTRELA MATUTINA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer?

## 37. ESTRELA VESPERTINA

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais.

Qual o nome dela?

## 38. ESTRELA CADENTE

De noite, muitas vezes pode se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz? Como se chama isso?

## 39. LUA

Como se chama aquilo que clareia o céu durante a noite?

## 40. FLORESTA

Que nome vocês dão para aquele lugar que tem bastante árvores?

## 41. REBOJO

Remoinho de água que se forma no mar ou no rio e leva coisas para o fundo; sorvedouro, turbilhão, voragem. Forma um?

**II. MEIO BIÓTICO****A- Fauna****1-Aves**

42. Olhando a figura. Qual é o nome desta ave?

Jaçanã



[www.portalamazonia.com](http://www.portalamazonia.com)

#### 43. URUBU

Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?

#### 44. COLIBRI

E o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e voa de flor em flor?

#### 45. JOÃO DE BARRO

A ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

#### 46. GALINHA

E aquela ave que põe ovos e que é muito gostosa para se comer. Aquela que nos dá pintinhos?

#### 47. GALINHA D´ANGOLA

E a ave de criação, um tipo de galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

#### 48. PAPAGAIO

A ave do mato de bico curvo e pequeno, de penas coloridas, com mais cores verdes que, quando presa, pode aprender a falar?

#### 49. ARARA

E aquela outra ave, grande, bonita, que se parece com o papagaio, também é colorida, com mais cores vermelha e azul?

50. Olhando a figura. Qual é a ave?

Garça



[www.portalamazonia.com](http://www.portalamazonia.com)

#### 51. RASGA-MORTALHA

E aquela ave que quando passa em cima de uma casa anuncia a morte de alguém?

52. Quais as outras aves que tem por aqui, você saberia me dizer?

53. Olhando a figura. Qual é a ave?  
Socó



[www.portalamazonia.com](http://www.portalamazonia.com)

54. Quais Pássaros são mais comuns nessa região? \_\_\_\_\_

#### **Animais diversos**

#### 55. ARANHA

Como se chama aquele bicho que faz uma casinha tipo uma rede?

#### 56. TEIA DE ARANHA

E como se chama a casinha dela?

#### 57. ARAPUCA / ALÇAPÃO

E a armadilha para pegar passarinho, com que eles pegam passarinho lá no mato?

#### 58. COBRA

Que qualidades de cobras vocês conhecem?

59. LARGATO

Tem um bicho que parece um jacaré e ele gosta de beber ovo?

60. CABA

Qual é o nome do inseto que voa e que possui um ferrão na parte de trás?

61. LARGATIXA

E o menor, que é bem pequenininho, dá na cidade, nas paredes?

62. LOUVA-A-DEUS / PUNHA A MESA

Como se chama aqui aquele animal verdinho, que tem a perninha sequinha, parece com o grilo, só que quando a gente vai assim para bater nele, ele junta a mãozinha, parece que está agradecendo ou pedindo misericórdia?

63. PERNILONGO / CARAPANÃ / MURIÇOCA

Como se chama aquele bichinho que canta no ouvido da gente, quando a gente tá dormindo?

64. PIOLHO

E aquele bichinho que dá na cabeça da gente e faz coçar?

65. LÊNDEA

E o ovinho dele?

66. PULGA

E aquele bichinho que pica a gente e pula? Cachorro e gato têm muito?

67. VAGA-LUME

E aquele bichinho que de noite acende e apaga?

68. COTÓ

... um cachorro de rabo cortado?

69. GAMBÁ

... o bicho que carrega os filhos numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?

#### 70. MOSCA VAREJEIRA

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

#### 71. SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas da gente quando se entra num banhado ou córrego?

#### 72. LIBÉLULA / JACINTO

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que vive perto da água.

#### 73. CORÓ / TAPURU

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco ou no pau podre

### **PEIXES (ESPÉCIES)**

#### III. Peixes, Répteis, Quelônios e Mamíferos

Que espécie de peixe você conhece?

#### 74. JARAQUI

E aquele peixe que tem listras verdes e amarelas no rabo? É também chamado de brasileirinho.



[www.portalamazonia.com.br](http://www.portalamazonia.com.br)

#### 75. PIRARUCU

Como se chama o maior peixe de escama de água doce, considerado o bacalhau brasileiro?

76. SURUBIM

Aquele peixe que é todo pintado e é considerado um peixe de primeira? Um dos poucos peixes de couro.

77. CURIMATÃ

Peixe que se pode comer, de escama, que é pescado com rede ou malhadeira. Parecido com o Matrinchã.

78. Olhando a figura. Que peixe é este?

Apapá



[www.fotosdepesca.com.br](http://www.fotosdepesca.com.br)

79. GUELRRA

Por onde o peixe respira? Aquilo que fica do lado mexendo?

80. ISCA

E a minhoca serve de quê?

81. PIRARARA

E o peixe com uma linha amarela ao longo da linha do lado? Peixe liso da região

82. PACU

Peixe de cor prateada, que mede até 40 cm. prateadas, com leve manchas e pode medir até 18 cm?

[www.en.wikipedia.org](http://www.en.wikipedia.org)

## 83. BOTO-TUCUXI

E do tipo de boto que é inimigo do homem

## 84. BOTO-VERMELHO

E qual o nome do tipo de boto que é amigo do homem. Dizem que a banha dele serve para curar ferida de gado

## 85. Olhando a figura. Que peixe é este?

Piraíba

## 86. CANDIRU

E o peixinho que vive na beira dos rios e dos lagos? Pode causar morte, se penetrar numa pessoa?

## 87. PIRANHA

Qual aquele peixe que morde, que tem dentes e, geralmente, só gosta de acabar com suas vítimas, com as pessoas, se elas já estiverem sangrando?

## 88. PIRANHA-CAJU

E aquele tipo de piranha, que morde e tem escama cor de caju?

## 89. PIRANHA-PRETA

E daquele tipo de peixe de escama negra, que morde e é o terror do pescador, pois corta a linha das tarrafas?

## 90. PIABA

Como se chama esse peixe pequeno?

## 91. O ato de cortar as espinhas do peixe é o quê?

Ticar

## 92. PIRAPITINGA

E o peixe que é parecido com o tambaqui, especial também para assados?

93. Olhando a figura. Que peixe é este?

Tambaqui

94. Quando o tambaqui é menor, recebe qual nome?

95. Quais as frutas que os peixes costumam comer na região? (palavras que terminam em rana)

96. TUCUNARÉ

Peixe muito bonito por causa de suas escamas coloridas, tendo parte da cabeça pintada de vermelho, preto e amarelo?



[www.psiculturasaojeronimo.com](http://www.psiculturasaojeronimo.com)

97. ACARI

Como se chama o peixe com escamas duras, e é preto

Quais as frutas que os peixes costumam comer na região? \_\_\_\_\_

98. TARTARUGA

Como se chama aquele bicho que anda rastejando (lentamente) na terra, gosta de viver na água, tem um casco em cima dele e que é delicioso para se comer, pois a gente pode fazer vários pratos como: sarapatel, farofa, picadinho, etc.

99 JABUTI PIRANGA

E qual a tartaruga pequena que tem as unhas avermelhadas?



[www.tartarugas.avph.com.br](http://www.tartarugas.avph.com.br)

#### 100. CABEÇUDA

Tipo de tartaruga que tem a cabeça muito grande?

#### 101. CAPITARI

Que nome recebe o macho da tartaruga?

#### 102. CALANGRO

Como se chama o animal que prejudica a cultura da juta?

#### 103. JACARÉ

Como se chama aquele bicho grande, que rasteja, vive na água, que tem uma boca bem grande e cheia de dentes e uma cauda também muito grande e é capaz de matar uma pessoa?

#### 104. PEIXE-BOI

E qual aquele peixe bem grande, de quase 3m de comprimento e que pesa até 1200kg?

Peixe liso que come capim?

#### 105. CERCA

Qual o lugar onde se guardam as tartarugas que se caçam e continuam vivas?

#### 106. TABULEIRO

Como se chamam as praias onde as tartarugas desovam e são apanhadas?

#### 107. MACACO

Qual o nome daquele bicho que se parece com o homem? Que vive trepado nas árvores.

Tem pernas, braços e rabo meio comprido?

108. Quais os tipos de macacos que tem por aqui?

## **Flora**

### **(a) Aquática**

109. VITÓRIA-RÉGIA

Como se chama aquela planta d'água, que tem as folhas do tamanho das rodas de uma carreta, que são reviradas na ponta e que ficam boiando em cima das águas como enormes pratos entremeados de flores brancas?

110. Existe um outro tipo de planta parecida com a vitória-régia?

### **(b) Terrestre**

111. Quais os tipos de árvores que vocês têm por aqui?

112. CUPUAÇU

Qual o nome da árvore que dá um saboroso fruto, de cor marrom, de que se pode fazer doce?

113. LELETA

O que se costuma dizer quando a manga está bem amarelinha na mangueira, de modo que dá uma vontade de comê-la?

114. PUPUNHA

E da árvore que dá uma fruta amarela no Amazonas, com caroço pequeno, verde por fora?

É bem gostosa também e deve ser comida cozida.



[www.portalamazonia.com](http://www.portalamazonia.com)

#### 115. TRAVA

Como fica a boca da gente, quando se morde a casca verde da goiaba?

#### 116. CASTANHEIRO

E aquela árvore que dá um fruto muito saboroso e nutritivo, que se pode comer cru ou cozido. É um fruto bem pequeno, branco por dentro e tem uma casca marrom.

#### 117. JAMBEIRO

E o nome daquela árvore que dá um fruto gostoso. É uma fruta que é pequena, branca por dentro, com um carocinho preto e vermelho por fora?

118. E da fruta parecida com a laranja, mas menor que ela?

#### 119. SEMENTE

E aquela parte antes de dá o fruto

#### 120. BAGAÇO

Quem tem dentro da laranja que a gente joga fora?

#### 121. Banana Santomé

Como é chamada por aqui a banana de cor rocha avermelhada?

### III- MEIO ANTRÓPICO

A- O Homem

(a) **partes do corpo, funções, doenças etc.**

#### 122. CABEÇA

Agora, as partes do corpo humano. (Ao elaborar a pergunta o/a entrevistador/a deve apontar para a parte do corpo do informante). Como se chama essa parte aqui?

123. NUCA

Como chamam isto? (Mostrar a nuca)

124. POMO-DE-ADÃO / GOGÓ

... esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)

125. CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro? (indicar)

126. SEIOS / PEITOS

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

127. DESDENTADO

... a pessoa que não tem dentes?

128. FANHOSO / FOM-FOM

... a pessoa que parece falar pelo nariz?

129. CISCO

... alguma coisinha que cai no olho?

130. CEGO DE UM OLHO / ZAROLHO / CEGUETA

... a pessoa que tem só um olho

131. VESGO

... a pessoa que tem olhos olhando em direções diferentes? (Completar com um gesto dos olhos.)

132. TERÇOL

... a inchação nas pálpebras?

133. CONJUNTIVITE

... a inflamação no olho que faz com que o olho amanheça grudado?

## 134. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em gente velha?

## 135. SOLUÇO

... este barulhinho que a gente faz? (soluçar)

## 136. MELECA / TATU / BUSTELA / BOSTELA

... a sujeira dura que se tira do nariz com o dedo?

## 137. CORCUNDA

... pessoa que tem um calombo nas costas?

## 138. CANHOTO

... a pessoa que faz as coisas com a mão esquerda?

## 139. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS / CAMBOTA OU ZAMBOTA

... a criança de pernas muito curvas?

## 140. AXILA / SUVACO

... a cavidade embaixo do braço?

... esta parte aqui (indicar as axilas)?

## 141. CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

Depois de um dia de muito trabalho, a gente diz: vou tomar um banho porque estou

cheirando o quê?

## 142. VOMITAR

A pessoa que faz sair pela boca tudo o que comeu, que está fazendo?

Se a gente come muito e sente que vai póor/botar para fora o que comeu, a gente diz que vai o quê?

**Cultura e Convívio**

## 143. QUEBRANTO

Quando uma criança pequenina fica doentinha, só quer estar dormindo, nós dizemos que alguém colocou o quê nela?

## 144. PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala muito?

## 145. PESSOA POUCA INTELIGENTE / BURRO

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

## 146. PESSOA SOVINA / MÃO DE VACA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

## 147. MAU PAGADOR / CALOTEIRO

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

## 148. ASSASSINO PAGO / PISTOLEIRO

... a pessoa que é paga para matar alguém?

## (b) Relações Familiares (Parentesco)

## 149. CUNHANTÃ

O mesmo que menina, garota.

## 150. CURUMIM

O mesmo que menino, garoto.

## 151. MANA

Palavra carinhosa usada para se referir a uma irmã, a qualquer outra parenta e até mesmo a uma amiga

## 152. MANO

Palavra carinhosa usada para se referir a um irmão, a qualquer outro parente ou até mesmo a um amigo.

### **Alimentação e Saúde (medicina caseira)**

#### 153. ANDIROBA

Como se chama aquele óleo de cor amarelada, muito usado em fricções para aliviar dores nos ossos e para fazer embrocações na garganta, para curar inflamação nas amídalas?

#### 154. COPAÍBA

E aquele óleo que se tira de uma árvore que é oca em toda a altura do tronco e parece que a casca não deixa passar água, fazendo com que seja conservado, em seu interior, esse óleo que ela fabrica de três em três anos?

#### 155. BANHO DE SABUGUEIRO

O que vocês usam em casa para curar sarampo?

#### 156. SEBO DE HOLANDA

Como se chama um tipo de gordura (retirada do carneiro) para ser usada no tratamento de reumatismo, ossos, juntas, aquecimento muscular, acne, espinhas e cravos?

#### 157. BENZER

Qual o jeito usado para tirar quebranto das crianças?

#### 158. CHÁ DE CASCA-DE-LARANJA

E o que vocês usam para aliviar dor de estômago?

#### 159. CHÁ-DE-LIMÃO

E o remédio feito em casa para curar gripe?

#### 160. CHÁ DO RABO DE GUARIBA

E o remédio para curar coqueluche?

#### 161. CORUBA

Como vocês chamam qualquer doença que dá na pele? E mancha na pele?

## 162. MOJICA

Você conhece uma comida feita de peixe assado, que depois de desfiado, é posto para cozinhar num refogado? Como ela se chama?

## 163. PAXICÁ

Qual a comida preparada com o fígado da tartaruga?

## 164. PIRÃO

Qual o alimento que é feito com a farinha d'água? É boa para se comer com caldeirada?